





PROJETO TRÊS GARGANTAS

CIDADE E TERRITÓRIO NA CHINA

Mariana Strassacapa Silvério
FAUUSP, Trabalho Final de Graduação
Prof. Orientador Alexandre Delijaicov

Novembro, 2012

Para Ada e Antônio

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é resultado não só de apenas um mas de três anos de pesquisa, leituras, curiosidades, viagens. Ele só poderia ter sido desenvolvido na FAUUSP, onde encontrei o interesse e a abertura necessários, considerando o tema dispar, e pessoas que ajudaram a construir o olhar a partir do qual este trabalho vê o mundo. A todas essas pessoas tenho muito a agradecer. O Professor Alexandre Delijaicov, orientador deste trabalho, é uma delas, e teve papel importante na elaboração desta monografia, no estímulo do desenvolvimento, e em toda a formação minha e de meus amigos e colegas na arquitetura, nas cidades, na universidade e no universo público.

Colegas de turma que rapidamente se tornaram grandes amigas e com quem dividi praticamente todas as experiências da faculdade foram de extrema importância para a realização deste trabalho, com suas ideias, palpites, apontamentos e apoio incondicional: Giselle Mendonça, Luisa Fecchio, Marcela Ferreira, Natália Tanaka, Stela Da Dalt. Agradeço o especial interesse pelo trabalho, o entusiasmo com o tema, e por acreditarem sempre. Mais tantas outras pessoas contribuíram para este trabalho sem saber, seja apresentando seus próprios TFGs, expressando curiosidade, conversando nos corredores e rampas; esta monografia é extensão da minha formação, e todos que participaram de diversas formas dos meus anos de faculdade também são um tanto de coautores deste trabalho e estão de certa maneira contidos nele. Mesmo fora da minha formação na FAUUSP, a professora Lizete Rubano aqui também contribuiu estruturalmente, com sua visão crítica e ampla e seu incentivo entusiasmado, em conversas muito prazerosas.

A contribuição dos meus pais e meu irmão começa em algum momento que não consigo estimar, e meu agradecimento é também desmedido; apoio, estímulo, recursos, interesse, crença, cuidado, entre outras tantas formas de zelar construíram esse grande processo e estão certamente dentro deste livrinho.

William Ou: o início, o meio e o fim deste longo trabalho passam por você. 对中国感兴趣就是对你感兴趣; 爱中国就是爱你。谢谢你的帮助, 你的时间, 你的爱情。词汇都不够表示我的感谢。

OBSERVAÇÕES SOBRE AS PALAVRAS EM CHINÊS

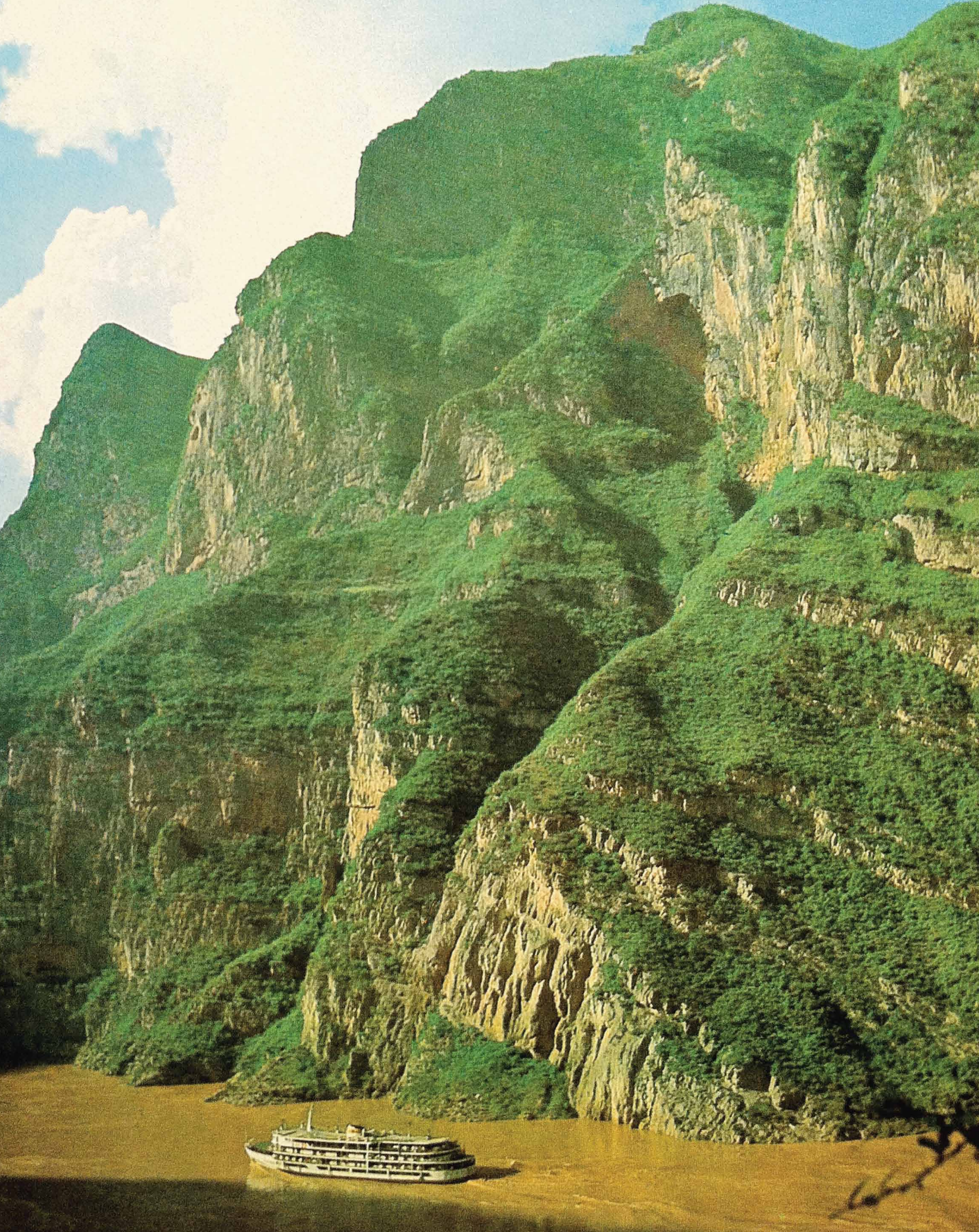
A romanização, para os idiomas, não é nada mais do que a representação escrita de sons com a utilização de letras do nosso alfabeto. A romanização dos sons da língua chinesa tem uma história longa, e estudiosos já criaram diferentes sistemas. O sistema chamado Pinyin é hoje o mais aceito, tendo sido elaborado por linguistas de todo o mundo, e é utilizado internacionalmente, inclusive dentro da China. Mas existe um sistema mais antigo chamado Wade-Giles que consagrou algumas palavras chinesas, de forma que nós brasileiros podemos reconhecer mais facilmente alguns termos e nomes chineses escritos a partir do Wade-Giles, e estranhá-los se escritos com o Pinyin.

Por ser a forma mais aceita atualmente, utilizei neste trabalho o Pinyin para a romanização das palavras em chinês, sem indicação dos tons (acentos), com algumas raras exceções: o nome do fundador da República da China, Sun Yat-sen, cuja versão em Pinyin Sun Yixian seria irreconhecível ao leitor, e o nome do maior rio da China e importante personagem de toda esta história, o Yangtze, cuja versão em Pinyin é Yangzi, e que não utilizei por motivos que são detalhados ao longo do trabalho. Abaixo segue uma pequena lista de nomes que aparecerão no texto, em Pinyin, e entre parênteses as versões mais antigas ou simplesmente inventadas de romanização dessas palavras, mas que podem ser familiares por aparecerem nos nossos jornais, na internet ou outros veículos de redação pouco cuidadosa ou não especializada:

Beijing (*Pequim, Pekin, Peking*)
Shanghai (*Xangai, Shangai*)
Mao Zedong (*Mao Tsé-tung, Mao Tse Tung*)
Nanjing (*Nankin, Nanquim*)
Chongqing (*Chungking*)
Chengdu (*Chengtu*)
Guangdong (*Canton, Cantão*)

Também, dependeu do caso e do meu julgamento se as palavras e sentenças que traduzi deveriam ou não aparecer em sua forma original, de maneira que há originais em chinês evidenciados ou omitidos ao longo do texto.

i	Introdução
002	Controlar
078	Liderar
114	Reconstruir
174	Migrar
220	Transformar
231	Bibliografia e créditos



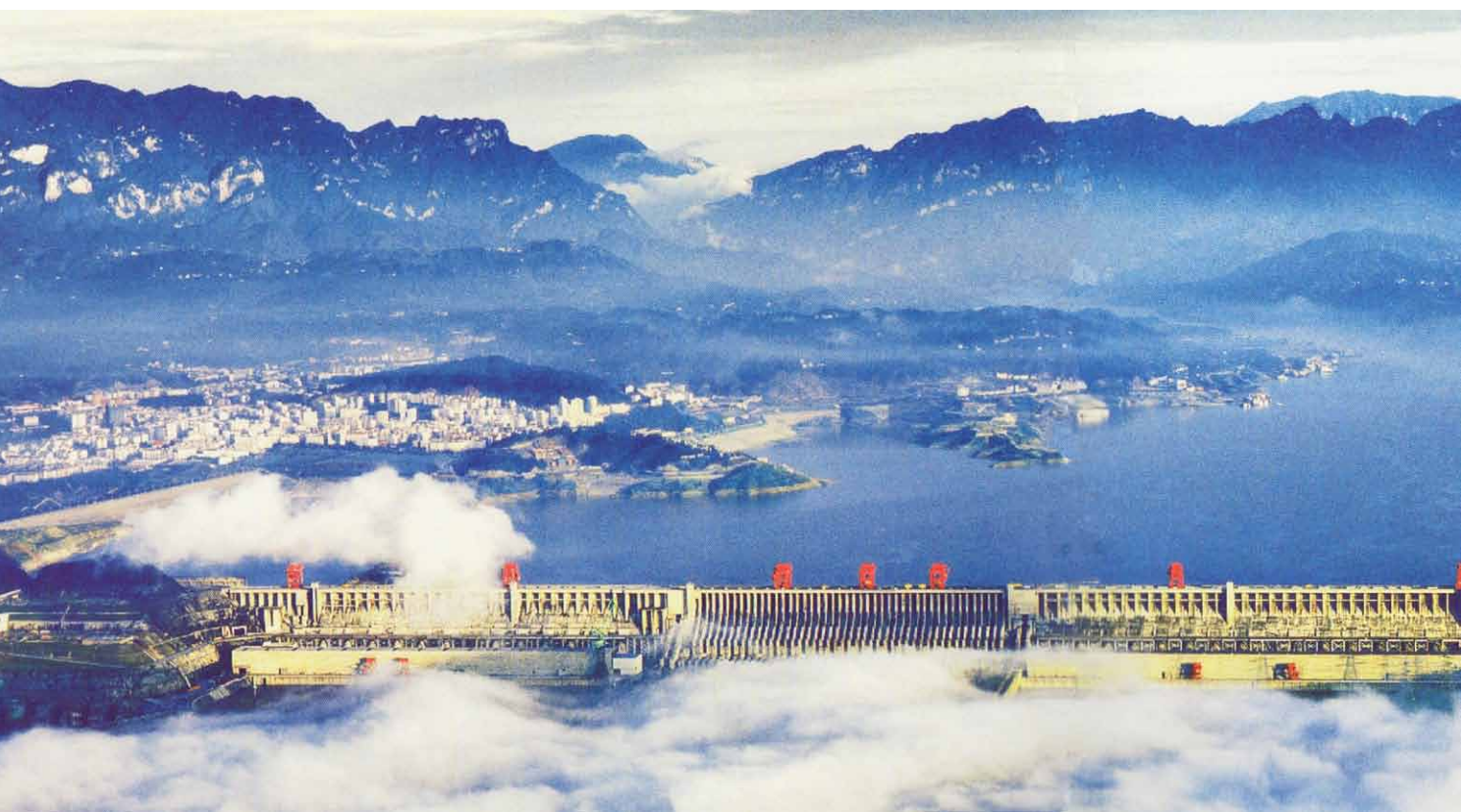
INTRODUÇÃO

O título deste trabalho monográfico pode não ser o mais óbvio considerando o tema geral “China”. Quando questionada sobre qual o assunto que estou tratando no meu trabalho e respondo a forma simplificada “é sobre a China”, as reações são positivas e curiosas, geralmente acompanhadas de mais perguntas como “E você fala do que exatamente, da urbanização, das Olimpíadas?”. Bem, de certa forma, também, sim. As questões são um medidor do conteúdo que chega aqui para nós, e revelam o que muitos imaginam que seja o assunto tratado por aquele que vem falar sobre a China. O título do trabalho contudo causa um estranhamento por apresentar elementos que podem ser inesperados ou desconhecidos: *Projeto Três Gargantas: Cidade e Território na China*. Na realidade, ele é bastante literal quanto ao conteúdo e a estrutura do trabalho: aqui, basicamente, venho estudar o Projeto Três Gargantas para falar de cidade e território na China. Resta especificar o que é cada um desses elementos, e o que significaram para mim, dentro do trabalho.

Três Gargantas é um trecho do maior rio da China e terceiro maior rio do mundo, o Yangtze. Trata-se de uma sucessão de três grandes gargantas, onde o rio estreita e as montanhas das margens são altas e abruptas. O Projeto Três Gargantas é o nome da barragem, usina hidrelétrica e reservatório que foram construídos nesse trecho cênico do rio. O Projeto Três Gargantas é o maior do mundo, ou seja, é a maior barragem, a maior usina e o maior e mais volumoso reservatório de água, construído durante as duas últimas décadas, e hoje praticamente inteiro finalizado. Há imagens e reportagens sobre esse Projeto em referências inúmeras da mídia convencional e, à primeira vista, podemos perceber que é tido como um exagero equivocado e mau (mais um) da “nova China”. Também por conta dessa sua imagem consolidada e rasa é que se desejou que fosse mais investigado; no final das contas, ele apresenta uma vocação especial em abrir portas para o aprofundamento dos mais diversos assuntos. Neste trabalho, ele foi base para falarmos de cidade e território: a “cidade” do título corresponde às questões urbanas em geral, como um tema emblemático para a China, cheio de discussões próprias, que aqui permeiam o processo que as estabeleceram, o que significaram e significam para o país,

TRÊS GARGANTAS

à esquerda Paisagem da garganta do centro, chamada Garganta Wu, antes da inundação do reservatório do Projeto Três Gargantas.

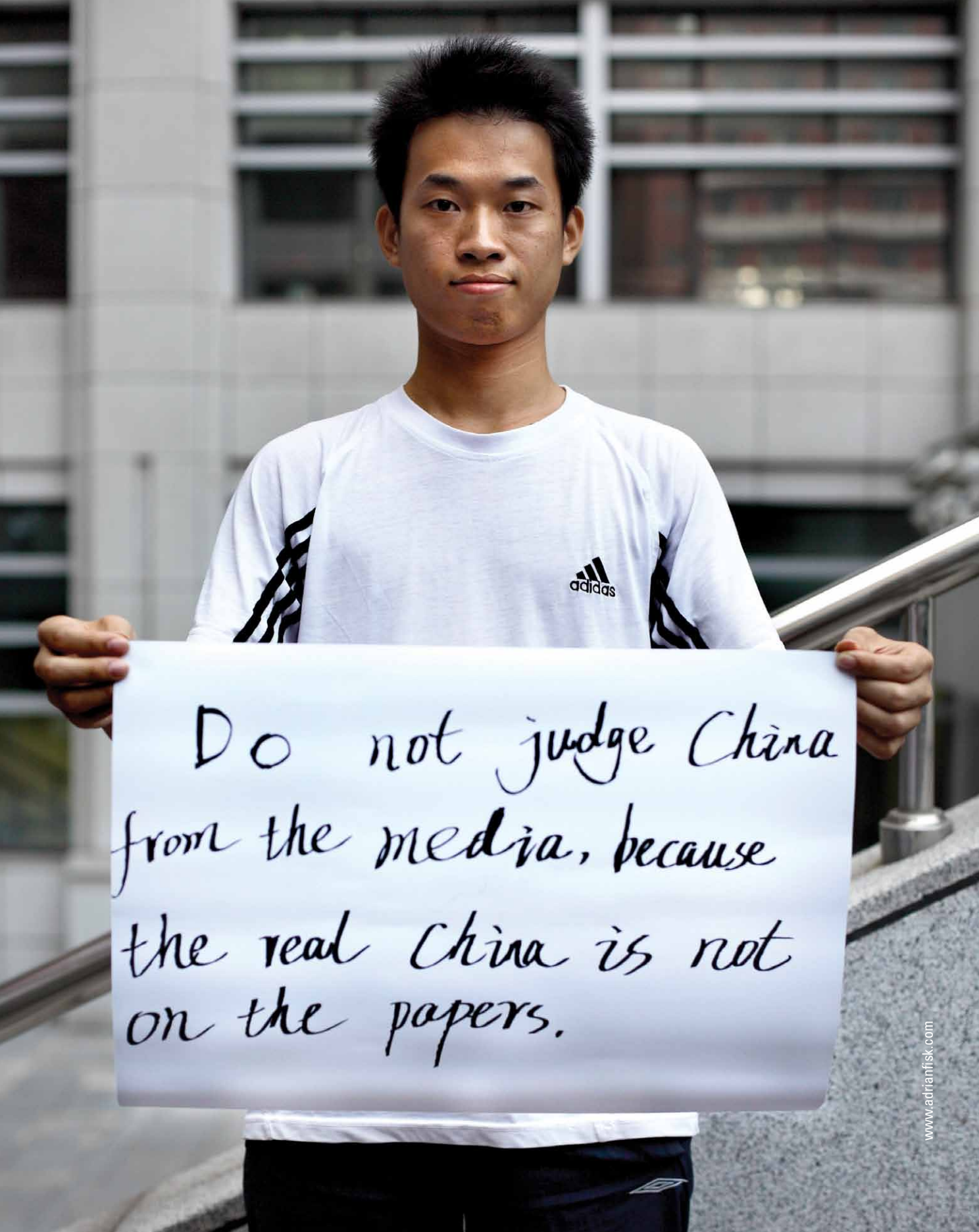


seus edifícios etc; o “território”, por sua vez, é a princípio essa concepção mais geral da relação estreita entre o homem e a natureza transformada, considerando certos limites políticos. Mais detalhadamente, ele foi tido aqui como as várias camadas no espaço de geologia e geografia física, de história social e de projeto, ou seja, de ações humanas de intervenção no espaço com determinados fins e recursos. A palavra “território”, contudo, também foi utilizada sem aviso como a delimitação simplesmente política da área da nação chinesa, por exemplo, quando me refiro à “proteção militar das fronteiras do território nacional”. Não é porque “cidade” e “território” são duas palavras distintas no título que implicam que seus significados não possam se encontrar; a cidade não está de forma alguma oposta à noção de território, podendo ela mesmo ser um. Mas neste trabalho a “cidade” se refere à *questão urbana* da China, como uma discussão digamos mais especializada do que a do território.

Como falar de temas tão amplos e múltiplos a partir do estudo do Projeto Três Gargantas? O trabalho foi dividido em cinco capítulos, correspondentes a cinco ações: Controlar, Liderar, Reconstruir, Migrar e Transformar. Essas ações são como diferentes pontos de vista que utilizo para olhar para o Projeto Três Gargantas, mas também para o universo mais amplo da cidade e do território na China, onde o Projeto é então inserido; elas chamam sujeitos, objetos, motivos e objetivos, consequências e resultados, interesses. Observando com cuidado cada uma dessas ações historicamente, podemos então entender como acontecem no Projeto Três Gargantas, e em outras intervenções decisivas no espaço na China como um todo. O primeiro capítulo, Controlar, é como uma introdução à geografia e à história da China a partir de obras de controle das águas (ao que a ação de Controlar se refere). Por ser o primeiro, e por tratar de alguns assuntos bastante novos, pode demandar algum empenho do leitor; dentro dele já estão presentes uma série de elementos que são aprofundados nos capítulos seguintes Liderar, Reconstruir e Migrar. O último capítulo, Transformar, é como um breve fechamento do trabalho, que não tanto apresenta conteúdos novos, mas busca dar corpo a essa abrangente ação de transformar ao retomar e reforçar o que estudamos ao longo do trabalho.

PROJETO TRÊS GARGANTAS

à esquerda Imagem aérea atual da barragem e seu reservatório de água.

A young man with short black hair, wearing a white Adidas t-shirt, stands outdoors in front of a building with large windows. He is holding a white rectangular sign with both hands. The sign has a handwritten message in black ink. The background is slightly blurred, showing a modern building and a metal railing.

Do not judge China
from the media, because
the real China is not
on the papers.

Tal interesse por aprofundar esses variados assuntos sobre a China parte, claro, de uma curiosidade pessoal que deu o impulso de início, e também do conteúdo e das referências que vim a encontrar sobre a arquitetura, o território, as cidades, as intervenções e construções recentes da China. Primeiro, são escassas; em português se restringem a notícias e matérias de jornais. Segundo, têm qualidade e aprofundamento bastante limitados. É verdade que os jornais vêm diariamente munidos de novidades da China, principalmente por conta da proeminência econômica que ela vem apresentando atualmente, nos oferecendo uma enorme quantidade de imagens, dados e fatos. Mas apesar desse aparente incontável de informações, notícias, símbolos que chegam a nós cotidianamente, e há uns 15 anos cada vez de forma mais intensa, apenas uma ilusória sensação de familiaridade com a China se constitui em cada um. Uma provável razão é a pobreza científica dessas referências, que se aproximam mais de pré-conceitos do que de conhecimento produzido; a mais antiga civilização contínua, ocupante de um dos maiores territórios nacionais do mundo e com a maior população, ainda é “exótica”. Ficamos predominantemente com uma China muito fragmentada, em que as mais diversas camadas de espaço, de tempo, se apresentam confusas e embaralhadas; de forma geral, olha-se para uma suposta realidade, esquecendo o quão grande é o país, sua diversidade e história milenar, buscando ansiosamente conclusões e verdades que interessam à história da arquitetura e urbanismo ocidental. Distancia-se da complexidade, e da necessidade de identificar as especificidades, de entender de maneira mais profunda.

“NÃO JULGUE A CHINA A PARTIR DA MÍDIA, PORQUE A CHINA DE VERDADE NÃO ESTÁ NOS JORNAIS”

à esquerda Lim, estudante em Beijing. Este retrato é do fotógrafo Adrian Fisk como parte de seu projeto *ispeak China*, que deu a oportunidade para dezenas de jovens de toda a China expressarem em um pedaço de papel aquilo que passava por suas mentes naquele momento.

Este trabalho parte então da busca de uma leitura mais penetrante, unificada e menos ofuscada desses processos complexos pelos quais a China passou e passa, encontrando por meio do estudo do Projeto Três Gargantas uma possibilidade de alcançar essa dimensão mais ampla que é, ao meu ver, urgente. Assim, aqui, a preocupação central foi levantar discussões, que convidem a sair do trabalho constantemente, muito mais do que chegar a conclusões que o fechem em si. Uma pequena história motivou essa postura contra exatidões bem acabadas, e esteve de alguma forma presente em todo o trabalho. Xinran é uma jornalista e escritora nascida na cidade

de Beijing, capital da China, mas que viveu longo período de sua vida na cidade de Nanjing, no centro-leste do país. Em 1997 ela se mudou para Londres. Em um de seus livros publicados desde então, “O que os chineses não comem”, ela conta que ¹:

Anos atrás, tive aulas de inglês em Londres. A certa altura, meu professor perguntou quem sabia algo sobre a China. Umas mãos se levantaram.

A: “Os chineses respeitam a comida como seu paraíso, gostam de sabores fortes e de cozimento lento. Respeitam os idosos, e servem os mais velhos primeiro.”

B: “Na verdade, a maioria dos chineses gosta de comida doce e leve, cozida rapidamente. E as pessoas não moram mais com as gerações mais velhas.”

“Qual de vocês é chinês?” perguntaram meus colegas de classe.

A: “Eu sou chinês.”

B: “Eu também.”

Meu professor disse: “A China é enorme; devem existir estilos de vida muito variados. Vocês poderiam nos contar algumas coisas que há em comum, mais gerais, acerca da China de hoje? Que tal a política do filho único, ou a situação das mulheres, por exemplo?”

A: “As situação das mulheres melhorou muito desde 1949. Na minha cidade natal, todo mundo tem a chance de conseguir instrução ou um emprego.”

B: “Ora vamos, isso não é verdade. Na nossa aldeia, 75% das mulheres não foram à escola; elas trabalham em casa. E minha mãe, que tem quarenta e oito anos, não sabe ler nem escrever direito. Mas ela é uma mãe muito boa para nós três garotos.”

A: “Três filhos? Impossível! Qual é a sua idade? Como seus pais conseguiram escapar da política do filho único?”

B: “Tenho dezenove anos. A política de filho único não funciona na nossa região. Algumas famílias chegam a ter seis filhos.”

A: “Você está brincando? Elas devem fazer parte de alguma minoria étnica nacional, como os mongóis: então você pode ter tantos filhos quanto sua família quiser.”

B: “Não, eles são Han mesmo [etnia que perfaz mais de 90% da população chinesa]. Você pode pagar para ter filhos extras.”

A: “Não, eu não acho que você possa pagar para contornar a política do governo.”

B: “Mas eu estou aqui, e meu irmão mais novo também está em Londres. Você...”

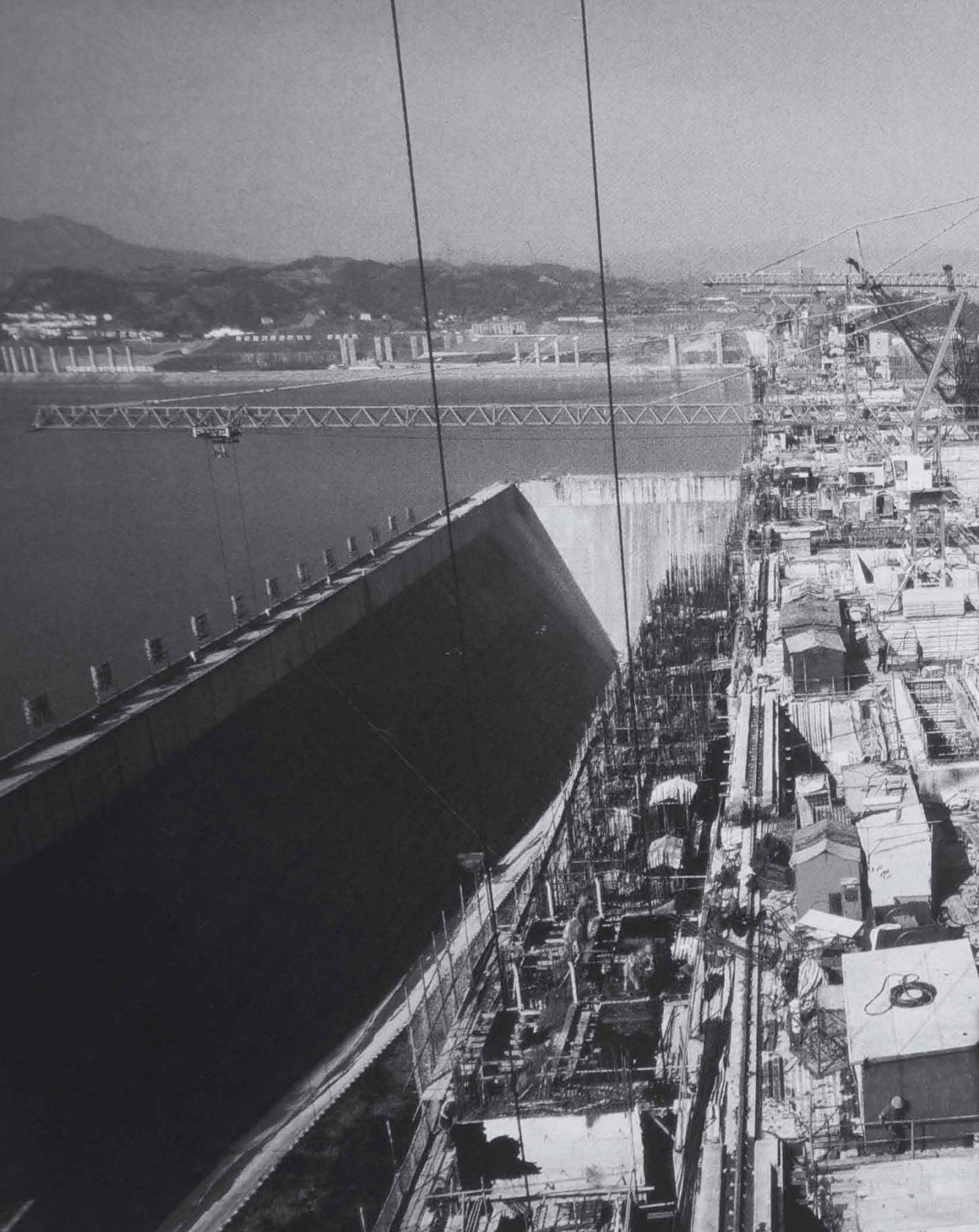
“O.k., o.k.,” disse o professor, “quem é *realmente* chinês, da China continental?”

A: “Eu sou. Venho de Changchun, no nordeste da China.”

B: “Eu também. Venho de Guangdong, no sudeste da China.”

1. XINRAN. O que os chineses não comem. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 71

Com esse pequeno caso de poréns e contradições, Xinran nos lembra da qualidade que pode ser atribuída com mais segurança à China: diversidade. Não que ela deva inibir conclusões, mas ao considerá-la com a devida medida, escapamos de concepções generalistas e abrimos possibilidades a muito mais pontos de vista enriquecedores. Além disso, a história também lembra o quão problemático é chegar a afirmações definitivas sobre a China, e inclusive todo este trabalho está sujeito a oposições, contestações, rebatimentos — diversidade. Espero aqui despertar interesse pelos diversos assuntos que percorro, lançando constantemente para fora do trabalho, contando algumas histórias, mostrando um pouco mais do que aconteceu e está acontecendo nesse país; acima de tudo, levantando questões que contribuam para a riqueza do debate, ainda pequeno, sobre cidade e território na China.





An aerial photograph of a massive dam under construction. The dam's concrete structure is visible on the left, sloping down towards a body of water. To the right, a complex construction area is filled with scaffolding, rebar, and various pieces of equipment. Several large yellow and red cranes are positioned around the site, with one prominent yellow crane extending horizontally across the upper middle. In the background, a range of green mountains is visible under a clear blue sky. The word "CONTROLAR" is superimposed in large, white, bold, sans-serif capital letters across the center of the image.

CONTROLAR

“O GRANDE YU TINHA CAMINHADO DE SUL A NORTE, DO LUGAR DO NASCER DO SOL AO POENTE, DESAFIANDO O VENTO, A CHUVA E AS MAIS DIVERSAS INTEMPÉRIES E DIFICULDADES, MOBILIZANDO, ORGANIZANDO E DIRIGINDO O POVO NO PROGRESSO CONSTRUTIVO DOS IMENSOS EMPREENDIMENTOS HIDRÁULICOS.

DURANTE TREZE ANOS CONSECUTIVOS, OS SERES HUMANOS ESCAVARAM LAGOS, NIVELARAM ABISMOS, DRAGARAM RIOS... GRADUALMENTE AS ÁGUAS COMEÇARAM A CORRER PARA OS MARES DE ACORDO COM O DESEJO DE TODOS. AS LARGAS EXTENSÕES DAS FÉRTEIS PLANÍCIES VOLTARAM A FICAR EXPOSTAS, E OS REFUGIADOS DAS GRUTAS PUDEAM REGRESSAR ÀS SUAS TERRAS NATAIS PARA AÍ RECONSTRUÍREM CASAS, CULTIVAREM SEMENTEIRAS, CRIAREM GADOS, PASTAREM OVELHAS... ERA O INÍCIO DE UMA NOVA VIDA!

ASSIM, E SOB A DIREÇÃO DO GRANDE YU, OS SERES HUMANOS CONTROLARAM AS ÁGUAS MEDIANTE SEUS PRÓPRIOS ESFORÇOS, SEM PEDIREM A INTERVENÇÃO DO IMPERADOR CELESTIAL.”

Trecho da lenda do Grande Yu (“Mitologia Chinesa”. org. Antonio Abreu. São Paulo: Landy, 2006. p 133), que é considerado o primeiro imperador da China a partir de seu conto semi-mitológico. Ele teria sido nomeado como tal após ter se dedicado com afinco a resolver o problema das enchentes do vale do rio Amarelo. Ele teria se tornado imperador fundador da primeira dinastia semi-mitológica dos Xia (2070-1600 a.C.)

INTRODUÇÃO

A CHINA DO CONTROLE DAS ÁGUAS

O poeta Du Fu¹ viveu em um período conturbado da dinastia Tang (618-907), marcado por instabilidade imperial, rebeliões e disputas. Um de seus aclamados poemas começa com as palavras

國破山河在²

O Estado está quebrado; montanhas e rios permanecem

Durante aquele período e em toda a história da civilização chinesa anterior e posterior àqueles tempos, os chineses ocuparam, moldaram e se relacionaram com a natureza de uma área que conhecemos hoje como China. Milênios de desenvolvimento de povoados, agricultura, impérios, de ascensão e queda de dinastias, de transformação política e econômica recente que estruturaram a China como a vemos hoje: tudo aconteceu ali numa mesma área que *permanece*.

De maneira distinta à chinesa, povos de civilizações antigas encontraram em algum momento de suas histórias outras civilizações cujo desenvolvimento bélico ou cultural fosse equiparável ou ameaçador com relação ao seu próprio; conquistas, assimilações, invasões e grandes movimentos de populações marcaram toda a história clássica do mundo mediterrâneo. Apesar de não livre de influências externas, as condições geográficas da China contribuíram para seu desenvolvimento mais autônomo, menos baseado em interações com outras culturas tão complexas; suas barreiras naturais se estendiam ao norte, pelo deserto de Gobi e estepes da Mongólia e a Sibéria; ao oeste, pelo Planalto Qinghai-Tibet e altitudes intransponíveis; ao sul pelas florestas e áreas montanhosas e pelo oceano Pacífico em toda a fronteira leste. A Rota da Seda foi aberta no único ponto mais penetrável desse território continental, a noroeste da China, por onde a seda alcançou o Império Romano e também por onde o Budismo foi introduzido há aproximadamente 2000 anos, vindo da Índia. Mas essa porta de entrada, se comparada com a extensão das fronteiras chinesas, ainda é pequena, e o contato com outros povos vinha mais para afirmar para os chineses sua própria superioridade e auto-suficiência. O território da China foi conquistado pelos chineses em tempos remotos, e desde então é ao mesmo tempo *palco* e *ator* das transformações dessa civilização. Segundo o historiador L. Van Slyke:

1. É considerado um dos grandes poetas de toda a história da China, junto com Li Bai. Viveu entre os anos de 712 e 770.

2. Poema “春望”, “Contemplação de Primavera”; título e trecho citado em tradução livre do chinês.

Neste único e vasto palco geográfico, camadas de tempos memoráveis repousam como estratos geológicos no solo. É difícil que haja algum lugar na China que não carregue profundas associações históricas, algum tipo de restos, memórias. Nossa concepção de civilização ocidental implica a ideia de mobilidade, e para remontar à origem da nossa herança viajamos até o Egito, Grécia e Roma, à Terra Santa, Itália, França, Inglaterra. Recordamos as brutalidades do tráfico de escravos, e os negros da América vão buscar suas origens na África. Para os chineses, tudo aconteceu ali mesmo.³

Os rios da China são elementos estruturais desse território, e suas histórias naturais e sociais coincidem também com a história da civilização chinesa como um todo. Com um papel especialmente decisivo para o território, o rio Yangtze atravessa a China de oeste a leste por aproximadamente 6380 km, extensão que o classifica como terceiro maior rio do mundo. Entretanto, com relação aos outros dois rios que também ocupam o topo da lista, o rio Amazonas na América Latina e o rio Nilo na África, o rio Yangtze apresenta especificidades que iluminam sua importância: diferente dos outros dois, que atravessam o solo de várias nações, o Yangtze é um rio cuja nascente e foz se localizam num mesmo país, a China, e toda a extensão do rio está nele contido. Ainda, sua bacia hidrográfica compreende algumas das maiores e mais populosas cidades do país, como Chongqing e Shanghai, e sua população é de aproximadamente 400 milhões de pessoas, quase um terço do total da China.⁴

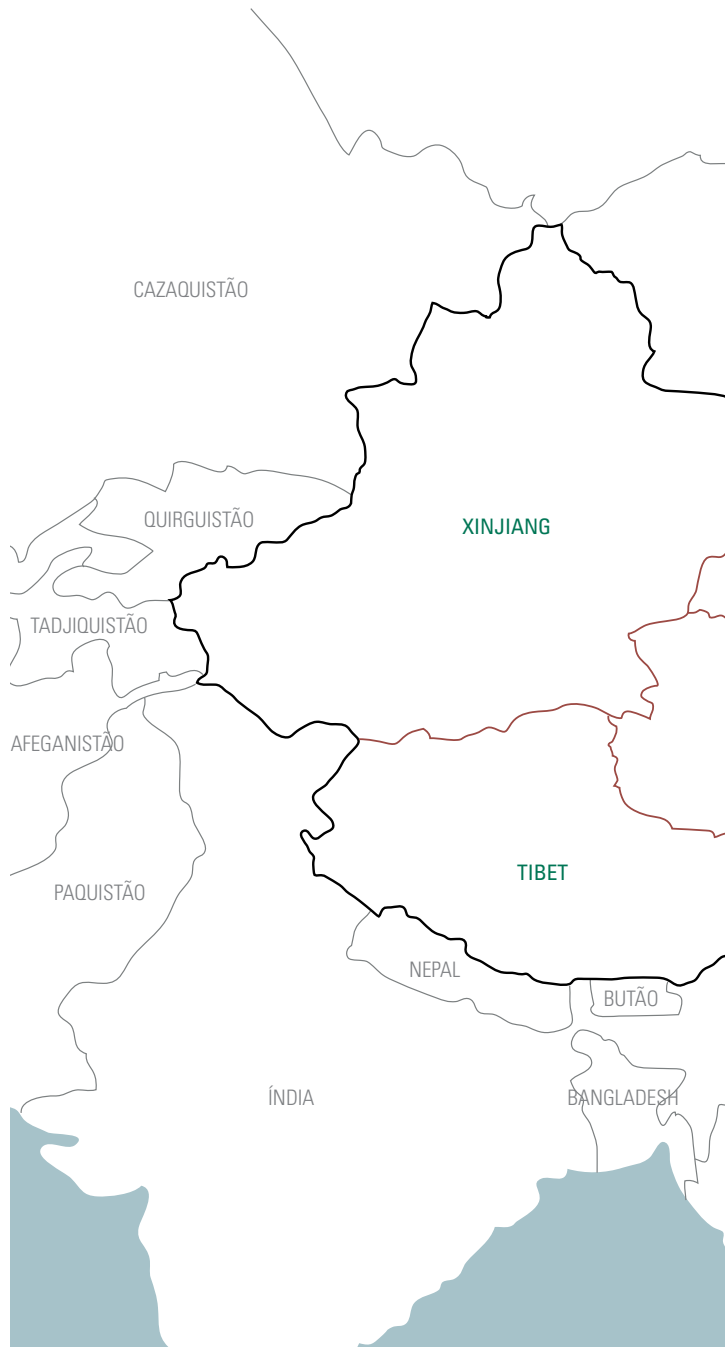
Mas os limites de sua bacia hidrográfica são apenas uma convenção geográfica, pois o entendimento do rio Yangtze neste trabalho implica uma perspectiva mais geral sobre todo o território. Aqui, a noção do Yangtze não é apenas do curso do rio em si mas de todo seu sistema hidrográfico, dos eventos naturais e sociais do decorrer de sua história, do clima e das populações; e intervenções decisivas sobre o território envolvem o controle de suas águas, atividade chave nesse *palco geográfico* singular. Aqui teremos então uma introdução à história e à geografia da China, com foco no Yangtze, a partir de algumas obras de controle das águas empreendidas ao longo do tempo, e com o Projeto Três Gargantas (a maior barragem do mundo) fazendo parte importante e construindo essa história.

3. SLYKE, L. "Yangtze: Nature, History, and the River". Stanford: Stanford Alumni Association, 1988. p.44

4. Segundo dados de dezembro de 2011, a população da China é de 1,347,350,000.

CHINA POLÍTICA

Governada pelo Partido Comunista da China, e único da nação, a República Popular da China é dividida em 22 províncias (em preto), cinco chamadas “regiões autônomas” (em verde), quatro municipalidades (em marrom; é a própria capital Beijing e mais Tianjin, Shanghai e Chongqing) e duas regiões de administração especial, Hong Kong e Macau. As “regiões autônomas” são ocupadas predominantemente por povos de minorias étnicas. A China faz fronteira com outros 14 países.

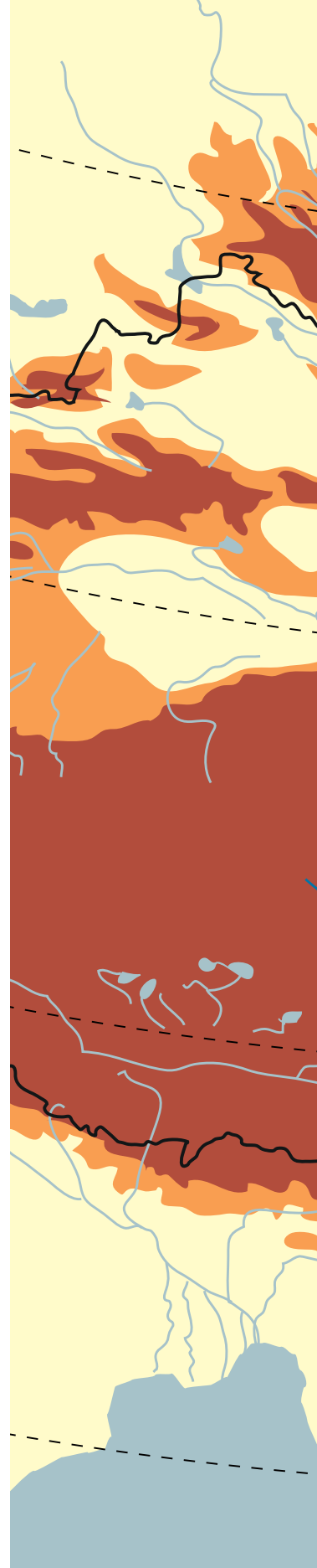


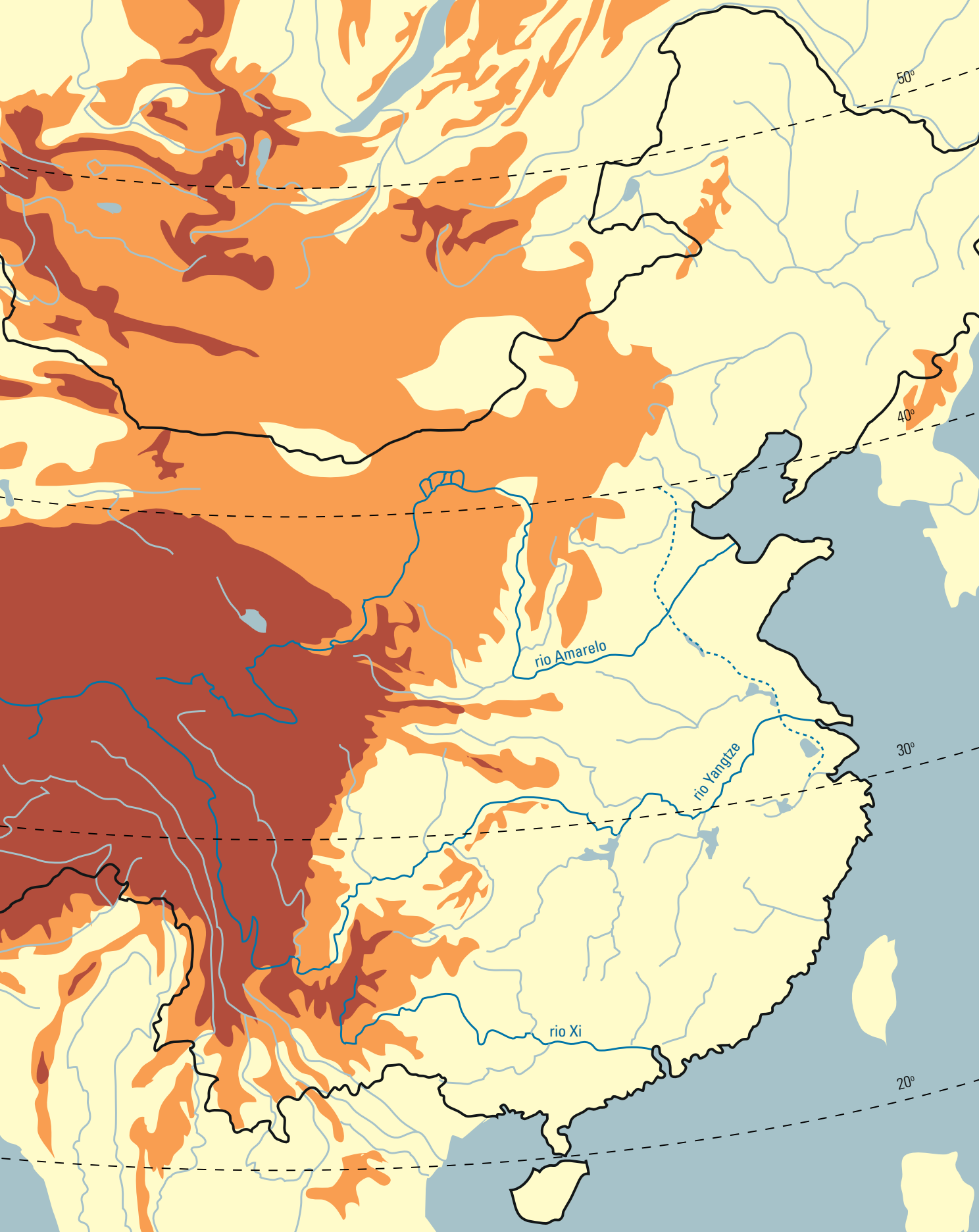


RELEVO E HIDROGRAFIA

De sua nascente no Planalto Qinghai-Tibet até seu delta, na cidade de Shanghai, o rio Yangtze flui a partir de uma altitude aproximada de 5800 metros, e atravessa o país de oeste a leste. Esse é o padrão de drenagem da China, em que os principais de seus rios, o Yangtze, o rio Amarelo e o rio Xi, fluem sentido leste a partir das regiões mais elevadas do oeste, e os afluentes desses rios principais fluem sentido norte e sul. Esse padrão é resultante de um fenômeno geológico de choque e invasão pela placa tectônica sobre a qual se encontra a Índia. Essa porção de terra que conhecemos hoje como Índia vem se movimentando sentido norte há aproximadamente 45 milhões de anos, e sua colisão com a área continental onde está a China tem como efeito mais óbvio uma sutura (eixo de colisão), que é a própria cadeia dos Himalaias e seus altos cumes, assim como a elevada região do oeste chinês, o Planalto Qinghai-Tibet, o maior e mais elevado do mundo. É a partir dessa região de altitude e rupturas do solo que os grandes rios da China se originam, sendo o Yangtze o maior e mais volumoso deles.

- limite político da China
- rota atual do Grande Canal
- entre 0 e 1000 m de altitude
- entre 1000 e 2000 m de altitude
- acima de 2000 m de altitude





AS CHINAS E SEUS RIOS

A área total da China só é menor do que aquelas da Rússia e do Canadá, e sendo assim tão ampla é possível ser dividida e categorizada de várias formas, levando em consideração sua diversidade: vegetação e altitudes, populações, modais de transporte, limites políticos, clima. Mas duas das mais elementares maneiras de dividir o território chinês combinam essas variáveis e definem satisfatoriamente a localização e contextualização geográfica do rio Yangtze.

A primeira delas é a distinção entre aquelas áreas que podem ser chamadas de China Interior e China Exterior. Os limites entre essas áreas foram mutáveis ao longo da história, e hoje traçam em linhas gerais algumas características que qualificam o território. A China Interior tem altitude relativamente baixa e é predominantemente agrícola; apresenta alta densidade populacional e é ocupada por chineses da etnia Han, principalmente. Os Han correspondem a aproximadamente 92% de toda a população chinesa, que é dividida em mais 55 outras etnias, distintas entre si física e culturalmente. A China Exterior, em contraposição, corresponde a uma vasta área de altitudes mais elevadas e população bastante esparsa, correspondente a chineses de minorias étnicas, como os Tibetanos e os Uighures. Predomina a atividade pastoril sobre a agrícola, encontrada em alguns pontos a noroeste. A maioria dos rios da China Exterior seguem para fora do país ou acabam em bacias de drenagem interna, enquanto aqueles da China Interior constituem de fato uma rede fluvial de transporte, junto com a costa marítima. A China Interior é onde se desenvolveu ao longo da história a civilização chinesa como a conhecemos hoje, e foi apenas durante a dinastia Qing, principalmente durante o século XVIII, que a região aqui chamada de China Exterior foi unida politicamente ao território chinês.

A outra distinção possível da China entre regiões é aquela entre a China Norte e a China Sul. A partir do Tibet,

..... bacia hidrográfica do rio Yangtze
 rota do Grande Canal



rio Amarelo

CHINA NORTE

rio Yangtze

CHINA SUL

rio Xi

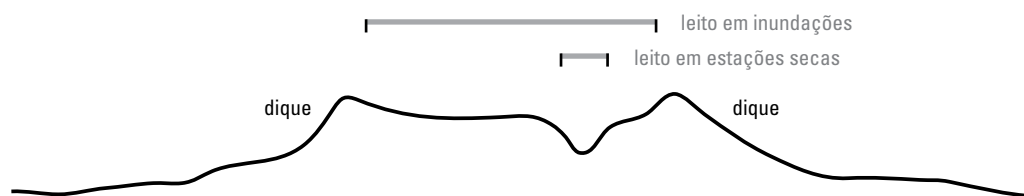
CHINA EXTERIOR

CHINA INTERIOR

que configura, a oeste, a porção com maiores altitudes do país, cadeias montanhosas vão atravessando a China sentido leste, e entram na área da China Interior na latitude aproximada de 35°. Essas cadeias, nomeadas Qinling e Daba, determinam mais ou menos uma fronteira natural que divide a China Interior entre Norte e Sul. A taxa média de pluviosidade é muito maior ao Sul, e enquanto ao Norte a principal forma de cultivo é aquele de campos secos, em especial de cereais e milho, ao Sul sempre predominou o cultivo de arroz em campos inundados. Essa distinção determinou também uma diferença na dieta dos chineses das duas regiões, e é até hoje lembrada por eles quando se identificam de forma simplista como “do Norte” ou “do Sul”, já que estes seriam mais baixos e menos corpulentos que aqueles. A região Sul é repleta de rios e canais onde foi desenvolvido ao longo dos milênios o transporte fluvial e o uso de embarcações, e ao Norte esse transporte se dava principalmente a cavalo ou simples carroças.

A nascente do rio Yangtze está nos altos do Planalto Qinghai-Tibet, mas a maior e principal porção de seu curso está na região Sul da China Interior, e atributos desse rio exemplificam e caracterizam essa região. De maneira análoga, a natureza do rio Amarelo é também correspondente a da sua respectiva região Norte, de forma que entender algumas dinâmicas desses dois grandes rios é também entender características das duas grandes regiões.

O rio Amarelo atravessa a China numa das maiores e mais reconhecidas áreas de loess do mundo, o Planalto Loess, já classificado como o mais erodível do planeta. O rio é hoje o segundo maior da China, mas sua extensão e curso sofreram mudanças naturais drásticas ao longo da história, sendo caracterizado como um rio instável num solo instável, e especialmente sujeito a inundações. A quantidade de sedimento loess carregada pelo rio Amarelo é a maior entre todos os rios do mundo, sendo 34 vezes maior se comparada à do rio Nilo, e é a principal causa de suas cheias. Por conta da frequência e gravidade das inundações, o rio Amarelo também é conhecido como “sofrimento da China” entre os chineses.



PERFIL ESQUEMÁTICO: RIO AMARELO

Na China Interior Norte, o rio Amarelo alcança terrenos menos elevados, onde a velocidade de seu fluxo diminui e a quantidade de sedimentos que fica depositada em seu leito é grande. Diques são necessários para controlar essas dinâmicas, e o leito do rio resulta mais elevado do que seu entorno, numa situação bastante particular. É evidente que nessas condições outros rios não conseguem alcançá-lo, e o rio Amarelo acaba sem nenhum afluente em seu trecho final.

A bacia hidrográfica do rio Yangtze é aproximadamente 2,5 vezes maior do que a do rio Amarelo, e seu volume médio de descarga de água no delta é mais de 10 vezes maior. Essa enorme quantidade de água se deve a chuvas mais abundantes, ao volume de neve e água proveniente da região de suas nascentes, nas geleiras do Planalto Qinghai-Tibet, e aos numerosos afluentes que o alimentam ao longo de seu curso, enquanto o rio Amarelo apresenta apenas alguns. A região da bacia do rio Yangtze recebe aproximadamente 70% da precipitação total da China, e que quando especialmente concentrada num período do ano que coincide com o degelo na nascente, está sujeita a volumosas inundações. Apesar da estabilidade de seu curso, e dos lagos Dongting e Poyang servirem como reguladores naturais do fluxo do rio, o imenso volume de água causou inundações desastrosas ao longo da história, agravadas pela grande quantidade de pessoas que sempre viveram às suas margens.

A mesma contraposição entre as regiões Norte e Sul se estende a seus rios representantes, o Amarelo e o Yangtze, e diz respeito às origens da civilização chinesa. Descobertas arqueológicas de meados do século 20 evidenciam a antiguidade, riqueza e variedade das ocupações humanas ao longo do rio Yangtze, confrontando uma teoria que por muito tempo predominou, que diz que a civilização chinesa teria uma única origem nuclear ao Norte, junto ao rio Amarelo, e que teria se expandido direção sul ao longo dos milênios. Apesar de uma real proeminência do desenvolvimento dessa região ao Norte e consequente expansão, hoje é mais aceitável que tenham existido não um único mas diversos núcleos, ao Norte e ao Sul, de características específicas mas também com muitas semelhanças, e a partir da interação entre eles teria de formado o que entendemos como a civilização chinesa antiga.

A arqueologia pode apontar para o vale do rio Yangtze como mais antigo em termos de ocupação humana, mas é o vale do rio Amarelo que de geração em geração carrega o título de “berço da civilização chinesa”. Ele se deve principalmente aos feitos do Grande Yu, um líder semi-mitológico que teria dado início ao governo dinástico na China, se tornando o fundador da dinastia Xia (2070 a 1600 a.C.) depois de comandar milhares de pessoas no trabalho de resolver o problema das enchentes do rio Amarelo e seu afluente rio Wei, que castigavam e impediam o povo de prosperar. Esse trabalho teria sido inicialmente delegado a seu pai Gun, que até sua morte não havia conseguido resolver satisfatoriamente o problema, construindo barragens e represando as águas. Yu então prosseguiu com o trabalho do pai, mas utilizando uma técnica distinta de construção canais de irrigação, que direcionariam as águas para os campos de cultivo, e de dragagem do leito do rio. Ele ainda teria organizado milhares para abrir um canal na montanha Longmen, façanha que levou vários anos para ser completa. O sucesso de suas obras trouxe prosperidade para a região, que depois seria considerada o “núcleo original” da civilização chinesa, e Yu se tornou o Grande Yu, fundando a primeira dinastia chinesa.

O que a história de Yu passa, e arqueologia à parte, é uma origem da civilização chinesa como momento de reflexão e atuação sobre a natureza, de domínio das águas a partir do entendimento de suas dinâmicas, da construção de estruturas de controle, os canais, e de intervenção projetual sobre o território. A origem da civilização chinesa como passada de geração a geração por meio da lenda do Grande Yu é a do controle das águas, e de tornar o território habitável.

E o controle das águas continuou a definir a história da civilização chinesa e a configuração de seu território, de forma expressiva no rio Yangtze e em seus afluentes, mais do que no rio Amarelo do Grande Yu por conta dos limitados trechos em que é navegável, de sua instabilidade geológica e mudanças de curso. Em contraposição, o rio Yangtze *permanece*, com suas margens ocupadas por uma grande quantidade de pessoas há milênios, e sendo chamado de “rua principal da China”. E as obras de controle de suas águas contam uma história decisiva sobre a intervenção no território na China.

GRANDE YU

página seguinte A história do Grande Yu leva o nome popular de “大禹治水”, literalmente, “Grande Yu Controla as Águas”.



率英



DUJIANG YAN: CANAIIS MILENARES

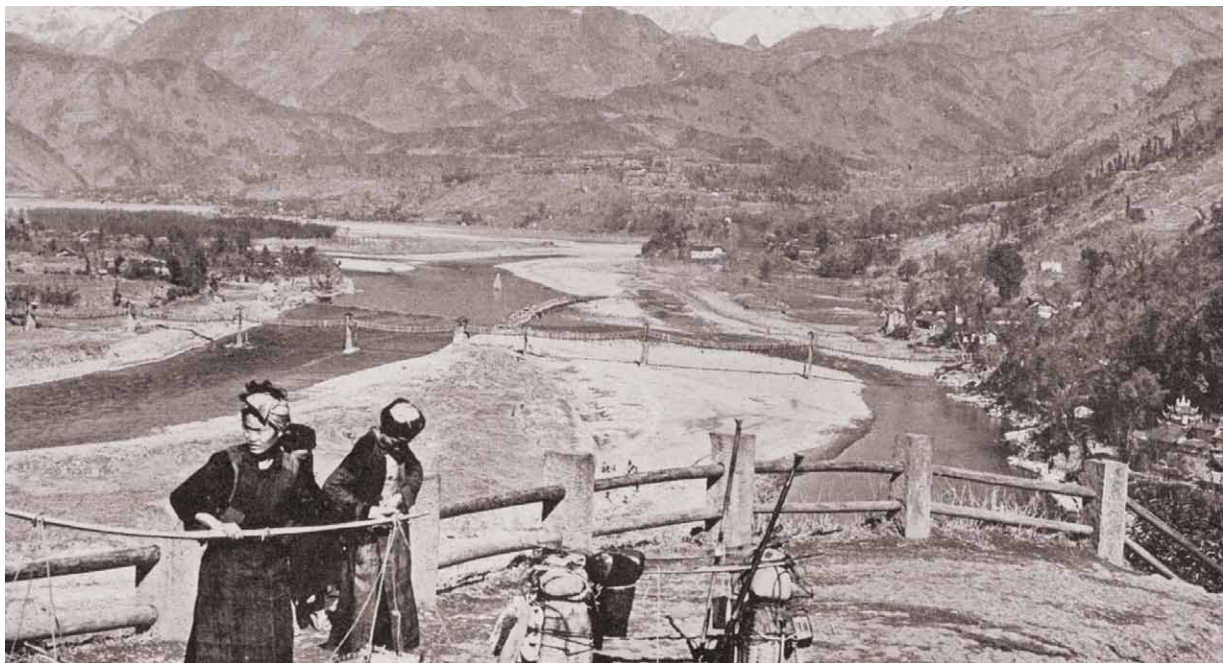
MAPA DE LOCALIZAÇÃO: RIO MIN E DUJIANG YAN

Sichuan é a província mais populosa da porção oeste da China. Chengdu é sua capital. A oeste, Sichuan apresenta altitude elevada e cadeias de montanhas, e a leste está a Bacia de Sichuan, uma região mais ou menos plana e altitude pouco elevada, comparada com a porção oeste da província. Dujiang Yan e Chengdu já estão contidos na Bacia, mas na divisa entre essas duas porções.

Uma outra narrativa sobre pai e filho em trabalho de construção de canais marcou a história do controle das águas na China, dessa vez menos lendária e com resultados eficientes desde o século III a.C. até hoje. Dujiang Yan é o nome do sistema de irrigação construído há mais de 2000 anos no rio Min, afluente do Yangtze em sua porção alta, e que continua em funcionamento até hoje.

O rio Min se estende de norte a sul por mais de 700 km na área central da província de Sichuan, região sempre especialmente populosa da China, com hoje mais de 80 milhões de habitantes, e cuja prosperidade deve muito a esse grande rio e ao sistema de irrigação Dujiang Yan nele implantado. O Min é expressivo dentre os mais de 700 afluentes do Yangtze, sendo já acreditado entre os chineses que o Yangtze nasceria do Min, considerando sua geologia e o grande volume de água que carrega. Essa quantidade de água teria por muitas vezes extravasado o que o leito do rio suporta e inundado áreas de cultivo da fértil Bacia de Sichuan, a porção leste da província. O rio Min nasce a uma altitude próxima de 4000 metros, e depois de percorrer metade de seu percurso ele encontra a Bacia de Sichuan, a apenas 500 metros de altitude. É nesse encontro que se localiza a região de Dujiang Yan. Li Bing, administrador da região onde hoje está contida a província de Sichuan, teria utilizado seus conhecimentos de engenharia para desenvolver e construir Dujiang Yan, trabalho concluído por seu filho Er Wang, com o objetivo de livrar



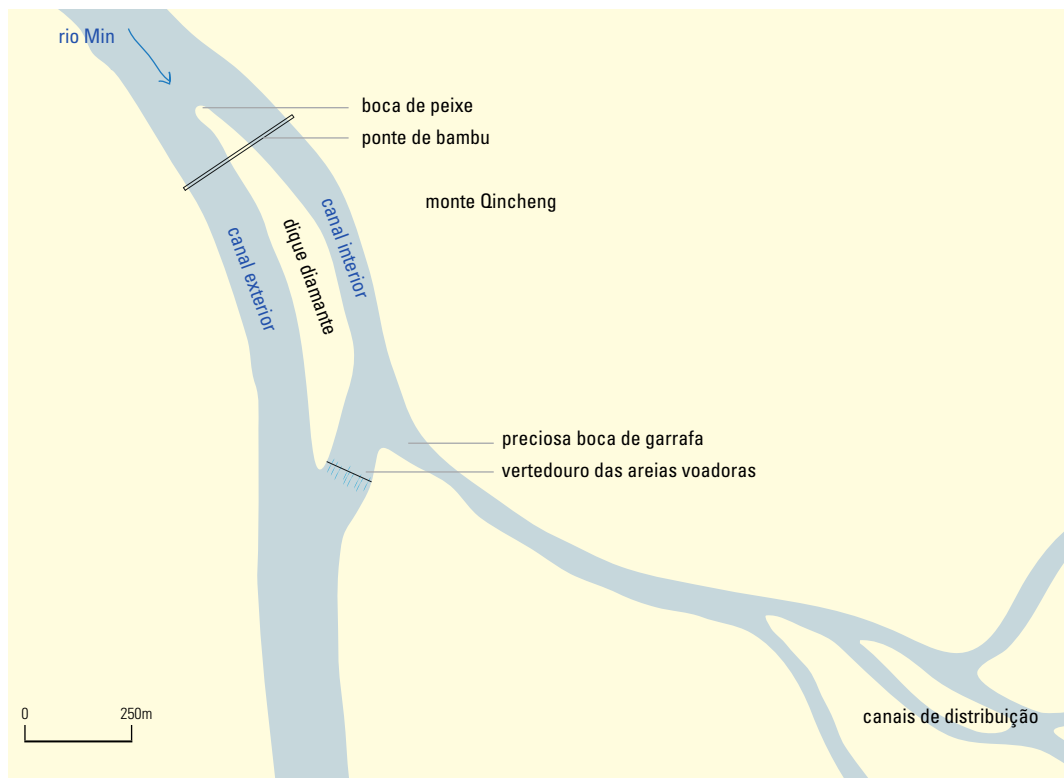


DUJIANG YAN, EM MEADOS DO SÉC XX

Vista do complexo central de Dujiang Yan. O rio Min vem vindo ao fundo, e é dividido em dois canais, Exterior à esquerda e Interior à direita, pelo Dique Diamante, ao centro. Notar a ponte suspensa de bambu, que atravessa contínua os dois canais, passando pelo alto do Dique Diamante. Tanto o nível da água quanto dos diques e das margens são mantidos bastante rasos.

a área de cheias do rio e aproveitá-lo para irrigação do solo. O sistema hidráulico foi implantado a 70 km a noroeste da atual capital de Sichuan, Chengdu, onde está em funcionamento até hoje na cidade que leva o nome do projeto, Dujiang Yan.

A obra é complexa e conta com o funcionamento combinado de diversos mecanismos que ao longo do tempo foram sendo reconstruídos ou substituídos, mas a estrutura geral se mantém a mesma. De forma análoga àquela com que o Grande Yu teria tratado as águas, não barrando mas sim permitindo o fluxo seguir, Li Bing concebeu um sistema no qual a água do rio deveria ser distribuída por toda a Planície de Chengdu (contida na Bacia de Sichuan) e estar disponível numa quantidade mais ou menos constante durante todo o ano, independente do variável regime de águas da região. Para isso acontecer o rio Min foi dividido entre canal Interior e canal Exterior. O canal Exterior é aquele do curso original do rio, enquanto o canal Interior carrega a água desviada para um intrincado sistema de canais que se subdividem progressivamente, penetrando e irrigando uma grande área costurada por capilares de água.

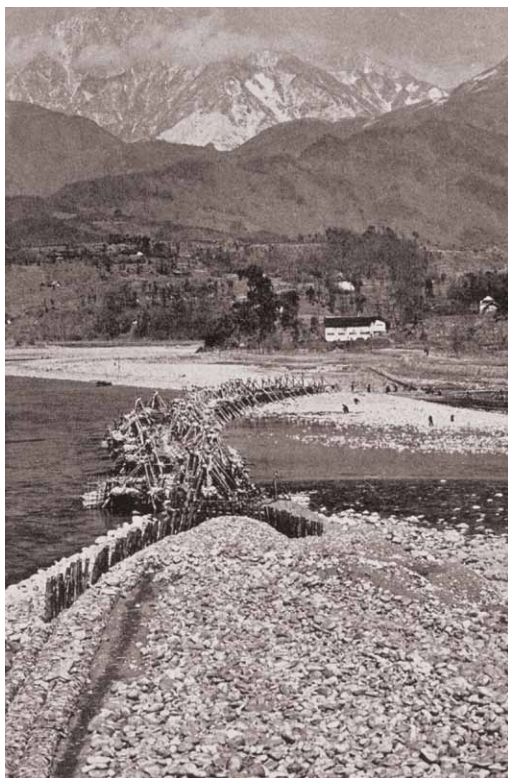


VISTA SUPERIOR ESQUEMÁTICA

Complexo central de Dujiang Yan. Os canais de distribuição se capilarizam e ainda servem uma área muito maior de distribuição de água. Estima-se que no início das operações essa área irrigada fosse de 2000 m² (pouco maior que o município de São Paulo); ao longo dos séculos ela teria aumentado e hoje seria duas vezes maior.

A divisão do curso do rio em canal Interior e Exterior se dá primeiramente por uma estrutura chamada Boca de Peixe, que é na verdade o ponto extremo do Dique Diamante, uma pequena ilha de largura maior no seu ponto médio, reforçada com pedras em suas laterais. Depois de vertida para o canal Interior, a água que entrará no sistema de canais de irrigação é controlada pela Preciosa Boca de Garrafa, uma abertura estreita que recorta o leito de rocha firme e regula o volume do fluxo, mantendo-o sem grandes mudanças ao longo das estações. Para os períodos em que o nível da água do rio é alto, o volume de água que excede aquele que deve passar pela Preciosa Boca de Garrafa é desviado de volta para o sistema do rio Exterior. Esse desvio é feito pelo Vertedouro das Areias Voadoras, localizado no outro extremo do Dique Diamante, e é responsável por manter o nível de água que passa pela Preciosa Boca de Garrafa e por evitar que ela seja entupida por sedimentos, lama e areia, daí seu nome.

Todo o sistema sempre exigiu uma cuidadosa manutenção anual para que funcionasse propriamente, e estruturas temporárias bastante intrigantes chamadas *matzas* foram utilizadas para essa manutenção anual até tempos recentes. Os



OS MATZAS

acima Matzas em construção na entrada do Canal Interior, sendo a Boca de Peixe em primeiro plano
acima à esquerda face à montante do matza pronto. Notar o caminho de argila.

trabalhos começavam em novembro, com o início da construção do matza que serviria como barragem no canal Exterior. Até fevereiro, período de níveis mais baixos de água, o rio Min fluiria apenas pelo rio Interior enquanto o rio Exterior era mantido seco, e seu leito, suas margens e estruturas eram reparadas e reconstruídas. A partir de fevereiro e até abril, invertia-se a dinâmica: o matza do canal Exterior era removido e era construído no canal Interior, e enquanto as águas do Min fluíam apenas pelo canal Exterior, o leito e as estruturas do Interior podiam ser reparadas. De abril até novembro, o sistema funcionava com as águas fluindo pelos dois canais normalmente.

Os matzas eram estruturas que operavam como barragens e consistiam em uma sequência de dezenas de tripés de madeira, e eram também utilizados cestos de bambu com pedregulho, esteiras e cordas de bambu, pedras e argila. Os tripés eram fixos de forma linear, um por um, pelos cestos de pedregulho e pelas cordas, e revestido até meia altura pelas esteiras de bambu e preenchidos por mais pedras. Uma camada de argila é compactada junto à face de esteiras de bambu do tripé, formando uma passagem pedestre junto à barragem e

deixando a estrutura praticamente impermeável. Para a montagem do matza eram necessários em média 55 desses tripés de madeira para cada um dos canais Exterior e Interior.

A novidade de Dujiang Yan consistia em manter o nível das águas e das margens baixo, canalizando o rio ao invés de construir grandes diques em suas margens para conter a água, prática mais comum na antiguidade, estruturando canais que drenam e irrigam desde 256 a.C.

BOLSAS DE PEDRAS

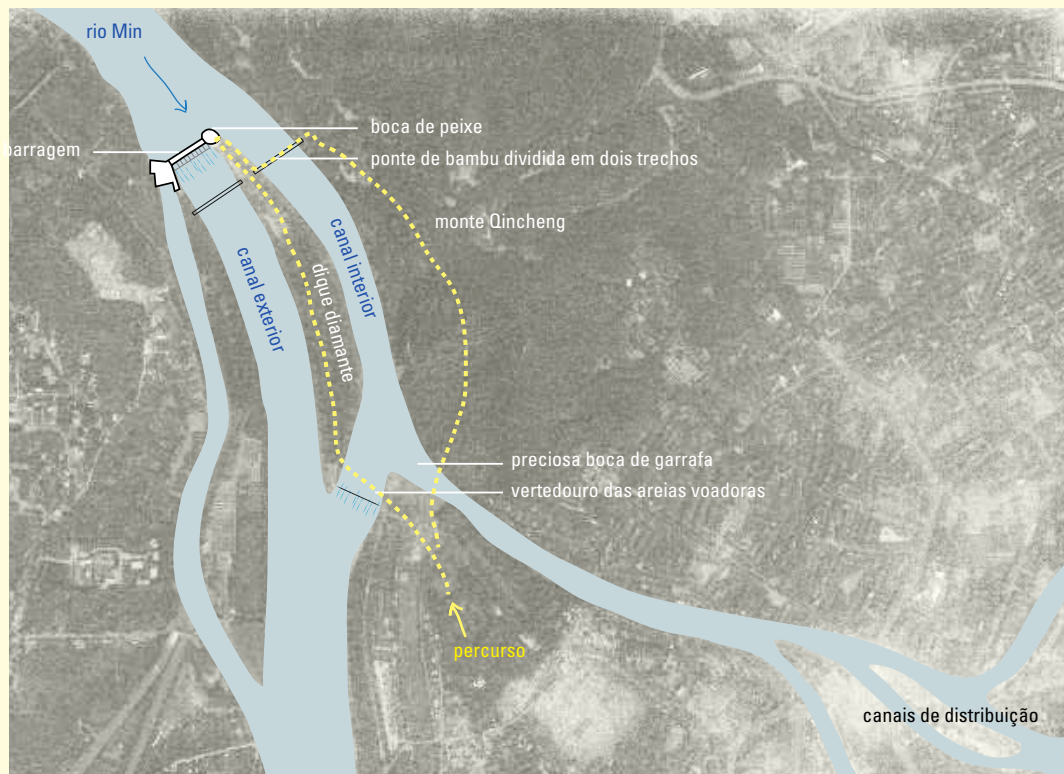
Bolsas compridas feitas de bambu e carregadas de pedras eram utilizadas no revestimento do leito dos canais como paredes de retenção. Eram posicionadas longitudinais ao canal, em forma de escada, como pode ser visto na fotografia.



Em dezembro de 2011 estive em Dujiang Yan, a cidade e o sistema de irrigação homônimos. Desde 2000 o local é listado pela UNESCO como Patrimônio Mundial, título que é motivo de grande orgulho por parte do governo e que move a curiosidade de milhões de chineses ao ano por visitar o local. As justificativas da Organização para o título são de que o sistema de irrigação Dujiang Yan é referência para o desenvolvimento do manejo e tecnologia das águas, funcionando perfeitamente há mais de 2000 anos, e de que o sistema ilustra o grande avanço da ciência e tecnologia alcançado na China Antiga.

Para chegar até lá, peguei um avião na cidade onde estava morando, Hangzhou, que fica próxima a Shanghai na costa leste da China, e voei até Chengdu, a capital da província de Sichuan, onde fica Dujiang Yan. O mesmo trajeto poderia ser feito de trem e levaria em torno de 30 horas. Em Chengdu, fui até a estação de trem e comprei o bilhete de 4 reais para viajar até Dujiang Yan, a 70 quilômetros e a meia hora de trem rápido de Chengdu. Às 11h da manhã cheguei à estação de trem de Dujiang Yan, de onde peguei um ônibus cheio cuja parada final era a praça de entrada do sistema de irrigação Dujiang Yan. Comprei o ingresso e entrei no complexo, e já não chovia mais como quando saí do trem na estação.

A parte principal do percurso de visita é pelo Dique Diamante, chegando até o mirante da Boca de Peixe e depois atravessando a ponte suspensa, a partir do Dique Diamante ao Monte Qincheng, na outra margem do canal Interior. O trajeto pelo Dique Diamante até chegar à Boca de Peixe pode ser feito a bordo de um carrinho elétrico, ao preço de 3 reais, já que é um leve alicate e em grande parte do caminho nem é possível avistar as águas dos canais. Essa foi inclusive uma surpresa: eu que estava acostumada apenas com esquemas, plantas e algumas fotos, estranhei a escala de todo o complexo, maior do que imaginava a ponto de não ser possível avistar água a partir de alguns pontos centrais do Dique, que a divide em dois. Fiz o trajeto a pé. Havia no percurso distrações como uma barraca que vendia apenas artigos temáticos de pandas, como chapéus de panda, pelúcias de panda, bolsas e pantufas de panda, já que Sichuan é considerada a província-mãe desses animais, com o maior número deles



VISTA SUPERIOR ESQUEMÁTICA ATUAL

Complexo central de Dujiang Yan, como o encontrei atualmente. Comparando com o anterior, notar a nova barragem e a divisão da ponte em dois segmentos.

criados em reservas da China. Quem vai a Sichuan não volta sem algum artigo de panda, é de se esperar que eles sejam vendidos em todas as partes, até no milenar Dique Diamante do sistema de irrigação Dujiang Yan.

Chegando mais perto da Boca de Peixe, no extremo norte do Dique, parei para observar o canal Exterior, à minha esquerda. Como era mês de dezembro, o canal estava seco. Mas o que segurava suas águas para manter apenas o canal Interno fluindo não era um matza temporário com seus tripés de bambu, mas sim uma barragem convencional fixa de concreto, na ocasião com todas suas comportas fechadas. A barragem substituiu o matza apenas na segunda metade do século xx, e mantém o canal Exterior seco até que acabe o período de águas baixas do rio, que toma todo o inverno. E agora o canal Interior é mantido irrigado durante todo o ano.

Depois de chegar até o mirante da Boca de Peixe e poder contemplar a primeira divisão das águas do rio Min do ponto de vista do próprio divisor, o visitante é convidado a atravessar a ponte suspensa sobre o canal Interior, alcançando sua outra



VISTA ATUAL DO COMPLEXO CENTRAL

Complexo central de Dujiang Yan visto a partir do Monte Qincheng. Dividindo os dois canais está o Dique Diamante, bastante elevado em comparação com aquele das fotos de meados do século passado. Notar a ponte em nível com o Dique, e a nova barragem no Canal Exterior.

margem no Monte Qincheng. Na realidade, quando estava percorrendo o Dique Diamante para chegar até seu extremo norte, a Boca de Peixe, dei falta da ponte. Eu sabia que na verdade a famosa ponte suspensa do centro do sistema de irrigação Dujiang Yan atravessava todo o rio, levando de uma margem do canal Interior até a outra margem no canal Exterior, passando por cima do Dique Diamante (ver foto p.19). Mas quando eu estava sobre ele, ponte nenhuma passava acima da minha cabeça e estranhei, até que vi que ela na verdade estava no mesmo nível que o Dique: em obras recentes, o Dique foi elevado de sua altura original para a construção da barragem do canal Exterior. Assim, a ponte que antes ligava as duas margens do rio, com 270 m de comprimento, agora está dividida em duas partes, a primeira com cabeceiras no Monte Qincheng e no Dique Diamante, atravessando o canal Interior, e a segunda atravessando o canal Exterior, com cabeceira no Dique e na outra margem no canal a oeste. A elevação do dique e construção da barragem permanente possibilitam um aproveitamento muito maior da água do rio, apesar de contrastarem com as opções estruturais menos impactantes de Li Bing.

Na ocasião da minha visita, ambas as travessias sobre o canal Exterior, uma pela ponte suspensa e outra pela passagem do topo da barragem estavam fechadas para visitantes. Em compensação a parte da ponte que atravessa o canal Interior se tornou a grande atração do passeio dos visitantes de Dujiang Yan. Ela não é mais de bambu, mas sim de madeira e seu funcionamento estrutural é aproximadamente o mesmo. Por ser suspensa e estar frequentemente cheia de passantes, balança consideravelmente e muitos eram obrigados a fazer pausas no percurso para se equilibrar, descansar, rir das dificuldades da travessia. Soando de alto falantes instalados ao longo da ponte, uma voz feminina dava boas-vindas à ponte suspensa e alertava os turistas que observassem as regras de travessia, que consistiam basicamente em não pular, correr ou balançar propositalmente a ponte, incomodando os outros passantes.

A ponte suspensa de Dujiang Yan é reconhecida como mãe das pontes dessa categoria na China. Durante séculos ela possibilitou a ligação entre leste e oeste nessa região, ou seja, entre a área que é hoje Sichuan e os povos do Tibet, atravessando o grande rio Min e estando sempre cheia de pessoas. Ela também foi vital para a periódica manutenção dos canais de irrigação, trabalho que hoje prescinde dela. Originalmente, ela apresentava sete vãos e se apoiava em três pontos, nas duas cabeceiras e no centro, por estruturas de alvenaria. Vinte cordas de bambu eram usadas na estrutura, sendo dez na base e cinco em cada lateral, estas estabilizadas por quadros de madeira de mesmo tamanho e peso. Hoje, a ponte, ou melhor, as duas pontes em que foram divididas a ponte original têm cada uma delas três vãos, e remetem visual e estruturalmente à antiga, apesar da interrupção central. “Original” é claro que implica uma discussão, já que ela teria sido destruída e reconstruída pelo menos em parte diversas vezes ao longo dos séculos por conta de cheias destrutivas do Min.

Saí de Dujiang Yan dividida entre sensações de permanência e de transformação. O sistema é aclamado pelo seu funcionamento perene, e de fato é um sucesso ao cumprir com seus objetivos e funções há mais de 2000 anos, mas minha visita havia despertado algumas inquietações sobre o que se mantém e o que se transforma e, mais inquietante







páginas anteriores ponte suspensa de bambu, em meados do séc. xx e atualmente.

à direita acima vista atual do Canal Exterior à ocasião da minha visita, quando estava mantido seco.

à direita abaixo vista atual da Boca de Peixe e Dique Diamante a partir da ponte suspensa sobre o Canal Interior. É possível ver os dois níveis do Dique: o antigo é aquele raso e plano, junto às águas, e o novo é esse que se eleva sobre o antigo, bem mais vertical, com árvores no topo.

ainda, sobre o significado dessas transformações. Mas para estudá-lo mais a fundo seria preciso olhar para diversos outros casos e aspectos da intervenção sobre o território na China hoje.

Minha visita durou aproximadamente 3 horas e à tarde peguei o trem para voltar para Chengdu. No dia seguinte, dentro do táxi no caminho até o aeroporto da cidade para pegar o avião de volta a Hangzhou, o taxista me perguntou que lugares consegui visitar no tão curto tempo que passei em Chengdu, já que a cidade teria vários imperdíveis para quem vem de tão longe. Apesar de eu ter de fato visitado um ou outro ponto turístico da cidade, citei primeiro Dijiang Yan. Ele respondeu “Dujiang Yan é chato! Não tem nada pra ver lá. Você devia ter ido à reserva dos pandas aqui de Chengdu, você foi ou não?”. Ainda bem que eu tinha ido, senão ele acharia

que eu sou realmente muito tola por ter vindo até Chengdu e perdido tempo com Dujiang Yan, e nem sequer visto um pandinha.

O controle das águas constitui uma cultura milenar que, por ser tão elementar, não em sua técnica mas em sua necessidade, muitas vezes acaba por passar despercebida em seus resultados, frequentemente considerados “naturais”. É possível que poucos habitantes da gigante Chengdu tenham ciência do papel estruturador que Dujiang Yan teve no desenvolvimento da região na antiguidade, e que a realidade atual deve muito a ele; mas, no final, o bom controle das águas não seria aquele tão “natural” ao território e à paisagem que é quase esquecido? Dujiang Yan recebe muitos visitantes por ano, mas não seria diferente se não fosse listado como patrimônio mundial pela UNESCO, e se o governo não estivesse lembrando a todos que Dujiang Yan é uma obra-prima do povo chinês? É possível que as águas estariam fluindo esquecidas e com o sucesso de sempre como construção do território.



YANGTZE ATENDE O NORTE

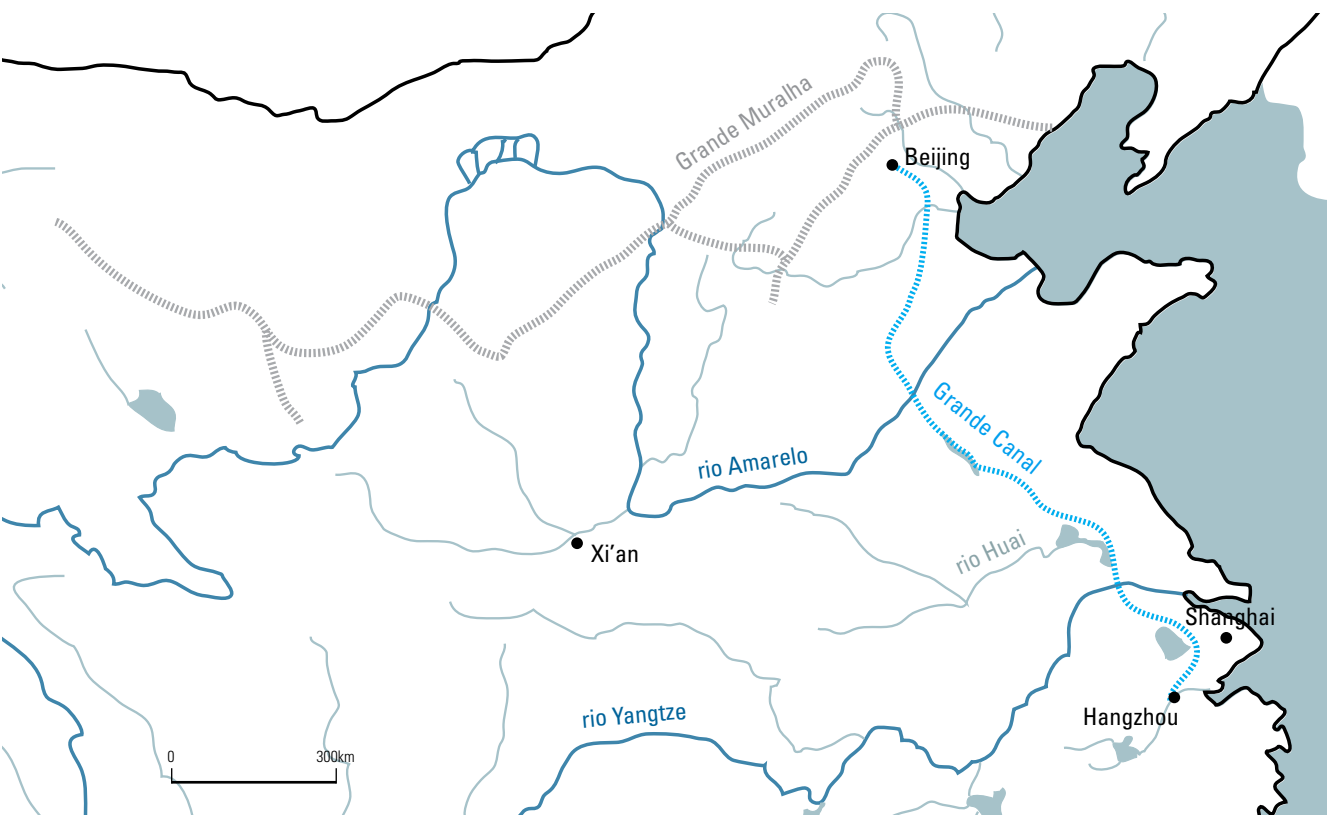
O GRANDE CANAL

Canais e muralhas, como yin e yang, são opostos correlacionados. O canal, de maneira yin, é cavado no solo e preenchido por água; a muralha ergue-se audaciosa de forma yang, exposta a sol e céu. Muralhas são destinadas a defender contra estranhos, a impedir o movimento, a dividir dentro e fora. Canais, por outro lado, são feitos para deslocar coisas e para conectar uma região com outra. A direção predominante da Grande Muralha é leste-oeste; a do Grande Canal, norte-sul.⁵

Na China, como já vimos, a direção oeste-leste é a direção dos grandes rios, das cadeias de montanhas e outros divisores do país que determinam Norte e Sul, e que são principalmente resultado da tectônica de placas. Mas uma outra barreira de mesma direção tem outra origem: no século III a.C., o imperador da dinastia Qin, que primeiro unificou a China, empreendeu a construção da Grande Muralha. A dinastia governou por pouco tempo, mas a obra grandiosa contribuiu para a longevidade e prosperidade da dinastia seguinte, a Han, que durou quase quatro séculos. A Grande Muralha representa uma primeira definição do que está dentro e fora da China, materializada por um limite militarmente defensável e imposta por um imperador que não economizou energia física de seus súditos para concluí-la.

Mas junto e contraposto à Grande Muralha, reconhecida por muitos hoje como símbolo da própria China, Slyke apresenta o menos célebre Grande Canal. Apesar da Muralha ser anterior ao Canal, são duas obras de dimensões e ambições monumentais, promovidas por dinastias que duraram pouco mas que se impuseram militarmente e intervíram estruturalmente no território. O Grande Canal foi promovido no século VI d.C. pela dinastia Sui, que como a Qin de oito séculos antes também impôs uma China unificada, e é tido hoje como o maior canal de transporte em funcionamento: mede 1794 km de comprimento e transporta anualmente mais de 260 milhões de toneladas de carga entre a capital de Beijing, no norte, e Hangzhou, na bacia do rio Yangtze. Por conta da topografia geral do país, com altitudes elevadas no oeste e mais baixas a leste, os grandes rios fluem direção oeste-leste até encontrarem o mar e, ao longo da história, facilitaram as

5. SLYKE, L. *Op. cit.*, p. 65



A MURALHA E O CANAL

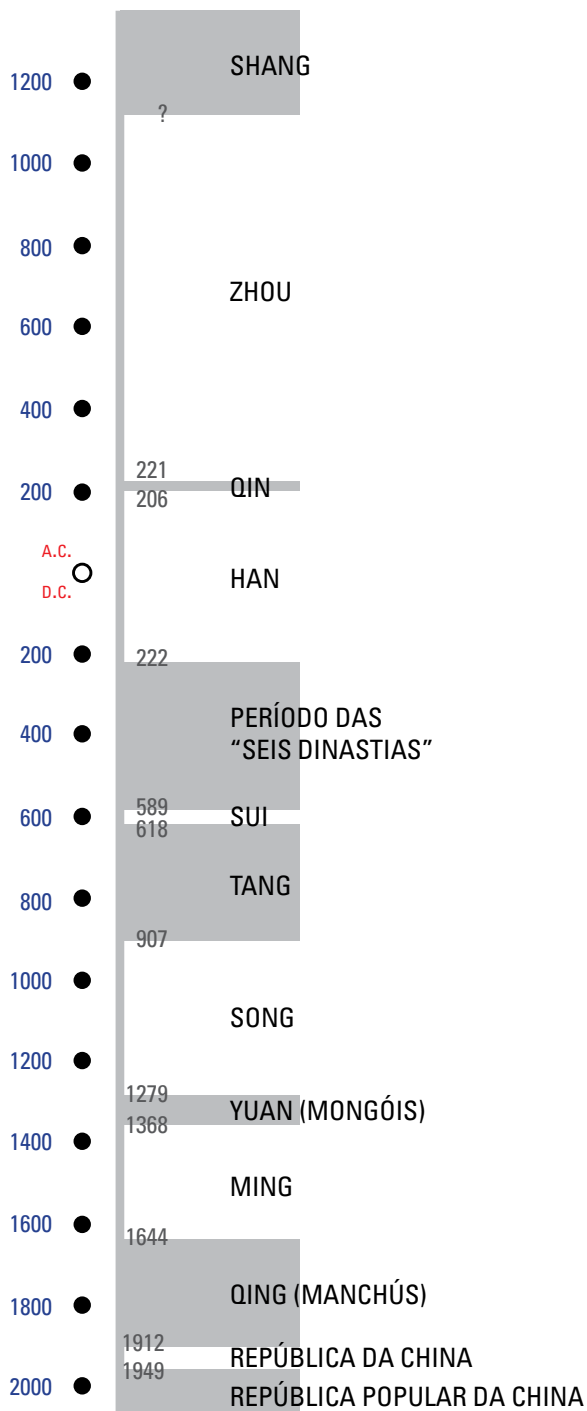
Configuração atual da Grande Muralha e percurso atual do Grande Canal. Ambos tiveram seus cursos modificados e expandidos ao longos dos séculos.

relações nessa direção. Já o contato norte-sul sempre encontrou barreiras, e o Grande Canal veio atravessá-las, constituindo um lugar de intercâmbio que impulsionou o crescimento das cidades às suas margens. Grande Muralha e Grande Canal são de fato opostos correlacionados: opostos pois a Muralha barra na direção leste-oeste, e o Canal vem conectar em norte-sul; correlacionados pois a natureza de um depende da do outro, vínculo que a história do Grande Canal vem explicar.

Com a queda da dinastia Han no século III, séculos de instabilidade e fragmentação se seguiram, e fragilidade militar possibilitou as tão temidas invasões a partir da fronteira norte. Um período de intensa migração de povos do vale do rio Amarelo ao norte para o sul, ao longo do vale do rio Yangtze, determinou condições favoráveis ao desenvolvimento dessa

CRONOLOGIA

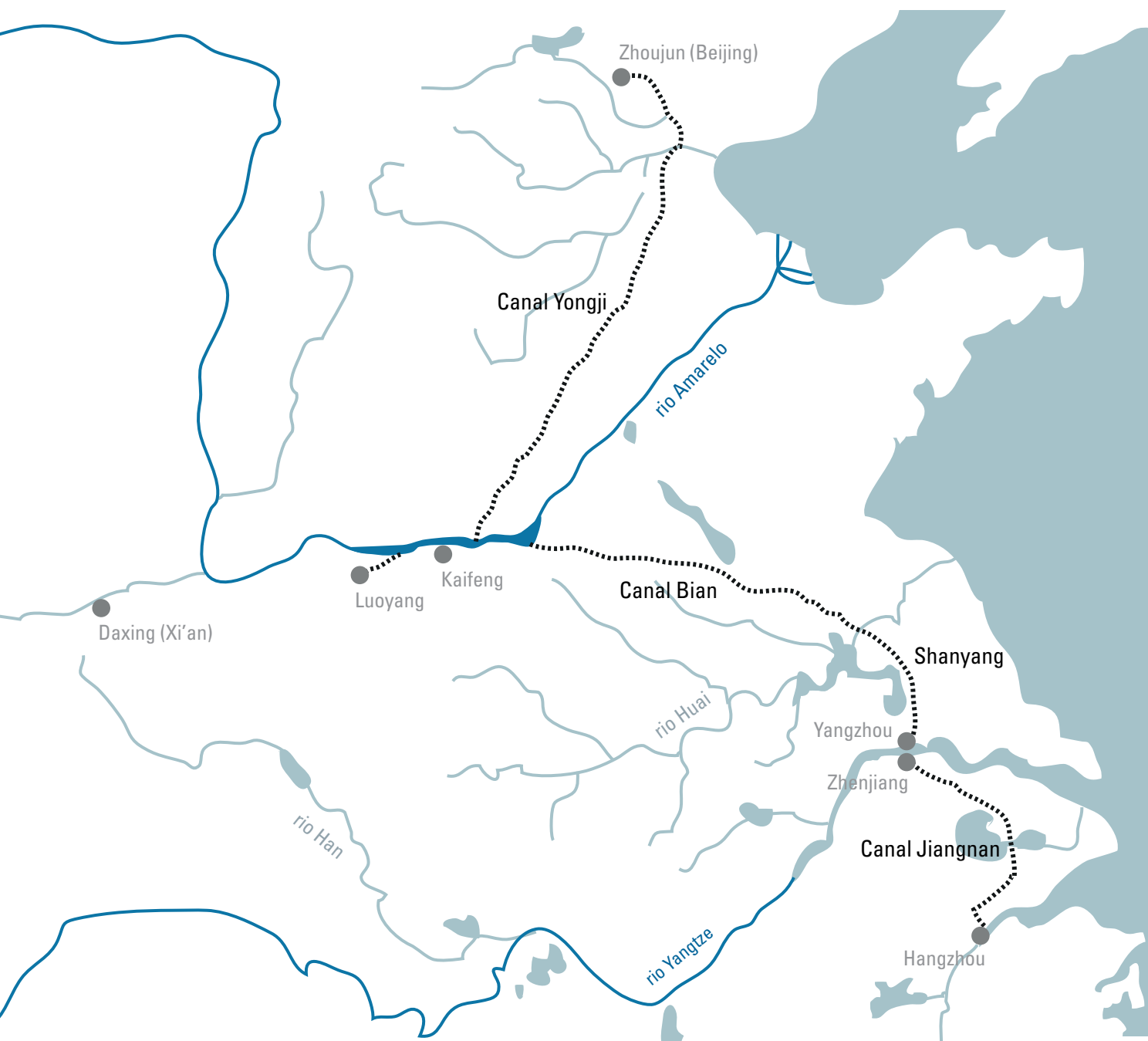
Períodos históricos e dinastias da China. Apenas muito recentemente a China deixou de ter um modelo dinástico de governo, com a revolução de 1911-12 e o estabelecimento da República. Os Han foram a dinastia mais longa dentre as que governaram uma China unificada. A dinastia Xia seria anterior à Shang, presente provavelmente até 1600 a.C.



região, mais especificamente da parte baixa do rio. Enquanto guerra e migração castigavam a região norte, o baixo Yangtze tinha maiores níveis pluviais, temporadas de cultivo mais longas e solo fértil, e no século VI já se reconhecia que o centro econômico da China tinha descido do norte ao sul, para o baixo rio Yangtze. Com mais mão-de-obra e condições desenvolvidas de produção, como os terraços inundados, intensificada cultura de arroz se estabeleceu e ali permanece até hoje.

A reunificação da China pela dinastia Sui na virada do século VI ao VII d.C. iluminou a lacuna entre seu centro político ao norte e o centro econômico que havia se estabelecido ao sul. Uma possibilidade para os Sui seria transferir a capital e sede do poder para o sul, mas muitas conjunturas eram desfavoráveis: pela tradição desde o Grande Yu, as capitais dinásticas se localizavam ao norte, junto ao rio Amarelo, onde as veneráveis ancestrais dinastias Qin e Han haviam estabelecido seus centros; a fronteira ao norte (Grande Muralha) era também a mais ameaçada, sendo perigoso se transferir para longe dela e diminuir o poder de vigília; ainda, administrar o exército responsável por essa fronteira seria dificultoso, e a distante fiscalização de suas atividades poderia abrir brechas para organizações paralelas e golpes. Mantendo-se então na região Norte, os Sui empreenderam as obras do Grande Canal para que os grãos do Sul, ou seja o arroz, chegassem até a capital. A necessidade de sustentar a tradição, de manter a fronteira norte da China e de se abastecer com produtos moveram a construção do maior canal do mundo.

O Grande Canal já foi na realidade muitos canais, já teve seu curso alterado e, como a Grande Muralha, foi reconstruído e expandido ao longo dos séculos. Mas algumas características geográficas permearam seu mais de milênio de existência: passando pelo rio Huai, que flui de oeste a leste como os outros grandes rio da China, o canal liga essencialmente o rio Yangtze ao sistema do rio Amarelo. De direção norte-sul e acompanhando a costa leste do país, a área onde o canal foi cavado é razoavelmente plana, e no total de seu percurso atual o canal se eleva apenas entre 30 e 40 metros, e numa região concentrada junto ao rio Amarelo. O rio Huai,



GRANDE CANAL DE 600 A 1300

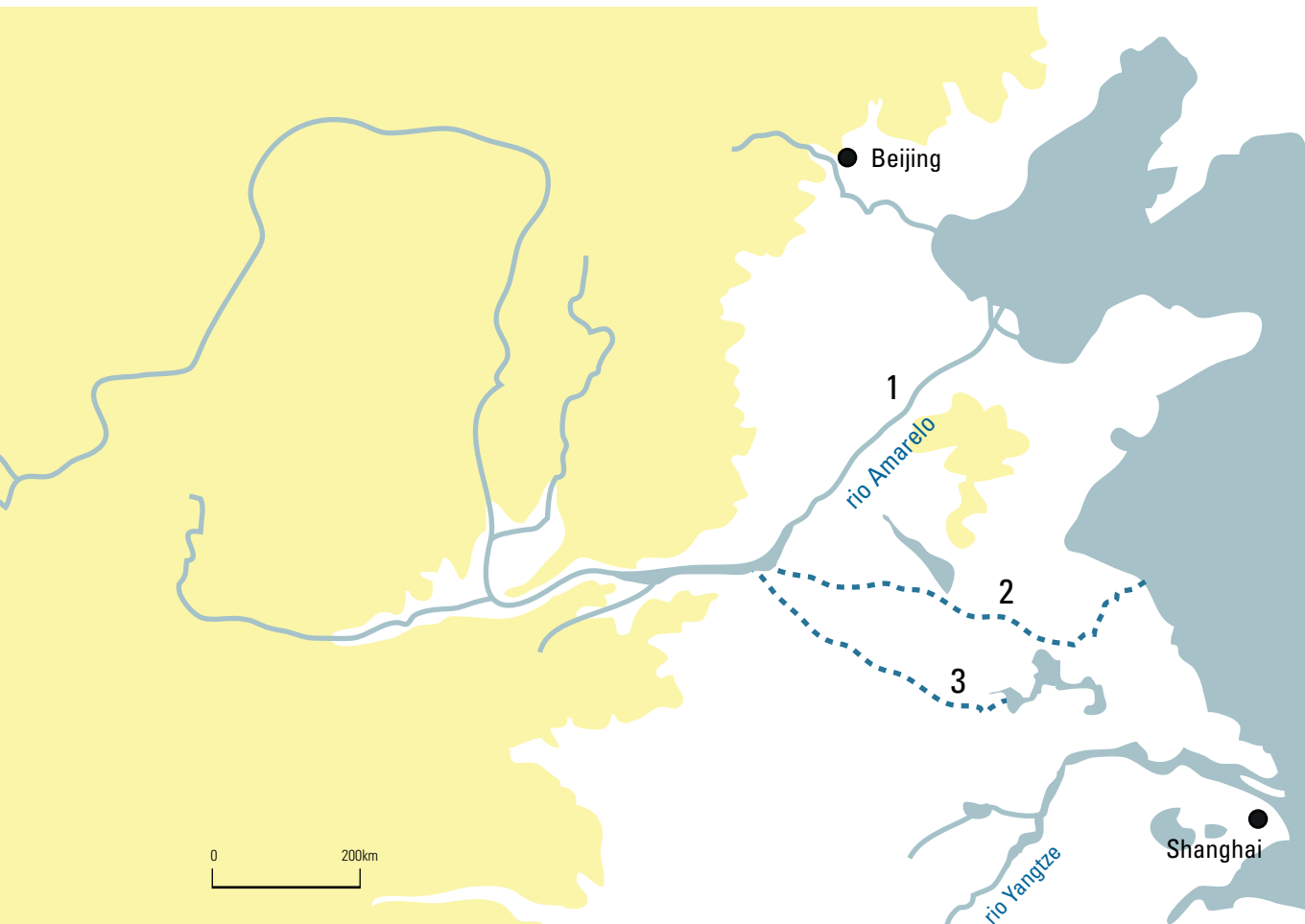
à esquerda primeiro trajeto mais consolidado do Grande Canal. Notar o curso nordeste do rio Amarelo.

pelo qual o canal cruza, é também provedor de água para o Grande Canal, escavado em uma área onde a característica aluvial do solo, ou seja, inconsolidada, formada por sedimentos, argila, areia e cascalho, é favorável.

Há evidências de canais muito anteriores aos Sui que percorreram trajetos bastante semelhantes aos posteriores, mas sem constituir um sistema unitário, e com objetivos primordiais de transporte de abastecimentos militares. De qualquer maneira, quando os Sui empreenderam a construção do primeiro Grande Canal, os canais de transporte, e não apenas de irrigação, já não eram novidade, e a reunificação da China sob seu poder demandava agora também a unificação do sistema de canais que trariam os produtos do sul. Durante a primeira década do século VII d.C., estima-se que em torno de 3 milhões de pessoas teriam trabalhado nas obras de construção do Grande Canal dos Sui.

O percurso desse “primeiro” Grande Canal pode ser dividido em quatro segmentos, de sul a norte:

1. **Canal Jiangnan**, com 350 km, que parte da cidade de Hangzhou, e chega até a margem sul do rio Yangtze junto à cidade de Zhenjiang;
2. **Shanyang**, ou Canal Yangzhou, com 320 km, que parte da cidade de mesmo nome, junto à margem norte do rio Yangtze, até o rio Huai;
3. **Canal Bian**, com 800 km, que percorre um curso de direção noroeste até Luoyang, junto ao rio Amarelo e ao Luo, seu afluente. Luoyang e Xi'an são tidas como capitais da dinastia Sui, e alcançar Luoyang era o principal fim do canal;
4. **Canal Yongji**, com 800 km, partindo de Luoyang em direção nordeste até um local junto à atual Beijing. Esse ponto final não era como hoje um centro político, mas militarmente importante. Comparado aos outros segmentos, este trecho é novidade por não se valer de precedentes, como os outros; também se singulariza por seu objetivo principal, não de abastecimento de grãos mas sim de expansão de poder político e militar às regiões mais ao norte. Por conta de sua localização, era gelado durante os invernos e portanto inutilizável, além de ter abastecimento de água mais problemático do que os outros trechos.



OS VÁRIOS PERCURSOS DO RIO AMARELO AO LONGO DA HISTÓRIA

O “sofrimento da China”, como também é conhecido o rio Amarelo, já percorreu diversos trajetos no seu caminho até o mar ao longo da história, e toda vez que seu curso naturalmente se instabilizou e se alterou, milhares de pessoas sofreram com as consequências. Os percursos 1, 2 e 3 do mapa na verdade representam muitos outros que passaram aproximadamente por esses três cursos. O 1 representa o trajeto atual do rio, apesar de que não são todos os anos em que ele consegue alcançar o mar, secando antes.

- | | | |
|------------------|----------------|----------------|
| 1. | 2. | 3. |
| de 11 a 1289 a.C | de 1324 a 1855 | de 1930 a 1947 |
| de 1855 a 1938 | | |
| de 1947 até hoje | | |

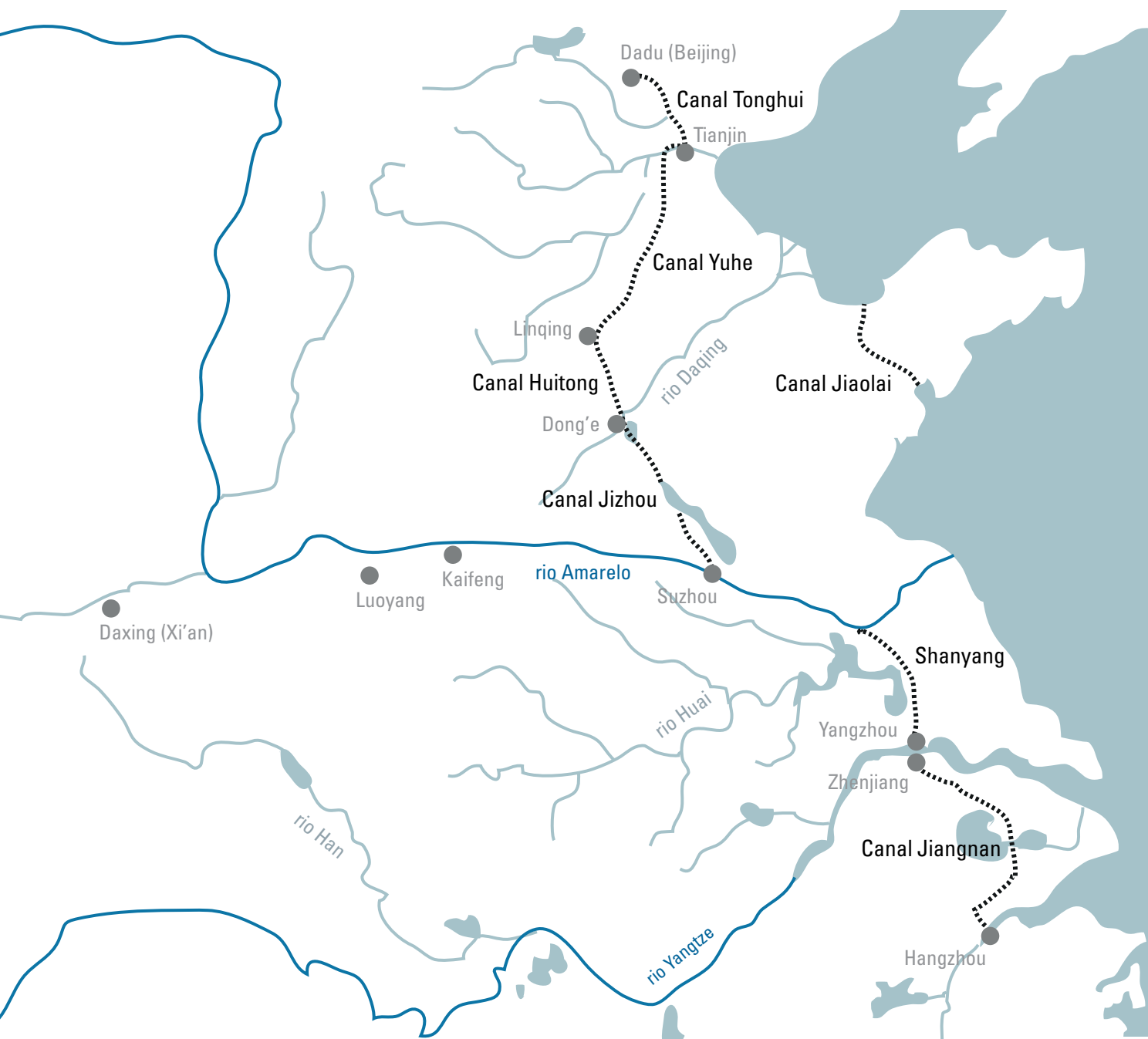
mais de 450m de altitude

Os Sui se mantiveram no poder por apenas três décadas e, assim como os breves Qin, também foram seguidos por uma dinastia longeva, a dos Tang, que governou por três séculos até o ano de 907. A principal capital dos Tang estava estabelecida em Xi'an, mas Luoyang foi mantida como capital secundária, sendo sua localização via Grande Canal mais acessível. Para alcançar Xi'an, a partir de Luoyang ainda seria necessário navegar um trecho do rio Amarelo e mais o canal Guangdong, construído para esse fim. Ele liga com dificuldade o ponto em que o rio Amarelo volta a fluir oeste-leste, depois de parte do seu curso que tem direção norte-sul, à capital Xi'an. Esse acesso problemático teria afirmado durante a dinastia Tang um dos motivos para que Xi'an deixasse de ser capital imperial. A dinastia seguinte, dos Song, moveu a capital um tanto a leste de Luoyang, até a cidade de Kaifeng.

O estabelecimento da dinastia Yuan em 1271 também alterou drasticamente o curso do Grande Canal. Essa é a dinastia fundada pelos mongóis, organizados pelo líder Genghis Khan, seguido de seu neto Kublai Khan, que após anos de investidas enfim conquistaram a então desmontada China e transferiram pela primeira vez a capital para Beijing. Essa mudança determinou o percurso do “novo” Grande Canal, construído durante a última década do século XIII, junto com outra grande alteração: o próprio curso do rio Amarelo, cujo trecho mais baixo fluía em direção nordeste até o ano de 1200, e agora encontrava o mar fluindo por um percurso totalmente distinto, direção sudeste. O curso do rio voltaria àquele nordeste 700 anos depois.

Um efeito imediato dessa alteração de curso foi a nova dinâmica hidráulica do Grande Canal, pois agora as águas do rio Amarelo e do rio Huai, combinadas, fluíam pelo Canal direção sul, para o Yangtze, inversamente à situação anterior. No trecho Shanyang, portanto, as embarcações passariam a navegar contra o fluxo da água, mas o novo curso do rio Amarelo também seria aproveitado como próprio trecho do Grande Canal. Os segmentos do Canal dos Yuan são portanto:

1. mantido a partir de Hangzhou até o rio Yangtze (Canal Jiangnan);



GRANDE CANAL DE 1300 a 1800

à esquerda trajeto modificado do Grande Canal. Notar a mudança de curso do rio Amarelo, agora fluindo sentido sudeste.

2.a partir do Yangtze até o novo curso do rio Amarelo, que antes era o baixo rio Huai. O percurso é o mesmo do canal Shanyang;

3.trecho de aproximadamente 300 km navegáveis pelo novo rio Amarelo;

4.**Canal Jizhou**, com 560 km, a partir do novo curso do rio Amarelo na altura da cidade de Suzhou até Dong'e, junto ao antigo curso do rio Amarelo, por onde água ainda fluía e era então chamado de Daqing. Esse trecho do Canal foi aberto sem todas as facilidades da geologia do antigo Grande Canal, tendo agora que atravessar as colinas de Shandong e vencer as novas alturas do leito do antigo curso do rio Amarelo, elevado mais 30 metros;

5.**Canal Huitong**, com 112 km, a partir de Dong'e até Linqing, onde o Canal passa a fluir pelo curso do rio Wei direção norte. Um problema contrário ao do trecho anterior teve que ser trabalhado e aperfeiçoado ao longo dos séculos: descer daquela elevação do antigo leito do rio Amarelo em condições seguras à navegação. Diversas comportas foram construídas, mas ao longo desse trecho o transporte por terra complementou e muito frequentemente se sobrepôs àquele via Canal;

6.**Canal Yuhe**, com 386 km, de Linqing até junto à atual Tianjin, continuando a fluir pelo aperfeiçoado rio Wei pelo curso do antigo Canal Yongji;

7.**Canal Tonghui**, com no total 140 km, num trecho curto de Tianjin até a atual Beijing mas com uma diferença de altitude de quase 30 metros. A dificuldade que apresentava fez com que o trecho fosse inutilizado durante décadas, e na dinastia Ming (1338-1644) o transporte via Canal nesse trecho teria sido substituído pelo via terrestre.

Em pleno funcionamento, 350 mil toneladas era uma quantidade média habitual de carga anual transportada pelo Grande Canal durante a dinastia Ming. Mas sustentar o Canal era custoso: sua dinâmica implicava manutenção e obras constantes dos leitos e comportas, que eram danificados pela natureza ou por ação humana, e das próprias embarcações. O processo de transporte dos grãos era complexo também pela administração governamental que a controlava, e só depois de muito tempo e muitas etapas, de trocas de tripulações das embarcações, de travessias por eclusas e contratempos

inesperados é que os grãos alcançavam a capital. Estimativas calculam que quantidades de 50% a 80% maiores do que aquela que deveria chegar ao seu destino final eram inicialmente carregadas, já sendo esperado sua significativa diminuição ao longo do trajeto.

Frente às dificuldades do percurso do Grande Canal, uma alternativa marítima foi proposta ainda pelos Yuan, mas problemas como despreparo da tripulação e pirataria fizeram surgir uma outra possibilidade: o Canal Jiaolai, que corta a península de Shandong e encurta rotas marítimas. Apesar de promissora, essa alternativa nunca alcançou muito sucesso, em parte pelo êxito das obras da seguinte dinastia Ming para manter a rota interna do Grande Canal funcionando e pelo seu desinteresse em transferir essa rota para o mar, já que todos os esquemas ilícitos e corruptivos que estavam bem instalados ao longo de todo o Canal seriam inviabilizados num percurso via marítima.

Seguiu então durante a dinastia Ming e Qing esse funcionamento condicional do Grande Canal, levando pesadas cargas até a capital mas ainda numa condição abaixo do potencial, e sob um sistema incontrolável de corrupção administrativa que no ano de 1800 teria desviado 90% da renda destinada à manutenção do Grande Canal, sendo apenas 10% utilizada para seus fins lícitos de investimento. O século XIX marcou uma grande crise do Grande Canal: com a situação administrativa da rota já complicada, a grande rebelião de Taiping com mais de estimados 25 milhões de mortos veio abalar o governo dos Qing, junto ainda de inundações severas do rio Amarelo que desestruturaram todo o trecho central do Grande Canal; impactos sociais e ambientais causados pelo Canal principalmente nesse trecho foram de um prejuízo inestimado, como o bloqueio dos sistemas naturais de drenagem do solo sentido leste e submissão de milhões que viviam na região do rio Huai a períodos de inundações, destruição e fome. Depois da sucessão de cheias, o rio Amarelo voltou em 1855 ao seu curso nordeste de antes dos Yuan, e a rota marítima, que era antes complicada, agora não enfrentava aqueles antigos impedimentos para ser utilizada. A partir de meados do século XIX, então, até a fundação

da República Popular da China em 1949, o Grande Canal viveu um século de negligência que praticamente o inutilizou, excluídos os trechos Jiangnan e o canal Shanyang, os mais próximos do rio Yangtze.

A partir de 1949 novas metas que competiam ao planejamento territorial foram propostas num cenário de mudanças políticas estruturais, e desde então veio aumentando o investimento para que o Grande Canal voltasse a operar como via arterial da nação. Os esforços obtiveram relativo sucesso, principalmente em trabalhar os já secos trechos ao norte e explorar todo o potencial dos trechos do sul. Hoje, a carga anual transportada pelo Grande Canal é em média de 260 milhões de toneladas, o equivalente a aproximadamente 1 milhão dos maiores containers do mercado por ano. É claro que a carga também mudou de perfil, sendo agora mais variada e com os grãos deixando de ser o principal produto a ser transportado. E atualmente os chineses estão trabalhando para tornar a própria água a principal carga carregada pelo Grande Canal, num projeto de longo prazo já em andamento, o Transferência de Águas Sul-Norte.

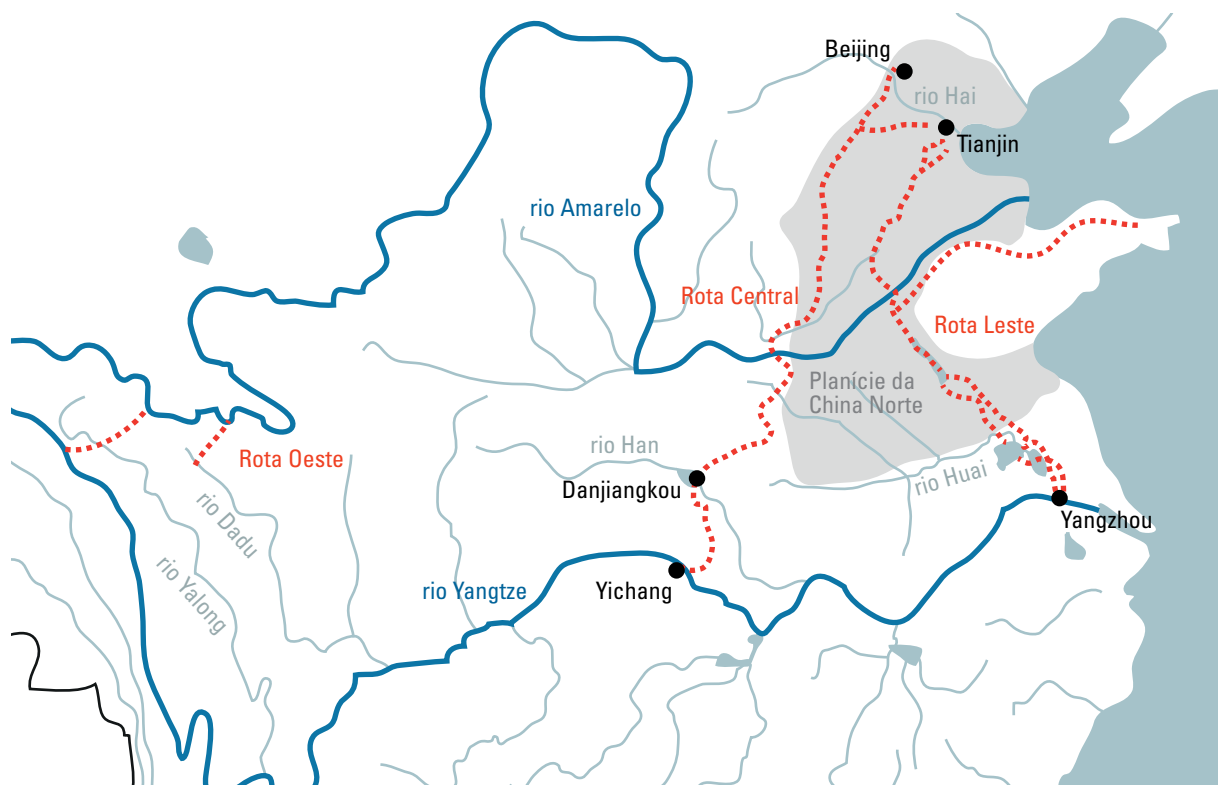
TRANSFERÊNCIA DE ÁGUAS SUL-NORTE

Na China, a distribuição desigual de água como um problema geológico e climático foi sempre conhecida, sendo de forma geral a região sul mais bem irrigada por rios e chuvas do que a região norte, onde a quantidade reduzida de rios e longos períodos sem chuvas e de invernos rigorosos a caracterizam como região seca. Mas nas últimas décadas essa desigualdade passou a ser também um problema de natureza econômica, agravado principalmente na Planície da China Norte, com área de aproximadamente 400 mil km². Sendo uma das regiões com maior densidade populacional do mundo, seu rápido crescimento econômico e industrial exploraram as reservas ao máximo e é hoje reconhecido como grande causa do estado de alerta em que se encontra com relação à escassez de água: projeções estimaram que se nenhuma medida fosse tomada, em 2030 as cidades da Planície estariam totalmente secas e sem abastecimento, incluindo

Beijing e Tianjin, juntas com uma população de 33 milhões de pessoas. Um certo ponto da cidade de Shijiazhuang, a 300 quilômetros a sudoeste de Beijing e com 10 milhões de habitantes, foi identificado como aquele em que o nível do lençol freático é o mais baixo de toda a cidade, onde seria necessário perfurar mais de 150 metros para alcançá-lo, sendo que num passado pouco distante ele estava a apenas 3 metros da superfície. No geral, o consumo per capita de água do país é apenas 25% da média mundial e sem expectativa de elevação, com os reservatórios diminuindo e a população aumentando.

O crescimento que protagonizou essa seca não pode parar, mas está sendo ameaçado pelo próprio efeito que causou, e para reverter essa situação os chineses estão trabalhando em uma obra que teria sido pela primeira vez sugerida pessoalmente por Mao Zedong: de maneira simples, emprestar as águas do sul, e na realidade, o maior projeto de controle de águas do mundo, a Transferência de Águas Sul-Norte. É claro que a situação em que Mao teria sugerido o “empréstimo” na década de 60 enfrentava problemas distintos dos atuais, mas no geral atentava para a necessidade de reservatórios de água que sustentassem todo o desenvolvimento pretendido para a região norte da China: já prevendo a insuficiência hídrica da região para o sucesso do crescimento, Mao teria afirmado que não seria mal se as abundantes águas do sul pudessem servir também a região norte. Trinta anos depois, num cenário envolto de previsões mais alarmantes do que se podia antes imaginar, o projeto da Transferência de Águas Sul-Norte começou a ser posto em prática, sendo que hoje já está em andamento e com trechos em funcionamento.

A transferência é planejada para levar águas por três rotas, sendo cada uma delas um complexo projeto à parte: a Rota Oeste, a Rota Central e a Rota Leste, partindo respectivamente da nascente, do médio e do baixo Yangtze, e se conectando com o rio Amarelo, rio Hai e rio Huai, principalmente, formando uma teia de quatro grandes rios longitudinais e três rotas transversais. A Rota Oeste é a menos avançada e mais controversa, e nem há garantias de que será implantada em sua integridade, tendo em vista as dificuldades técnicas que se propõe a enfrentar. A Rota seria



ROTAS DA TRANSFERÊNCIA DE ÁGUAS SUL-NORTE

implantada no sudeste do Planalto do Qinghai-Tibet, onde os rios Yangtze e Amarelo ainda fluem próximos um ao outro, junto às suas nascentes. Ali, o rio Yangtze ainda leva outro nome, Tongtian, e receberia uma barragem para desviar água para o rio Yalong, um afluente do próprio Yangtze. No Yalong, por sua vez, também seria construída uma barragem, e suas águas combinadas com aquelas vindas do Tongtian seriam transferidas para o rio Amarelo. A Rota Oeste ainda contaria com a transferência de águas a partir do rio Dadu, afluente secundário do rio Yangtze e onde seria implantada uma terceira barragem, para até o rio Jiaqu, afluente do rio Amarelo.

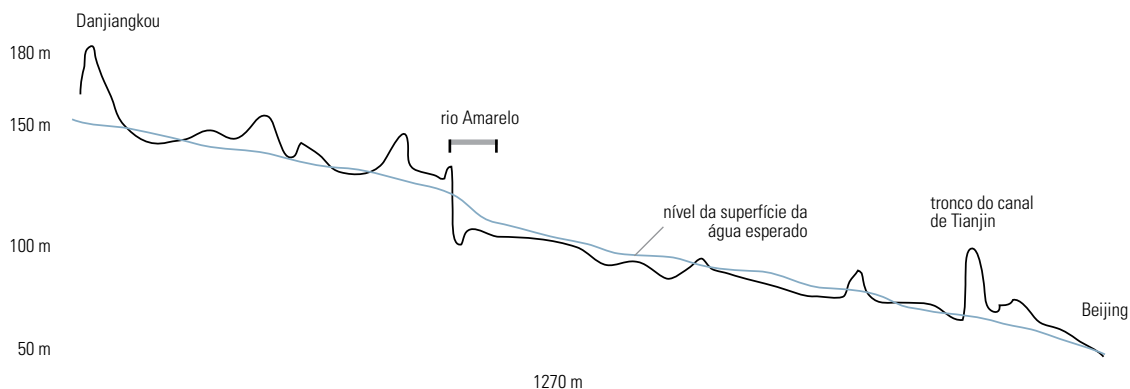
As principais dificuldades de execução dessa Rota são as diferenças de altitude entre os vários pontos de implantação das obras, já que a região é caracterizada por formações geológicas complexas e cadeias montanhosas, como a Bayan Har entre o rio Yangtze e o Amarelo. Apesar de não ter que

lidar com áreas densamente ocupadas e grande reassentamento de pessoas, as obras envolveriam construção de barragens altas em terreno de atividade sísmica frequente, que é como se caracterizam as regiões da China próximas aos Himalaias, justamente onde é proposta a Rota Oeste. Se um dia concluída como o planejado, essa Rota transferiria anualmente em torno de 20 bilhões m^3 de água, sendo 10 bilhões a partir do rio Tongtian e 5 bilhões de cada um dos rios Yalong e Dadu. De acordo com os projetos preliminares, as águas desviadas atenderiam regiões das províncias de Qinghai, Gansu, Shaanxi, Shanxi e as regiões autônomas de Ningxia e da Mongólia Interior.

A Rota Central já está com suas obras em andamento há mais de 6 anos e atravessa a China por 1270 km. O ponto de partida é o reservatório da barragem de Danjiangkou, construída em 1958 no rio Han, um dos principais afluentes do rio Yangtze. Um plano a longo prazo traz esse ponto de partida ainda mais para o sul, para o próprio Yangtze, mas enquanto ele ainda não é implementado, o trabalho se concentrou na expansão do reservatório de Danjiangkou, que já era um dos mais volumosos do continente asiático. Para aumentar a capacidade do reservatório e responder à quantidade de água necessária a ser transferida para o norte, a barragem de Danjiangkou teve de ser elevada em 12 m, passando de uma altura de 164m para 176m, e a média do nível da água represada passou de 157m para 170m de altitude.

PERFIL DA ROTA CENTRAL

A água transferida pela Rota Central chega até Beijing praticamente apenas por gravidade, sendo a travessia do rio Amarelo o grande desafio geológico do curso.



A partir de Danjiangkou, as águas da Rota Central cruzam 39 ferrovias e 205 rios para alcançar as cidades de Beijing e Tianjin na Planície do Norte da China, e é esperado que em 2030 sejam transferidas pela Rota mais de 12 milhões de m³ de água por ano. Uma característica favorável dessa Rota é a topografia, já que a água é transferida predominantemente por gravidade, não sendo necessários custosos sistemas de bombeamento. O que teria saído custoso, na verdade, é a obra de travessia do canal principal da Rota pelo rio Amarelo, que, junto com a obra de elevação da barragem de Danjiangkou, constituem as duas grandes obras emblemáticas da Rota Central. A princípio foram cogitadas duas opções para a passagem do canal pelo rio Amarelo: ou em forma de aqueduto, cruzando por cima, ou de túnel, que cruzasse o rio sob o seu leito. O túnel foi considerado mais apropriado por estar menos submetido às condições inconstantes do rio Amarelo, e suas obras começaram na mesma semana de setembro de 2005 que as da elevação de Danjiangkou. A perfuradeira alemã utilizada, com cabeça de 9 metros de diâmetro, perfurou no solo amarelo um túnel que conforme era escavado era também imediatamente revestido com peças de duto de concreto pré-moldado. No final, o túnel de 7 metros de diâmetro interno cruzando sob o rio Amarelo não deixou a desejar em termos de escala, custo e dificuldades de execução.

TRAVESSIA DO RIO AMARELO

Túnel perfurado em construção sob o leito do rio Amarelo.

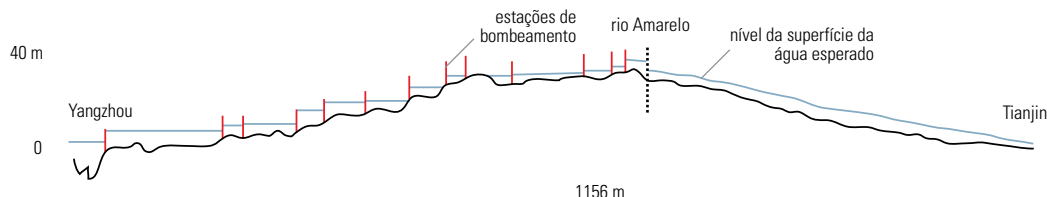


Em seu trajeto final, o canal principal da Rota Central ganha um braço de 154 km que transfere parte das águas para Tianjin; o destino do canal principal um lago de Beijing, um dos principais pontos turísticos da cidade. É esperado que a Rota Central seja responsável pelo abastecimento de água de uma área de 155,000 km², para uso municipal e industrial de Beijing e Tianjin, e com algum aproveitamento de regiões das províncias de Hebei, Henan e Hubei, por onde a Rota Central passa. Diferente da área da Rota Oeste, onde há pouca ocupação com que o governo precisa se preocupar em reassentar, desta vez a Rota cruza populosas províncias da China Central, e até 2014 é esperado que mais de 470 vilarejos em Hebei, Henan e Hubei sejam submersos. Já foram removidas de uma área aproximada de 310 km² mais de 220 mil pessoas, e reassentadas em outras regiões que não suas originais, principalmente ao longo do médio e baixo rio Han e do canal principal da Rota na província de Henan.

A Rota Leste é o próprio encontro dos esforços recentes de recuperação do Grande Canal com as intenções de transferir águas do Yangtze para o Norte. O canal principal da Rota é o próprio Grande Canal reabilitado para cumprir essa nova função de drenagem, mas ainda mais 740 km de rotas subsidiárias darão apoio ao canal principal ao longo de seus 1156 km de extensão. Nem todos os trechos do Grande Canal serão aproveitados para constituir a Rota Leste, mas ela parte de um terreno já muito mais conhecido e explorado do que aqueles das outras duas Rotas, sendo que 90% da extensão do canal principal fará uso de canais e outras estruturas já existentes. Apesar disso, serão necessárias 13 estações de bombeamento no trecho entre o rio Yangtze e a margem sul do rio Amarelo,

PERFIL DA ROTA LESTE

A água é transferida com a ajuda de estações de bombeamento. A partir do rio Amarelo, a água desce por gravidade até Tianjin.



já que diferente da Rota Central em que a água alcançava a região Norte com a gravidade a seu favor, na Rota Leste uma elevação de mais de 40 metros exige que as águas sejam bombeadas para cima, em etapas. A água só fluirá por gravidade até Tianjin, o destino final da Rota, depois de cruzar o rio Amarelo de maneira análoga à da Rota Central, com a perfuração de dois túneis sob o leito do rio. Espera-se que, até 2020, 15 bilhões de m³ de água por ano sejam transferidos para Tianjin e arredores, prioritariamente, e para regiões das províncias de Jiangsu, Anhui, Shandong e Hebei por onde a Rota Leste cruza. Shandong, em especial, será ainda abastecida pelo canal Jiaodong, que parte do canal principal da Rota Leste e cruza a província de oeste a leste, e estima-se que mais de 70% de sua área seja abastecida por esse projeto.

No total, o valor investido pelo governo chinês em todo o projeto de Transferência de Águas Sul-Norte não é menor do que 60 bilhões de dólares, a quantidade de água transferida anualmente após a conclusão das obras seria de 45 bilhões de m³, e calcula-se que mais de 330 mil pessoas tiveram que ser removidas de suas casas e reassentadas em outras localidades. Ainda incompleto, já é o maior e mais ambicioso projeto de controle de águas do mundo.

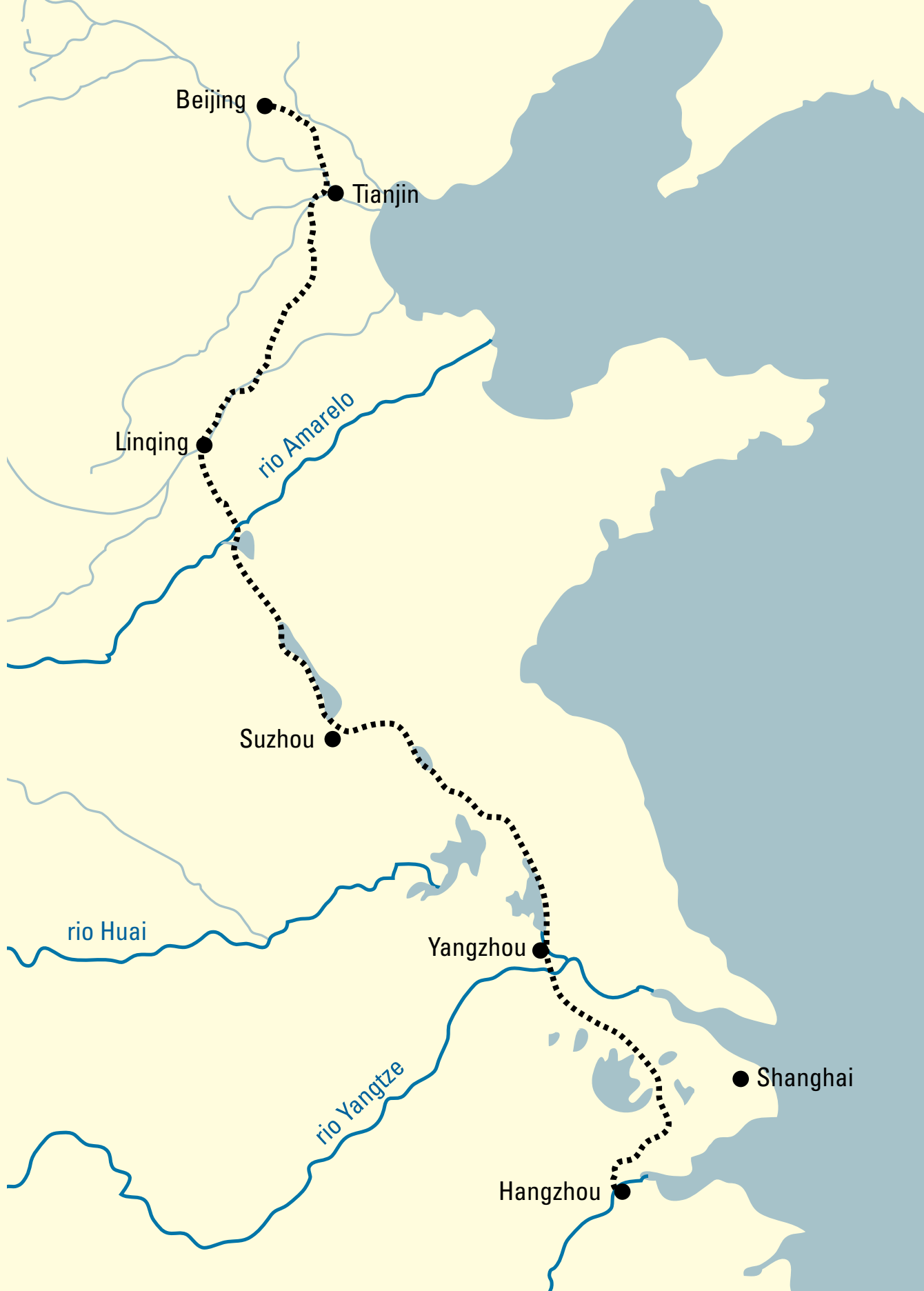
O Museu do Grande Canal abriu oficialmente na Praça do Grande Canal em Hangzhou no ano de 2007, apesar de ter iniciado suas atividades já em 2002. Ele veio marcar a nova era que o governo chinês vem reservando para o Canal. Visitei o Museu num dia de outubro de 2011, durante o semestre em que eu estava vivendo em Hangzhou, para descobrir que sua exposição fala mais do futuro que do passado.

No hall de entrada, um mural esquematiza os grandes e antigos canais do mundo em forma de traços vermelhos proporcionais às suas extensões, menos para informar do que para dar destaque ao Grande Canal: seu traço está no topo do mural, por ser o mais antigo, e o seguinte em comprimento é o três vezes menor canal Erie, nos Estados Unidos. A sala seguinte expõe algumas fotos do Canal no início do século xx, reproduções de pinturas que retratam o Canal, alguns objetos encontrados em escavações das suas margens. E seus mais de 1300 anos de história não vão muito além disso no Museu do Grande Canal. As salas seguintes vêm contar a história que as autoridades chinesas querem traçar para o Canal hoje, num momento de encontro de dois motivadores em especial: a situação de seca em Beijing e em toda a região Norte do país, como já foi visto, e o evento decisivo que as Olimpíadas de 2008 representou para a China.

Como geralmente acontece nos países que sediam os Jogos Olímpicos, os anos que antecederam 2008 marcaram uma corrida para a conclusão das mais diversas obras na China, mas com algumas especificidades: desde as Reformas da década de 80, o mundo já tomava consciência das transformações e do gigante urbano e econômico em que o país estava se tornando, mas as Olimpíadas eram o grande evento em que a China poderia oficialmente mostrar seus feitos para o mundo; apesar de apenas sua capital Beijing ser a sede, não só os projetos diretamente relacionados aos jogos recebem investimentos e reforços extras para serem finalizados. Todas as grandes cidades se mobilizaram para contribuir para aquela gloriosa China que todos viam pela televisão e eventualmente visitariam, empreendendo projetos e “melhorias” de seus espaços.

GRANDE CANAL HOJE

página seguinte o percurso atual do Grande Canal. A partir de Linqing sentido norte o nível da água é muito baixo e o leito é seco em vários trechos, mas já estão avançando para recuperá-lo. O trecho mais ao sul é profundo e largo, sempre movimentado.



Beijing

Tianjin

Linqing

rio Amarelo

Suzhou

rio Huai

Yangzhou

rio Yangtze

Hangzhou

Shanghai

A Grande Muralha já vinha sendo afirmada como símbolo da potência chinesa e de sua antiguidade ao longo do século xx, com o empreendimento de várias obras de reformas de trechos dela mais próximos a Beijing; mas o Grande Canal, ainda ao final do século apresentava grandes partes de seu percurso em completo abandono, ou mesmo praticamente secos. Com as Olimpíadas no calendário, os chineses encontraram mais uma razão para retomá-lo. Além de ser apto a transferir as águas do Sul para o Norte, o Canal seria outra obra “antiga” e magnífica que, como a Grande Muralha, poderia ser exibida como orgulho do povo chinês. A cidade de Hangzhou é reconhecida entre os chineses como uma das mais bonitas do país, se não a mais, e inspira forte vocação turística; o Grande Canal inicia seu longo percurso rumo ao Norte a partir de Hangzhou, e como comprometimento da cidade com a boa imagem da China a ser transmitida via Olimpíadas, a renovação do Grande Canal foi uma de suas principais empreitadas.

E não é à toa que o Museu do Grande Canal foi aberto oficialmente em 2007 em Hangzhou, e que encontrei nele tantos planos para seu futuro. Nos painéis li que Hangzhou havia sido pioneira dentre as cidades que o Grande Canal cruza a investir em suas obras de renovação, e que medidas de proteção ao Canal como patrimônio nacional eram urgentes. Faz parte dos planos das autoridades chinesas que o Grande Canal seja listado como patrimônio mundial pela UNESCO, título que ainda não conseguiu conquistar, mas que entraria para o conjunto de projetos “verdes” empreendidos pelo país — que no cenário atual está considerando que quanto mais deles, melhor. O crescimento urbano e econômico da China vem sendo cada vez mais pressionado mundialmente por mudanças em suas políticas relacionadas ao meio ambiente, e ter um Grande Canal como símbolo de “alternativa verde” de transporte de cargas de longa distância e de estruturador da paisagem urbana “sustentável” nas cidades por onde passa é uma estratégia acima de tudo política. E o Museu do Grande Canal em Hangzhou vem evidenciar especialmente esse caráter. Em um dos painéis, depois de lembrar as antigas glórias do Grande Canal, diz-se que

但近百年来，
由于自然变迁，
人为被坏和保护不力，
京杭大运河逐渐衰败，
昔日繁华缺失，
人文景观湮没，
水质污染严重，
尤其是运河北方段
已完全断流。
大运河的整治与保护，
已迫在眉睫。

大运河哺育了
沿线几十个大大小小
如明珠般璀璨的城市。
近年来，
这些城市纷纷意识到
保护大运河的重要性和
深远意义，
一场拯救大运河的绿色行动
在神州大地上
轰轰烈烈地展开。
在这保护的城市群中，
位于大运河最南端的杭州市
是开风气之先者，
也是成效卓著者。

Mas, durante o último século,
devido às transformações das dinâmicas naturais,
à degradação causada pelo homem e
às medidas ínfimas de proteção,
o Grande Canal foi gradualmente entrando em declínio
e perdeu a efervescência de antes:
sua paisagem cultural foi negligenciada
e suas águas severamente poluídas,
especialmente no trecho norte do Canal,
já completamente seco.
A renovação e proteção do Grande Canal
já é extremamente urgente.

Ao longo de suas margens, o Grande Canal alimentou
numerosas e prósperas cidades.
Nos últimos anos,
essas cidades vêm uma a uma tomando consciência
de que a preservação do Grande Canal tem
grande importância e é profundamente significativa,
e o movimento verde de resgate do Grande Canal
tem se desenvolvido vigorosamente
sobre a Terra Divina. [nome poético da China]
Entre essas cidades unidas pela preservação,
situada no extremo do trecho sul do Canal
está Hangzhou,
a primeira a começar uma prática comum
e com resultados magníficos.

Mas por trás dessa “operação verde” de recuperação do Grande Canal está um problema de ordem contrária. Em grandes trechos de seu percurso, renovar o Canal significa habilitá-lo como canal principal da Rota Leste do projeto de Transferência de Águas Sul-Norte, que tem sido criticado dentro e fora da China por transferir águas impróprias para uso humano. Especialmente a Rota Leste é apontada como problemática, já que entre as Rotas é a que parte do ponto mais baixo do rio Yangtze, e conseqüentemente mais poluído: naturalmente, sendo uma característica dos rios serem mais poluídos na foz do que na nascente, depois de fluírem por longos percursos, e também artificialmente, já que às margens do baixo Yangtze estão grandes e industrializadas cidades, cujo crescimento, assim como no Norte, exploraram intensamente recursos hídricos. O problema é que no Norte as águas foram exploradas até secarem e, no Sul, onde não faltam, até atingirem graus críticos de contaminação.

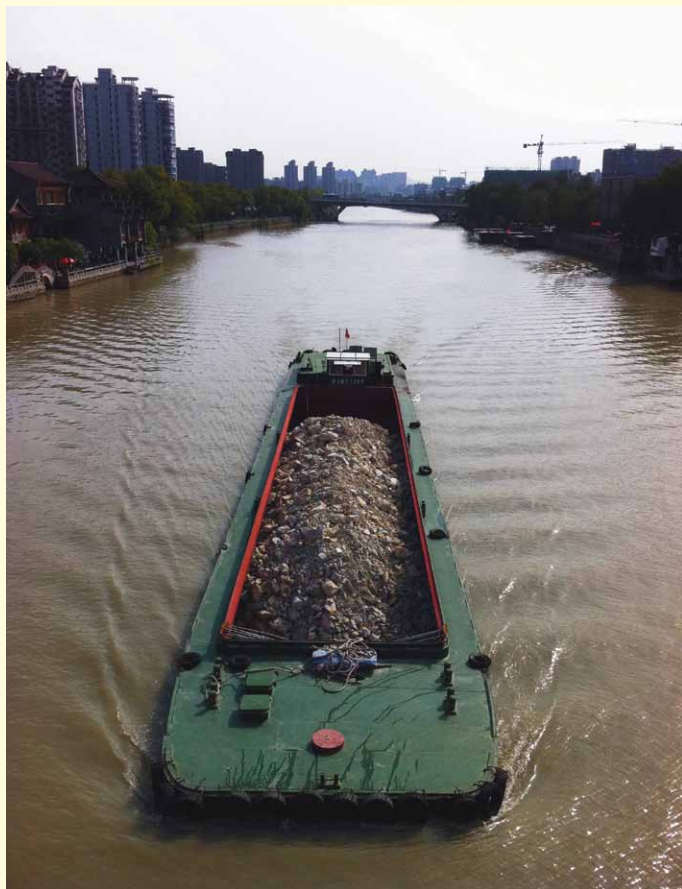
Investimento provincial tem dirigido projetos de tratamento de água a ser divertida pelo projeto de Transferência: 2,5 bilhões de dólares apenas pelas províncias de Hebei e Jiangsu, que prevêm, juntas, 160 projetos de controle de poluição de água, e mais 103 estações de tratamento de esgoto urbano só em Hebei. Apesar do governo reforçar que muitos esforços bilionários estão sendo feitos para limpar as águas e que resultados positivos já tem sido alcançados, o clima é de desconfiança. Beijing espera com muita expectativa as águas da Transferência, mas diante dos primeiros resultados pouco animadores do projeto, alternativas como a desalinização de água do mar estão sendo estudadas. E não apenas a qualidade da água transferida está sendo contestada, mas também a grande quantidade de pessoas que as obras das Rotas Central e Leste removeu de suas casas, em áreas que seriam inundadas ou atingidas de alguma forma pelo projeto. A engenheira e jornalista Dai Qing, atualmente reconhecida como grande defensora de políticas de proteção ambiental na China, é ferrenha opositora do projeto: além de abastecer cidades com água que possa não ser segura para o consumo, o projeto seria um instrumento do autoritário governo de Beijing, que estaria pegando para si os recursos dos outros ao invés de criar políticas de conservação de água ou de restrição ao crescimento populacional e urbano da região Norte; ainda, pessoas

que vivem em áreas a serem desocupadas para a construção do projeto teriam que sair de suas casas e ser reacomodadas em outros lugares, sem ao menos se beneficiarem do projeto.

No passado da China, o poder e a técnica do controle das águas permitiu atravessar a barreira Norte-Sul que sempre marcou o território chinês cavando um rasgo no solo, o Grande Canal; ele serviu durante séculos as capitais do Norte, abastecendo-a de alimento e produtos, e até hoje transporta milhões de toneladas de carga anualmente. Agora, mais canais conectando as mesmas duas regiões pretendem abastecer a capital do Norte com a própria água que carregam, e está difícil colocar na balança os benefícios e prejuízos de outra intervenção tão decisiva no território.

GRANDE CANAL HOJE

Embarcação de carga no Grande Canal, visto a partir da ponte ao lado do Museu do Grande Canal, em Hangzhou, extremo sul do canal.



PROJETO TRÊS GARGANTAS

CONTROLAR O QUÊ? — PARA QUÊ?

Dujiang Yan, o Grande Canal e a Transferência de Águas Sul-Norte são apenas três das milhares de obras de controle das águas empreendidas ao longo da história da civilização chinesa, mas exemplificam o caráter decisivo que esse tipo de intervenção tem sobre o território. O Projeto Três Gargantas não só está entre essas inúmeras obras como lidera o grupo a que pertence, ou seja, o do controle das águas por meio da construção de grandes barragens. A China tem investido nesse tipo de infraestrutura em larga escala, explorando o potencial energético de seus rios, considerado o maior de todas as nações, e construindo rápido como ninguém. Em 1949, à ocasião da fundação da República Popular, a China contava oito grandes barragens; em 1989, 40 anos depois, o país já ocupava o topo da lista daqueles com maior número de grandes barragens do mundo, com 19000 no total, seguido pelos Estados Unidos, com apenas um terço dessa quantidade. A partir do último século, a construção de barragens se tornou o corpo mais substancial do controle das águas na China, que vê nessa empreitada uma oportunidade de geração de energia considerada a princípio “limpa” pelos outros países, para abastecer as regiões do país que não podem parar de crescer.

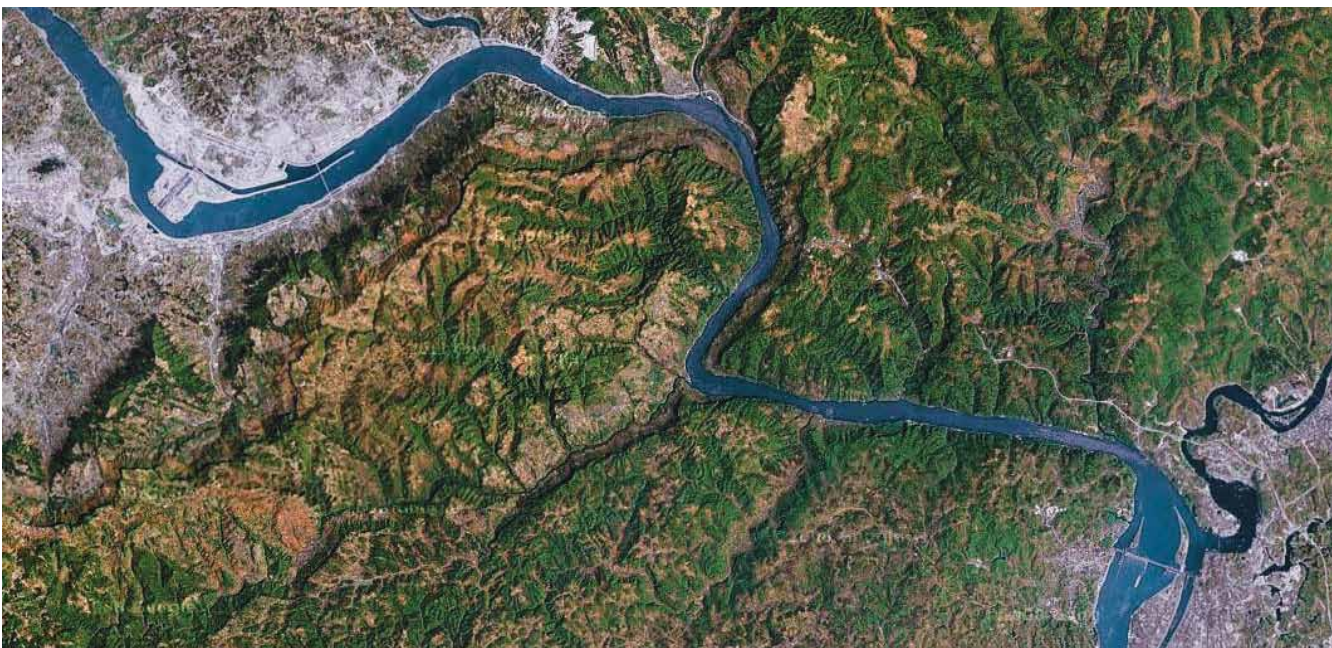
O rio Yangtze, o maior e mais volumoso rio do país, tem também o maior potencial energético e de navegabilidade. Mas até a década de 80 as diversas obras empreendidas em sua extensão, principalmente de mitigação de enchentes e aperfeiçoamento da navegação, muito pouco influíram na dinâmica e no caráter essencial do rio como um todo, e apenas cerca de 3% de sua capacidade hidrelétrica estava sendo explorada. Antes do Projeto Três Gargantas, cuja barragem e usina hidrelétrica vieram transformar para sempre o Yangtze, foi concluída no mesmo rio no final da década de 80 a barragem Gezhouba, não tão expressiva quanto sua sucessora mas decisiva como primeira intervenção mais próxima da escala do Yangtze. Proposta em 1968 pelas autoridades da província de Hubei, tirou proveito de um momento de instabilidade de comando dentro da Comissão de Planejamento do Vale do Yangtze para ser aprovada, sob os argumentos de que

ela geraria a energia tão necessária para a porção central da bacia do rio e para o grande complexo industrial de Wuhan, além de estabelecer certo controle de enchentes à jusante e melhoria da navegabilidade à montante. Praticamente ninguém teria que ser realocado, já que a água seria apenas minimamente elevada no reservatório. E ainda, Gezhouba serviria para arrecadar fundos necessários para a construção no Yangtze de uma verdadeiramente grande barragem por vir, por meio da venda da energia produzida e da cobrança uso das comportas de passagem das embarcações.

A realização foi menos harmoniosa do que como anunciada, e apenas após quase duas décadas, em 1988, foi concluída sua construção na altura da cidade de Yichang, em Hubei, na China Central. A barragem cruza duas ilhas naturais por um total de 2,5 km de extensão, com uma altura total de 130 m a partir do leito do rio. Duas grandes estações de geração de energia, uma em cada extremo da barragem, produzem sob uma capacidade que classificou Gezhouba como 26ª maior barragem de geração hidrelétrica do mundo à ocasião de sua conclusão.

GEZHOUBA E PROJETO TRÊS GARGANTAS

No canto inferior direito, a barragem de Gezhouba, na cidade de Yichang e na entrada da Garganta Xiling; no canto superior esquerdo, a barragem do Projeto Três Gargantas em construção.



Mas Gezhouba ainda não era a grande barragem⁶ que haviam previsto para o rio Yangtze. Previsão que inclusive é originalmente atribuída a Sun Yat-sen, o primeiro presidente e fundador da República da China em 1912, que teria naquela mesma década pela primeira vez sugerido o aprimoramento da navegação no rio Yangtze na altura da província de Sichuan e a utilização das águas do alto rio para produzir energia. Durante as conturbadas décadas seguintes, alguns estudos de viabilidade foram realizados, a Comissão de Planejamento do Vale do Yangtze foi criada, para apenas no final da década de 50 medidas mais direcionadas começarem a ser tomadas. Um poema escrito por Mao Zedong em 1956, após o emblemático evento em que o líder nadou no Yangtze na altura da cidade de Wuhan, veio afirmar o que já vinha sendo estudado: Mao colocou em forma de poema o projeto da grande barragem, a ser localizada especificamente no alto rio, na região das Três Gargantas do rio Yangtze. E foi nesse preciso ponto que o Projeto Três Gargantas foi elaborado e aprovado em 1992 pelo Congresso Nacional.

Um olhar sobre o curso completo do Yangtze contribui para localizar e caracterizar a região das Três Gargantas e permitir uma visão mais abrangente do Projeto. Esse rio que é chamado no Ocidente de “Yangtze” é na verdade mais conhecido entre os chineses por “Chang Jiang”, 长江, ou seja, literalmente por “Longo Rio”. A palavra “Yangtze” vem de uma versão antiga de romanização da palavra chinesa 揚子, cuja forma romanizada segundo o sistema atualmente mais utilizado é “Yangzi”. A origem desse nome não é clara, mas a princípio seria como chineses da região do baixo rio se referiam a ele, mais especificamente ao trecho que passa pela cidade de Yangzhou, cujo “Yang” do nome é o mesmo do “Yang” em “Yangzi”. No Ocidente esse nome acabou se referenciando ao rio todo, e não só ao seu trecho mais baixo, e por ser ainda a forma antiga “Yangtze” a mais familiar é então a que está sendo adotada aqui.

6. Uma grande barragem é geralmente definida pela indústria como aquela que tem no mínimo 150 m de altura, ou pelo volume de no mínimo 15 milhões de m³, ou pelo reservatório de no mínimo 25 km³, ou por sua capacidade instalada de mais de 1000 megawatt.

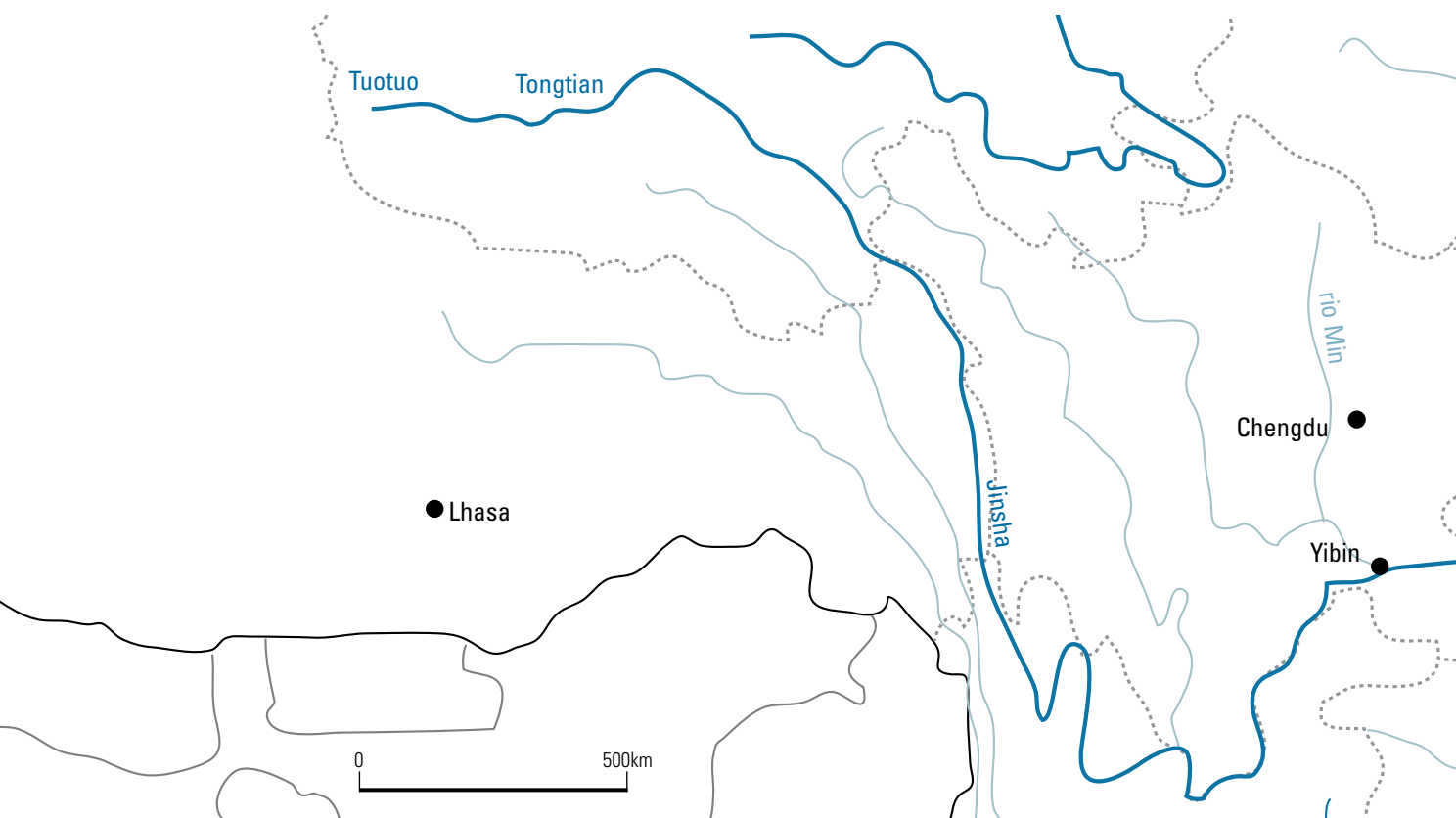
NADO NO YANGTZE

página seguinte Mao Zedong nadando no rio Yangtze na altura da cidade de Wuhan, em junho de 1956.

Vindo do Planalto Qinghai-Tibet até a cidade de Yibin, a região da nascente e dos rios que dão origem ao Yangtze tem características bastante particulares, tendo sido apenas muito recentemente descoberta e compreendida, já que, como foi



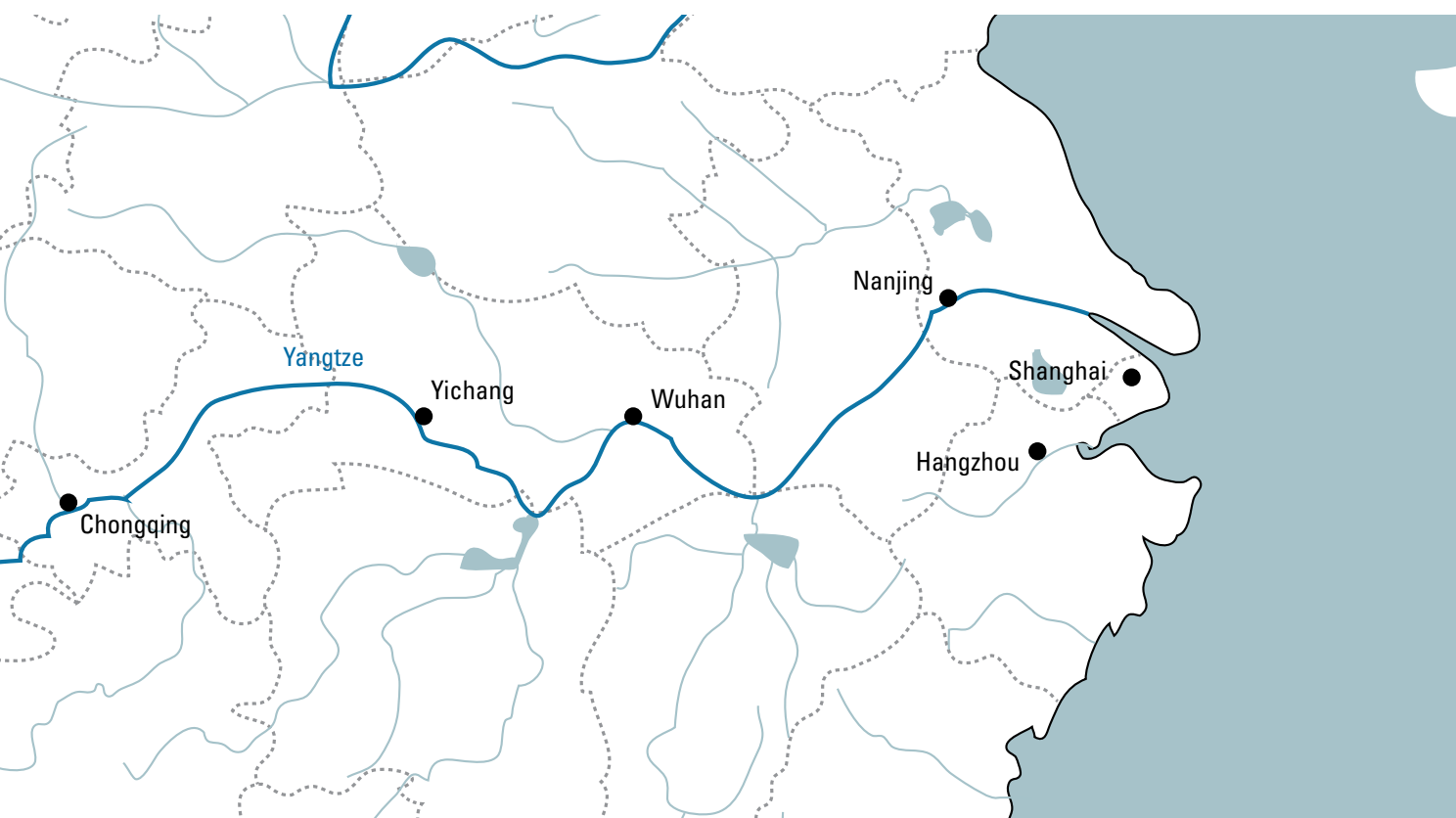
visto, pensava-se antes que o rio Min não era só um afluente do Yangtze mas sim sua própria nascente. A verdadeira nascente, localizada bem mais a oeste e a uma altitude bem mais elevada, no Planalto Qinghai-Tibet, foi identificada apenas em meados do último século, em conjunto com o entendimento das dinâmicas tectônicas do oeste da China, já descrito anteriormente. Nesse Planalto, o Yangtze leva outros nomes: rio Tuotuo, em sua nascente, e rio Tongtian, logo em seguida, alimentados por água de degelo. Quando o rio começa então a percorrer um curso norte-sul, bordeando e eventualmente deixando o Planalto, é chamado de rio Jinsha, ou seja, “Areias de ouro”, por conta da coloração dos sedimentos que carrega. O rio volta a correr sentido leste depois de passar por um trecho de características geológicas marcantes, contrariando o curso que seria mais previsível de seguir sentido sul até o Vietnã, como seus rios vizinhos.



RIO YANGTZE

O maior rio da China atravessa o país de oeste a leste. Apenas a partir de Yibin ele é formalmente conhecido como Yangtze, sendo antes Tuotuo, Tongtian e Jinsha.

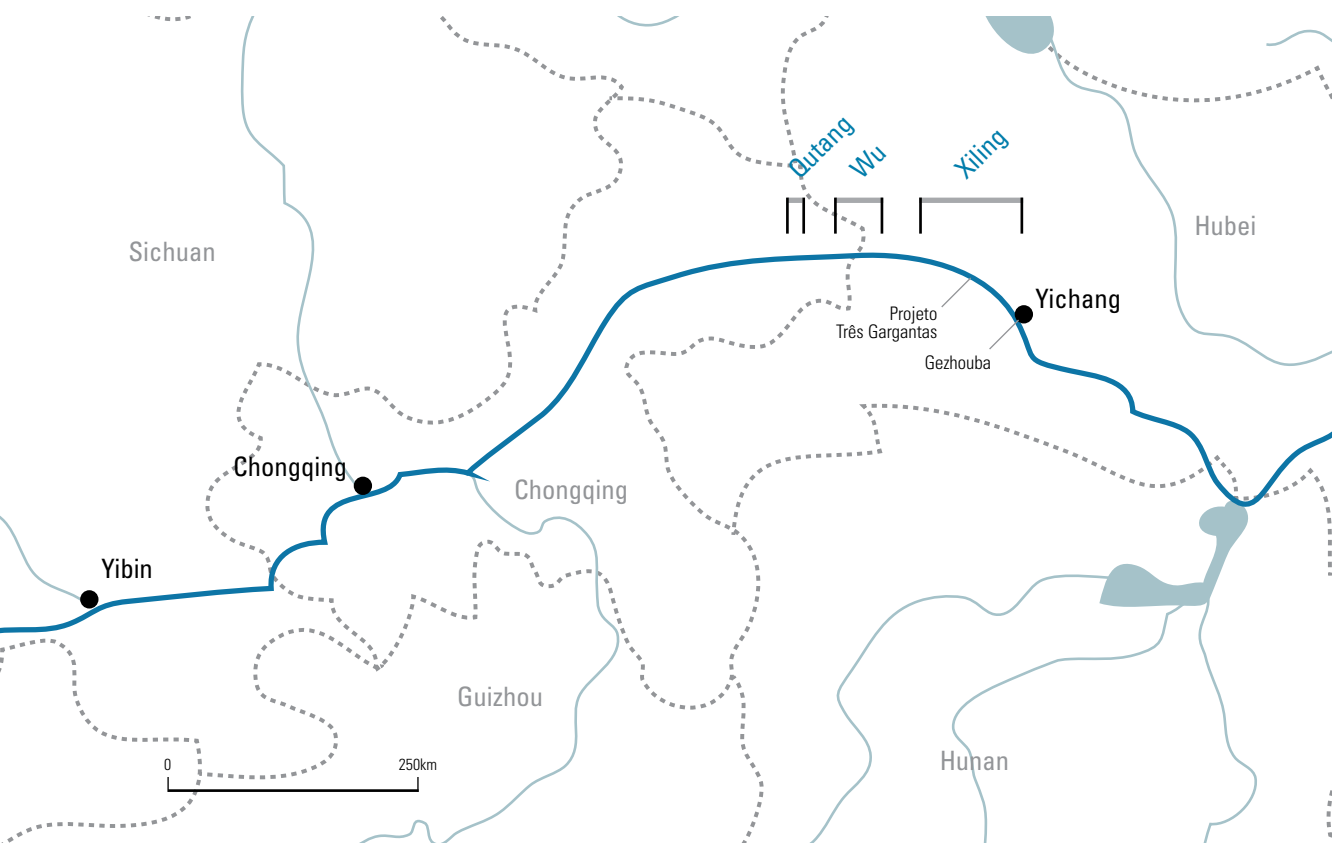
O rio cruza então a província de Yunnan e alcança a cidade de Yibin, localizada a sudeste da província de Sichuan, onde o rio Min encontra o Jinsha, passando a se chamar então Yangtze. Rios são geralmente divididos nos trechos alto, médio e baixo, a partir de sua nascente até sua foz, respectivamente. Com relação ao Yangtze, seu chamado trecho alto não começa na sua nascente, lá no rio Tuotuo, mas sim quando ele passa de rio Jingsha a rio Yangtze, o que acontece na altura da cidade de Yibin. É nela então que o rio “renasce” como Yangtze, e onde é marcado o início de seu trecho alto. Yibin é também o limite formal de navegação do Yangtze, a partir do qual seria inviável seguir subindo o rio a bordo de embarcações comerciais, apesar de que hoje esse limite tenha se estendido um pouco. Nesse encontro com o rio Min, desde sua nascente no Planalto Qinghai-Tibet, rio Yangtze já percorreu 3500 quilômetros, ou seja, mais da metade de sua exten-



são total, e alçaçou uma altitude de apenas 500 metros, dez vezes menor do que a altitude em sua nascente. Até Yibin, o percurso que o rio faz é então extenso e íngreme, caracterizado por grandes áreas de população mínima ou desabitadas, e a transição para alto rio Yangtze em Yibin marca sua entrada naquela que chamamos de China Interior, e na história natural e social da civilização chinesa. Até alcançar o mar, o rio captura mais de 700 afluentes e passa por inúmeras grandes cidades chinesas, incluindo as maiores do país: Chongqing, logo abaixo de Yibin, com 29 milhões de habitantes, e Shanghai, no delta do rio, com 23 milhões. A cidade de Wuhan, com também não poucos 10 milhões, marca o início do baixo rio Yangtze. Nela, sua altitude é de 23 metros acima do nível do mar, a serem anulados na chegada em Shanghai a apenas 1000 quilômetros dali, num percurso que parece ser praticamente plano se comparado com aquele bastante distinto do alto rio.

A região das Três Gargantas está localizada no alto Yangtze, entre Wanxian e Yichang, cidade que marca o início do médio Yangtze. Para a geologia, uma garganta é um vale profundo, abrupto e estreito, geralmente escavado por um curso de água. Intercaladas com trechos mais largos de rio, as Três Gargantas do Yangtze são uma sucessão de três dessas formações, conhecidas, temidas e exploradas pelos chineses desde tempos antigos, representadas em poemas, gravuras e, hoje, até na própria moeda do país. Sua formação geológica é complexa, e cada uma delas é conhecida por características próprias: a primeira delas, a garganta Qutang, é a mais curta com 8 quilômetros de extensão, com penhascos agudos e fluxo rápido da água; em seguida, a garganta Wu, com mais de 40 quilômetros, cujo vale seria o mais cenográfico mas seus redemoinhos de água bastante perigosos; e a última, a garganta Xiling, com mais de 60 quilômetros de extensão, menos espetacular que as outras duas mas com as piores corredeiras e perigosos bancos de areia.

As Três Gargantas protagonizam o imaginário do povo chinês referente ao rio Yangtze, mas nem sempre de maneira positiva, uma vez que as dinâmicas do fluxo do rio, já normalmente muito volumoso, são diretamente alteradas na pas-



LOCALIZAÇÃO DAS TRÊS GARGANTAS

A região das Três Gargantas está inserida na municipalidade de Chongqing e na província de Hubei, na chamada China Central.

sagem pelas gargantas, e a navegação nesse trecho se desenvolveu com extremas dificuldades e tragédias. Além disso, grandes enchentes do rio Yangtze sempre afetaram cidades em regiões acima e, em especial, abaixo das Três Gargantas. O histórico de enchentes de rios na China remonta aos tempos semi-mitológicos do Grande Yu, mas poucos exemplos recentes já revelam que o problema hoje é bastante palpável e material. Só no último século, grandes enchentes no Yangtze aconteceram quase uma dezena de vezes, em especial em 1911, 1931 e 1954, quando os níveis de água subiram de tal forma que deixaram, em cada um dos anos, mais de 100 mil mortos e muitos mais desabrigados. Em 1998, a mais recente das grandes cheias contou 4 mil mortos e seis vezes mais sem casa. Wuhan, cidade que ocupa uma região desde tempos antigos populosa, a 500 quilômetros das gargantas, foi sempre especialmente prejudicada, com o agravante de estar localizada onde o Yangtze recebe o maior de seus afluentes,



GARGANTA QUTANG

Rio Yangtze sumindo dentro da primeira garganta, Qutang, para quem vem do alto rio. Em primeiro plano é um afluente. Este cenário está retratado em uma das notas da moeda chinesa, e é popularmente chamado de “Kuimen”.

o rio Han. Os rios dão vida e causam mortes, proporcionando terra fértil em suas margens planas para colonização e destruindo em tempo muito curto essas ocupações quando suas águas se elevam demais. E num rio das proporções do Yangtze, vida e morte também operam sobre números e formas surpreendentes.

A grande barragem prevista por Sun Yat-sen foi projetada e construída na garganta Xiling, na entrada das Três Gargantas, para quem sobe o rio, a uma distância de 35 quilômetros acima da barragem anterior Gezhouba. Com seu corpo principal concluído em 2008 e últimas obras sendo finalizadas em 2012, depois de duas décadas do início das obras, a barragem que constitui o Projeto Três Gargantas pretende controlar as dinâmicas de vida e morte do rio Yangtze, compreendido na dimensão mais ampla de seu território, ao estabelecer como objetivos:



PROJETO TRÊS GARGANTAS

Vista da barragem com
seis de suas comportas abertas.
À direita, as eclusas.

1. evitar enchentes, em particular aquelas que atingem o médio e o baixo Yangtze, à jusante da barragem; 2. gerar energia hidrelétrica, atendendo demandas das regiões leste, meio e sul da China; 3. ampliar a navegabilidade do rio nas gargantas e além, incluindo facilitar o acesso à cidade de Chongqing.

CONTROLAR COMO?

De forma simples, a principal função de uma barragem é criar um reservatório de água à montante, onde, próximo à barragem, o rio fica mais parecendo um lago. A utilização do reservatório é múltipla e, no caso do Projeto Três Gargantas, deveria contemplar seus três grandes objetivos.

Mitigar enchentes, o primeiro deles, seria possível através do controle do fluxo do rio, promovido pelo reser-

vatório e barragem conjuntamente: aquele armazena água para compensar as variações do fluxo do rio ao longo do ano, e as comportas da barragem se abrem ou se fecham para controlar a quantidade de água do reservatório deve passar por ela e seguir seu curso. No verão, em períodos de altas taxas de degelo e intensas chuvas, o nível do reservatório sobe e a água só é liberada para correr rio abaixo a um fluxo estritamente controlado. A imensa barragem, com 181 metros de altura (a partir da base nas rochas) e 2300 metros de comprimento em seu eixo principal, criou o Reservatório Três Gargantas: uma superfície de água com área de mais de 1000 km² ao longo de 600 quilômetros, cruzando as gargantas e indo até um pouco mais além, com o nível da água mantido a 175 m de altitude com relação ao nível do mar. A construção desse reservatório implicou a remoção de estimadas 1,3 milhões de pessoas de suas casas, localizadas nas regiões a serem inundadas.

A diferença entre essa altitude do nível do reservatório e do nível do rio à juzante, medida em torno de 80 metros no Projeto Três Gargantas, junto com a natureza das turbinas das estações hidrelétricas da barragem, determina sua capacidade instalada, ou seja, o limite máximo de produção de energia elétrica a partir do volume de água do reservatório. Com 21 GW, o Projeto Três Gargantas passou Itaipu, no Brasil, até então a usina hidrelétrica e barragem com maior capacidade instalada do mundo, com 12,6 GW. No Projeto Três Gargantas, 26 turbinas hidráulicas são divididas à esquerda e à direita da barragem, com 14 e 12 unidades respectivamente, e a rede de distribuição dos 85 TWh produzidos ao ano⁷ contempla principalmente o leste da China, a região da província de Guangdong ao sul, e a China Central, no entorno amplo da própria barragem. A princípio, havia sido previsto que a usina seria responsável por produzir 10% de toda a energia do país, mas com a intensa e crescente demanda a taxa de energia produzida pelo Projeto Três Gargantas corresponderia a apenas 3% da esperada para toda a China quando concluído.

O reservatório também contribuiria para ampliar a navegabilidade do rio ao inundar a complicada região das Três Gargantas, aprofundando o nível da água e alargando o curso do rio. Ainda, junto à barragem, duas eclusas já em

7. Lembrando que 1 kilowatt-hora de energia elétrica consegue manter acesa uma lâmpada de 100 watt por 10 horas. Para grandes barragens essa medida é normalmente expressa em gigawatt-hora por ano (GWh/ano). No caso, está sendo expressa em terawatt-hora/ano.

funcionamento e um elevador de barcos em construção são previstos para permitir que as embarcações atravessem a grande parede: é esperado que a quantidade de carga transportada pelo rio, de 10 milhões de toneladas anuais, aumente 10 vezes quando as eclusas e o elevador estiverem em pleno funcionamento. Cada eclusa tem cinco degraus de 280 metros de comprimento e 35 de largura, e as embarcações levam em torno de 4 horas para completar a travessia. O elevador de barcos, com 120 metros de comprimento e 18 de largura, deve permitir a passagem em apenas 30 minutos, tempo em que deverão ser vencidos 113 metros verticais. Estimados 26 bilhões de dólares foram gastos em todas as fases de construção do Projeto Três Gargantas, excluídos gastos indiretos.



Com o Projeto Três Gargantas em fase de suas obras mais avançadas sendo finalizadas, e já em funcionamento praticamente pleno, o mundo e a própria China estão atentando para os limites do controle que a barragem e usina hidrelétrica previam sobre as dinâmicas naturais e sociais do rio Yangtze. É possível que os objetivos do Projeto, sendo o controle do fluxo da água, a produção de energia e a navegabilidade do rio, sejam parcialmente alcançados, quando não considerados apenas benefícios ilusórios da gigante barragem.

Há um problema essencial em barragens consideradas “multiuso”, ou seja, aquelas que atendem a diferentes objetivos, e em especial na barragem do Projeto Três Gargantas, por ser a maior delas já construída e consequentemente onde os problemas tenderão a aparecer em maior escala: para produzir energia hidrelétrica, é ideal que o nível da água do reservatório seja mantido alto, enquanto que para o controle do fluxo da água e mitigação de enchentes o nível da água deveria ser mantido baixo, de forma a garantir espaço suficiente para armazenar o excesso de água em períodos de cheias. Por pressões governamentais e econômicas e demanda crescente, no caso do Projeto Três Gargantas e de outras barragens de mesma natureza, opta-se por manter alto o nível do reservatório para maximizar a produção de energia. Isso implica que a barragem operará no limite da capacidade de seu reservatório quando cheias maiores ocorrerem, aumentando os riscos estruturais desse tipo de esforço, sujeitando as pessoas que vivem abaixo da barragem a um perigo perene.

Lu Qinkan⁸ analisou a capacidade do Projeto Três Gargantas de controlar do fluxo da água do Yangtze segundo os diferentes casos de enchentes que ocorreram no rio no último século.⁹ Considerada a mais severa do último século na China, a de 1954 é referenciada por Lu como uma grande enchente, tendo atingido o rio em toda sua extensão. No caso dos níveis de água subirem como em 1954, mesmo com a barragem do Projeto Três Gargantas operando com sua capacidade máxima, ela conseguiria desviar apenas um quinto do volume de água necessário para evitar que ocorra enchentes no médio e baixo rio, restando ainda 40 bilhões de m³ de água a serem remanejados. Na altura da cidade de Wuhan, o Projeto Três

8. Lu Qinkan é membro do Comitê Econômico da Conferência de Consulta do Povo Chinês. Engenheiro graduado na China e com mestrado em hidrologia obtido nos Estados Unidos. Ele foi um dos dez especialistas que se recusaram a assinar a avaliação formal do Projeto Três Gargantas.

9. CHEN, K. The limited benefits of flood control: an interview with Lu Qinkan. In DAI, Q. Yangtze! Yangtze!. UK: Earthscan Ltd, 1994, p 88.

CASA DE MÁQUINAS

página seguinte Vista interior da usina do Projeto Três Gargantas, à ocasião de uma inauguração. Construtores, engenheiros e autoridades se reúnem sobre um dos geradores da usina.



电站首台国产756 MW机组投产发电

国产化机组优质品牌

国产756 MW机组投产发电交接仪式

葛洲坝集团

26

葛洲坝集团

Gargantas já não daria conta de diminuir o fluxo do rio, e sua influência seria ainda menor em cidades abaixo dela. Para um segundo tipo de enchente, a que atinge especialmente a região do alto Yangtze como a que ocorreu em 1981, causada principalmente pelo volume excessivo de água vindo da nascente, é normalmente observado que a grande descarga de água que provoca cheias na altura de Chongqing já é bastante reduzida na região de Yichang, e abaixo disso não é mais um problema. Para esses casos o Projeto Três Gargantas seria pouco necessário, podendo inclusive influir de forma negativa e elevando o nível de água na região de Chongqing, por conta da quantidade de água armazenada e de sedimentação no reservatório. E para o terceiro tipo de enchentes, que ocorrem no médio e baixo Yangtze como no ano de 1991, o Projeto Três Gargantas seria totalmente desnecessário por conta de serem causadas por tempestades locais. Lu Qinkan conclui que o Projeto Três Gargantas tem “um papel limitado em termos de controle de fluxo, que não é tão efetivo quanto alguns previam”.¹⁰

Com o nível da água mantido alto no reservatório e funcionando em escala maximizada, no ano de 2010 a usina hidrelétrica do Projeto Três Gargantas produziu 84 bilhões kwh, cumprindo com o compromisso de gerar a energia para a China crescente. Mas em termos de porcentagem de produção energética nacional os números do Projeto deixam a desejar, primeiro porque as duas décadas que levou para ser construído foram anos de intenso crescimento econômico e aumento da demanda energética, e segundo porque há uma diferença significativa entre a capacidade energética da usina e a quantidade efetiva de energia que ela produz. O potencial do Yangtze e a capacidade da usina hidrelétrica do Projeto de gerar energia foram sempre enfatizados em argumentos favoráveis à construção da barragem, e diante dos números reais só há surpresa se for negativa.

Mas o maior problema da produção de energia pelo Projeto Três Gargantas não é a quantidade, mas sim sua natureza. Um dos recordes orgulhosamente quebrados pelo Projeto é aquele que o caracteriza como maior produtor do mundo de energia renovável feito pelo homem, sendo a esse

10. CHEN, K. *Op. cit.*, p. 89

tipo de energia, a hidrelétrica, também associadas as propriedades de ser limpa, barata e sustentável. Todas essas qualidades, que servem de fortes argumentos por aqueles a favor da construção de grandes barragens com usinas hidrelétricas, vêm sendo problematizadas e contestadas, e com força especial no caso do Projeto Três Gargantas, a maior barragem e usina do mundo. Segundo Patrick McCully,¹¹ há uma confusão entre o que é de fato “renovável” em uma usina hidrelétrica: o fluxo da água do rio certamente é um recurso renovável, mas a tecnologia utilizada para explorá-lo não é. Assim, energia hidrelétrica só seria realmente renovável se o custo de destruir grandes barragens e reconstruir novas no lugar fosse viável, o que hoje é impensável. McCully também argumenta que energia hidrelétrica poderia dificilmente ser considerada “limpa”. Apesar de usinas hidrelétricas de fato não emitirem grandes nuvens pretas de fumaça na atmosfera como as estações de queima de carvão, os problemas que causam ainda sim são considerados poluição e impacto ambiental, como contaminação da água por conta da deterioração do solo e vegetação submersos, fragmentação ou erradicação de ecossistemas do rio. No caso do Projeto Três Gargantas, inúmeras ocorrências já foram observadas, dentre as mais evidentes a diminuição do nível da água dos lagos Dongting e Poyang, os maiores lagos da China, no médio e baixo Yangtze respectivamente. Nesse trecho mais baixo também foram identificados impactos no acasalamento de peixes e no desenvolvimentos de plantas característicos do rio e, na área do reservatório, severos desabamentos de terra.

“Sustentável” também seria um termo bastante equivocado para se referir à energia hidrelétrica, se considerada a definição de “desenvolvimento sustentável” como aquele que “atende as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender às suas próprias necessidades”.¹² McCully lembra que grandes barragens, ao alterar e destruir ecossistemas do rio e levar espécies à extinção, estão de fato comprometendo os recursos das gerações futuras. E a energia hidrelétrica seria a princípio considerada barata por conta de sua matéria-prima, a própria água do rio, estar disponível de graça. Mas o próprio custo direto da construção de uma grande barragem, e no caso do Projeto Três

11. McCULLY, P. *Silenced Rivers: the ecology and politics of large dams*. Londres: Zed Books, 2007. p.140

12. McCULLY, P. *Op. cit.*, p.140

Gargantas esse número é de quase 30 bilhões de dólares, deruba por terra esse argumento, ainda mais se considerado os outros bilhões necessários para cobrir gastos sociais e ambientais: segundo Dai Qing, seriam mais de 500 milhões de dólares anuais para o Fundo de Construção do Projeto Três Gargantas, 1,5 bilhão para projetos de conservação do reservatório, 400 milhões para preservação cultural, outros 1,5 bilhão para controle de deslizamentos de terra, e ainda o custo inestimado da construção de novas cidades e realocação de mais de 1,3 milhões de pessoas da área inundada do reservatório.

Opositores do Projeto Três Gargantas incluem membros da área de navegação e transporte de carga do rio Yangtze, que a princípio seriam grandes beneficiários do Projeto. A maior cidade de China e importante pólo industrial, Chongqing, está no alto Yangtze e além das gargantas, que deveriam ser vencidas para poder alcançar a cidade; o reservatório previsto pelo Projeto facilitaria a passagem pelas gargantas e possibilitaria que embarcações de até 10 mil toneladas alcançassem Chongqing, ao invés dos barcos de máximas 3 mil toneladas atuais. Mas a sedimentação prevista para a área do reservatório até Chongqing e períodos em que ele estiver com níveis de água rebaixados são complicadores que, acredita-se, continuariam a manter a cidade fora de alcance para embarcações maiores. Atrasos e preços das taxas de pedágio da eclusa e do elevador de barcos da barragem também preocupam, pois toda a estrutura é grande e complexa, sujeita a problemas técnicos de difícil manutenção, e a travessia de pequenas embarcações da população local fica inviabilizada.

Nestes seus primeiros anos de funcionamento, a barragem e usina hidrelétrica das Três Gargantas estão sob vigilância: as autoridades não podem mais do que torcer para que aqueles grandes objetivos iniciais do Projeto se tornem apenas benefícios ilusórios, com consequências com que se lidar econômica e politicamente. O controle das águas que o Projeto Três Gargantas esperava exercer sobre o Yangtze pode ter limites muito mais estreitos do que se previa, retornando para o homem problemas de dimensões indesejadas.

O Projeto Três Gargantas é um sistema complexo mas com uma finalidade que pode ser simplesmente descrita como controlar as águas do rio Yangtze, de forma a alcançar objetivos específicos. Vimos aqui como esse controle das águas esteve sob diversas formas presente e atuante na constituição territorial da China, tanto num imaginário quanto materialmente, tanto cavando buracos na terra quanto elevando paredes em vales. O controle das águas vem da interação do homem com a natureza conquistada, ou seja, é a própria ação de constituir território.

É comum encontrarmos imagens da barragem e usina das Três Gargantas como representação de uma “Nova China” que estaria se estabelecendo desde as reformas de abertura de 1978, associadas a um crescimento desenfreado, grandes obras de infraestrutura exageradas, ou exibicionismo e ambição. Mas vimos que o Projeto Três Gargantas está na verdade inserido numa linha do tempo muito mais longa e complexa: na verdade, em duas, sendo a primeira a história das obras de controle das águas da China, mais antiga do que aquela que hoje chamamos de China, e a segunda a história da construção de grandes barragens no mundo, especialmente agitada no século xx. Além dessas duas contextualizações importantes, lembramos que o Projeto Três Gargantas foi idealizado há um século, e encontrou apenas recentemente as condições e políticas e econômicas ideais para sua realização.

As dimensões e o impacto do Projeto Três Gargantas são grandes, em parte por sua própria natureza geral de grande barragem, e também pelas condições específicas de seu tempo e espaço. Grandes barragens só começaram a ser construídas no início do século xx, quando a tecnologia permitiu tal avanço, e grandes barragens multiuso (que também geram energia hidrelétrica) se espalharam pelo mundo. Apenas em décadas recentes, com a consciência e aprofundamento das questões ambientais, é que as grandes barragens e usinas hidrelétricas começaram a ser questionadas, dados seus custos sociais e ambientais antes ignorados. Para o caso específico da China e do rio Yangtze, esses custos são especialmente altos, já que se trata de um rio com margens densamente ocupadas, longo e profundo o suficiente para abrigar ecossistemas complexos, e com uma história social antiga e cheia de heranças materiais para o próprio rio, diferente de alguns rios no mundo que também foram “barrados”, mas em áreas mais ou

menos inóspitas. Em seus tempos e espaços próprios, o sistema de irrigação Dujiang Yan e o Grande Canal também foram grandes obras ambiciosas, com seus respectivos impactos decisivos sobre o território, no primeiro mais positivos, e no segundo com benefícios e problemas que de forma geral foram se neutralizando ao longo do tempo.

O projeto de Transposição de Águas Sul-Norte recupera a ideia do Grande Canal, ou seja, da construção de canais que ligam a China transversalmente com o intuito de apoiar a capital, antes com o abastecimento de produtos, e agora com o abastecimento da própria água. Os sérios problemas associados ao projeto de Transposição de Águas Sul-Norte nos lembram que canais não são necessariamente uma forma adequada e positiva de se intervir no território, como parecia indicar Dujiang Yan, mas que podem ser benéficos ou nocivos dependendo dos métodos e dos interesses que regem sua construção.

Tanto o Projeto Três Gargantas quanto a Transposição de Águas Sul-Norte, as maiores obras de controle de águas da China mais recente, enfrentam uma questão que outros tipos de intervenção sobre o território sendo realizadas em todo o país hoje, que está em complexa transformação espacial, também encaram: a dificuldade em determinar se são os benefícios ou os prejuízos dessas intervenções que prevalecem. Por enquanto, o grande argumento-benefício das autoridades a respeito de obras, intervenções, projetos e construções em geral é o impulso ao crescimento econômico nacional, e ele têm tido maior peso do que qualquer outro benefício ou prejuízo. Opositores, de forma mais consciente, enxergam de outra forma, reconhecendo o impulso à economia como um benefício de fato, mas que pode ser seriamente comprometido pelos prejuízos que não forem considerados com suas devidas dimensões. É possível que as políticas de intervenção sobre o território na China ainda deixem de se ocupar com a mitigação de problemas inicialmente considerados prejuízos menores, como no caso do Projeto Três Gargantas, e reconheçam a dimensão social, ambiental, enfim, territorial, que o sucesso de uma economia deve considerar.





An aerial photograph of a large concrete dam with multiple spillways. Water is cascading over the spillways, creating a misty spray at the base. In the background, a city is visible on a valley floor, and mountains rise in the distance under a clear sky. The word "LIDERAR" is superimposed in large white letters across the middle of the image.

LIDERAR

“A CHINA NÃO ESTÁ NEM PERTO DE SE TORNAR UMA POTÊNCIA LÍDER. ESSE PROBLEMA NÃO É NOVO, E EXISTE HÁ MUITO TEMPO. QUER DIZER, A CHINA TEM O SEGUNDO MAIOR PIB DO MUNDO, MAS POR QUE AINDA NÃO CONSEGUIMOS NOS TORNAR UMA POTÊNCIA MUNDIAL? ESSA É UMA QUESTÃO SOBRE A QUAL VALE A PENA REFLETIRMOS. [...]”

HÁ MOMENTOS EM QUE CONFLITOS PODEM SURGIR ENTRE O INTERESSE DO POVO E O INTERESSE NACIONAL. QUANDO ISSO OCORRE, O INTERESSE NACIONAL DEVERIA SE RENDER AO DO POVO, MAS ATUALMENTE NA CHINA ACONTECE GERALMENTE O OPOSTO. O INTERESSE DO POVO É SACRIFICADO PELO INTERESSE NACIONAL. MAIS ESPECIFICAMENTE, O QUE É O INTERESSE NACIONAL? DE FORMA BREVE, É O INTERESSE DOS LÍDERES E DIPLOMATAS. ESSA É A ESSÊNCIA DA QUESTÃO.”

Trecho do artigo “A China está longe dos padrões de uma potência mundial?”, do famoso economista chinês Mao Yushi. O artigo foi censurado da internet chinesa, onde foi publicado pelo autor, e noticiado e divulgado em 22 de agosto de 2012 pela emissora de televisão China Forbidden News, sediada em Nova York, EUA. O artigo foi escrito no dia 19 de agosto. Tradução livre do chinês e do inglês.

INTRODUÇÃO

AMOR À IMAGEM

Beijing, a capital da China, literalmente a “capital do norte”, foi sede dos Jogos Olímpicos de 2008, o primeiro grande evento em escala mundial da nação, quando todas as televisões do globo estariam transmitindo imagens da China, e do espetáculo que ela havia preparado para a cerimônia de abertura dentro do popular estádio apelidado de “ninho de pássaro” — seguindo o hábito chinês de observar que coisas lembram formas da natureza. Quatro anos depois, passada a cerimônia de abertura dos seguintes Jogos Olímpicos de Londres, comparações entre a festa chinesa e a inglesa ocuparam a internet por vários dias. O artista e ativista chinês Ai Weiwei, que acompanhou de perto os preparativos para as Olimpíadas de Beijing, entendeu que:

1. Trecho do depoimento de Ai Weiwei publicado pelo website do jornal The Guardian no dia 28 de julho de 2012.

CERIMÔNIA DE BEIJING

Vista interior do “ninho de pássaro” durante a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Beijing, em 2008.

Havia elementos históricos na cerimônia de abertura de Beijing, mas a diferença é que esta [cerimônia de abertura de Londres] foi sobre indivíduos, humanidade e sentimentos verdadeiros; suas paixões, esperanças e lutas. Foi realmente a respeito de uma sociedade civil. A nossa [cerimônia de abertura de Beijing] só refletiu o nacionalismo do partido. Não foi um reflexo natural da China. [...] A Grã-Bretanha tem autoconfiança e não precisa de uma Olimpíada monumental. As Olimpíadas de Beijing foram bem grandiosas — eles estavam tentando dar uma festa para o mundo, mas os anfitriões não desfrutaram dela. O governo não se importou com os sentimentos das pessoas porque ele estava tentando criar uma imagem. ¹



Por meio das tomadas feitas de longe, da quase ausência de quadros que mostravam as pessoas em *close* e das composições de cenas de impacto, Ai Weiwei identificou naquela cerimônia de Beijing a representação de uma característica expressiva chinesa, e que uma professora de mandarim vinda da China uma vez definiu com muita simplicidade dizendo pra mim: “中国人爱面子”, “Zhongguoren Ai Mianzi”, ou seja, literalmente, “Chineses adoram ‘cara’”. “Cara”, ou “rosto”, é a imagem, a impressão, a reputação que se detém perante a todos, algo que se cultiva sem poupar cuidado e dedicação.

Essa característica tão enraizada está relacionada à ação de liderar a ser tratada aqui. Durante a extensa maioria de sua história milenar, a civilização chinesa se encontrou e via a si própria na ponta dos avanços: hoje já está mais esclarecido para o mundo que conquistas chinesas no campo do cultivo, da cultura, dos artefatos, das tecnologias, das construções, enfim, geraram frutos que chegaram a partes longínquas do mundo e permitiram o desenvolvimento direto de várias nações, e com impacto inestimável para muitas outras. Predominantemente durante toda sua história, desde sua primeira grande unificação pela dinastia Qin em 220 a.C., a China está acostumada a ter a população mais numerosa do mundo, e a apresentar um grau de desenvolvimento de civilização comparável a quase nenhum outro: em chinês, “China” se escreve e fala “中国”, “Zhong Guo”; o caractere 中, com um quadrado cortado ao meio por uma linha, significa “centro”, “meio”, e 国 é “nação”. A China, para os chineses, é a Nação do Centro.

Mas surgiu num passado recente uma necessidade chinesa de demonstração, de afirmação dessa antes tão natural superioridade de sua civilização, tanto internamente quanto para o mundo; essa afirmação ganha materialidade e evidência de diversas e grandiosas formas, símbolos — o Projeto Três Gargantas sendo um deles: tudo pela imagem da Nação do Centro, pela sua “cara” a ser cultivada. Essa nova necessidade de demonstrar e afirmar utilizando imagens é a ação de liderar a ser investigada aqui.

GRANDE MURALHA E GRANDE CANAL COMO CONSTRUÇÕES DA CHINA MODERNA

LEMBRANDO E ESQUECENDO A HISTÓRIA

A dinastia Qin é aquela afamada por ter sido a responsável pela primeira grande unificação da China, por ter durado apenas 15 anos, entre 221 e 206 a.C., e pelo seu grande imperador Qin Shi Huang, cuja figura é envolta pelos mais diversos mitos. O “Primeiro Imperador”, como título atribuído a si próprio, ficou conhecido até mesmo deliberadamente por sua ambição desmedida e sua obsessão pela eternidade. O governo da dinastia Qin não sobreviveu aos próprios excessos, caindo três anos após a morte de seu imperador, mas firmou bases sólidas para a seguinte duradoura dinastia Han, bem lembrada por seus longos séculos de paz.

Depois de longos períodos de conflitos, com a unificação de 221 a.C. qualquer demanda por algum tipo de identidade daquilo que havia com tanto esforço sido formado seria respondida com a figura do próprio imperador. Nessa condição totalitária, uma medida reveladora é a desconsideração e a destruição daquilo que teria vindo antes dele, em conjunto com a ânsia por marcar o tempo e o território com a referência inicial e principal em si. Lembremos que Qin Shi Huang é o imperador responsável pela encomenda da construção do seu enorme mausoléu, carregado com as milhares de figuras de guerreiros e cavalos de terracota apenas recentemente descobertos pela arqueologia.

Hoje reconhecida como a “Grande Muralha da China”, naquele momento ela teria sido encomendada pelo imperador Qin como uma grande muralha de fronteira, contemplando demandas do recém-unificado império. Com o grande objetivo de confirmar sua própria liderança, incansável na missão de ser o maior de todos, Qin Shi Huang mobilizou as massas para a construção do enorme projeto imperial da Grande Muralha: sua liderança se dá, primeiro, pelo domínio de técnicas para intervir no meio, materializado na construção da longa parede em condições adversas, e segundo pelo governo sem precedentes, que tem voz para movimentar uma enorme população de governados e sobre ela exercer poder incondicional, incluindo o de recrutá-la para o trabalho de erguer a muralha. Ela seria então uma grande marca no espaço, e uma lembrança do governo que a empreendeu.

A dinastia Sui é geralmente comparada à dinastia Qin: tendo governado o império entre os anos 589 e 618, foi responsável pela segunda grande unificação da China, se mantendo no poder por apenas 29 anos, seguida da dinastia Tang, famosa por sua longevidade e pela efervescência cultural e tecnológica alcançada naquele momento. Os governantes dos Sui e dos Qin teriam sido ambos especialmente pretensiosos, desfrutando de suas posições e fazendo da ação de liderar o empreendimento de grandes projetos imperiais, que exigiam a mobilização de milhares de pessoas para serem concluídos. Já vimos como a Grande Muralha dos Qin é uma dessas grandiosas obras; o rebatimento dela para o caso dos Sui é o Grande Canal.

O objetivo principal da construção do Grande Canal era a facilitação do transporte de grãos a partir da área onde eram produzidos extensivamente, no vale do rio Yangtze, até a capital do Império, ou seja, até as mesas do imperador dos Sui, mais ao norte, junto ao rio Amarelo. De fato haveria uma ânsia de equipar o império unificado com infraestruturas, mas também havia, também forte, aquele “espírito Qin” de idealizar e realizar obras grandiosas a serem reconhecidas pela posteridade, e que teria igualmente exacerbado poder excessivo, gerando insatisfações perigosas em vários setores da sociedade.



Tanto a história da muralha quanto a do canal estão ofuscadas por uma série de mitos e distorções que, geralmente de maneira deliberada, nos apresenta hoje uma outra muralha e um outro canal, de caráteres bastante novos.

Ao final do século XVIII, como parte das missões da coroa britânica de estreitamento de relações diplomáticas e comerciais mundo afora, resultando num século seguinte de atividade imperialista, o Lorde Macartney teria sido convocado para uma temporada na China, onde permaneceu por alguns meses com sua comitiva. Segundo seus relatos, toda a experiência teria sido bastante negativa, em grande parte pelo descompasso generalizado entre as condutas diplomáti-

cas das duas nações, e também pelo constante sentimento de que eles não eram bem-vindos, acentuado pela reação do imperador ao receber deles os presentes enviados pela coroa: o imperador teria deixado claro, com próprias e diretas palavras, que os bens que lhe haviam trazido eram totalmente inúteis. Mas todo aquele longo período de desaforos na China não foi em vão, tendo despertado aquele comitiva liderada por Macartney para a existência daquela que descreveram como “a obra mais estupenda já produzida pelo homem”, em uma visita à Grande Muralha. Segundo o que observou, o próprio Macartney concluiu que

A China deve ter sido não só um império muito poderoso, mas também uma nação muito sábia e virtuosa, ou no mínimo ter tido grande providência e grande consideração pela posteridade para estabelecer de uma só vez o que foi então pensado como uma proteção permanente para eles contra invasões futuras

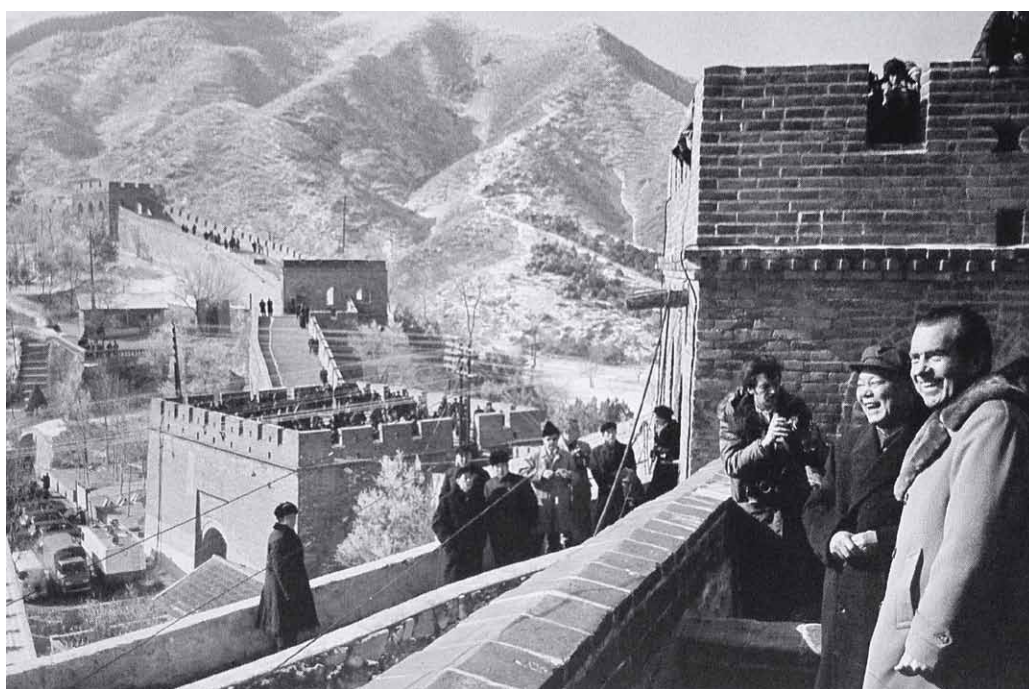
Mas essa Muralha com que Macartney e a comitiva britânica se depararam com maravilha era um trecho dela erguido durante a dinastia Ming, que governou a China entre os anos 1368 e 1644. Tanto a Grande Muralha quanto o Grande Canal tiveram sua construção, manutenção e expansão sucessivamente retomadas ao longo da história, e a grandiosa obra que Macartney vislumbrou era uma seção da muralha que não tinha portanto mais do que 400 anos de idade. Contudo não demoraram a tomar aquela como a maravilhosa e célebre Grande Muralha construída pelo imperador Qin 2000 anos, e a assumir que estava diante de uma magnificente relíquia. Segundo investigações mais cuidadosas, dadas as condições do período e do espaço, a muralha dos Qin só poderia ter sido construída com a utilização dos materiais que havia à mão no próprio local, ou seja, terra e pedras, e aqueles que trabalharam para erguê-la dificilmente conseguiriam alcançar pontos com altitude muito elevada, como foi possível em períodos mais recentes com a construção da muralha em espigões de montanhas — e como Macartney a encontrou. Ainda, em relatos do século 2 a.C., a muralha aparece mais como uma ligação de estruturas naturais como ravinas e vales com um eixo de terra e pedras, do que uma longa linha de defesa completamente nova ao espaço. Arqueólogos atribuem ao período dos Qin trechos de muralha que dificilmente passam de 3,5 metros de altura. A muralha muito mais recente dos Ming

2. CRANMER-BYNG, J.L. (org.) *An Embassy to China being the Journal kept by Lord Macartney during his Embassy to the Emperor Ch'ien-lung, 1793-94.* London: Longmans, p.10.
In LOVELL, J. *The Great Wall: China against the world 1000 BC - 2000 DC.* New York: Grove Press, 2006, p.8

pode utilizar técnicas muito mais avançadas para conceber aquela Grande Muralha que vem à nossa mente quando a ilustramos na imaginação, e que a comitiva britânica visitou há 300 anos.

Outro desmonte da ideia de Macartney é quanto à “consideração pela posteridade” por parte do governo dos Qin ao conceber uma barreira permanente a invasores externos, contando com essa como a motivação inicial para a construção de tal obra. De fato havia uma grande preocupação com a posteridade partindo do Primeiro Imperador, mas ela na realidade tinha muito menos a ver com prover o território de mecanismos de defesa duradouros do que com o totalitarismo de Qin Shi Huang: aquilo que era para ficar permanente era a sua própria figura e a liderança que ela aspiraria. Muito pouco provavelmente a proteção do território seria aquela motivação inicial, inclusive se lembrarmos que a muralha foi uma obra tocada pelo militar de confiança do imperador Qin, Meng Tian, e que os trabalhadores que a ergueram sob um regime escravo eram o exército desmobilizado pós-unificação, milhares de civis e muitos outros condenados por algum delito, como o próprio filho do imperador, castigado a trabalhar na muralha depois de ter feito apontamentos negativos sobre o governo do pai. Era interessante então que algumas localidades de implantação da muralha fossem longínquas, não necessariamente práticas ou lógicas em termos de defesa de fronteira, mas suficientemente distantes e geograficamente adversas, punitivas.

Uma história com dose não muito menor de excessos pode ser contada sobre a construção do Grande Canal. Planejado para abastecer a capital dos Sui, que precisava ser mantida numa localidade distante do vale do Yangtze por motivos estratégicos políticos e militares, vários canais de transporte que formavam um longo grande canal foram cavados no solo, sendo praticamente desconsiderado o que e quem havia pelo caminho em nome da primordial facilidade e conveniência de construção. Como já foi visto, teriam até havido canais anteriores sobre os quais foi realizado aquele primeiro Grande Canal dos Sui, e sua manutenção e redefinição de trajeto foram obras empreendidas por todas



as dinastias sucessoras, de forma análoga ao que ocorreu com a Grande Muralha, o que reforça a existência não de um único mas de vários Grandes Canais na história. O Grande Canal ainda castigou toda uma região ao norte do rio Yangtze, junto ao rio Amarelo, quando o curso deste se desviou para o sul: o encontro dos dois estava estruturalmente fora do ideal, e a área se tornou ao longo do tempo problemática, apresentando não raras enchentes devastadoras. A região foi aos poucos sendo conhecida por seus desastres frequentes e fome crônica da população, que até hoje é referenciada como “as pessoas do norte do rio”, e esse título é claro está carregado de atribuições negativas.

O que pode ser concluído então a respeito dessas duas Grandes obras é que teriam sido inicialmente empreendidas por dinastias que precisavam responder a seus próprios interesses, reforçando a liderança de seus governos ao mobilizarem grandes populações para o trabalho em grandes construções, marcando o território de maneira ostensiva e duradoura. A mira estava na afirmação de si próprios, livre de preocupações com provar virtudes ou superioridades da civilização chinesa como um todo. Mas não é dessa forma que a Grande Muralha e o Grande Canal são apresentados e vistos hoje.

Em períodos recentes, em especial a partir do século xx, o que se verifica é a atribuição de um novo sentido, novo caráter a essas obras, bem representado nas considerações de Macartney sobre a muralha, e é até possível dizer suas observações teriam sido precursoras do que viria a seguir. A partir do contato mais intensificado com o chamado ocidente, principalmente desde o final do século xviii, impressões estrangeiras sobre a China foram sendo formadas e difundidas, e a China também vai olhar para si considerando esses novos pontos de vista. A muralha foi por muito tempo pertencida com indiferença pelo povo chinês, mas no século recente ela ganhou para os próprios chineses e também para o mundo aquela nova “cara” que Macartney viu nela. Ao longo do século xx e com muita força hoje, ambos muralha e canal tornaram-se convenientemente símbolos de um poder longo da civilização chinesa, do potencial de desenvolver obras

“GRANDE MURALHA”

página anterior acima Trecho de muralha de 300 a.C. na Mongólia Interior construído pelo Império de Zhao, um dos que batalharam e foram conquistados pelo Império dos Qin, de Qin Shi Huang. É possível que a muralha dos Qin tivesse sido muito similar a esta em grandes trechos.

página anterior abaixo Foto tirada em 1972, num trecho reformado da muralha para “visitas diplomáticas”. O *premier* chinês recebe Nixon (em primeiro plano)

grandiosas desde seus tempos mais distantes. A nova necessidade de afirmar a nação chinesa pelo seu tamanho e antiguidade e por sua civilização de ponta é bem satisfeita pela nova imagem de Grande Muralha e de Grande Canal: objetos desligados de maiores aprofundamentos históricos e de sua origem, mas que transmitem, de maneira um tanto fantasiada, simbólica, a ideia de uma China que “deve ter sido não só um império muito poderoso, mas também uma nação muito sábia e virtuosa”; objetos cujas imagens que conhecemos são correspondentes a períodos bem mais recentes do que se imagina. Como percebeu a sinóloga Julia Lovell,

A indiferença chinesa [quanto à muralha] só começou a esquentar para um entusiasmo cada vez mais ardente há uns setenta anos atrás, dentro dos interesses estritamente instrumentais de satisfazer uma necessidade que pode ser claramente percebida na China moderna: de proporcionar um emblema da grandeza do passado histórico da China, carregando um sentimento nacional de autoestima através dos maus anos do século xx, de suas revoluções frustradas, guerras civis, invasões estrangeiras, fomes e esmagadora pobreza generalizada. Aproveitando a deixa, predominantemente, da admiração da muralha pelos ocidentais, a visão chinesa moderna da Grande Muralha adotou uma abordagem similar, contentemente descuidada de precisão histórica.

3

A Grande Muralha e o Grande Canal fazem parte então da construção moderna de uma imagem de China que deseja ser difundida, tanto dentro da própria China quanto para o mundo, principalmente por parte dos governantes do país. Lembrando as observações de Ai Weiwei sobre a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Beijing em 2008, pode-se dizer que, à época dos Qin e dos Sui, à ocasião da construção da primeira Grande Muralha e Grande Canal, o governo também “não se importou com os sentimentos das pessoas porque estava tentando criar uma imagem”: cada um dos imperadores desses dois momentos viu na grande obra que estava empreendendo um reflexo de si, e do poder de seu governo. Hoje, as autoridades da China abraçaram esses grandes projetos como símbolos do poder da civilização como um todo, ignorando os excessos totalitários e o sofrimento do povo ancestral, com interesses estratégicos de restauração do espírito de uma nação que já esteve no topo por muito tempo, sofreu uma grande queda, e agora está num processo chave

de reafirmação — e por enquanto tem obtido sucesso. No decorrer desse processo, o cuidado histórico geralmente fica de lado, e, como Ai Weiwei identificou, a população é sacrificada em nome de uma imagem. Grande Muralha, Grande Canal e Jogos Olímpicos fazem parte dessa “cara” que a China quer cultivar para sua (volta à) posição de liderança mundial.

NOVA MURALHA

Foto tirada durante reformas empreendidas num trecho da muralha próximo a Beijing, nos anos do governo de Mao Zedong.

NOVO CANAL

abaixo “Canal Me”: imagem de um painel da exposição do Museu do Grande Canal, em Hangzhou, que busca representar a nova imagem que se quer para o novo Grande Canal. O canal em si não aparece; vemos apenas sua margem requalificada, cheia de ocidentais.



GRANDE MURALHA E GRANDE BARRAGEM COMO SÍMBOLOS DE PODER

LIDERANÇA E ÍCONES NACIONALISTAS

Grandes barragens têm sido símbolos poderosos tanto do orgulho patriota quanto da conquista da natureza pelo engenho humano. Provedoras de energia elétrica, água e alimento; domadoras de enchentes; verdes para o deserto; garantias da independência nacional — durante a maior parte do século, barragens, as maiores estruturas únicas já construídas pela humanidade, simbolizaram progresso, quer esse conceito amorfo seja a formação da riqueza capitalista, a distribuição dos frutos do socialismo, ou a grande marcha do comunismo.⁴



A construção da barragem Hoover foi concluída em 1936 no rio Colorado, na divisa entre os estados de Nevada e do Arizona, nos Estados Unidos, e é tida como inaugural da “era das grandes barragens”. Elas certamente desempenharam um papel político central ao longo do século xx, como apontou McCully,

Barragens gigantes são muito mais do que simples máquinas de gerar energia e armazenar água. Elas são, em forma de concreto, pedra e terra, expressão da ideologia dominante da era tecnológica: ícones do desenvolvimento econômico e progresso científico condizentes com bombas nucleares e veículos automotivos. Os construtores da barragem Hoover foram aconselhados por um arquiteto a despir a barragem das ornamentações planejadas, de forma a acentuar o poder visual de sua face colossal de concreto. Theodore Steinberg, um historiador da Universidade de Michigan, diz que a barragem Hoover “deveria significar grandiosidade, poder e dominação. Ela foi planejada dessa forma.”

Grandes barragens são essas grandes paredes de concreto que dominam um grande rio, que é na natureza uma entidade tão poderosa, simbolizando a capacidade técnica da engenharia de uma nação. A princípio, essa nação tem não só a capacidade de construir uma grande barragem, como a demanda energética para construir uma grande usina hidrelétrica a partir dela, o que geralmente revela uma economia crescente.

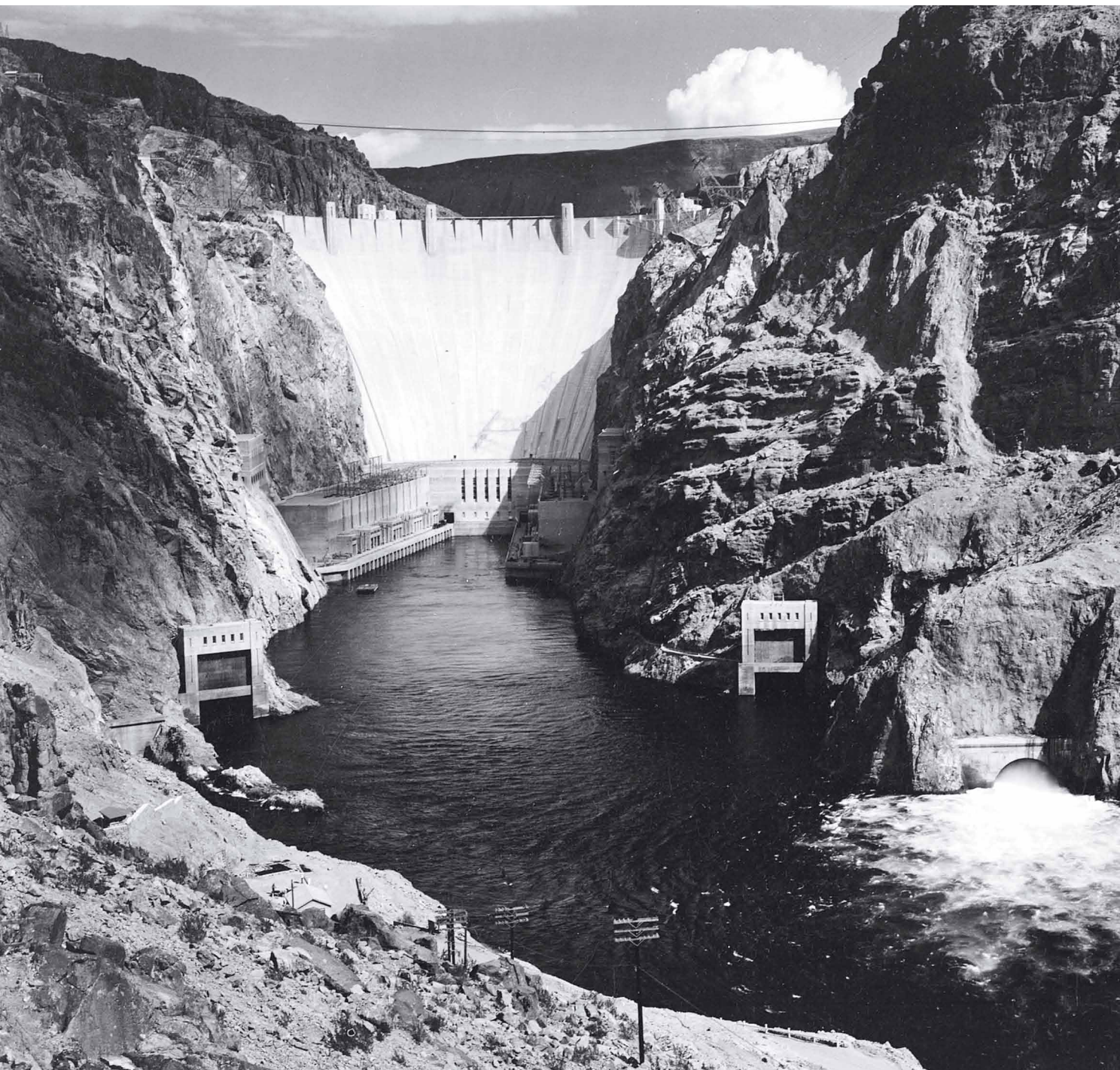
4. McCULLY, P. *Op. cit.*, p.1

5. *Ibid.*, p.3

BARRAGEM HOOVER

página seguinte Foto tirada em 1941 da barragem do rio Colorado: “face colossal de concreto”.

Não é à toa que até 1949, à ocasião da fundação da República Popular da China pelo Partido Comunista da China, liderado por Mao Zedong, a China contava com apenas 8 grandes barragens em todo o país, mas quarenta anos depois, segundo números de 1990, elas já eram mais de



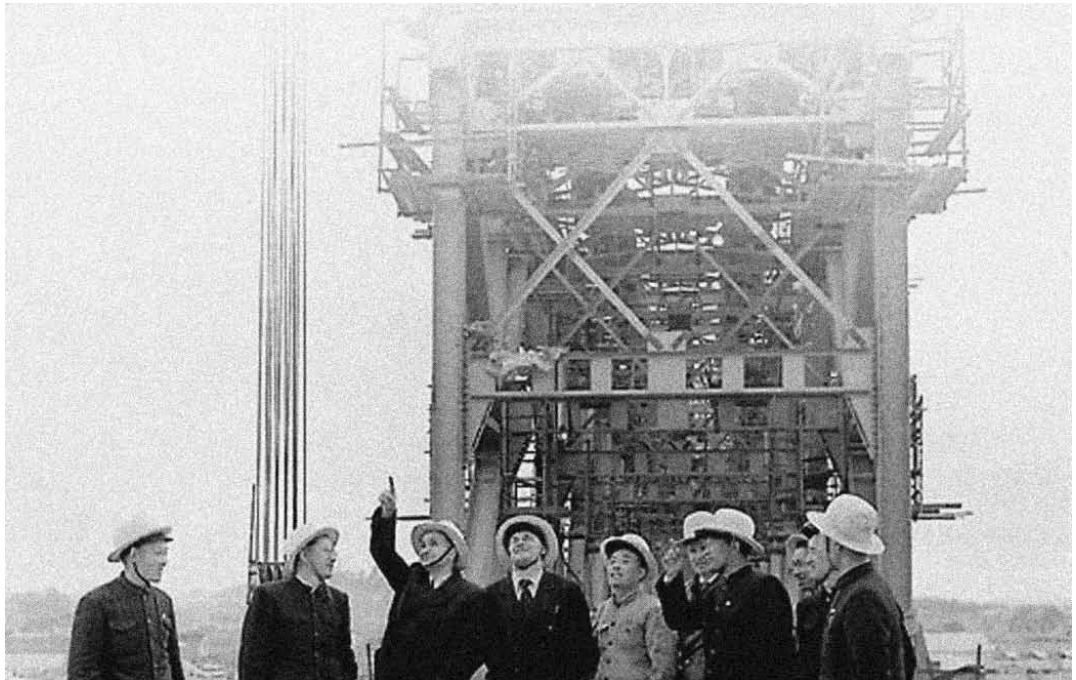
19000: nenhuma outra nação levou tão a sério a empreitada de barrar seus rios em larga escala; depois da China seguiam os Estados Unidos com 5500 grandes barragens, depois a ex-URSS, Japão e Índia. Para a China, a construção de barragens faz parte de todo o processo de afirmação de uma nova República Popular, com todas as diversas características que assumiu desde 1949.

Desde o início do século xx, já havia sido concebida a ideia de uma barragem no rio Yangtze, uma estrutura que facilitasse a navegação no grandioso rio e contivesse a água das chuvas que vinham do alto rio, mas naquele momento nem mesmo havia uma ponte que atravessasse o Yangtze. A ideia da construção de uma barragem parecia satisfazer diversos problemas, mas a realização do projeto estava realmente bastante distante; a primeira ponte a cruzar o rio só foi concluída em 1957, na altura da cidade de Wuhan, depois de décadas de estudos de viabilidade e adiamentos, dado o contexto complicado na China de guerras civis e mundiais na primeira metade do século. A ponte treliçada de dois tabuleiros, rodoviário em cima e ferroviário no inferior, foi possível com a expressiva ajuda soviética, que naquele momento tinha à disposição chinesa muitos de seus engenheiros e técnicos. Antes de haver a possibilidade de cruzar o rio via ponte, durante milênios a travessia era feita por embarcações e balsas. Passageiros que viajavam de trem a partir do norte sentido sul e cruzariam o rio eram obrigados a desembarcar do trem, atravessar o rio de balsa para então embarcar num outro trem e prosseguir viagem. Nesse tipo de contexto, o que era viável a respeito de uma grande barragem sobre o Yangtze não passava muito de hipóteses de sítios ideias e estudos preliminares nas Três Gargantas.

Mas enquanto a primeira ponte a cruzar o Yangtze estava sendo construída, um outro evento em Wuhan foi marcante para a história da China, do rio e do Projeto Três Gargantas: o primeiro grande nado público do líder Mao Zedong no Yangtze. É dito que a natação era um esporte ao qual Mao era especialmente afeito, e também habilidoso, já que simbolizava uma luta do homem com a natureza, com a poderosa água. Esse nado de 1956 em Wuhan teria inspirado o grande líder,

PONTE DE WUHAN

página seguinte Fotos de 1956 do processo de construção da primeira ponte sobre o Yangtze, na cidade de Wuhan. A ponte de tabuleiro duplo só foi possível graças à contribuição soviética.



que também teria sido um grande poeta, a compor “Nadar”, a partir daquele evento. Mao conclui o poema:

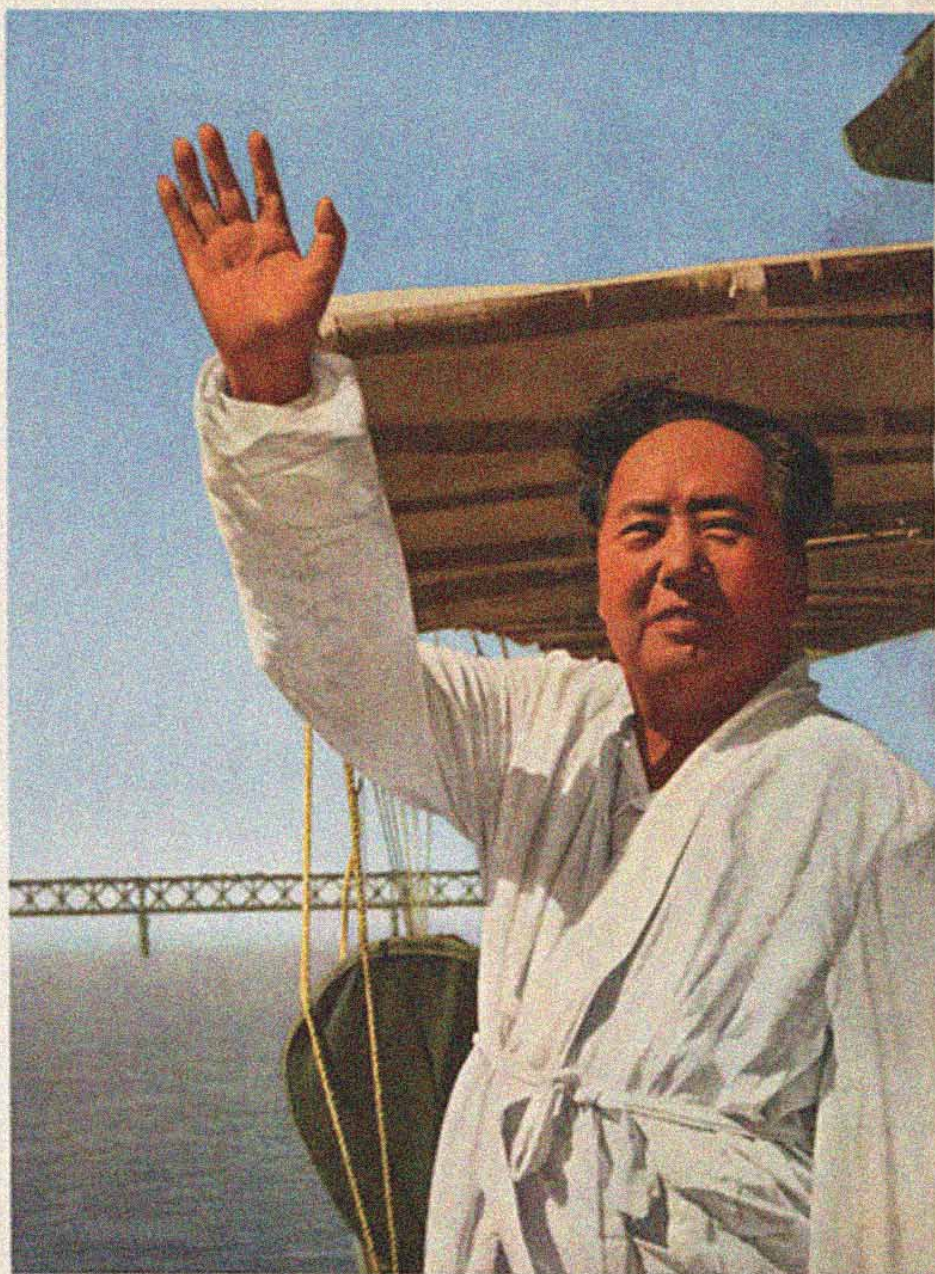
Mastros se movem com o vento
Tartaruga e serpente estão quietas
Grandes planos em andamento
Uma ponte irá voar e abranger norte e sul
e um grande abismo se tornará via pública
A oeste no alto rio uma parede de pedra
bloquearão nuvens e chuvas de Wushan
e um brando lago surgirá nas estreitas gargantas
Estando ali sã a Deusa da montanha Wu
irá se surpreender com um mundo tão diferente

Mesmo que a inspiração pelo nado e a composição do poema não tenham sido assim tão naturais, mas possivelmente parte de uma estratégia política de publicização de ideias, aquele momento em 1956 marcou a legitimação pelo próprio Mao em pessoa daquela grande barragem a ser construída no rio Yangtze, mais precisamente na região das Três Gargantas, iniciando novo período de providências mais práticas quanto à construção da barragem. Já em 1958 Zhou Enlai, vice de Mao Zedong, acompanhado de uma grande comitiva que incluía autoridades políticas e especialistas chineses e soviéticos, visitou dois sítios ao longo das gargantas para observá-los como possíveis pontos para a construção da barragem, e Zhou teria apontado para Sandouping, onde hoje está localizado o Projeto Três Gargantas, como local preferível. Naquele mesmo ano foi publicado o primeiro documento do Partido Comunista Chinês a respeito do Projeto Três Gargantas e de metas para o vale do rio Yangtze.

PÔSTER: NADO

página seguinte Em 1966, dez anos depois do primeiro nado Yangtze, Mao apareceu de surpresa numa competição de natação, e seu segundo nado foi um sucesso absoluto. O pôster de 1969 diz: “Acompanhe de perto o Grande Líder Mao Zedong e avance com coragem pelos fortes ventos e grandes ondas — Celebre o Movimento de Shanghai em nadar pelo Yangtze para comemorar o grande nado do presidente Mao pelo rio no dia 16 de julho.”

O “grande plano em andamento” de construção da barragem no maior rio da China era de enorme interesse para alimentar o principal grande plano para o país daquele momento: a construção de uma nação socialista de sucesso. E uma gigante barragem seria um elemento importante e simbólico para esse projeto de diversas formas. Apesar do rompimento de relações com a URSS em 1960, o comunismo da China ainda devia várias de suas características ao modelo soviético, sendo uma delas a ideia de desenvolvimento do país ligado ao empreendimento de grandes obras de infraestrutura e de geração de energia a ser aproveitada pela indús-



紧跟伟大领袖毛主席在大风大浪中奋勇前进

庆祝毛主席7.16畅游长江三周年上海市长游长江活动

tria crescente; barragens respondem idealmente às duas medidas. Ainda num contexto de Guerra Fria, Mao tinha consciência de seu compromisso em representar internacionalmente o modelo comunista de nação, e que ele envolve ciência e engenharia que não deveriam ficar para trás em termos de capacidade de realização, quando comparado ao modelo de desenvolvimento capitalista.

Mas ainda um aspecto mais específico de barragens, e de uma barragem como a do Projeto Três gargantas em especial por suas dimensões e impacto, seria particularmente interessante e condizente com uma característica da revolução que Mao pensava para a China: o da conquista da natureza e dos recursos que a nação tem a oferecer. Enquanto a primeira ponte a cruzar o rio Yangtze em Wuhan estava bastante relacionada à aliança com a União Soviética e à confirmação do potencial tecnológico comunista, a grande barragem tem muito a ver com a dinâmica do rio como um todo, com suas cheias e baixas, com as Três Gargantas e seus cenários e histórias, com o povo chinês e seu meio. Essa relação milenar, sobre a qual uma grande barragem no Yangtze teria muito a dizer, é intensamente explorada e valorizada durante a Era Mao de diversas formas, sendo uma bastante representativa a publicização nacional do “exemplo a ser seguido” da comuna popular de Dazhai.

Até meados da década de 40, Dazhai apresentava um cenário pouco promissor de um vilarejo desfavorecido na Planície da China Norte: solo infértil, topografia acidentada, cheias, mas dificuldade de retenção e drenagem de água, população pobre e vítima de fome crônica. Ela já entrou na era da República Popular da China, de 1949, mergulhada nos ideais revolucionários que o contato intenso com soldados do Exército Vermelho durante aquela década havia despertado, e já com experiências de reforma agrária colocadas em prática. Sob a liderança de Chen Yonggui, que se destacou entre os habitantes de Dazhai com seu enorme poder de mobilização e espírito coletivo, o vilarejo viveu uma década de 50 de extrema transformação, empreendendo a construção intensiva de terraços de cultivo a partir das montanhas desfavoráveis, paredes de retenção, canais de irrigação, tudo com

PÔSTER: DAZHAI

página seguinte No pôster “Siga o caminho de Dazhai”, o líder da comuna Chen Yonggui é o símbolo do camponês exemplar. Ele e os outros habitantes de Dazhai, ao fundo, trabalham para tornar a natureza cheia de condições adversas a seu favor e prosperar.



as mãos da própria população e de forma relativamente independente de recursos externos e do governo. No início da década de 60 uma chuva intensa de uma semana causou a destruição generalizada de grande parte daquilo que Dazhai havia construído, mas o esforço e eficiência de reconstrução e ainda aprimoramento foi surpreendente, e as cifras da produção de Dazhai seguiram altas.

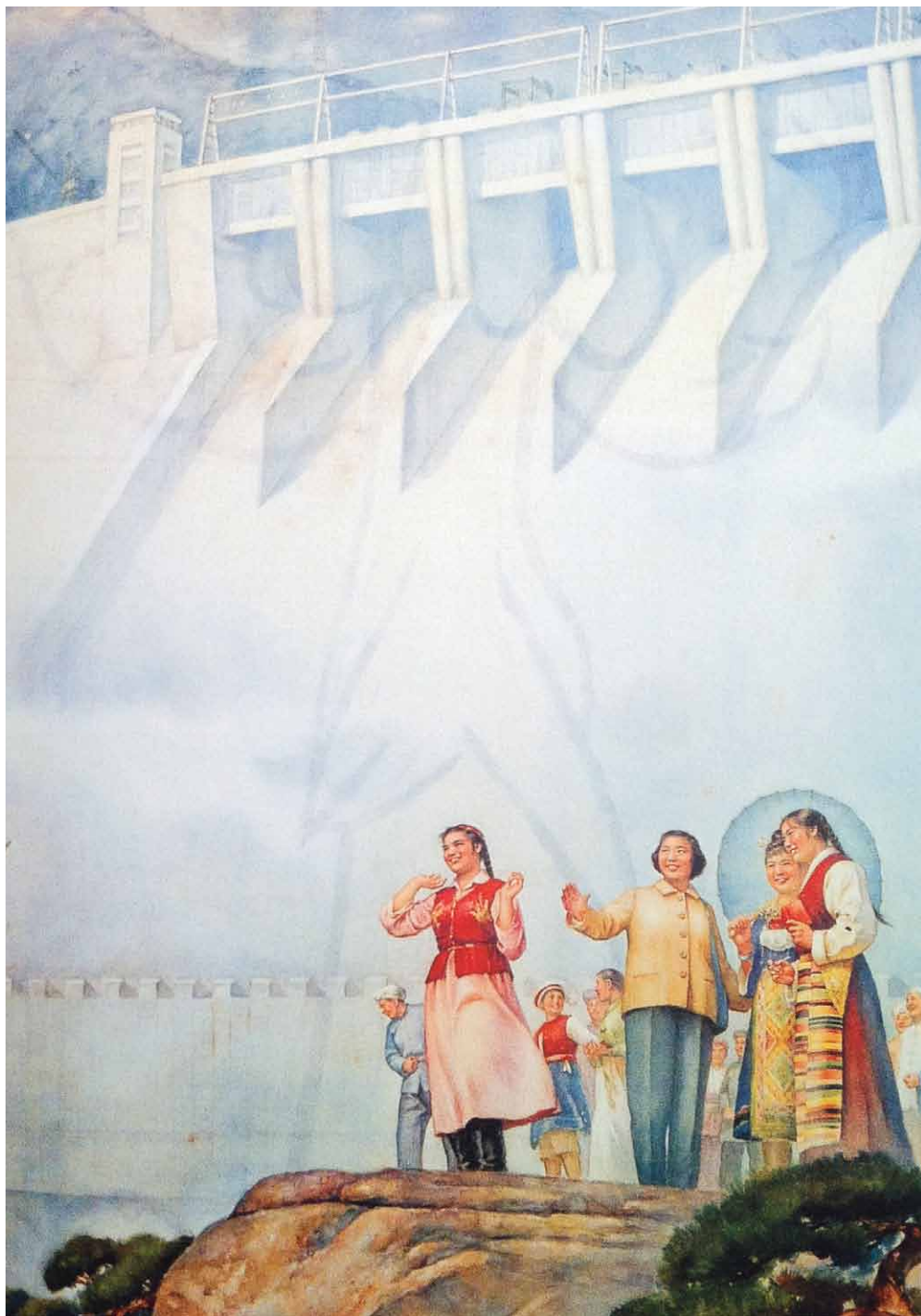
Zhou Enlai teve ciência da trajetória de Dazhai nesse momento de incrível reconstrução do início da década de 60, e Chen Yonggui foi convidado a falar num grande evento político na capital Beijing sobre a experiência de Dazhai. Ela havia se tornado comuna popular em 1958, quando o projeto das comunas foi lançado por Mao, e diante de uma crise generalizada em 1961 e das duras críticas que as comunas populares estavam sofrendo, o exemplo de sucesso de Dazhai caiu como luva. A partir de 1965, campanhas nacionais foram lançadas com o slogan “Na agricultura, aprender com Dazhai”, incentivando organizações rurais de toda a China a seguirem o exemplo: organizar-se coletivamente e se mobilizar na transformação do meio e construção de infraestruturas próprias, sem poupar esforços e dedicação, em nome da produtividade e da revolução, se utilizando de recursos tradicionais e novos.

É claro que uma grande barragem sobre o rio Yangtze não poderia ser construída com as próprias mãos do chinês comum, como predominantemente foi toda a estrutura de Dazhai, mas sua realização, a elevação da enorme parede de concreto barrando o maior rio da China, seria a própria imagem, a maior possível, daquelas virtudes consideradas exemplares da comuna popular. Explorar os recursos disponíveis ao máximo em um esforço incansável, lutando contra as condições naturais adversas, mirando o coletivo e a produtividade: tudo se materializaria na conquista do povo chinês de barrar o Yangtze.

Diante da intenção de Mao de construir algo tão grandioso quanto a barragem e usina hidrelétrica que hoje conhecemos como Projeto Três Gargantas, é tentadora a frequente comparação entre sua figura e a do Primeiro Imperador

PÔSTER: XIN'ANJIANG

página seguinte De 1964, no pôster “A magnificente usina hidrelétrica do rio Xin'an” é retratada a barragem Xin'anjiang, construída nos anos 50 na província de Zhejiang. Chineses se admiram diante da obra imponente; barragens tornaram-se o símbolo do controle da natureza e dos recursos nacionais em sua máxima escala.



Qin e, neste caso, também entre o Projeto Três Gargantas e a Grande Muralha. Ambos líderes totalitários e ambiciosos em suas metas construtivas, tiveram especial preocupação com afirmar seus tempos presentes a partir do desmonte do passado, de forma que o que vinha antes era deslegitimado, ou utilizado com algum interesse estratégico. Qin Shihuang se autodenominou Primeiro Imperador, fazendo a história começar nele, perseguindo escritos e discípulos de Confúcio para serem eliminados; Mao fez o mesmo contra tudo aquilo que carregava algum peso do tradicional ou do antigo, ou simplesmente do anterior à revolução, em nome do glorioso presente socialista. Mais: ambos apostaram na construção de grandes paredes, Qin na Grande Muralha e Mao nas grandes barragens por todo o país, como símbolos de poder através da dominação do meio natural e da população.

A Grande Muralha, é importante lembrar, estava a princípio incluída na lista de “antiguidades” desprezadas pelos princípios revolucionários de Mao, e mesmo trechos dela foram dilapidados e dinamitados para a reutilização de suas pedras em outras construções, ou simplesmente para serem vendidas. É de 1952 a proposta de renovar e usar um trecho da Grande Muralha para servir de local de passeio para aqueles que vinham em visita diplomática à China, dando início a uma era moderna da Grande Muralha, na qual segundo Lovell,

A realidade histórica da muralha — sua verdadeira idade, função e aparência não-uniforme, os erros e desastres sociais associados a ela — foi esquecida, restando apenas o trecho ocasional arrumado para servir de propaganda da China de Mao.⁶

A Grande Muralha seria então aquela antiga parede reconstruída para atender ao presente, e as diversas barragens nos rios, a maior delas a ser construída nas Três Gargantas, seriam as paredes construídas pela Nova China moderna, a marcarem um novo início — como a Grande Muralha um dia também veio marcar.

Mas um projeto de barragem das dimensões daquela do Projeto Três Gargantas leva anos, décadas para ser concebido,

6. LOVELL, J. *Op. cit.*, p 319

desenhado, aprovado e construído, e tanto o tempo quanto as condições políticas e econômicas necessárias para viabilizar uma empreitada de escala tão excepcional faltaram para a conturbada Era Mao. O que foi possível, movida por interesses provinciais e pela ideia de experimentação e acúmulo de verba para um futuro próximo, foi a construção da barragem Gezhouba iniciada em 1970. Erguida próxima ao sítio idealmente pensado para abrigar a futura e verdadeira grande barragem sobre o Yangtze, Gezhouba é muito menor, com um reservatório mais de 25 vezes menos volumoso do que o da barragem que viria a seguir, produzindo 6 vezes menos energia elétrica, sendo que sua construção ainda sofreu pausas devido ao cenário complicado da década de 70.

A morte de Mao em 1976 e a década seguinte, em que a China estava sob o poder de Deng Xiaoping, marcaram um período de transição para o país de uma forma geral, com uma revisão em todos os campos político, econômico, social. Mas o Projeto Três Gargantas continuou tramitando vivo, durante toda a década de 80 sendo reformulado e reproposto, envolvendo autoridades de diversas localidades ao longo do rio Yangtze. Foi em 1992, já num momento de transformação profunda do país nas mais diversas esferas da sociedade, que a Proposta do Conselho de Estado quanto à Revisão do Pedido de Construção do Projeto Três Gargantas foi aprovada em Beijing, pelo Congresso Nacional do Povo. O contexto era completamente outro; Mao Zedong nunca poderia ter imaginado como seria a China que conseguiria aprovar e realizar a barragem cuja ideia ele retomou e legitimou em 1956. Em 1992, mais 36 anos de história chinesa de não poucos eventos haviam se acumulado, e também motivações de novo caráter para erguer a barragem e usina hidrelétrica das Três Gargantas surgiram.

Um aspecto predominante da política dessa década de 90 e que definitivamente determinou a realização do Projeto Três Gargantas foi a necessidade de fazer resurgir um sentimento nacionalista mais amplo entre o povo chinês. Segundo o historiador Paul Cohen,

na sequência dos acontecimentos de 1989, foi sentida por parte do governo chinês uma necessidade, se não declarada, de aparecer com uma nova ideologia legitimadora, para polir o lustre da visão marxista-leninista-maoísta original que vinha rapidamente turvando-se; nos olhos de Deng Xiaoping, Jiang Zemin e de outros líderes-chave, o candidato mais lógico para preencher tal função era o nacionalismo, a ser inculcado via um programa de educação patriótica multifacetado.⁷

7. COHEN, P. *China Unbound: Envolving perspectives on the Chinese past*. London: RoutledgeCurzon, 2003. p 167

TIAN'ANMEN, 1989

Praça Tian'anmen durante os protestos estudantis, sobretudo pela liberdade; uma versão da Estátua da Liberdade foi erguida em frente à Cidade Proibida.

O turvar daquela “visão original” se expressou na curiosidade por outras formas de fazer política, e que moveram os estudantes e a população da capital Beijing a pensarem juntos sobre uma China mais democrática, após a Era Mao e a transitória década de 80, mobilizados na Praça Tian'anmen em 1989. Os “acontecimentos” daquele ano, como lembra a partir das próprias experiências o escritor Yu Hua, foram nada menos do que o absoluto esfacelamento daquela curiosidade e mobilização, materializado num verdadeiro massacre, e as tentativas do governo de conduzir a atenção e os esforços do povo chinês para longe da esfera política. Era preciso restaurar a imagem de Deng Xiaoping, que autorizou a trágica ação militar, do governo, do país e do povo que ele representava, e o caminho traçado nesse sentido durante a década de 90



foi a do nacionalismo. As questões problemáticas não eram só internas; muitos países manifestaram aversão à repressão das manifestações em Beijing, e os Estados Unidos estavam tomando medidas políticas e econômicas que os chineses entenderam como propositalmente atrapalhadoras do crescimento nacional. O foco da nova campanha nacionalista seria então na recuperação e sustentação de uma soberania da civilização chinesa, a ser afirmada interna e externamente.

De forma geral era esse o contexto político de aprovação e início das obras do Projeto Três Gargantas. A maior barragem do mundo viria em ótimo momento, como um símbolo para a China e para o mundo, que contribuísse para preencher aquela demanda política por um sentimento nacional mais direcionado. Economicamente, o país estava vivendo uma profunda transformação; diferente daquela situação de quando Mao propôs em forma de poema a grande barragem em 1956, na década de 90 toda a enorme quantidade de energia elétrica que fosse produzida pelo Projeto Três Gargantas seria de importância vital para o desenvolvimento industrial e o crescimento das cidades, sendo possível estimar que antes, em 56, a demanda para tanta energia era mais exagerada do que real, ou que seu direcionamento seria pouco objetivo. E uma nova preocupação global também surgiu no final do século e foi bastante lembrada por aqueles interessados em construir a barragem: a produção de energia hidrelétrica seria uma forma pouco agressiva ao meio ambiente de cumprir com as demandas de crescimento do país, que a esse respeito estava, e até hoje está, sob vigilância do mundo.

O Projeto foi finalmente aprovado em 1992 em um processo decisório bastante polêmico, como o próprio Projeto em si, devido suas proporções e as de seus efeitos: não havia nenhum aspecto da barragem e da usina hidrelétrica das Três Gargantas cuja escala não fosse grandiosa. Críticos e opositores não foram poucos e nem silenciosos, e em 1987 o tema do Projeto Três Gargantas foi banido pelo governo de aparecer em debate público, depois das diversas recepções negativas nos anos anteriores à ideia da gigante barragem ser de fato realizada. A mais organizada delas foi aquela liderada pela jornalista e ativista Dai Qing, cuja mobilização resultou

no livro *Yangtze! Yangtze!*, um dossiê de documentos, artigos e entrevistas com diversos especialistas, engenheiros e técnicos que se opunham à construção do Projeto Três Gargantas. Ele foi publicado independentemente em 1989, e graças aos seus apontamentos o Congresso Nacional daquele ano resolveu que seria adiada por mais cinco a decisão a respeito da construção da barragem. De qualquer forma, com o massacre da praça Porta da Paz Celestial em junho daquele ano, o livro *Yangtze! Yangtze!* foi também condenado e banido de circulação. Segundo um dos contribuintes do livro, Lawrence Sullivan, no prefácio de uma edição posterior de 1994,

Esmagar estudantes na praça Porta da Paz Celestial não só permitiu a liderança comunista de permanecer em segurança no poder, mas também possibilitou uma cobertura conveniente para remover do Partido e do aparelho do Estado aqueles adversos à barragem.⁸

Mesmo com a decisão de adiar a votação do Projeto por cinco anos, ele foi aprovado logo em apenas três anos, em 1992, sob condições que o livro que Dai Qing havia organizado já previa e condenava: a ânsia e os interesses políticos e econômicos em torno da barragem se sobrepondo à razão científica e à lógica da eficiência, que apontariam um caminho inverso ao de uma obra tão grandiosa. Aquela necessidade de resgatar o nacionalismo como instrumento de manutenção do poder já havia conferido ao Projeto Três Gargantas um caráter essencialmente político. Como identificou Sullivan,

Um grande obstáculo para os opositores à barragem é a identificação do projeto com o nacionalismo e o etnocentrismo chinês. Esta é pra ser a maior barragem do mundo e, assim como outros aspirantes a grandes potências, a China quer ser a “número 1”: em muralhas, cidades, produção de grãos, e agora em barragens. Pequeno não é belo num país de 1,1 bilhões de habitantes [número de 1994]. Opositores argumentando por uma série de barragens menores e mais baratas a serem construídas nos afluentes do rio Yangtze se chocam constantemente contra a poderosa força do nacionalismo chinês, agora sob uma máscara comunista que prefere monumentos grandiosos em detrimento da eficiência.⁹

8. SULLIVAN, L. The Three Gorges Dam And The Chinese Polity. In DAI, Q. *Yangtze! Yangtze!*. UK: Earthscan Ltd, 1994. Prefácio.

9. *Ibidem*. Prefácio.

Apesar de toda a resistência, de apelos e de mais livros publicados mesmo depois da aprovação do Projeto, as obras foram iniciadas e hoje, 20 anos depois, estão praticamente completas e barragem e usina hidrelétrica já operam

sob máxima capacidade. 2000 anos depois das obras encomendadas pelo imperador Qin, a China ganha duas muralhas emblemáticas: a nova Grande Muralha e o Projeto Três Gargantas. A enorme barragem do rio Yangtze traz à tona um sentimento geral com relação a muralhas alimentado desde os Qin, mas que havia sido transformado quando a Grande Muralha foi reinventada durante o regime comunista: o receio de que a construção de muralhas implicam sacrifício do povo. Para J. Lovell, historiadora que se dedicou ao estudo da Grande Muralha:

Embora ela tivesse fisicamente pouca relação com a Grande Muralha contemporânea, a muralha dos Qin surgiu com as primeiras histórias de sofrimento e sacrifício envolvidos na construção de muralhas. Até patriotas desesperados adotarem a Grande Muralha como símbolo nacionalista no século xx, essas lendas dominaram e formaram um sentimento popular a respeito da muralha, alimentando tradições que endiabravam muralhas no imaginário comum como recursos opressivos de tiranos, que transformavam a fronteira num ermo e solitário cemitério dos chineses comuns.¹⁰

A barragem do Projeto Três Gargantas não delimita uma fronteira entre territórios, mas é erguida física e simbolicamente como uma grande muralha: uma obra construída segundo interesses autoritários, envolvendo de maneira forçada milhares de chineses para ser concluída. A muralha dos Qin foi levantada graças ao sacrifício obrigado daqueles que trabalharam em suas obras, e as histórias que Lovell aponta como aquelas que rondaram a muralha por gerações contam sobre um verdadeiro cemitério: chineses que morriam de exaustão, frio ou fome nas empreitadas de construção da muralha dos Qin teriam tido seus corpos utilizados como pedras para a edificação. Verdadeiras ou não, essas histórias de sacrifício do povo se mantiveram presentes na ideia de muralha, e de certa forma são retomadas à ocasião da construção da muralha do Projeto Três Gargantas: ela não se ergue sobre cadáveres, mas demanda que mais de 1,3 milhões de chineses saiam de suas casas e terras para que a imensa área planejada para o reservatório seja alagada. A campanha governamental do Projeto Três Gargantas envolvia o convencimento da população de que qualquer possível problema resultante da grande barragem seria menor do que previam os opositores, e que valeria a pena encará-lo em nome dos muito mais

10. LOVELL, J. *Op. cit.*, p 59

relevantes benefícios que o Projeto traria para a China; no caso de uma barragem e uma usina hidrelétrica tão grandiosas, não só o proveito coletivo é evocado para convencer e se sobrepor ao individual, mas também as vantagens nacionais, políticas e econômicas, estando em jogo todo um processo de desenvolvimento — e, muito importante, a imagem desse processo.

A recepção da barragem pela população do vale do alto e médio Yangtze é tão variada quanto os próprios chineses e suas origens, modos de vida e opiniões. Na região é de longa tradição o cultivo de laranjas, e muitas famílias viviam dessa ou de alguma outra forma de produção agrícola ali mesmo, às margens do maior rio da China; com a inundação do reservatório, essas famílias foram deslocadas para terras mais altas, menos férteis e com piores condições de cultivo. É claro que nesses casos a barragem foi recebida com enorme pesar e inquietação, mas qualquer resistência é desesperançada. Há também uma parcela da população mais ou menos indiferente, que reserva imperturbada aos governantes essas responsabilidades maiores, dispostas a consentir com as decisões e ordens de cima. Foi o que observou o escritor Peter Hessler a partir de seu convívio com habitantes da cidade de Fuling, às margens do Yangtze, entre a cidade de Chongqing e a região das Três Gargantas, no final dos anos 90. Naqueles anos Hessler foi professor em uma universidade de Fuling, e haviam dúvidas entre os alunos e a população sobre o quanto a água do Yantze ia subir e até onde a cidade seria alagada:

O novo reservatório implicaria a elevação do nível da água do rio, mas ele não subiria tão alto até o edifício onde tínhamos aulas. Alguns dos meus alunos diziam que ele dificilmente iria até metade do distrito Leste do Rio, enquanto outros diziam que a água encheria toda a região, chegando até os portões da faculdade. Nenhum deles sabia ao certo, mas ninguém parecia se importar. Havia sido dito a eles que a barragem era benéfica, e isso era suficiente.¹¹

Não é possível generalizar a respeito da aceitação do Projeto Três Gargantas pelos chineses, principalmente por aqueles diretamente atingidos, havendo posicionamentos tão contrários e revoltados quanto o de Dai Qing, lamentados como o dos pequenos agricultores, e conformados ou satisfei-

11. HESSLER, P. *River Town: two years on the Yangtze*. New York: Harper Perennial, 2006. p 100

tos como o de alguns habitantes das cidades ao longo do rio; mas o que eles têm em comum é que, no final, estão todos subjulgados e debilitados de agir contrariamente às decisões oficiais. E a grande muralha do Projeto Três Gargantas estará sempre lá, imponente, para lembrar a todos disso.

Seja durante a Era Mao ou nos tempos recentes de reformas e abertura econômica, a construção da maior barragem do mundo responde bem à avidez nacionalista que se manifestou de maneira específica, com os respectivos interesses e motivações, durante esses dois últimos períodos da China moderna. A ideia da barragem se manteve viva e interessante mesmo com a profunda transformação do país nos mais diversos campos, e uma chave para entender essa predileção contínua pela grande barragem pode ser encontrada naquelas declarações de McCully a respeito da impressionante Hoover: a maior força de uma grande barragem não está nas dimensões de seu reservatório ou na capacidade de sua usina hidrelétrica, mas principalmente na imagem que ela transmite. Essa grandiosa imagem, sobretudo de ciência e economia em progresso, pode ser direcionada por interesses e veículos oficiais da forma que for mais conveniente, sendo possível aproveitá-la para simbolizar tanto um regime comunista de sucesso quanto uma economia de mercado líder mundial. A imagem da grande barragem como símbolo nacionalista, de domínio da natureza e do povo, fez ela persistir como vontade política durante o conturbado século xx da China.

Como imagem, símbolo, o Projeto Três Gargantas tem uma força especial para a China. Os arranha-céus como aqueles erguidos nas cidades de Beijing, Shanghai e Shenzhen têm sido constantemente lembrados e estudados como símbolos de liderança que o país quer transmitir, mas suas imagens mais entram numa concorrência mundial entre arranha-céus do que revelam uma história, uma cultura, um território como a grande barragem do Projeto Três Gargantas revela. O mais alto arranha-céu exige um terreno, relevantes escritórios de arquitetura e engenharia, a técnica de construir edifícios altos que independe de um lugar e, mais expressivo, o dinheiro no bolso para bancá-lo — e os arranha-céus da China querem ressaltar especialmente esse ponto, da riqueza como inserção no mundo. A barragem do Projeto Três Gargantas é sim destacada como a maior do mundo, e existem muitas outras grandes barragens em diversos países, mas uma barragem é por si só mais agarrada a *um lugar*: seu projeto depende de um rio, um elemento tão específico e único, com suas dinâmicas próprias, sua história; o impacto de uma grande barragem é espacialmente amplo, pois implica um reservatório, e portanto a transformação de toda uma paisagem; populações inteiras podem ser forçadas a se deslocarem. Nesse sentido, a grande barragem do Projeto Três Gargantas é *mais chinesa* do que qualquer arranha-céu, pensando em expressivos símbolos de liderança da China.

Mas justamente por essa maior amarração do Projeto Três Gargantas com as mais diversas variáveis da realidade chinesa, com o território propriamente, é que hoje, duas décadas após o início de sua construção, sua imagem pode estar transmitindo o que os governantes que tanto lutaram para construí-lo não desejavam, e talvez não pudessem imaginar. A eficácia e o poder da imagem da maior barragem do mundo é incontestável, mas inclui aspectos não tão nobres: insatisfação pública, poluição ambiental e ação inconsequente quanto ao ecossistema do rio, destruição de cidades inteiras, corrupção. Nos termos do Projeto Três Gargantas como símbolo, pode-se dizer que ele expressa bem até demais o desenvolvimento da China, abrangendo também seus pontos problemáticos, e revela o preço da liderança que o país desejou alcançar, não tão óbvio em 1992, mas que agora são claros tanto para a China quanto para o mundo.

A barragem e usina hidrelétrica de Itaipu no rio Paraná, entre o Brasil e o Paraguai, ainda é a maior geradora de energia hidrelétrica do mundo, vindo o Projeto Três Gargantas em segundo. Itaipu é responsável por gerar anualmente entre 20 e 30% da energia consumida no Brasil. A usina do Projeto Três Gargantas gera menos energia, e tem uma demanda, uma população e uma indústria muito maior do que a brasileira, o que revela que a grandiosidade do Projeto Três Gargantas está de fato menos em sua funcionalidade, mais em sua imagem; uma grande muralha no rio Yangtze.

Para McCully, uma barragem se afirma como ícone nacionalista ao “expressar domínio sobre a natureza e orgulho patriótico”, mas é contestável o quanto o Projeto Três Gargantas de fato se expressa dessa forma. O “domínio sobre a natureza” pela barragem, como já vimos, é polêmico, e muitos especialistas contestam que ela de fato evite grandes enchentes do Yangtze ou permita que enormes embarcações alcancem a cidade de Chongqing; o “orgulho patriótico” também definitivamente não é unânime, dada a insatisfação por parte de muitos a respeito da construção de uma obra tão impactante num lugar tão valioso para os chineses como as Três Gargantas no maior rio da nação. E, atualmente, para muitos da população da China, o nacionalismo não é tanto uma questão. Segundo Cohen,

Nos anos 90, muitos chineses, incluindo intelectuais, se contentavam com esquecer tudo sobre humilhação nacional [pelo imperialismo estrangeiro] e sair por aí e enriquecer, e muitos outros (camponeses de províncias do interior e operários de fábricas, particularmente), deixados de fora do crescente bem-estar material do país, sentiram-se menos vitimados por imperialismo estrangeiro do que pelas políticas do seu próprio governo.¹²

A imagem do Projeto Três Gargantas, construída por um governo tão preocupado com sua posição de liderança em relação aos outros países, e com o que eles pensam sobre a China, revela muito mais do que se gostaria; o governo responsável pela campanha nacionalista da qual o Projeto Três Gargantas faz parte deve estar atento hoje, quando as obras estão sendo concluídas e seu impacto se tornando mais sensível, para a possibilidade de ele se voltar contra a própria campanha e contra si, para a chance de ele ser uma dessas políticas diante das quais muitos se sentem vitimizados.

12. COHEN, P. *Op. cit.*, p 171







RECONSTRUIR

“POR QUE, AO DISCUTIR A CHINA DE HOJE, EU SEMPRE VOLTO AO PERÍODO DA REVOLUÇÃO CULTURAL? É PORQUE ESSAS DUAS ERAS SÃO TÃO FORTEMENTE RELACIONADAS: APESAR DA CONDIÇÃO DA SOCIEDADE DE AGORA SER MUITO DIFERENTE DAQUELA DE ANTES, ALGUNS ASPECTOS PSICOLÓGICOS PERMANECEM INCRIVELMENTE SIMILARES. DEPOIS DE PARTICIPAR DE UM MOVIMENTO DE MASSA DURANTE A REVOLUÇÃO CULTURAL, POR EXEMPLO, NÓS ESTAMOS AGORA ENGAJADOS EM OUTRO: DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO.”

Trecho do livro “China in ten words” (Nova York: Pantheon Books, 2011), do escritor chinês Yu Hua, que viveu a Revolução Cultural durante sua infância, e hoje mora em Beijing.

INTRODUÇÃO

QUEBRAR E ERGUER, DESTRUIR E CONSTRUIR

Em um de seus tipicamente breves escritos, intitulado “A Muralha e os Livros”¹, o argentino Jorge Luis Borges conta sobre sua inquietação diante de algo que havia descoberto: que o Primeiro Imperador da China, Qin Shi Huang, teria ordenado a queima de todos os livros anteriores a ele próprio, e também a construção daquela que conhecemos hoje como a Grande Muralha. Borges segue o texto investigando sua inquietação a respeito da descoberta, de que uma mesma pessoa teria ordenado tais grandes operações “e fossem de certa forma atributos dela”, mas independentemente de suas conclusões, ele nos apresenta um grandioso e antigo exemplo de uma ação que os chineses vêm empreendendo amplamente em tempos recentes — e sendo por conta dela alvo das mais diversas críticas: reconstruir, tratada aqui como a operação conjunta de destruir e construir.

Em mandarim existem incontáveis expressões e ditados que de forma simples traduzem grandes ideias. Na China, para as aulas de chinês que assisti em Hangzhou, a professora frequentemente trazia alguns desses ditados como maneira de nos aproximarmos não só da língua, mas da cultura e da maneira de pensar chinesa que os originou. Numa aula que tivemos ao ar livre, no grande gramado da universidade e à sombra de uma gigante estátua de Mao Zedong, a professora nos ensinou a expressão 旧的不去，新的不来, *jiu de bu qu, xin de bu lai*: literalmente, “se o velho não vai, o novo não vem”. Segundo a professora, ela poderia ser utilizada, por exemplo, para consolar um amigo que tivesse perdido a mochila: “Não se preocupe, ‘se o velho não vai, o novo não vem’, agora você pode comprar uma nova mochila bem mais bonita!”. Mas aquele grande Mao de pedra ao nosso lado me fez pensar em outras situações de uso para essa expressão, e lembrar de uma outra que o próprio Mao formulou: 不破不立, *Bu po bu li*, “Sem quebrar não é possível erguer”, ou “Não se constrói sem destruir”. Para reconstruir a China como nação revolucionária, ele propôs destruir o velho e construir o novo; o imperador Qin Shi Huang gostaria de ter destruído a história, fazendo ela começar nele.

1. BORGES, J. L. A muralha e os livros. In Antologia Pessoal. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. pp 107-110

Um dos aspectos do Projeto Três Gargantas que foi apontado como grande problema é a destruição que sua cons-



BEIJING, 2010

Um dos incontáveis canteiros de obras facilmente encontrados na capital hoje. Terra e neve do rigoroso inverno.

trução implicou. Não só do meio ambiente e ecossistemas do rio em larga escala, mas de grandes partes de cidades ou mesmo cidades inteiras, e de edificações antigas que carregavam história, e mesmo até da paisagem extrema das Três Gargantas, que com a elevação do nível da água do rio Yangtze se tornaram um pouco “menos” gargantas. Mas foi decidido que tudo isso tinha que ir, para a maior barragem e usina hidrelétrica do mundo poder vir, e com ela casas, cidades e a China reconstruídas.

A operação de reconstruir — destruir e construir — é intrínseca e tem papel estrutural para o estabelecimento das cidades chinesas desde a fundação da República Popular da China em 1949 até hoje, quando pesquisas mostram que metade da população de 1,3 bilhões já vive áreas urbanizadas. Beijing, a capital da China desde então, foi e é palco e exemplo expressivo desse tipo de operação; aqui, a partir do exame desse processo de destruição e construção sob o qual foi surgindo o que encontramos hoje em Beijing, olharemos para a destruição e construção do Projeto Três Gargantas: que políticas, que arquitetura, que interesses regem a tão influente ação de reconstruir?

BEIJING 1949-2012

A CAPITAL NOVA, O PATRIMÔNIO DESCONHECIDO E OS ARQUITETOS RESISTENTES

A POLÍTICA DETERMINA O PLANEJAMENTO URBANO: 1949-1979

No início do século xx, escritores chineses familiarizados com a cidade de Beijing, então chamada Beiping, já manifestavam sua surpresa e preocupação com todas as mudanças que percebiam estar ocorrendo e que previam ocorrer na cidade. Mas nada poderia ser menos esperado: o regime dinástico milenar havia acabado de ser substituído pela República da China, em 1912, e os conflitos internos e externos estavam longe de cessar; duas guerras mundiais e batalhas pelo poder durante as décadas seguintes ameaçaram e destruíram marcos, e muitos testemunharam com pesar a capital imperial ganhar uma nova aura, construída em torno de rebeldia e violência. A cidade sofreu transformações durante a primeira metade do século, principalmente por meio do desaparecimento ou destruição gradual do que caracterizava uma cidade do tempo dinástico, mas de maneira pontual, descentralizada e não-organizada; foi a partir do estabelecimento da República Popular da China por Mao Zedong, em 1949, que Beijing entrou num processo de mudanças planejado e amplo, com interesses políticos objetivos e com um programa de destruição e construção para os espaços da cidade, com a meta de reconstruir a capital como exemplo de reconstrução da China.

Os princípios que norteariam a forma de governo e a postura diante das questões urbanas e territoriais de Mao durante as três décadas a partir de 1949, quando esteve no comando do Partido e da China, já haviam sido delineados e declarados bem antes de sua tomada do poder central. Em 1940, com o país ainda sob ocupação japonesa, guerra civil e total instabilidade política, num Primeiro Congresso da Associação Cultural organizado no norte da China, Mao Zedong fez um discurso em que formulava uma teoria completa da Nova Democracia. Sobre o ponto “A Cultura da Nova Democracia”², ele aponta que

2. Trecho do discurso. Ele pode ser encontrado facilmente na internet, não constando em livros. Encontrei apenas o texto em chinês e uma única tradução para o inglês. Traduzi este trecho diretamente do chinês.

帝国主义文化和半封建文化是非常亲热的两兄弟，它们结成文化上的反动同盟，反对中国的新文化。这类反动文化是替帝国主义和封建阶级服务的，是应该被打倒的东西。不把这种东西打倒，什么新文化都是建立不起来的。不破不立，不塞不流，不止不行，它们之间的斗争是生死斗争。

A cultura imperialista e a cultura semi-feudal são irmãs muito afeiçãoadas, e que formaram uma aliança cultural reacionária contra a Nova Cultura da China. Esse tipo de cultura reacionária serve aos imperialistas e à classe feudal, e deve ser totalmente derrubada. Se esse tipo de coisa não for derrubada, nenhuma Nova Cultura poderá ser erguida. Não se constrói sem destruir, não há fluxo sem barragem, não há movimento sem bloqueio; a luta entre eles é uma luta de vida ou morte.

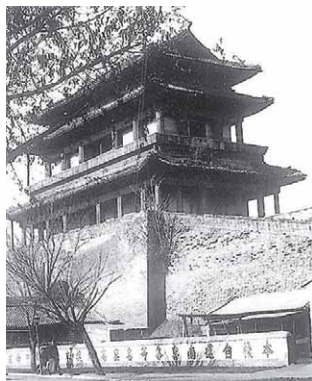
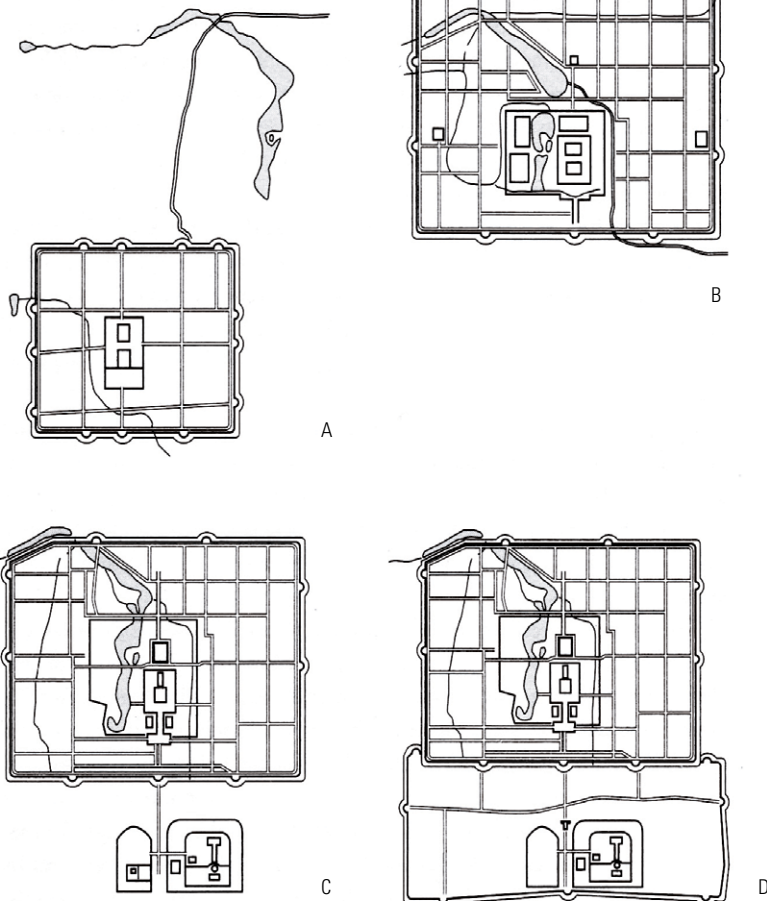
不破不立, *Bu po bu li*, que ficou mais amplamente conhecido como “destruir para construir”, é o princípio que foi pela primeira vez apresentado nesse Congresso, e com ele Mao se referia à derrubada dos antigos valores, ou seja, aqueles dos imperialistas e da classe semi-feudal, pelo levante da Nova Cultura da China, comunista: destruir e construir seriam os passos elementares de uma revolução. Tendo definido dessa maneira o que deveria ser posto abaixo e o que deveria ser erguido, Mao definiu o princípio da revolução comunista que estava propondo para a China, e que teve a oportunidade de empreender entre 1949 e 1976. Longe de se manter apenas no plano da idealização, a destruição e construção como forma de revolução foi posta em prática e materializada de maneira expressiva nas intervenções sobre a cidade de Beijing. A capital do país havia sido transferida para Chongqing durante os anos de guerra, mas em 1949 Mao Zedong fez com que Beijing voltasse a ser a sede do governo central da nação, e não sem que fosse devidamente convertida de “antiga cidade feudal em uma moderna cidade produtiva”.

Naquele momento, a parte central de Beijing, também chamada de “cidade velha”, estava separada do restante da cidade e dividida em duas por uma antiga muralha. Tradicionalmente, cidades eram fortificadas, cercadas por grandes muros e portões; até o estabelecimento da República Popular essas fortificações ainda existiam imponentes em Beijing. A mais antiga delas datava da dinastia mongol dos Yuan, do século de 1300, e foi sofrendo alterações e ampliações ao longo do tempo e das dinastias seguintes. Os Qing, da última dinastia da China, tinham planos de expandir os limites da muralha e começaram a fazê-lo pelo sul, mas o orçamento curto parou as obras no meio. Assim, a configuração da muralha da cidade velha que Mao encontrou em Beijing em 1949 era de um retângulo grande acoplado por baixo a um menor, sendo o maior e mais novo chamado de “cidade exte-

MURALHAS DA BEIJING IMPERIAL

A capital da dinastia Jin (1115-1234, coexistindo com a dinastia Song, só que ao norte da China) era fechada a sudoeste dos lagos (A), que depois se tornaram centrais à cidade murada da dinastia seguinte dos Yuan (B), sendo as duas representadas aqui na mesma latitude. Depois, durante a dinastia Ming a cidade foi trazida para baixo, perdendo sua parte superior mas alongando ao sul para englobar o Templo do Céu (C). A seguir os Qing empreenderam um outro anel de muralha a envolver a nua porção sul e toda a norte (D), segundo planos dos Ming, mas devido à falta de orçamento apenas a parte sul foi concluída. A parte sul mais nova foi chamada de “cidade exterior”, e a mais antiga de “cidade interior”. O conjunto de palácios imperiais estão desde os tempos dos Yuan no mesmo local.

abaixo Aspecto da muralha e suas torres e portões, antes da demolição: Portão Fucheng, em 1930, e Dongzhi, em 1908.



rior” e o menor e mais antigo de “cidade interior”. No centro da cidade interior fica a Cidade Proibida, o conjunto de palácios imperiais das dinastias Ming e Qing, abertos e revelados ao povo em 1912.

Já em 1949 começou-se a pensar qual seria a melhor localidade para instalar a sede do governo central e do Partido Comunista na nova capital da China revolucionária. Naqueles anos iniciais da República Popular, a presença soviética foi decisiva e mais de 1000 assessores técnicos haviam sido enviados a Beijing com a tarefa de auxiliar em seu desenvolvimento e industrialização. Foi sugerido que, seguindo o exemplo do que fizeram no centro de Moscou em destruir edifícios antigos e construir novos, o mesmo fosse feito em Beijing, e que a demolição da cidade velha seria apenas questão de tempo. Isso incluía a “remodelação” dos entornos da Cidade Proibida e a destruição de elementos da China Imperial, como a muralha que cercava a cidade velha.

CIDADE VELHA DE BEIJING DE HOJE

Em destaque, a “cidade velha” de Beijing, hoje simplesmente seu centro; a forma da antiga muralha permanece fielmente marcada, já que com a demolição foi substituída por grandes anéis viários.

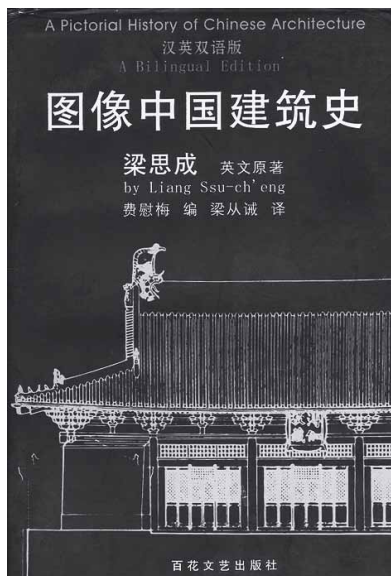


Mas uma pessoa de dentro da própria Comissão de Planejamento da cidade discordava profundamente dessas propostas para a nova capital da China. Liang Sicheng havia se formado na Escola de Arquitetura da Pensilvânia, para onde foi enviado em 1924, depois de ter recebido de seu pai uma educação focada nas tradições antigas chinesas. Apesar do ensino superior nos Estados Unidos lhe introduzir a uma realidade e a um modo de pensar totalmente novos, Liang voltou para a China determinado a identificar e documentar a arquitetura do seu próprio país, que ele considerava em risco de desaparecer, além de não ser reconhecida como tradição ou historicamente relevante. Em mais de 200 viagens que fez com sua esposa percorrendo a China a partir de 1931, buscou registrar todos os edifícios que considerava estarem em perigo, identificando por exemplo a estrutura de madeira mais antiga do país, datada do século IX; observando, fotografando e desenhando, reuniu o material que em 1946 resultaria na primeira História Ilustrada da Arquitetura Chinesa. Nesse tempo, Liang notou que artes como a pintura e a caligrafia eram reconhecidas por todos como tradição nacional, mas os edifícios, a arquitetura, não passavam muito de simples ofício de carpinteiro, e que essa noção teria começado a mudar só a partir da década de 1920, diante das guerras e batalhas destrutivas e das impressões estrangeiras sobre a China. Em 1949 ele estava vivendo em Beijing e lecionava na Universidade Qinghua, onde havia recentemente fundado o curso de arquitetura, e foi convocado para compor a Comissão Municipal de Planejamento; naquele ano, ele era um dos apenas 14 arquitetos da cidade, e reconhecido como o melhor.

Liang tinha propostas para a “nova capital” que batiam de frente com aquelas dos soviéticos. Primeiro, era contra a ideia de adaptar a cidade velha para que recebesse os escritórios administrativos do governo; para ele, o conjunto de edifícios tão antigo e precioso deveria reabrir como museu, e um novo centro administrativo poderia ser construído fora da cidade velha que ele gostaria de preservar. Segundo, Liang era a princípio contrário a qualquer forma de destruição, e previa sobre a muralha da cidade velha um parque público. Mas tanto os soviéticos quanto o próprio Mao estavam bastante satisfeitos com a ideia de demolição dos edifícios antigos da

**“HISTÓRIA ILUSTRADA
DA ARQUITETURA CHINESA”**

Um dos vários escritos de Liang Sicheng sobre aquela que ele estava fazendo surgir como “Arquitetura Chinesa”, é também o primeiro livro do gênero.



Beijing velha. Liang chamou a atenção deles, apontando que o planejamento da cidade deveria ser reservado aos profissionais da área, e não a políticos e técnicos, e que nem mesmo Mao Zedong entendia de arquitetura. O próprio teria rebatido Liang, perguntando se também um tanque de guerra poderia ser dirigido apenas por um general. Enfim, nos primeiros anos da década de 50, edifícios-chave antigos da cidade velha foram ocupados pelos escritórios administrativos do governo, e também um conjunto de novos edifícios foi construído de apoio fora da cidade velha como medida de prevenção, imaginando que ataques de inimigos militares mirariam o centro antigo. E a demolição da muralha começou em 1952, pelo seu trecho Exterior e também mais recente, para depois se aproximar mais do centro e dos trechos mais antigos; segundo alegações de Mao em 1953, a muralha que cercava a cidade velha “servia inteiramente ao feudalismo e à era imperial”.

Iniciou-se então na década de 50 a destruição programada do velho pelo levante do novo: a ideia era converter Beijing em uma floresta de chaminés industriais, satisfazendo os anseios do grande líder e horrorizando o arquiteto Liang Sicheng, que não compreendia como numa nação onde espaço não é problema, justo a capital deveria ser transfor-

mada em uma enorme planta industrial. Mas o caminho rumo ao progresso já estava traçado: começando ali, até 1984, trinta anos depois, Beijing abrigaria 149 dos 164 tipos de indústria existentes na China nesse ano. Em 1956 o governo central autorizou e iniciou a construção de edifícios para responder à demanda por habitação, que aumentava com a crescente população de funcionários públicos e operários da cidade. As novas e rígidas lâminas habitacionais de tijolos, com cozinhas e banheiros comuns, contrastavam com aqueles que representam a forma mais tradicional de se morar em Beijing: os chamados *hutong*. Eles são vizinhanças inteiras cuja menor unidade é o *siheyuan*, seu nome indicando sua configuração: pátios circundados por edifícios resultando um formato quadrangular. Essa forma de moradia tinha relação com a estrutura familiar, estando cada uma das edificações do *siheyuan* reservada especificamente para determinado membro e função. Eles eram murados, assim como a própria cidade velha, e dessa forma indicavam privacidade que, em conjunto com a antiguidade, reuniam elementos desprezíveis do ponto de vista da revolução e da maneira de vida que se desejava instalar na nova China e na nova capital, Beijing. No momento do estabelecimento da República Popular, os *hutong* se encontravam cheios, com mais de uma família morando em cada *siheyuan*, geralmente a família proprietária e os locatários (era arriscado ser dono e viver em casas tão grandes e ser condenado como “capitalista” ou proprietário); muitos foram ocupados com escritórios administrativos e salas do governo em seguida a 1949.

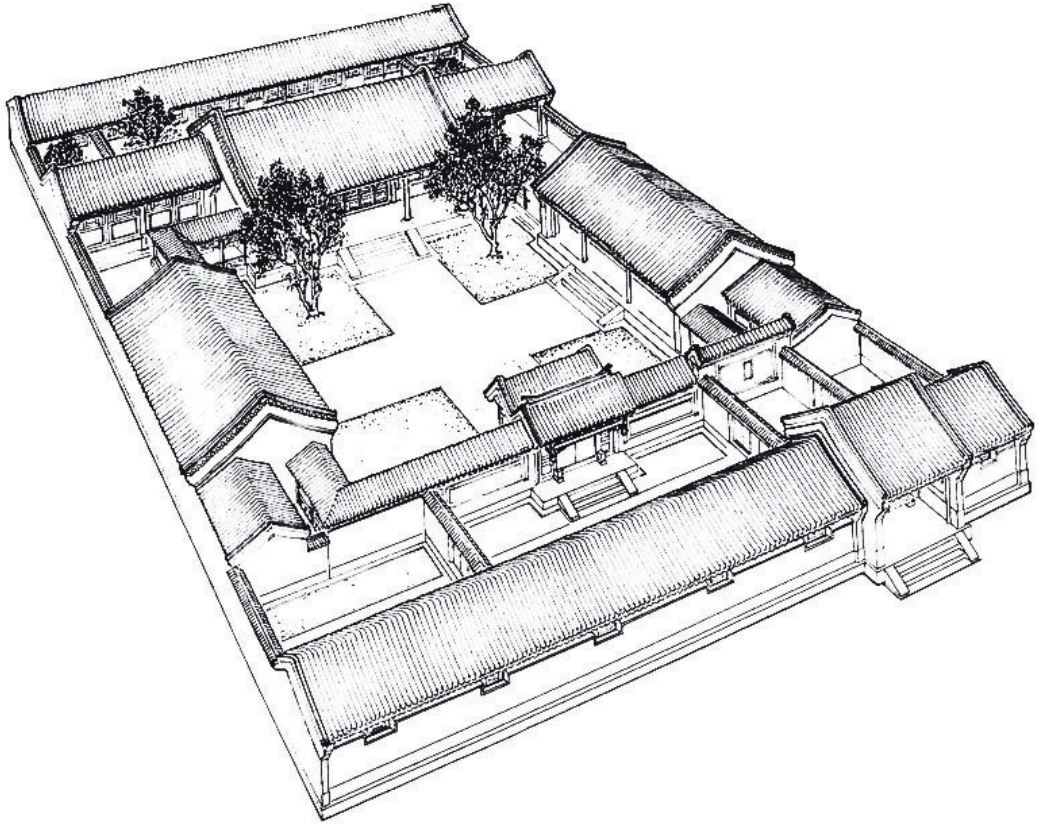
SIHEYUAN

página seguinte acima Esquema de um *siheyuan* tradicional completo.

HUTONG

página seguinte abaixo Um dos poucos hutong restantes em Beijing atualmente, visto da rua. Desde o início do século é comum que várias famílias dividam um mesmo *siheyuan*.

Liang Sicheng continuava sua “luta de vida ou morte” dentro da Comissão de Planejamento pelo patrimônio que enxergava nos edifícios que “serviam ao imperialismo e ao feudalismo”, que a revolução insistia em demolir, e naquele ano de 1956 ele foi obrigado a escrever uma carta pública de autocritica, condenando sua postura de resistência. Mas esse não seria seu último dissabor. No ano de comemoração do décimo aniversário da República Popular, 1959, Mao apresentou uma nova praça Tian'anmen: de jardim imperial murado com origens no século XVII, ela foi limpa e convertida na maior praça do mundo, possível de ser ocupada por cerca de 600 mil pessoas. O trecho de muralha que dividia a cidade inte-



rior da cidade exterior (e o retângulo de cima do retângulo de baixo) passava por ali, e em 1949 já se encontrava perfurada e atravessada por ruas e avenidas; em 1959, um pequenino trecho apenas foi poupado e se tornou a referência do extremo sul da nova praça Tian'anmen. A leste e oeste, enormes áreas edificadas, inclusive abrigando densos *hutong*, foram totalmente “liberadas” para a expansão da praça e para a construção de dois dos Dez Grandes Edifícios: Mao anunciou publicamente na nova praça em 1959, em comemoração à República Popular, os planos de dez construções grandiosas para a cidade velha; a leste e a oeste da praça Tian'anmen, respectivamente, foram erguidos o Museu Nacional da China e o Grande Salão do Povo. Os outros oito edifícios são: o Palácio Cultural das Nacionalidades, o Estádio dos Trabalhadores, a Estação Ferroviária de Beijing, o Museu da Agricultura Nacional, a Hospedaria Estadual Diaoyutai, os hotéis Minzu e Chineses no Exterior, o Museu Militar da Revolução do Povo Chinês. São reconhecidos por terem sido erguidos em comemoração aos 10 anos de República Popular, 10 grandes edifícios construídos por 10 mil trabalhadores num período de 10 meses. Sobre essas medidas, Lovell descreveu

O parque murado e os edifícios da dinastia Ming logo ao sul das fortificações escarlate, de onde Mao anunciou a fundação da República Popular em 1949, foram arrasados para criar a vasta e ilimitada praça Tian'anmen que conhecemos hoje. O enorme vazio da nova praça — o maior espaço público urbano do mundo — era beirado por exemplos colossais de arquitetura socialista (o Museu Nacional da China e o Grande Salão do Povo), deixando intencionalmente o indivíduo visitante encolhido pelo conjunto amplo e autoritário.³

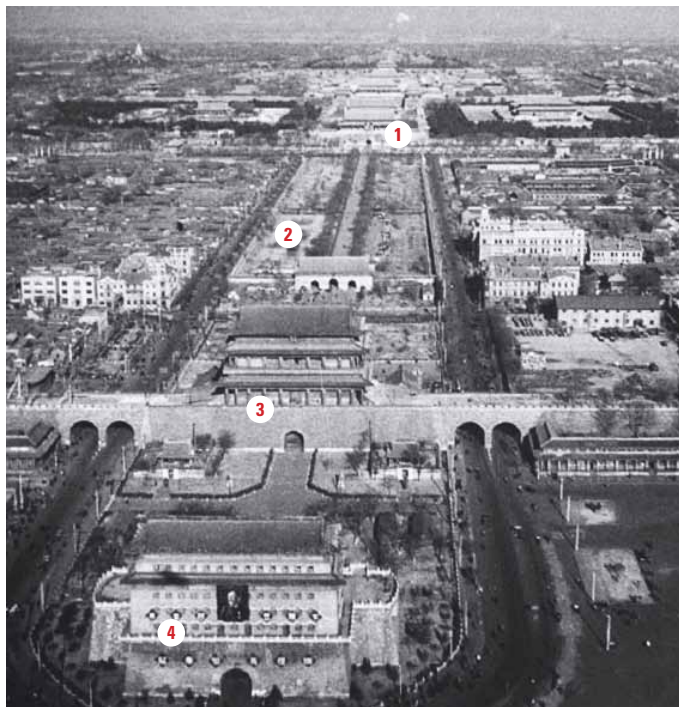
A partir de então, até a morte de Mao em 1976, Beijing não ganhou mais grandes edifícios nem viu novos planos urbanos por dois grandes motivos: primeiro porque entre os anos de 1959 e 1961 os esforços nacionais estavam dedicados ao Grande Salto Adiante e, no meio desse processo, os laços entre a China e União Soviética foram desatados; segundo, porque após o fracasso do Grande Salto e das críticas que Mao recebeu, em 1966 ele anunciou a Revolução Cultural, e nessa ocasião a Comissão de Planejamento de Beijing foi dissolvida. O caos social e econômico que caracterizaram a década de Revolução Cultural inviabilizaram qualquer plano maior para a capital comunista, onde o povo estava colo-

3. LOVELL, J. *Op. cit.*, p 318

AMPLIAÇÃO DA PRAÇA TIAN'ANMEN

Antes de 1949, um jardim imperial murado ficava à frente do Portão Tian'an, aquele de onde Mao proclamou a República Popular da China e que hoje exibe um grande retrato do líder — e que dá nome à praça agora à frente dele. O jardim murado foi demolido para a expansão da praça e construção do Mausoléu de Mao Zedong. Notar as densas áreas residenciais que existiam nos lados da praça, e que deram lugar aos monumentais Museu Nacional da China e Grande Salão do Povo.

1. Portão Tian'an ("men" quer dizer "porta"), que dá nome à Praça, foi mantido como entrada da Cidade Proibida;
2. Jardim Imperial murado, destruído com a ampliação da Praça;
3. Torre Zhengyang, que fazia parte do trecho de muralha que existia entre a "cidade interior" e a cidade exterior", já perfurado antes de 1949, e destruído posteriormente, quando restou apenas um pedaço sob a torre reconstruída;
4. Jian Lou, o edifício ao mais extremo sul do conjunto;
5. Mausoléu de Mao Zedong;
6. Grande Salão do Povo;
7. Museu Nacional da China



REVOLUÇÃO CULTURAL

abaixo Pôster da campanha “Destruir os quatro velhos, erguer os quatro novos”, sendo eles as ideias, a cultura, os costumes e os hábitos. Guardas Vermelhos destróem antiguidades, objetos, livros, estátuas.

página seguinte Reunião em Henan para destruir antiguidades, livros e outros objetos burgueses, em 1972.

cando em prática com as próprias mãos o pensamento em vigor: destruir totalmente os Quatro Velhos, ou seja, as velhas ideias, a velha cultura, os velhos costumes e os velhos hábitos. Estima-se que durante a empreitada furiosa contra tudo o que era considerado “velho” em Beijing nesse período, 4922 de 6843 relíquias catalogadas da cidade foram destruídas, além de 30 de 80 sítios históricos; entravam na lista do que deveria ser eliminado pinturas, caligrafia, porcelana, fotografias, estatuetas e esculturas, livros, templos e monastérios (e claro, pessoas também). Durante a década de 70, a edificação em Beijing seguiu desmonitorada e caótica, com as pessoas construindo o que quer que precisassem quando precisassem, utilizando o material que tivessem disponível. Liang Sicheng morreu em 1972, estando doente e sendo rejeitado por todos os hospitais de Beijing por conta de sua fama de antirrevolucionário e tradicionalista, arrependido de ter se dedicado ao ramo da arquitetura.





Essas três décadas de 50, 60 e 70 de governo de Mao Zedong foram então para Beijing — e de forma simbólica do que também acontecia no restante da China — uma longa batalha de vida ou morte entre o velho e o novo; do ponto de vista da cidade e suas edificações, o velho foi visto com diferentes perspectivas: como contrarrevolução e uma ameaça à nova China comunista, segundo o pensamento disseminado de Mao Zedong, e como patrimônio histórico da civilização chinesa, segundo Liang Sicheng e outros poucos e reprimidos. Cabia à política e à ideologia determinada por Mao e pelo pensamento revolucionário comunista as decisões sobre a cidade, e as intervenções na capital da nação foram determinadas em comissões partidárias por governantes e técnicos, nas quais especialistas do planejamento e da arquitetura tinham papel apenas instrumental. Até a década de 1920, a Arquitetura nunca tinha sido considerada uma disciplina acadêmica, e nenhuma universidade na China tinha um departamento de arquitetura; até então, a construção de edifícios era um ofício da carpintaria, com determinadas técnicas que eram ensinadas e transmitidas e competiam apenas aos próprios carpinteiros. A realidade que Liang Sicheng testemunhou no Ocidente era bastante diferente, onde não só a Arquitetura como a História da Arquitetura e campos da Preservação já haviam se consagrado, e o arquiteto chinês formado nos Estados Unidos voltou para seu país com um olhar inédito sobre ele. No momento de fundação da República Popular da China, a arquitetura estava apenas começando a aparecer como disciplina nas universidades e como campo de ensino superior, e as tentativas de Liang de aplicar seus conhecimentos e lutar por um patrimônio histórico arquitetônico chinês durante as décadas do governo de Mao eram descontraídas tanto com a realidade da disciplina arquitetônica da época quanto com os interesses políticos na (destruição e) construção das cidades. Não à toa, Liang acabou como não mais que um contrarrevolucionário com gostos antiquados e teorias errôneas.

Mas, também, como visionário, e que deixou alunos no curso de arquitetura da Universidade de Qinghua. Como observou Meyer,

4. MEYER, M. The last days of Old Beijing: Life in the backstreets of a city transformed. New York: Walker&Company, 2008. p 291

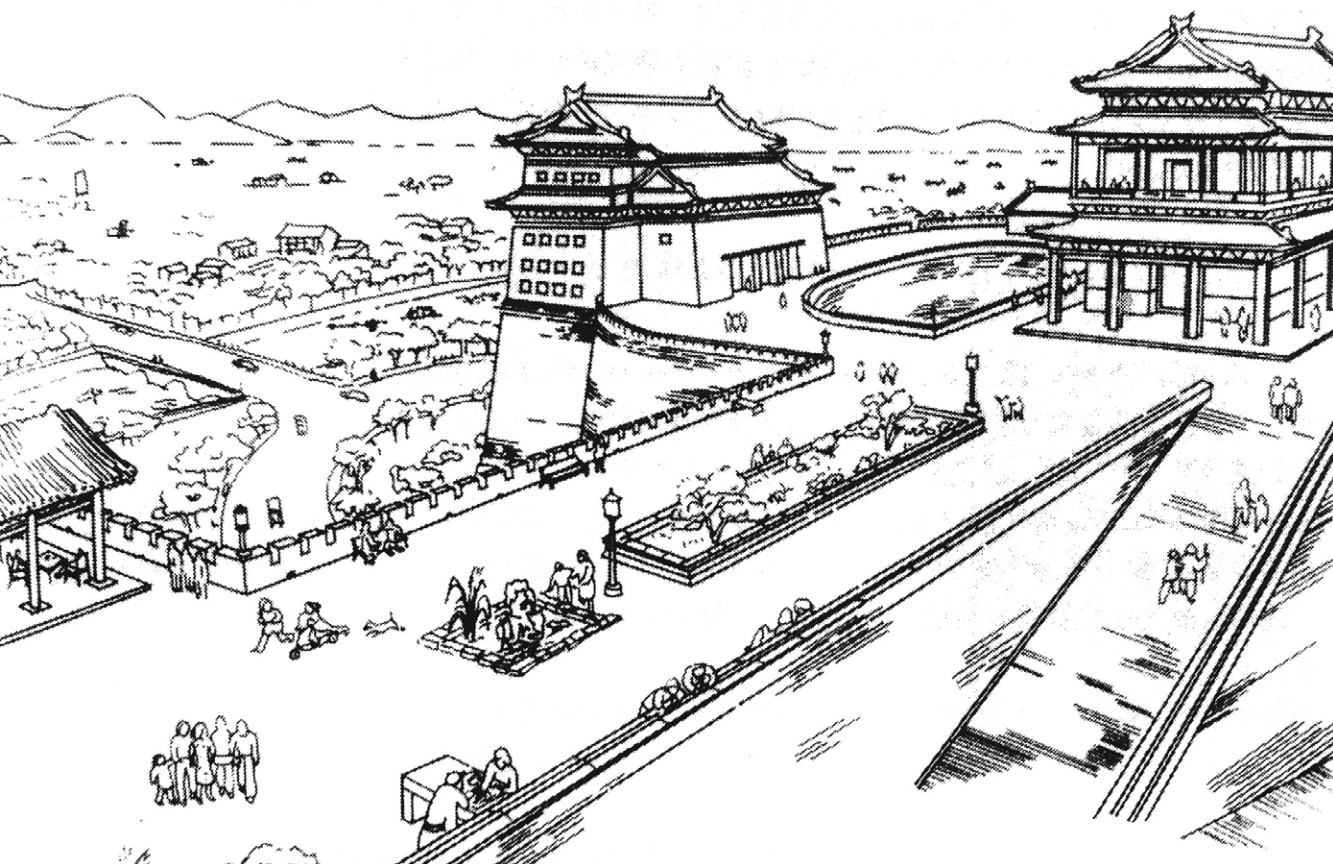
A MURALHA DE LIANG

Desenho de Liang Sicheng para o parque linear que ele previa pra o topo da muralha da cidade velha.

Liang Sicheng insistiu para que as fábricas fossem instaladas fora de Beijing, e não no centro da cidade. Ele alertou as autoridades municipais dizendo que se arrependeriam de demolir as muralhas da cidade. Em 1955 ele escreveu: "A respeito dessa questão, eu estou avançado e vocês estão atrasados. Cinquenta anos depois, a história vai provar que vocês estão errados, e eu estou certo".

Depois de ganhar a licitação Olímpica em 2001, o governo de Beijing anunciou que iria realocar as indústrias poluentes. Em 2002, operários derrubaram 2000 casas e 60 empresas para reconstruir um trecho de 1,5 quilômetro da muralha da cidade que havia sido demolida.⁴

Como a breve descrição já indica, a reconstrução também marcou as intervenções urbanas que estavam por vir em Beijing, de permanências e reviravoltas.



O DINHEIRO DETERMINA O PLANEJAMENTO URBANO 1980-HOJE

Como já vimos, a década de 80 para a China foi marcada pela transição de uma economia planificada para uma economia de mercado, com a consolidação de Deng Xiaoping no comando do Partido Comunista Chinês e do governo nacional. Os resultados e consequências dessa transição para o povo chinês definitivamente não são possíveis de generalizar, havendo ainda muitos que vivem à margem das mudanças, mas, predominantemente, a vida de milhões de chineses se transformou totalmente, e o desenvolvimento econômico que o país tem apresentado desde então surpreende todo o mundo. O escritor Yu Hua, que viu de perto essa transformação tendo sempre vivido na China, há 52 anos, enxerga contudo nela uma constante: a Revolução. Se seus tempos de infância, correspondentes à Era Mao, eram de revolução comunista, os tempos recentes são também de revolução, mas de outra natureza — agora, baseada no enriquecimento das pessoas e no crescimento das cidades. Segundo Yu Hua, a revolução continua principalmente em seu *modo de fazer*: ele enxerga na revolução atual o mesmo exagero do Grande Salto Adiante e a violência da Revolução Cultural.

O Grande Salto Adiante, de 1958 a 1961, conformou uma série de políticas que buscavam promover uma rápida industrialização e coletivização dos meios produtivos em todo o país. O estabelecimento de metas grandiosas e o otimismo dominou esses anos; em 58, o plano era dobrar a quantidade de aço produzido no ano anterior, e toda a população foi mobilizada a queimar no próprio quintal todo o aço que havia à mão. O resultado do Grande Salto Adiante foi bastante negativo, já que os números da produção eram sempre inflados para mascarar os resultados efetivos, bem menores que os desejados; o aço produzido de forma amadora era impraticável, apesar de sua enorme quantidade; desastres naturais em 59 e 60 pioraram ainda mais a situação agrícola e a fome tomou conta em diversas regiões do país. A Revolução Cultural, de 1966, marcou uma década de campanha violenta contra o “velho”, em que os Guardas Vermelhos (não-militares, predominantemente jovens e estudantes) espalhados

PÔSTER: “REGOJIZANDO-SE COM A COLHEITA ABUNDANTE”

página seguinte Cartaz de 1959, publicado durante o Grande Salto Adiante, que expressa espírito da época de criar metas exageradas, alegar produção exagerada e engrandecer resultados, que na realidade eram muito desastrosos; apesar da fome generalizada, continuava-se a divulgar a imagem exagerada da riqueza e prosperidade agrícola.





佛
什么
放
尽

你们有宗教
的自由，但你们应该对
国家负责

por todo o país tinham a missão de destruir tudo que servia à chamada “velha cultura” e ao capitalismo. É impossível estimar o preciso número de perseguidos e mortos desse período, indo de 1,5 a 20 milhões de chineses.

Seguindo a sugestão de Yu Hua, veremos de que forma o exagero e a violência dos respectivos Grande Salto Adiante e Revolução Cultural estão presentes na revolução atual da China, especificamente nas intervenções urbanas na capital Beijing das últimas três décadas.

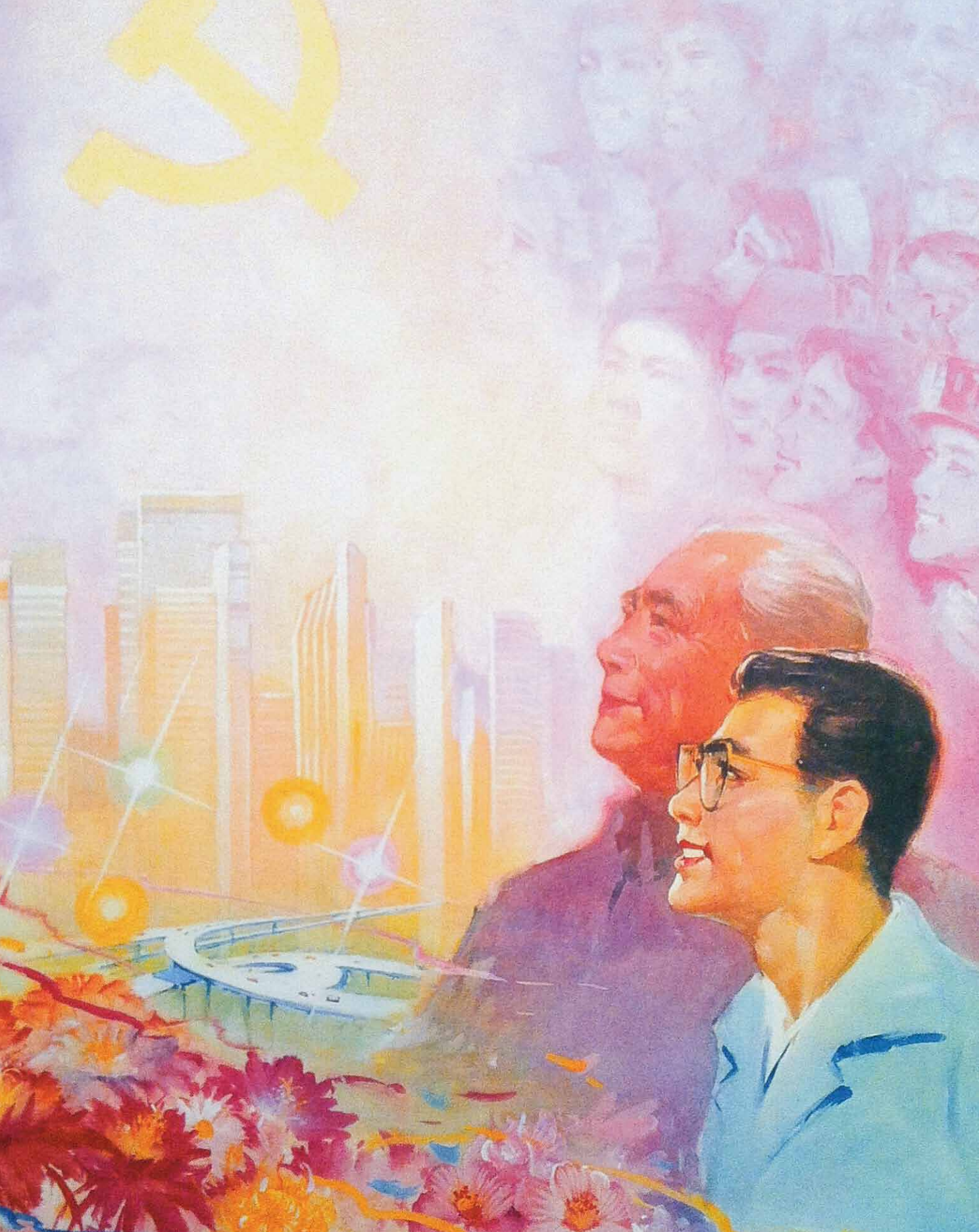


Em 1983, novos planos municipais urbanísticos para Beijing foram anunciados. Eles iam de encontro com as políticas vigentes naquele momento, que programavam uma Beijing totalmente industrializada, e agora apontavam para uma nova capital, a ser construída como “centro político e cultural da China”, de forma a atrair investimentos e turismo: esse foi o tom que guiou as providências tomadas para requalificar a capital da nova China que caminharia para se tornar uma grande economia mundial.

No final da mesma década, uma medida decisiva alterou completamente a forma de produzir espaço urbano na China, e ditou as intervenções que estariam por vir na capital. Uma nova política nacional criou a lei de comercialização da terra, que basicamente previa que a terra não seria mais um provimento do bem-estar social, mas uma mercadoria, separando a propriedade de um do direito que ele tem sobre seu uso. Desde 1949, era a primeira vez que a terra era comercializada; o Estado ainda era dono absoluto da terra, mas seus direitos de uso poderiam ser transferidos, ou seja, vendidos. Na prática, e o que se observou em Beijing: agentes municipais põem parcelas de terra que lhes interessam disponíveis no mercado (independente do que possa haver ali no momento) e empresas de desenvolvimento (no geral pertencentes ao próprio governo) competem pela licitação, e quem vence paga pela concessão de uso, predominantemente de longo prazo. A empresa pode construir nessa parcela de terra, ou reparti-la para revender.

DESTRUINDO (COM VIOLÊNCIA) O TRADICIONAL

página anterior Monges budistas são cercados e forçados a segurar um cartaz que diz “Que sutras o quê; é tudo lixo”, em 1968, durante a Revolução Cultural.



Lembramos que esse momento do final da década de 80 é de negação definitiva de que política seja assunto do povo, com a repressão sangrenta dos protestos estudantis na praça Tian'anmen, e de afirmação, em contrapartida, do enriquecimento como principal conquista a ser alcançada na vida de qualquer chinês. E agora a terra, a propriedade, também entravam na lista de bens comercializáveis, nascendo um aquecido mercado imobiliário.

Logo no início dos anos 90 foi divulgado que Beijing entraria na concorrência para ser sede dos Jogos Olímpicos de 2000. Em consonância, uma política que havia sido proposta em 83 mas engavetada por falta de recursos seria agora retomada, e deveria ser aplicada com grande agilidade: a 危房改造, *weifang gaizao*, comumente conhecida por sua forma reduzida “weigai”. 危房, *weifang*, são literalmente “casas perigosas”, referindo-se a edifícios de condições físicas precárias, velhas ou dilapidadas, e 改造, *gaizao*, é reforma, renovação, transformação. Já de início 29 vizinhanças inteiras de *hutong* foram listadas como alvos da ação da política de Renovação das Casas Dilapidadas, estando praticamente todas elas dentro da região da cidade velha de Beijing.

A nova política de transferência de uso da terra e de Renovação das Casas Dilapidadas casaram oportunamente, resultando uma situação urbana em que seus espaços estavam totalmente à mercê do mercado; áreas residenciais inteiras, com seus antigos *siheyuan*, eram classificadas como “perigosas” e “dilapidadas”, sendo então disponibilizadas para demolição e construção de novas obras, que tornassem Beijing uma capital “da política e da cultura”. Como observou Meyer:

A propriedade se tornou a chave para o crescimento da cidade. No final da década de 90, o governo municipal de Beijing gerava quase 20% de toda sua renda por meio da transferência de direitos de uso da terra, em uma média de 361 milhões de dólares ao ano. Em 1993, a cidade ampliou o programa de Renovação das Casas Dilapidadas cobrindo 221 pontos da cidade, afetando 986,300 de pessoas. Em 1995, os direitos de quase todas as vizinhanças dentro da cidade velha que estavam no programa de Renovação já haviam sido vendidas para as empresas de desenvolvimento. A maioria era subsidiária ou aliada a um governo distrital.⁵

5. MEYER, M. *Op. cit.*, p 39

**PÔSTER: “SIGA O PARTIDO
COMUNISTA, PROMOVA O
DESENVOLVIMENTO DA CHINA”**

página anterior Este cartaz de 1982 mostra a cara do nodo desenvolvimento do país; grandes edifícios altos e anéis rodoviários são o símbolo da transição das “cidades industriais” para “cidades culturais”, profundamente apoiada em imagens do Ocidente.

TIANTONGYUAN

Conjunto habitacional recentemente construído numa região periférica de Beijing. Muitos ex-moradores de hutongs da cidade velha vivem aqui. No momento da mudança havia dúvidas sobre a qualidade dos novos edifícios, mas os preços eram bem mais acessíveis do que qualquer imóvel mais próximo do centro.



Mas de “renovação” o programa municipal tinha apenas o nome, já que reformar ou renovar de fato as casas listadas como dilapidadas era muito menos rentável do que adicionar área comercial, depois de simplesmente demoli-las. No início, as áreas residenciais eram evacuadas e seus moradores transferidos para apartamentos recém-construídos em regiões distantes do centro da cidade, sem infraestrutura urbana consolidada, onde o valor da terra era mais baixo. Os *hutong* eram então demolidos e davam lugar a novos edifícios, no geral comerciais ou hotéis, que em nada referenciam o que havia ali antes. O processo era sumário, e até mesmo aqueles que detinham o título de propriedade legítima de suas casas, não apenas a concessão de uso, também eram obrigados a sair. Os números não são precisos mas estimam que entre 500 mil e 1 milhão de pessoas tiveram que deixar suas casas em *hutong* a serem demolidos no centro de Beijing entre 1991 e 2003.

Beijing não ganhou a concorrência pela sede das Olimpíadas de 2000, mas no início daquela década concorreu novamente e anunciou que sediaria os jogos em 2008. Uma série de medidas urbanas se seguiram, incluindo uma mudança nas leis de realocação dos moradores das áreas residenciais evacuadas: eles não mais receberiam um apartamento novo como troca, mas sim dinheiro de compensação, calculado pelo metro quadrado da sua casa. E foi aprovada pela Comissão Municipal de Planejamento Urbano uma lista

de “25 Áreas Históricas da Cidade Velha de Beijing”, como programa de preservação de alguns pontos da cidade proposto por arquitetos e engenheiros, entre outros. Mas essas 25 Áreas representavam apenas 17% da área da cidade velha, que juntamente com outras áreas já protegidas, como a Cidade Proibida, totalizavam aproximadamente 38% da cidade velha. As 25 Áreas não muito garantiam a preservação de sítios históricos, mas mais davam carta branca para a destruição do restante; ainda, do total dessas áreas “protegidas”, apenas um quinto era área de casas e *hutong*, e 70% dela já estava também listada (e condenada) pela Renovação das Casas Dilapidadas.

Os *hutong* e seus *siheyuan* que já caracterizaram Beijing, que haviam resistido a uma história milenar de sucessões dinásticas, às guerras dos séculos XIX e XX e, com alguma sorte, às três décadas de regime comunista a partir de 1949, estavam agora efetivamente sumindo — ou melhor, sendo destruídos, meio à revolução urbana atual. O exagero do Grande Salto Adiante: as autoridades trabalham com números e metas ambiciosos para obras e construções, com o ímpeto de realizar grande e rapidamente a nova capital política e cultural da China, sob um clima de otimismo e com os olhos num alvo claro, no caso as Olimpíadas, e contando com uma população mobilizada — toda a enorme quantidade de pessoas saindo dos “dilapidados” *hutong* para novos apartamentos, em nome da nova Beijing e também da revolução urbana nacional cheia de superlativos. A violência da Revolução Cultural: grandes caracteres que significam “demolir” são pintados na noite para o dia nas paredes dos *siheyuan* a serem destruídos, e os moradores devem esvaziá-los voluntariamente ou à força, sendo uma ocasião comum pessoas serem literalmente arrastadas para fora de suas casas às vésperas da demolição (apesar de muitas outras desejarem se mudar para os novos prédios); assim como era comum que Guardas Vermelhos entrassem na casa de qualquer um em busca de vestígios dos 4 Velhos, a serem imediatamente destruídos, quando não a própria casa, ou o próprio morador.

A destruição e construção então que vinha de longa data prosseguiu na cidade de Beijing, assim como o desentendi-

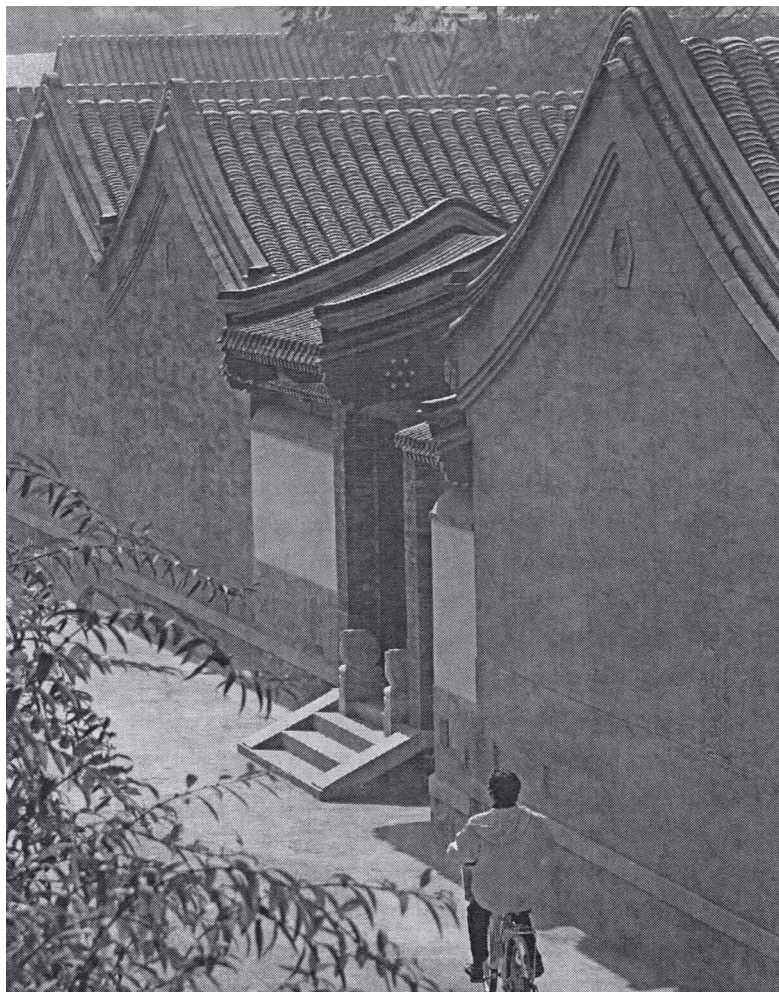


“PRESERVANDO” NANCHIZI

acima As coberturas dos novos sobrados construídos no lugar do antigo *hutong* de Nanchizi buscam “preservar” a aparência original, mas acabam por dar um tom asséptico a todo o conjunto, que é vizinho muito próximo da Cidade Proibida.

acima à direita Vista de uma ruela da nova Nanchizi: estilo tradicional?

ao lado os novos *siheyuan* construídos no lugar dos antigos “dilapidados” de Nanchizi. A organização interna obedece à tradicional. Esses novos *siheyuan* são preferência de moradia de muitos milionários de Beijing, e também de estrangeiros com dinheiro e encantamento pela “China antiga”.



mento e indefinição daquilo que seria patrimônio histórico arquitetônico, e de seu papel na cidade e nas intervenções sobre ela. Um exemplo simbólico é aquele da antiga vizinhança de Nanchizi, localizada junto Cidade Proibida, a leste: apesar de ser listada como uma das 25 Áreas, e que para elas estavam previstas diretrizes como “preservar a paisagem urbana tradicional dos *hutong* em geral” e “manter a autenticidade histórica e o patrimônio intactos”, em 2002 o governo distrital anunciou que Nanchizi seria destruída para poder ser preservada. No lugar dos populosos *siheyuan*, edifícios de dois andares construídos em “estilo tradicional” ocupariam toda a nobre região. Até mesmo a UNESCO enviou notificações ao governo se opondo à intervenção, mas a demolição foi apenas paralisada por alguns meses e logo então retomada, e estimados 900 *siheyuan* deram lugar a uns 300 sobrados “de estilo tradicional” e 31 novos *siheyuan* foram construídos para lembrar os que haviam ali antes. O preço das casas dos novos sobrados era muitas vezes maior do que o valor que os antigos moradores receberam por suas casas “dilapidadas”, e a eles só restavam alternativas muito mais distantes do centro da cidade. Não que não houvesse uma ideia de patrimônio presente nessas políticas e ações, mas ela estava completamente encoberta e inábil, uma vez que os escritórios de planejamento estavam estreitamente controlados pela vontade governamental; se havia interesse por programas de preservação efetivos, ele estava listado muito abaixo dos interesses do mercado, e do bolso de quem estava realmente enriquecendo (legal e ilegalmente) produzindo a cidade.

Foi o que concluiu o jovem Fang Ke em sua tese de doutorado intitulada “Renovações Contemporâneas na cidade interior de Beijing: pesquisa, análise e investigação”. Ele havia se formado no curso de Arquitetura pela Universidade de Qinghua, em Beijing, onde teve como professor e mentor Wu Liangyong, que por sua vez havia sido aluno do próprio Liang Sicheng naquele mesmo curso. Wu também se responsabilizou por editar o doutorado de Fang Ke e transformá-lo em um livro, disponível então para toda a população. Segundo suas próprias declarações, Fang Ke entrou na Faculdade de Arquitetura ansioso por construir edifícios novos e modernos e colocar seu nome neles: “eu estava muito influenciado pelas

CENTRO FINANCEIRO DE BEIJING

Alguns *hutong* deram lugar ao novo centro financeiro de Beijing e para as obras da grande avenida Jinrong, a oeste da Cidade Proibida.



teorias ocidentais da arquitetura moderna e era isso que me interessava, algo grande e monumental”. Mas ao longo dos anos de curso, o professor Wu tentou orientar seu olhar para uma outra direção: para a cidade velha e os *hutong* de Beijing, e para o valor deles como patrimônio arquitetônico e também cultural da cidade e, claro, para as intervenções recentes que ameaçavam sua existência. Fang Ke então realizou a pesquisa de sete anos que, apesar do título pouco comprometedor, representa um levantamento cuidadoso e revelador sobre a destruição dos *hutong* e construção de novos edifícios, interessado principalmente em entender os interesses governamentais e do mercado que moviam tão rapidamente as transformações. Assim como Liang Sicheng fez com a então desconhecida “arquitetura chinesa”, Fang Ke examinou e documentou os *hutong* da cidade interior de Beijing, apontando em tom de denúncia para os números desencontrados dos cofres públicos, estruturando sua pesquisa no que acabou como uma grande investigação da corrupção em que se baseava a construção da nova Beijing. Em considerações sobre sua pesquisa, Fang Ke lembrou que

Eu não posso provar corrupção por indivíduos, mas eu posso mostrar o quanto moradores comuns receberam de compensação e por quanto as imobiliárias pertencentes ao município venderam a terra para as empresas de desenvolvimento. A diferença é de bilhões, e muito pouco desse dinheiro acabou no tesouro público. Eu fiz esses cálculos indo projeto por projeto e registrando os números. Pra mim, não há dúvidas de que as autoridades e

funcionários públicos estavam motivados pela ganância. Primeiro, eles não acreditam de verdade em preservação. Segundo, destruir a cidade é do interesse financeiro deles.⁶

O trabalho de Fang Ke encorajou e deu corpo às reivindicações e processos dos moradores de *hutong* demolidos contra as ações do governo, que no geral lutavam por compensações mais justas. Um famoso caso é o do processo encaminhado por 23 mil pessoas juntas, se tornando o maior já apresentado às cortes de Beijing, todos moradores descontentes com a remoção de suas casas; o documento encaminhado à justiça era recheado de tabelas e números que Fang Ke havia levantados sobre a destruição dos *hutong* e venda das terras. Mas a contribuição mais larga do trabalho de Fang Ke não é tão estimável como números, e compete mais a uma certa conscientização. Como alegou um dos moradores envolvidos naquele grande processo judicial, uma preocupação inicial afligia a todos e tinha quase exclusivamente a ver com o valor insatisfatório das compensações. “Nós pensávamos que a demolição afetava principalmente a gente, mas os estudos de Fang Ke mostraram como o problema era maior. Nosso patrimônio está em jogo.”⁷

Se noções de preservação e a reivindicação de outras formas de reconstruir a cidade agora partem também da população de forma mais abrangente, e não só de uns poucos arquitetos de formação ocidental, a própria carreira do arquiteto e seu papel também se transformaram. De ocupação menor, com nenhum curso universitário no país inteiro no início do século xx, a arquitetura ganhou identidade e passou a uma posição de prestígio, estando junto com Ciências da Computação e Economia como cursos mais cobiçados e com maior concorrência entre pretendentes alunos; como observou Campanella:

6. JOHNSON, I. *Wild Grass: three portraits of change in modern China*. New York: Vintage, 2005. p 113

7. *Ibidem.*, p 99

8. CAMPANELLA, T. *The Concrete Dragon: China's urban revolution and what it means for the world*. New York: Princeton Architectural Press, 2008. p 22

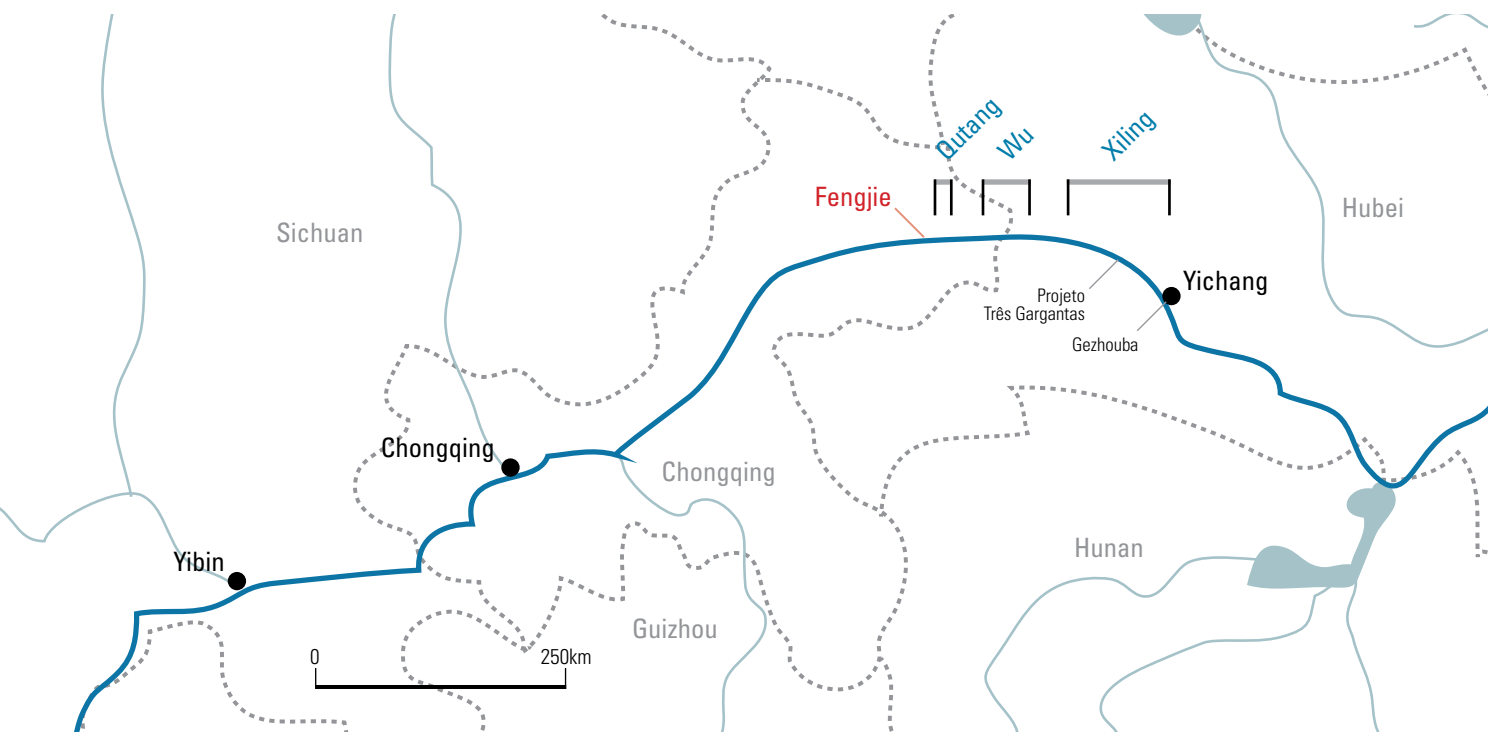
A economia pujante da China enriqueceu também profissionais dos campos da construção, design e desenvolvimento — de analistas quantitativos e gerentes de construção a corretores de imóveis, arquitetos, engenheiros e planejadores urbanos. Os arquitetos têm sido especialmente ágeis na direção do espírito do tempo do *boom* construtivo, e muitos se tornaram incrivelmente ricos no processo.⁸

A reconstrução recente de Beijing, que pretendia acabar com o velho sendo ele considerado sinônimo de degradação e precariedade, é também uma batalha entre os verdadeiramente interessados na preservação de um patrimônio arquitetônico e urbanístico da cidade e aqueles que poderiam ficar muito ricos com o intrincado processo de destruição e construção, estando arquitetos de ambos os lados das ações. Na China, desde as primeiras décadas do século xx, a arquitetura e a preservação sofreram reviravoltas, e com elas também a cidade de Beijing, os edifícios milenares em todo o país, e a vida dos chineses; permaneceu a reconstrução como forma de revolução.

PROJETO TRÊS GARGANTAS

RECONSTRUINDO EDIFÍCIOS — E O LUGAR?

Fengjie é uma cidade que desde 1996 pertence à municipalidade de Chongqing, sendo anteriormente parte da província de Sichuan. Ela se localiza a 200 quilômetros da barragem do Projeto Três Gargantas, e a 500 quilômetros da zona urbana de Chongqing, ou seja entre eles, e às margens do rio Yangtze; Fengjie está também logo na porta de entrada das gargantas, para quem vai descendo o rio, junto à primeira garganta Qutang. Em 2008, a cidade contava 1 milhão de habitantes, podendo ser considerada média-pequena na escala chinesa, mas bastante expressiva entre as cidades às margens do Yangtze naquele seu trecho alto. Naturais de Fengjie se orgulham da antiguidade da cidade, que pode voltar até os tempos da dinastia Qin, há 2300 anos, quando se estabeleceu naquele lugar o condado de Yufu; com vistas logo à cênica Qutang, aquela região do rio na altura da cidade já foi, há 1300 anos, tema de composições dos mais prediletos poetas chineses como Li Bai e Du Fu, além de cenários para pinturas de artistas igualmente famosos. Descobertas arqueológicas na região



das Três Gargantas e da cidade de Fengjie incluem artefatos atribuídos aos tempos da dinastia Han. Na virada do século xx, a história de Fengjie ganha mais um capítulo, e o lugar, que é claro não se manteve inerte todos esses séculos, desta vez muda repentinamente. Ela é uma das mais de 1000 cidades e vilarejos que hoje fazem parte do reservatório do Projeto Três Gargantas, tendo durante a última década dois terços de sua área sido inundados, hoje totalmente submersos pelas águas do Yangtze, e também a maior escala de pessoas realocadas entre todas as cidades do reservatório. Uma nova cidade de Fengjie foi construída um pouco acima na encosta, fora do alcance do rio.

O filme 三峡好人, *Sanxia haoren*, literalmente “A Boa Gente das Três Gargantas” (mas cujo título oficializado para o português é “Em Busca da Vida”), do diretor chinês Jia Zhangke, vem retratar a cidade de Fengjie, e as pessoas de alguma forma relacionadas a ela, nesse preciso momento de subida do nível das águas do Yangtze, de demolição dos edifícios da cidade a ser inundada e de construção de novos. Han Sanming, um operário de minas de carvão de uma província distante, chega de balsa pelo rio Yangtze à cidade de Fengjie, com o objetivo de procurar ali por uma certa pessoa que não vê há muitos anos. Logo ao desembarcar, alguns jovens em moto-táxis oferecem seus serviços de transporte, e Sanming mostra a um deles o endereço com rua e número da pessoa que deseja reencontrar. O moço concorda em levá-lo até lá por cinco yuan. Num certo momento, às margens do rio, o motoqueiro para.

“Amigo, chegamos.”

“Chegamos? É aqui?”

O motoqueiro aponta para um ponto do reservatório.

“Só sobrou isso da Rua Granite, número 5. Pode descer.”

“Mas é tudo água!”

“A antiga Fengjie foi inundada faz tempo. Não vê noticiário?”

Ouviu falar do reservatório das Três Gargantas?”

“E os moradores?”

“Todo mundo se mudou.”

“Você já sabia de tudo isso. Me roubou cinco yuan.”

“Não fui eu que mandei inundar!”

“Conhece a Sra. Ma?”

“Todo mundo aqui é Sra. Qual delas? Está procurando uma pessoa ou um emprego?”

“Uma pessoa.”



BUSCANDO O ENDEREÇO INUNDADO

Sanming é surpreendido pela inexistência do endereço que busca, ao se deparar com a antiga Fengjie inundada.

“É o seguinte: por mais três yuan eu te levo até o Gabinete de Realojamento. Pode procurar o novo endereço dela no computador. O que me diz?”

“Ok”

O motoqueiro aponta novamente para outro ponto do reservatório. “Está vendo aquela balsa ali? Minha casa ficava ali. Agora, não tem mais nada.”

No Gabinete de Realojamento, Sanming tampouco tem sorte ou pistas da Sra. Ma, uma vez que o computador onde as informações estariam guardadas de repente quebra, e a funcionária pede para que ele volte no dia seguinte. Alguns moradores estão discutindo revoltados com um funcionário, que se impõe exaltado:

“Vamos colocar as políticas em prática! A ordem H-19 está colada na parede bem ali.”

Um homem rebate, meio aos gritos de várias mulheres:

“Escute: estamos todos sob a mesma liderança comunista. Só há uma política de subsídio para migração. Devia ser igual para todos! Por que as coisas mudaram depois da implantação?”

“Mudaram como? Não falem aquilo que não sabem!”

Uma senhora grita:

“Vocês desviam os fundos para alojamento! Tem algo errado aqui!”

“Há problemas em todo lugar! Quem é que não tem problemas? Uma cidade de 2 mil anos foi destruída em apenas 2 anos! Temos que resolver as coisas aos poucos.”



NO GABINETE DE REALOJAMENTO

Cena da discussão entre funcionário do governo e os habitantes insatisfeitos com suas compensações baixas ou não recebidas pelas casas inundadas em Fengjie. A burocracia e a corrupção marcaram esse e muitos outros acordos entre governo e população realocada em diversas áreas do país.

Ouvindo os conselhos do irmão da tal Sra. Ma que procurava, Sanming permanece em Fengjie por alguns meses, à espera de uma aparição desavisada por parte dela. Nesse período, Sanming ganha a vida ajudando a demolir os edifícios que vão sendo desocupados para a inundação do reservatório, recebendo cerca de 50 a 60 yuan por dia — um valor bastante satisfatório para ele, já que pagava apenas 1,30 yuan na diária da hospedaria onde dormia. Hospedaria essa que, inclusive, teve que ser também desocupada nesse meio tempo, e o velho dono se mudou para as instalações que havia embaixo de uma ponte.

Essa reconstrução, ou seja, a demolição das cidades velhas e construção de novas, é vista de forma bastante negativa e amplamente criticada dentro e principalmente fora da China. Há milhares de grandes barragens espalhadas pelo mundo, muitas realmente grandiosas, com reservatórios expressivos, mas construídas em regiões mais ou menos inóspitas; não são nunca tão populosas quando as Três Gargantas e o rio Yangtze, palco de eventos das mais diversas dinastias e do atribulado século xx, tão densamente ocupado por uma população numerosa. E o problema não se encerra apenas no fato de essas ocupações antigas serem sumaria-



FENGJIE EM RECONSTRUÇÃO

Nesta cena do filme, podemos ver claramente o aclave em que a nova cidade foi reerguida, bem como sua proximidade ao rio.

mente destruídas, temendo que com elas se vão também suas memórias; há um grande receio com relação à estrutura dos novos edifícios e o terreno onde foram construídos. Como é possível ver nas cenas da nova cidade de Fengjie em “A Boa Gente das Três Gargantas”, os edifícios novos são erguidos subindo a encosta, logo junto ao novo nível da água do rio, em grande aclave; um reservatório tão volumoso como o da barragem das Três Gargantas representa um perigo grande à estabilidade dos terrenos de suas margens, e com uma área de influência de tamanho corpo d’água que se estende por dezenas de quilômetros, complicada também pela atividade de construção rápida e em larga escala. Já há registros de deslizamentos de terra e rachaduras estruturais em edifícios cuja causa foi atribuída ao reservatório das Três Gargantas.

A década em que toda essa destruição e construção aconteceu também foi aquela em que Beijing entrava na sua segunda década da mais recente onda de reconstrução da cidade, ou seja, a partir de 2000. Na capital, os *hutong* estavam saindo, e também seus moradores, que foram sendo empurrados para fora do centro da cidade, até mesmo para regiões bastante distantes no anel mais periférico de Beijing conforme suas compensações valiam muito pouco dentro do

mercado imobiliário; suas antigas casas deram lugar a ruas e edifícios comerciais que, além de serem mais rentáveis nos termos da construção e uso da terra, eram também mais compatíveis com a nova capital do país que estava no topo da economia mundial e sediaria os Jogos Olímpicos. O novo projeto de país implicava também um novo projeto de capital, a ser realizado por meio da reconstrução. Já a destruição das cidades a serem inundadas pelo Yangtze represado foi vista mais como um problema, uma consequência com a qual teriam que lidar em nome da construção da tão desejada barragem; as cidades daquele trecho do Yangtze definitivamente não estavam no foco dos olhares do mundo sobre a China, tampouco havia planos para expandi-las, ofuscadas por outras cidades do Yangtze bem maiores que elas como Chongqing e Wuhan e ocupadas por uma população simples, da qual muitas pessoas viviam da terra e do rio — característica daquela que está geralmente às margens da mira das políticas governamentais. A demolição das cidades a serem inundadas e construção de novas, logo acima, era então uma questão prática que deveria ser eficientemente resolvida e que, apesar de também implicar recheados esquemas corruptivos (como ficou sugerido no filme na cena da discussão entre moradores e funcionário no Gabinete de Realojamento), não fazia parte de qualquer tipo de projeto de “Renovação das velhas cidades das Três Gargantas” que por acaso desejasse construir uma nova imagem da região, baseada em compra e venda de direitos de uso da terra, como ocorreu em Beijng. A reconstrução das cidades do reservatório era mais um obstáculo, um preço a ser pago pelo progresso. Em uma outra cena do filme que comentamos, a partir de dentro de uma balsa que navega pelas Três Gargantas no Yangtze levando passageiros, uma voz dos alto-falantes ecoa:

Bem-vindos ao barco “Floresta”, da companhia Yangtze. Estamos partindo de Fengjie, indo em direção a Shanghai. Na época da dinastia Tang, o famoso grande poeta Li Bai escreveu os seguintes versos: “Das muralhas de Baidi [na garganta Qutang] que se erguem sobre o pano da alvorada, até Jiangling, ao anoitecer, é uma jornada de cinco mil metros. Mas os gritos dos macacos, vindos das margens do rio, chega até meu pequeno barco e ultrapassa os dez mil picos”. E hoje, graças à barragem das Três Gargantas, os olhos de todos mais uma vez se voltam para este lugar. O Projeto Três Gargantas era o objetivo dos líderes de nosso

partido há várias gerações. No dia 1º de maio de 2006, o nível da água do rio será elevado até 156,3 metros neste ponto. As casinhas que vocês vêem hoje ficarão submersas.

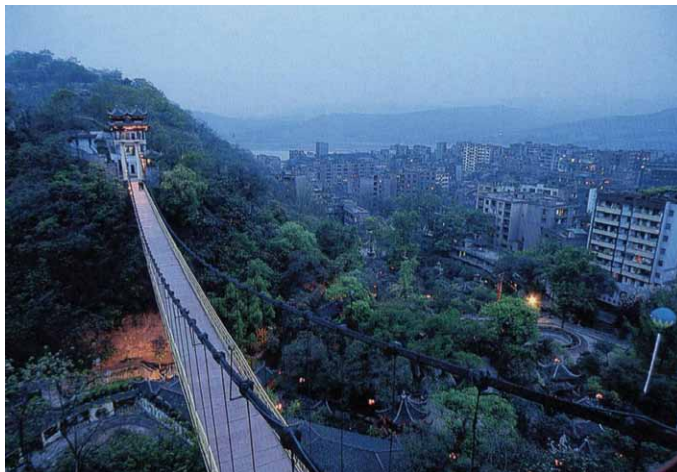
A construção das novas cidades, das novas “casinhas” não tinha então um fim em si, da forma como foi em Beijing e em seus valiosíssimos terrenos da cidade velha, mas tinha um espaço de relevância bem reduzida na lista das construções “de verdade” que o Projeto Três Gargantas implicava: a da maior barragem do mundo, do maior reservatório do mundo, de um rio volumoso e estável para navegação, de uma usina hidrelétrica com massiva quantidade de energia gerada, e indiretamente da continuidade da ampliação das grandes (e essas sim relevantes) cidades da costa leste que se beneficiariam daquela energia toda; e enfim, de uma grandiosa obra da nova China, que a representasse e de certa forma a definisse.

Mas, para o governo, antes a tarefa fosse “apenas” destruir aqueles edifícios e casas que, segundo uma moradora de Fengjie do filme de Zhangke, “é só puxar que já cai fácil”. Com seus milênios de história, a região das Três Gargantas acumulou também muitas camadas, com diversos edifícios e sítios históricos de diferentes períodos e dinastias. Medidas de preservação (cujos princípios ainda discutiremos) desse tipo de memória passaram antes por um processo de triagem: distinguiu-se o que ficaria abaixo do que ficaria acima do novo nível da água do rio. Estando abaixo, seria necessário decidir se trata-se de algo que “vale a pena” ou não de ser desmontado e reconstruído em um local acima do nível da água. Esse recurso foi utilizado para alguns dos muitos sítios que seriam inundados, incluindo edificações e inscrições em paredes de pedra. Outros, no limite da inundação, precisaram de estruturas especiais que impedissem a água de atingi-los quando a água subisse em períodos de cheias. Um interesse importante orientava essas medidas: o da promoção turística. Muitas companhias de embarcações de passageiros (cujos viajantes são com grande predominância os próprios chineses) fazem viagens pelo Yangtze, principalmente pelo trecho das Três Gargantas, desembarcando em pontos historicamente interessantes, e que os chineses conhecem desde pequenos dos livros de história e geografia e de lendas de reis

e deuses que viveram e vivem por ali, no Longo Rio — com as reformas econômicas recentes, muitos agora tem o dinheiro necessário para fazer viagens turísticas pelo próprio grande país. Embarquei em uma dessas, para tentar enxergar mais de perto a reconstrução que tinha acontecido ali.

INUNDAÇÃO

Na cidade de Fengdu, a água subiu até uma altura que obrigou seus mais de 65 mil habitantes a se mudarem. O pico que restou é justamente aquele em que está localizado o templo do deus da morte, para onde, segundo lendas, as almas se dirigem para passar para o outro mundo, depois de cruzarem a ponte suspensa; o templo também é um dos únicos que resistiu sem traumas à destruição da Revolução Cultural. Esse templo é uma atração turística e local de peregrinação muito movimentado; hoje é o que restou de Fengdu, que passou grande parte sua — a dos vivos — para a outra margem do rio.



No dia 6 de setembro de 2010, subi a bordo do President Nº2, uma embarcação turística de uma companhia chinesa que leva passageiros pelo rio Yangtze, fazendo sem cessar, indo e voltando, o percurso entre Chongqing e Yichang, passando pelas Três Gargantas e pela eclusa da barragem do Projeto Três Gargantas, sendo a visita à barragem o ponto alto da jornada. Naquele ano, o reservatório já estava praticamente todo inundado. Partindo de Chongqing, passei três noites na embarcação. Havia aproximadamente 13 passageiros chineses para cada 1 estrangeiro, e no total uns 150 passageiros.



CHONGQING

Vista aérea atual da cidade de Chongqing. O centro dela é também o centro da foto, e é marcado pelo encontro do rio Yangtze com seu grande afluente Jialing.

Eu estava em Chongqing já há dois dias antes daquele em que eu embarcaria no pequeno navio. Eu já sabia que aquela era uma cidade de seus 30 milhões de habitantes, listando como maior população da China, mas não sabia o que esperar em termos mais materiais, espaciais. Cidades bastante grandes como Beijing e Shanghai eu conhecia, mas Chongqing foi algo completamente novo; as distâncias todas me pareceram maiores, as ruas mais cheias a qualquer hora, e a topografia totalmente acentuada. E apesar da área ser ocupada há milênios, os vestígios de passado são raríssimos, mesmo invisíveis. Por nove anos, entre 1937 e 1945, períodos de intensas batalhas internas e contra os japoneses, Chongqing foi capital da República da China, tendo sido pesadamente bombardeada pelas forças aéreas japonesas nesse

período, só não resultando piores números de mortos chineses graças à topografia montanhosa da cidade, que permitiu fugas e esconderijos. Desde a mudança da capital para lá e mesmo depois, durante o governo comunista, Chongqing foi desenvolvida como cidade intesamente industrializada e como importante porto interior, junto ao rio Yangtze, tendo sua população desde 1949 saltado de 1 milhão para 30 milhões — em grande parte também pela ampliação se seus limites territoriais ao ser reconhecida como municipalidade nacional, juntando-se a Beijing, Tianjin, Shanghai e Guangzhou. No dia em que eu parti de Chongqing a bordo do pequeno navio havia muita neblina — na verdade, como em todos os outros anteriores também, e então vim a descobrir que são raros os dias em que a cidade não está sob uma neblina pesada, mistura de sua altitude e suas montanhas, suas águas (ela está no encontro do Yangtze com um grande afluente, o Jialing), e da poluição.

Durante os quatro dias seguintes de navegação, o barco fez paradas para visitas a alguns pontos de interesse, a maioria desconhecidos para mim estrangeira, mas de que os chineses tem boas referências, e tinham finalmente a oportunidade de conhecer. Um deles se encontra no distrito de Zhongxian, a aproximadamente 250 quilômetros de onde embarcamos na área central de Chongqing. 石宝寨, Shibaozhai, literalmente “Preciosa Fortaleza de Pedra”, é uma encosta montanhosa e abrupta nas margens do Yangtze; apoiado nela há um pavilhão construído apenas em madeira, com 12 andares e escadarias, erguido no início do século XVIII com o objetivo de facilitar a subida até o topo do monte, onde há um pavilhão pequeno de três andares datado ainda de tempos anteriores, que abriga um templo. Antes do grande pavilhão ser construído, o acesso ao templo era bastante complicado, e implicava içamento por um sistema de correntes; ele é considerado único em seu sistema estrutural, além de admiravelmente alto, com aproximadamente 60 metros.

Fui a única entre os estrangeiros do barco disposta a desembarcar para visitar o pavilhão, sendo o restante apenas chineses. Guias locais nos aguardavam na saída do navio para nos acompanhar até Shibaozhai, uma delas responsável ape-



nas pelos estrangeiros, e outras duas para o grande grupo de chineses, de forma que acabei ficando na prática com uma guia particular. O “nome inglês” que ela havia escolhido para si era Tina, e assim continuei a lhe chamar durante nosso percurso. A caminhada até a encosta e seu pavilhão nos levou por ruas do novo distrito de Zhongxian, recentemente cons-truído, tendo o antigo sido submerso pelas águas do reservatório. As ruas eram largas, com fileiras de árvores novas, os edifícios de três a cinco andares ainda estavam brancos, com comércio para a rua e apartamentos nos andares superiores; apesar das pessoas nas ruas, e de algumas animadas me convidarem para jogar *majiang* juntas enquanto passava, o ambiente daquela nova cidade me pareceu um pouco monótono, e os espaços de forma geral um tanto assépticos. Perguntei à Tina que sempre havia morado ali sobre isso. “Aqui, a nova cidade é muito melhor. Minha casa agora é muito mais espaçosa e limpa!”. Talvez buscando uma resposta que eu esperava mais, perguntei: “Mas e sua casa antiga que não existe mais? As pessoas não se incomodam?”. Ela riu. “Não se preocupe! Não tem com que se preocupar. Realmente, eu e minha família estamos muito melhor na casa nova!”. Ela explicou que os edifícios da Zhongxian que foi submersa eram em sua maioria feitos de terra, inclusive a casa onde morava. Apenas os prédios mais recentes eram de concreto. Estes haviam sido demolidos antes da inundação de poucos anos antes, mas aqueles que eram de terra foram simplesmente deixados, já que a água iria dar conta de consumi-los, e fariam então parte do rio.

Para chegar até Shibaozhai, depois de atravessar um pequeno trecho de cidade, tivemos ainda que atravessar uma outra novidade: a ponte que liga a cidade ao pé da encosta de Shibaozhai. Antes da inundação não havia separação entre as duas áreas, e com uma caminha e uma leve escalada era possível alcançar a porta do pavilhão. Agora que o nível do rio subiu consideravelmente, água divide a cidade da encosta de Shibaozhai, que se tornou uma ilha. Na realidade, como a Tina me explicou, Shibaozhai e seu pavilhão secular teriam sido submersos, já que o nível normal da água do reservatório está numa altura correspondente a mais ou menos metade da altura do pavilhão; para preservá-lo, foi construída uma

SHIBAOZHAI

página anterior O pavilhão de Shibaozhai, em Zhongxian, apoia sobre a rocha e contém uma escadaria que leva até o topo, onde há um pequeno templo.



NOVA ZHONGXIAN

acima, acima à direita Novas ruas que percorri da nova cidade de Zhongxian. Há um padrão bastante rigoroso de construção dos novos edifícios, que homogeneiza o aspecto e o ambiente da cidade.

ao lado Vista a partir do topo do pavilhão de Shibaozhai, olhando para Zhongxian. Uma nova ponte foi erguida pra levar até Shibaozhai, que ficou ilhada e separada de Zhongxian após a inundação. Áreas de cultivo apareceram onde a água desce e sobe segundo as estações.



ensecadeira (ou uma barragem-cofre) permanente em volta da encosta, mantendo-a seca e protegida da água do rio. A ponte dá acesso ao topo dessa ensecadeira, por onde caminhamos e depois descemos para chegar à porta do pavilhão, lá embaixo. Depois de subir pelas escadarias internas alguns andares do pavilhão, parei para observar do alto o exterior, tentando apreender com o olhar o que havia acontecido ali: eu via uma grande parede nova que mantinha um enorme volume de água do lado de fora, e logo me aliviou que eu não passaria mais uma hora ali numa condição que me pareceu aflitiva, sujeita à uma estrutura que geralmente é utilizada de forma temporária mas está ali permanentemente, e ornada em sua parte interna com uma “arquitetura chinesa” que alivia uma face dura e monótona de concreto (que se vê do lado de fora); o grande reservatório do rio Yangtze, com suas águas que fluem lentamente e de forma imperceptível dali do meu ponto de vista, e com o nível da água médio naquele momento de fim de verão, e tão amplo que fica difícil também enxergar a outra margem (agora mais distante do que nunca foi) claramente, com a visibilidade complicada pela neblina característica da região; a embarcação de onde saí, atracada, à espera dos passageiros voltarem do passeio, sendo ela apenas uma entre as muitas e das várias companhias que navegam o Yangtze e as Três Gargantas, levando os mais novos e numerosos turistas da China, ou seja, os próprios chineses, em jornadas para eles de caráter totalmente inédito, de visita e contemplação (que custa dinheiro); o recém-construído novo distrito de Zhongxian, cujos habitantes o viram sendo totalmente quebrado e construído novamente, e que agora estava mais ou menos na altura do meu olhar, diferente de antes quando a grande e retangular encosta de Shibaozhai se destacava na paisagem como referência do mais alto ponto da cidade, onde foi construído um pavilhão no topo que pretendia estar no lugar mais próximo do céu. Hoje, tendo o distrito subido a margem e Shibaozhai sido mantida, alguém no quinto andar de algum edifício da cidade se iguala a ela, ligada ao resto apenas por uma ponte, deixada em uma banheira em que a água fica, neste caso, do lado de fora.

Quando chegamos no topo do pavilhão e da encosta, Tina me explicou que a água do reservatório, que sobe no



NOVA SHIBAOZHAI

acima, acima à direita Shibaozhai, antes e depois da inundação do reservatório. O nível da água alcança até a base do pavilhão, que teve que ser protegido por uma ensecadeira (ou barragem-cofre). Uma ponte dá acesso ao topo da ensecadeira, por onde se alcança a entrada para o pavilhão. *ao lado* Minha vista a partir de dentro do pavilhão, olhando o reservatório, a embarcação de onde vim e a nova Zhongxian. Notar o percurso sobre a ensecadeira, com árvores, e a decoração interna da grande parede.



verão, deixa uma faixa de terra fértil na margem para cultivo quando desce, no inverno. E como agora o nível varia mais regularmente, o cultivo é também mais seguro. Perguntei se por ali nevava com frequência.

Algumas vezes tivemos neve, sim, mas apenas quando o inverno foi realmente rigoroso e anormal. Tenho uma lembrança maravilhosa da última vez que nevou aqui em Zhongxian, já faz vários anos, e meu filho ainda era pequeno. Eu, meu marido e ele brincamos juntos com a neve que estava caída na frente da nossa antiga casa. Foi realmente muito divertido, e gosto muito de lembrar daquele momento. Nossa, faz tanto tempo que eu não falo tão abertamente com alguém, como estou falando com você agora! A sensação é muito boa.

A lembrança de Tina representa o sentimento comum entre as pessoas dessas cidades reconstruídas: há um vínculo afetivo com a antiga cidade mais nos termos das experiências pessoais que nela aconteceram; tomando o exemplo de Tina, a lembrança da velha casa é mais como a do lugar onde ela cresceu e onde seu filho também cresceu, e por isso é memorável e valioso, mas materialmente a nova casa no novo edifício da nova cidade é maior, “mais limpa”, não é velha e de terra. O lugar de uma lembrança boa pode não mais existir, uma vez sendo o novo equivalente ao que se entende como uma melhor qualidade de vida. Da Zhongxian de uma década atrás, apenas o pavilhão de Shibaozhai se mantinha, mas o que realmente tinha ficado? O pavilhão não havia sido destruído e construído em outro lugar, mas me parecia que não era o mesmo.

Mas Zhongxian e Shibaozhai definitivamente não são os únicos exemplos de reconstrução no reservatório das Três Gargantas. Uma cidade chamada Dachang mantinha erguidos até a inundação do Yangtze três grandes portões seculares que indicavam que ela havia sido toda murada no passado, durante grande parte de sua história de mais de 1700 anos; existia também um conjunto de edifícios tradicionais bastante reconhecido, uma vez propriedade de uma família abastada e até hoje identificado como o “complexo dos Wen”. Dachang antiga foi toda inundada, e sua construção teve um tratamento especial: pedaços de madeira e os tijolos e pedras que compunham as edificações foram numerados e reaproveitados, sendo utilizados como material de construção para a nova



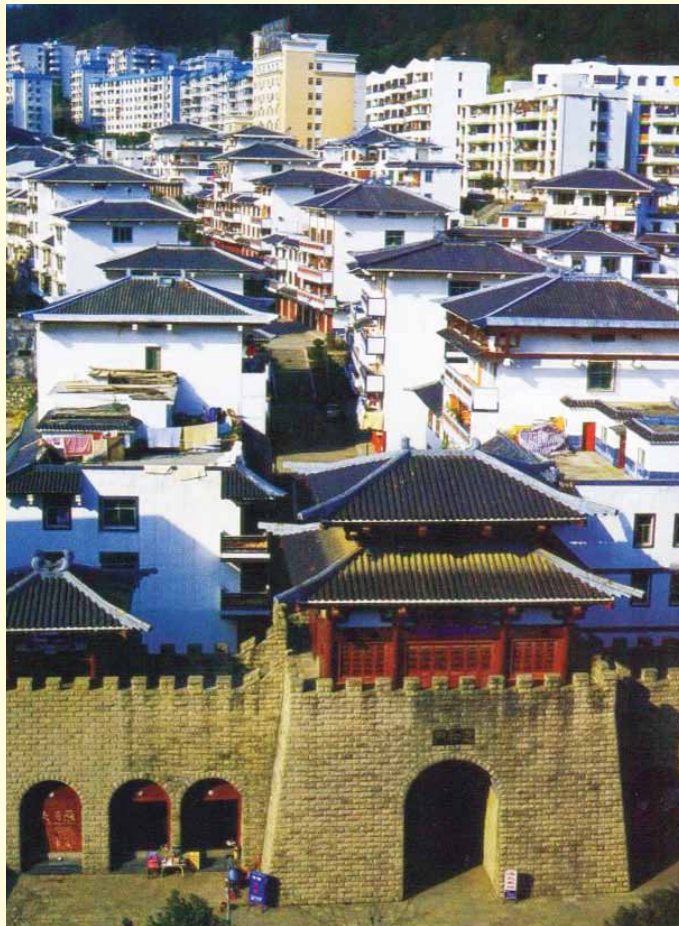
NOVA DACHANG

Matéria dos antigos edifícios da cidade de Dachang foi numerada e reaproveitada para a construção da nova cidade. Uma nova rua principal “antiga” foi reconstituída; novos edifícios habitacionais aparecem contrastantes.

Dachang; edifícios mais célebres como os portões e o conjunto dos Wen foram refeitos com fidelidade aos anteriores e preferencialmente com os mesmos materiais, literalmente. O resultado é inusitado. Segundo americanos que visitaram a cidade recentemente para a filmagem de um documentário, a impressão geral é de que se está em um cenário, ao andar pela rua principal “histórica” de Dachang, reconstruída aos padrões entendidos como “tradicionais”, e os novos portões seculares aparentam construção muito recente, arrumada e correta. Mas a cidade vive muito hoje de turismo, de visitantes que vão conhecer Dachang, uma das cidades “mais antigas e bem preservadas das Três Gargantas”. Essas ditas antiguidade e preservação não se estendem até muito longe; a grande maioria da cidade é composta de edifícios novos dos moldes daqueles que conheci em Zhongxian — mas erguidos com material catalogado e reaproveitado das construções que não existem mais. Uma outra cidade que fica a uns poucos quilômetros da barragem das Três Gargantas, chamada

NOVA ZIGUI

A antiga muralha, com suas torres e portais, foi reconstituída na construção da nova Zigui. Novamente, a parte mais “cênica” é junto à entrada da cidade; edifícios menos presos a padrões do “estilo tradicional” ficam mais afastados do rio, e do acesso de visitantes e turistas.



Zigui, também teve que ser completamente reconstruída. Num pequeno livro oficial sobre o Projeto Três Gargantas, que comprei ao visitar a própria barragem, há uma foto da nova Zigui, com edifícios muito parecidos com aqueles de Zhongxian e Dachang, com um portão e uma muralha novos, uma rua em “estilo tradicional” e edifícios totalmente novos ao fundo; a legenda da foto diz “A rua imitação da dinastia Han em Zigui”.

Essas cidades e edifícios “imitação” — que acabam se aproximando materialmente mais de algo simbólico do que das coisas que realmente existiram — fazem lembrar os novos

siheyuan grandes se luxuosos construídos recentemente em Beijing, no lugar dos que foram demolidos, a serem vendidos por valores aproximados a 1 milhão de dólares. As reconstruções e o tratamento dado aos sítios históricos do reservatório das Três Gargantas ficaram sob a etiqueta de uma tal “preservação”, deixando o sentimento de que servem mais como satisfação àqueles que criticam o impacto da barragem, construindo, literal e subjetivamente, uma fachada, ao passo que movimenta também expressivamente grandes quantias de dinheiro por meio do turismo (que leva para visitar essas fachadas); um tanto como os *siheyuan* milionários, com linhas tênues que distinguem a rentabilidade de uma ideia de preservação obscura, a atração turística da construção do simbólico. E esse valor simbólico passa também pelo que se entende (ou não entende), ou se reconhece, como arquitetura chinesa; como observou o Sr. Wu, amigo do arquiteto Fang Ke, sobre a construção dos novos edifícios de Beijing: “A ideia deles [dos governantes e empreiteiras] de manter características chinesas nos prédios é a de colocar um pequeno pavilhão no topo de um arranha-céu — e isso é tudo que restou da arquitetura chinesa”.⁹

Há que defenda que, de fato, os chineses tendem a reconhecer mais o *lugar* do que as edificações como patrimônio a ser preservado, sendo esse lugar característico principalmente por sua paisagem natural. O estudioso das cidades chinesas T. Campanella comentou sobre isso que

Localidades de destaque na China tendem a ser valorizadas mais em termos do lugar do que dos edifícios que vieram a ser erguidos nele, apesar das variadas e importantes exceções. O lugar é preso à terra, e duradouro; a arquitetura é relativamente frágil e efêmera. Edifícios em locais de peregrinação budista e sítios venerados por milênios foram tipicamente reconstruídos várias vezes ao longo dos séculos; turistas ocidentais frequentemente se surpreendem ao descobrir que o “antigo templo” que os maravilha foi orgulhosamente reconstruído em 1993 utilizando concreto armado. Essa ação de privilegiar o lugar ao edifício como ponto principal de valor se afasta da concepção ocidental predominante de preservação histórica, na qual o peso da significância é mais igualmente distribuído entre o lugar e a estrutura original do edifício (e frequentemente se inclina para a segunda; vários edifícios históricos foram transferidos para outros lugares mas conservaram muito do seu valor cultural).¹⁰

9. JOHNSON, I. *Op. cit.*, p 112

10. CAMPANELLA, T. *Op. cit.*, p 152

Essa transferência de local de edifícios históricos aconteceu na área do reservatório; o enorme templo Zhangfei foi inteiramente desmontado e reerguido a dez quilômetros de distância rio acima de seu local original, hoje submerso, por exemplo. Mas o lugar em jogo não é o exato ponto em que ele estava construído, ou seu entorno próximo, e sim a região das Três Gargantas de forma mais ampla: esse é o *lugar* em questão quando se fala de reconstrução no Projeto Três Gargantas, ou seja, a paisagem das gargantas, a água fluindo entre as montanhas, os animais que frequentemente são vistos nas margens, as formas dos montes e da vegetação, a neblina e as lendas milenares que se passaram ali — e é isso que está no imaginário do povo chinês. O templo foi inteiramente reconstruído, mas ainda pertence às Três Gargantas, assim como outros sítios históricos, e as cidades; eles menos importam. Ao meu ver isso é de certa forma explorado no filme de Jia Zhangke. Sanming faz amizades com outros homens que estão trabalhando nas demolições da cidade, e um deles lhe mostra que na nota de dez yuan está estampada Kuimen, ou seja, a “porta” da garganta Qutang, a primeira das gargantas, e que é muito próxima a Fengjie e está sempre presente em sua paisagem: é o *lugar* de Fengjie. Sanming passa então um tempo admirando a Kuimen real, e com a nota de dez yuan na mão. O cenário, o lugar da garganta Qutang é suficientemente valorizado para acabar impressa na moeda nacional; Sanming trabalha demolindo os edifícios da cidade, mas para um momento e contempla Kuimen, e ela como símbolo das Três Gargantas.

Mas se esse lugar que é as Três Gargantas se manteve depois da inundação do reservatório da barragem, há o que se discutir. Muitos dizem que ele nunca mais será o mesmo. O poema de Li Bai citado pela voz feminina pelos alto-falantes da balsa nos dá pistas: escrito há mais de 1300 anos, nele Li Bai fala dos macacos que gritam e dos gritos que ecoam pelas gargantas; num documentário produzido logo antes da inundação definitiva do reservatório, vários macacos pulavam pelas árvores e posavam para as filmagens. Eles ainda estavam lá, mas com a elevação do nível da água do rio e uma significativa mudança das dinâmicas do ambiente, mais sensíveis aos animais que sempre viveram ali e caracterizavam



VISLUMBRANDO KUIMEN

Sanming se detém a vislumbrar Kuimen, a porta da Garganta Qutang, comparando o que vê com a ilustração da nota de 10 yuan.

aquele lugar, os macacos estão em risco e não povoam mais ali como antes. Pode parecer uma observação tola, mas é significativa o suficiente como qualificadora do *lugar* das Três Gargantas para ser registrada no poema de Li Bai, que por sua vez é legitimado e lembrado atualmente quando um quer se referir ao passado das gargantas, e descrevê-las. Macacos, outros animais e muitos outros e variados elementos daquele lugar foram um tanto destruídos, como o próprio nível da água, antes baixo, raso, que registrou muitas histórias de viagens perigosas das pequenas embarcações e propriamente

caracterizam as gargantas — água baixa, montanhas altas, leito estreito —, agora se elevou e, de certa maneira, tornou aquele lugar um pouco menos único, menos cênico, menos específico, enfim, menos Três Gargantas.

國破山河在

O Estado está quebrado; montanhas e rios permanecem

Este outro poema da dinastia Tang, de Du Fu, também já citado aqui, oferece um ponto de vista que encerra com apenas cinco palavras a discussão levantada aqui: o Estado quebrado, ou seja, as coisas humanas, incluindo suas obras e construções, podem ter sido quebradas, arrasadas e destruídas, como foram nos mais diversos períodos históricos da China; as montanhas e os rios, os lugares propriamente, esses se mantêm e não podem ser abalados. E agora, destruídas as casas de mais de 1 milhão de pessoas e despertados desafeitos entre o governo e críticos e opositores de dentro e fora da China — e de certa maneira quebrando-o — as montanhas das gargantas e o rio Yangtze ainda permanecem? Esta é uma questão de cerne da destruição e construção que é parte do Projeto Três Gargantas.

Os processos de reconstrução, aqui entendida como a ação de destruir e construir, não ocorreram exatamente da mesma forma nem pelas mesmas motivações em Beijing e nas áreas de influência do Projeto Três Gargantas. Enquanto a capital, uma área urbana no foco dos olhares do mundo, foi sofrendo modificações ao longo dos séculos, e com maior afinco nos últimos 60 anos, na região do reservatório das Três Gargantas a destruição e construção das cidades, vilas e sítios históricos aconteceu em cerca de apenas uma década, de maneira repentina, depois de um longo e indeterminado período de permanência, e também de certa irrelevância e pouco destaque. Beijing, como capital, foi sendo reconstruída nos últimos 60 anos à maneira que mudavam as políticas, e mudava então a ideia de capital ideal em conformidade. A destruição e construção do que convinha dos elementos e espaços da cidade é algo central para o projeto da capital; para o Projeto Três Gargantas, a destruição e construção dos edifícios e sítios é um assunto marginal, encarado como problema a ser resolvido, estando em primeiro plano a construção da barragem e da usina hidrelétrica e do progresso da nova China — ao custo da destruição do lugar das Três Gargantas?

A reconstrução também foi vista aqui como a própria revolução, ou seja, a mobilização por derrubar a situação e o que vem antes, o velho, e construir uma nova realidade, com novas regras. Material e espacialmente, em Beijing uma revolução continua acontecendo, mesmo que com diferentes programas: se um dia derrubou-se o que era velho por ele servir ao feudalismo e ao imperialismo, hoje derruba-se o que é velho pela nova capital “política e cultural” e à base da competitividade e batalha do enriquecimento. Os chineses prosseguem mobilizados, com diferentes causas e mentes, reconstruindo e revolucionando. Na área do reservatório do Projeto Três Gargantas, onde tudo ocorreu apenas muito recentemente, sem o histórico e as continuidades de Beijing, é possível identificar contudo um ponto em comum, que inclusive se manifestava ao mesmo tempo na capital e no Yangtze: os novos edifícios construídos depois da destruição estão carregados de valor simbólico, de uma ideia simbólica do que seria uma arquitetura chinesa. Isso se deve em parte pela pouquíssima idade e experiência da arquitetura como campo do conhecimento e de atuação na China, e então da crua formulação do que seria uma arquitetura nacional e de quais seriam as medidas de preservação

mais adequadas; outra parte também pode ser atribuída ao olhar estrangeiro sobre essa arquitetura, e sobre o que ele considerou e construiu no imaginário como sendo tipicamente chinês, e o que o chinês abraçou disso.

De qualquer forma, a reconstrução também foi variando conforme o projeto de nação mudava; por mais variadas e contestáveis tenham sido as destruições de edifícios e sítios históricos no reservatório das Três Gargantas e suas reconstruções em outros locais, como ocorreu amplamente, nem mesmo essa solução seria imaginável durante o governo de Mao Zedong, que caso tivesse obtido sucesso em construir a barragem naquele momento estaria absolutamente satisfeito com dar um fim definitivo àquelas edificações antigas e antirrevolucionárias, que não possuem a cara da revolução. Atualmente, existe um fantasma da preservação que assombra autoridades e governantes, que tanto em Beijing quanto no reservatório das Três Gargantas se manifestou e cobrou medidas que atentassem à ela, mas efetivamente o fantasma ainda não passa muito de um incômodo, personificado por exemplo no arquiteto Fang Ke, que apesar de seguramente ter boas ideias e medidas na ponta do lápis para intervir no patrimônio, é incapacitado de agir pelas amarras do governo, e do dinheiro. O resultado, por enquanto, são essas soluções não exatamente ideais que analisamos, mas, lembrando de um passado próximo que tratou o assunto de maneira muito diferente, podemos talvez contar também com um futuro próximo alternativo.







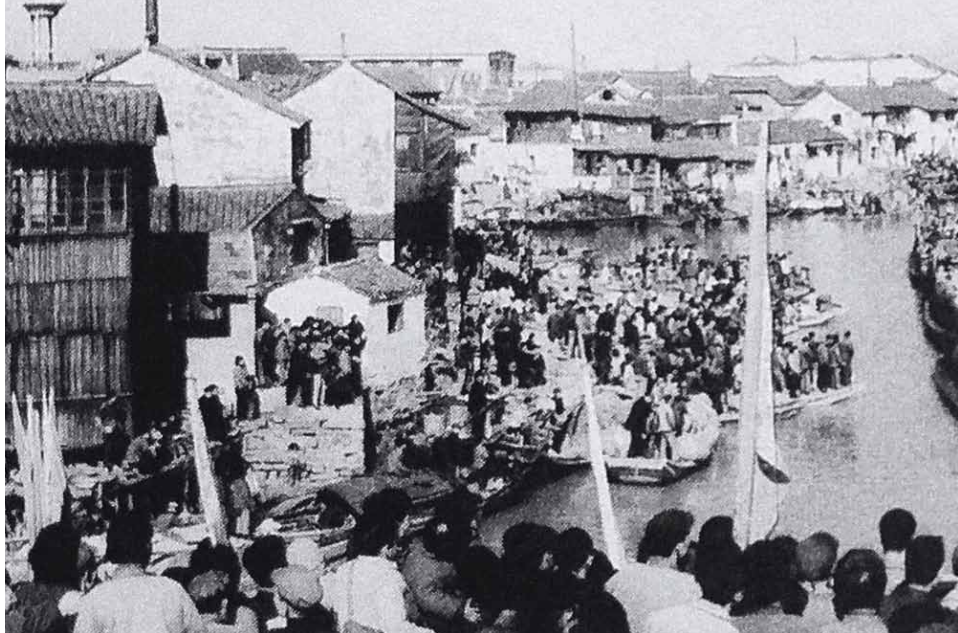
MIGRAR

“COMO A CHINA SURPREENDEU A TODOS? BEM, NÃO POSSO FALAR POR TODOS, MAS SEI DE MIM E DE OUTROS REPÓRTERES QUE ACOMPANHARAM, E DE OUTRAS PESSOAS QUE CONHECEM A ÁREA BEM: NÓS SUBESTIMAMOS AS PESSOAS. UM ERRO COMUM. [...] PARTE DISSO SE DEVE À FALTA DE CONHECIMENTO DA HISTÓRIA ANTIGA E MODERNA DA CHINA, AO NÃO ENTENDIMENTO DA SOCIEDADE, DO POVO. OLHAR PARA O PAÍS COMO SE FOSSE UM MONOLITO, E NÃO PARA OS 1,3 OU 1,4 BILHÕES DE INDIVÍDUOS. NÓS, E EU ME INCLUI NISSO, SEGUIMOS COMETENDO O MESMO ERRO CONTINUAMENTE: NÃO ENTENDER A HISTÓRIA, A CULTURA, NÃO DIZER UMA PALAVRA DA LÍNGUA, E SUBESTIMAR O PODER DO POVO.”

Trecho de entrevista com o jornalista Daniel Rather, reconhecido por seu trabalho junto ao CBS Evening News, dos EUA, ocorrida em agosto de 2012 para Dan Washburn, da AsiaSociety.

INTRODUÇÃO

MIGRAÇÃO MÚLTIPLA, MIGRAÇÃO VOLUMOSA



Em meados da última década, deslizamentos já eram mais ou menos comuns na região do distrito de Badong, localizado no rio Yangtze na Garganta Wu, a central delas, e parcialmente destruído e reconstruído por conta da inundação do reservatório das Três Gargantas. Em um mês de novembro chuvoso, um desses deslizamentos arrastou um ônibus cheio de pessoas que vinha de Shanghai e mais três trabalhadores que pintavam uma rodovia; todas as trinta e cinco pessoas morreram, encontradas após dias de desaparecimento. Diante desses deslizamentos, do desmatamento e erosão resultantes principalmente da intensa construção nas margens, do assoreamento do leito dos rios (do Yangtze e seus afluentes na região das Três Gargantas) que exalta o fluxo das águas, entre outros sintomas de problemas, há a possibilidade de que entre 3 e 4 milhões de chineses ainda tenham que ser movidos por precaução da área do reservatório das Três Gargantas, adicionais àqueles 1,3 milhões que já foram tirados de suas vilas e casas inundadas pelo reservatório e transferidos para novas. De forma geral, o Projeto Três Gargantas recebe forte desaprovação por seu chamado “custo humano” elevado, ou seja, pela migração que exigiu desse milhar de chineses de sua terra original, mesmo que o local de destino seja distante apenas poucos quilômetros.

Mas o Projeto Três Gargantas não é a única obra que teve que mover forçadamente uma grande quantidade de pessoas, ou que suscitou um grande deslocamento de chineses a partir de um local a outro, afim de se estabelecerem; a ação de migrar é comum e aconteceu correntemente na história



SUZHOU, 1969

Jovens embarcam para o campo, no programa de reeducação dos estudantes da cidade pelos camponeses e trabalho rural, durante a Revolução Cultural; esse marcou um dos grandes movimentos migratórios da época, promovido em todo o país.

da civilização chinesa dentro daquela que hoje conhecemos como China, de maneira forçada ou não, e pelos mais diversos motivos: pobreza, fome, guerras, catástrofes naturais e epidemias, ideologia, políticas governamentais, grandes obras e construções, exílio. A melhoria das condições de vida é uma ânsia bastante comum, mas pode significar coisas muito diferentes dependendo do momento histórico, e com alguma frequência não é garantida.

A princípio, os movimentos migratórios são um assunto mais ou menos reservado às ciências sociais, e a partir dessa perspectiva podemos encontrar diversas pesquisas dedicadas às migrações mais recentes que acontecem na China, e que aprofundam temas como a adaptação de certos grupos de mesma origem a novos lugares para onde se deslocam, e de que maneira se integram (ou não) e constroem dinâmicas sociais próprias etc. Aqui, contudo, a migração, em todas suas variedades, é vista também como um fenômeno chave ao entendimento de uma dada constituição territorial, da qual ela pode ser tanto causa como consequência; sua análise pode contribuir para aprofundar aquele frequentemente superficial olhar sobre a realidade territorial do país, que costuma apenas diferenciar centro e interior, ricos e pobres, governo e povo. Passamos então pelas relações entre as pessoas, seus sentimentos e desejos, mas também pelas políticas, intervenções e projetos — de nação, de edifícios, de vidas — que as migrações desse povo (que no mundo é o que mais se desloca) envolveram e envolvem, até hoje intensamente.

REVENDO MIGRAÇÕES

MOVIMENTO DAS DINASTIAS E DA REPÚBLICA, ATÉ 1980

DO NORTE PARA O SUL

Antes que a China fosse atravessada por tantas vias como é hoje, incluídas as ferrovias e mais recentemente as rodovias, eram os rios que tinham o papel principal como grandes rotas e eixos de transporte e deslocamentos de pessoas e cargas. As bacias dos rios também são áreas normalmente bastante mais favoráveis à ocupação e colonização, e por suas características naturais também mais propícias ao desenvolvimento agrícola. Os rios se tornaram assim verdadeiros corações das regiões por onde fluem e das populações que dele dependem e a partir dos quais pautam suas vidas. Como já vimos, a ocupação por todo o território chinês que conhecemos hoje é bastante antiga, com início em povoados variados e estabelecidos em diversos pontos dessa enorme área, mas aqueles que se destacaram e acabaram se expandindo são aqueles que se basearam nos vales dos grandes rios; como vimos, é comum atribuir o início da civilização chinesa a um determinado povoado que vivia no vale do rio Amarelo, e apesar de na verdade muitos outros povoados terem existido ao mesmo tempo, aquele do rio Amarelo de fato teve alguma predominância sobre os outros. As capitais então das dinastias e imperadores que surgiram eram estabelecidas em algum lugar do chamado Norte da China Interior, que como vimos corresponde mais ou menos à área por onde corre o rio Amarelo, geralmente em regiões onde hoje está Xi'an e proximidades, ou onde hoje é Beijing.

Os grandes movimentos migratórios que consolidaram ao longo dos séculos a China Interior, que até a última dinastia, a Qing, correspondia de fato à própria China, tiveram então um sentido predominante norte-sul. Até hoje a região da bacia do rio Yangtze é chamada de “região sul”, e as pessoas que nela vivem de “pessoas do sul”, apesar de que na realidade, no mapa, o Yangtze reparte a China mais ou menos ao meio; a região ainda mais baixa, de fato mais ao sul, correspondente à província de Guangdong, seria então o “extremo sul”. A fronteira mais baixa da China foi então descendo ao longo do tempo, deixando até hoje suas marcas na fala e na cultura, pautadas numa visão daqueles de cima, ou “do norte”. Na região que, por tradição, é chamada de “do

norte”, e correspondente ao vale do rio Amarelo, os povoados se expandiram e se organizaram de forma muito estreita ao rio e seus afluentes, que com muita frequência lhes trazia infelicidades e tragédias; a terra tinha alguma virtude, mas não era possível depender apenas dela, sendo a criação de animais uma prática comum e importante. O alimento, ou seja, a possibilidade de plantar de maneira mais regular, próspera e abundante, foi uma expressiva razão pela qual o chamado norte se aproximou da região sul, ou seja o vale do Yangtze, e para onde as populações de certa forma foram se dirigindo. Por parte daqueles do norte, a região sul e seus habitantes transmitiam certa selvageria e inferioridade, sendo mais ou menos uma missão “domesticá-los”. Segundo Weins,

Sem dúvidas o apelo psicológico das regiões de arroz do sul pesaram ao causar uma contínua migração rumo ao sul. Desde tempos primórdios o sul foi considerado o cesto de grãos do norte e, dessa maneira, o norte rapidamente se tornou um parasita do sul. Num primeiro momento, os grãos de Sichuan foram trazidos para cima para sustentar o poder político e militar do norte. Isso se tornou especialmente significativo depois da construção do Grande Canal.¹

Mas a facilidade de produzir grãos não foi a única razão que atraiu as populações do norte; desde aproximadamente os anos 200 ocorreram uma série de invasões por povos vindos ainda mais do norte naquilo que estava se formando como China: a primeira logo com o colapso da próspera dinastia Han; depois nos séculos XI e XII por povos vindos da região da Mongólia e da Manchúria (hoje respectivamente regiões do norte e do “chifre” nordeste da China), empurrando o imperador, a capital e a estrutura imperial da dinastia Song para o sul, junto ao Yangtze; em seguida, pelos mongóis liderados pelos Khan; e finalmente pelo povo manchú mais uma vez, que estabeleceu a última dinastia da China e governou por séculos, os Qing. Essa série de choques e invasões vindas de cima moveram povos e até mesmo organizações imperiais inteiras para baixo, para o vale do Yangtze que, com determinadas características geográficas, tornava-se favorável do ponto de vista da defesa militar, com seu relevo montanhoso e sua ampla rede hidrográfica. Muitas organizações de militares conquistaram aquelas áreas, tanto para pacificar a favor daquelas populações que os seguiam quanto para eles mes-

1. WEINS, H. Han Chinese Expansion in South China. New Haven: The Shoestring, 1967. In SLYKE, L. *Op. cit.*, p 62

mos se fixarem ali permanentemente, onde eram desmobilizados. Várias cidades e distritos do vale do Yangtze têm nomes formados com as palavras “forte”, “assentamento”, “paz”, por exemplo.

Para esses deslocamentos rumo ao sul os afluentes dos grandes rios, ou seja, o Amarelo e o Yangtze, que fluem sentido oeste-leste, tiveram papel essencial como forma de transporte norte-sul, que via terrestre encontrava uma série de barreiras. Lembramos que os rios sempre tiveram mesmo papel muito importante e até quase único, preferível e facilitado; o próprio Yangtze veio a ganhar uma ponte que o cruzasse apenas em meados do último século. Os grandes movimentos migratórios que predominantemente consolidaram essa China Interior se concentraram (e muito dependeram e foram determinados) no vale do rio Amarelo e do rio Yangtze, com seus afluentes, e eventualmente com o Grande Canal (um afluente artificial de ambos os rios); alimento, desastres naturais e batalhas típicas de formação de uma civilização e seu território foram os principais motivos de repulsão e atração de populações pelas diversas regiões, e aos poucos a fronteira mais sul daquela China Interior que estava então se formando ia sendo empurrada cada vez mais para baixo.

PARA O OESTE E PARA O CAMPO

Foi apenas em séculos recentes que o território da China contemplou também as áreas mais a oeste e ao norte, que aqui chamamos de China Exterior; essa grande expansão, que praticamente dobrou a área do império, ocorreu apenas durante a última unificadora dinastia, a Qing, estabelecida pelo povo manchú (originários do “chifre” nordeste) em 1644 e substituída pela República da China apenas em 1911-1912. Até a dinastia anterior, a dos Ming, os movimentos de ocupação, conquista e expansão seguiram predominantemente o sentido norte-sul; tendo isso consolidado, com a última unificação dos Qing o império que aquilo que hoje chamamos de China tomou conta de expandir então para o interior, a oeste. As regiões hoje correspondentes ao Tibet, Qinghai e Xinjiang tornaram-se protetorados, e posteriormente províncias (Qinghai) ou regiões autônomas (Tibet e Xinjiang) em



CHINA MING E QING

As Chinas dos Ming e dos Qing correspondem a certa medida ao conceito de China Interior e Exterior, tendo esta sido expandida com movimentos predominantes leste-oeste, e a anterior no sentido norte-sul. A Mongólia, que é o grande desencontro entre a China Qing e a China atual, conseguiu se manter independente, afinal.

- limite político atual da China
- limites territoriais do império Ming em 1580
- limites territoriais do império Qing em 1800
- entre 0 e 1000 m de altitude
- entre 1000 e 2000 m de altitude
- acima de 2000 m de altitude

eventos do final do século XIX e do século XX, e não sem força militar e conflitos. Essas áreas têm especial importância por seus recursos naturais, como metais e petróleo — então o grande interesse em ocupá-las e explorá-las.

Mas essa expansão ao interior se tornou um projeto nacional de fato, inclusive ideologicamente embasado, a partir do estabelecimento da República Popular da China em 1949, e novas políticas territoriais trouxeram novos tipos e novos destinos para a migração de pessoas. Mao e o governo comunista tomaram a liderança do país certos de que a organização territorial da China como então se encontrava era totalmente imprópria, resultante de ações conservadoras dos nacionalistas que haviam estabelecido a República em 1912; segundo o pensamento de Mao, os nacionalistas seriam capitalistas que serviam ao imperialismo estrangeiro que há mais de século vinha desmontando a China e humilhando os chineses, de forma que apesar do levante de 1912, até 1949 nada de fato havia sido promovido em nome do povo.

Em 1949, a noção então era de que o colonialismo, caracterizado pela exploração estrangeira recente sobre a China, e a seguinte introdução de moldes de produção, do raciocínio e das relações do sistema capitalista no país teriam resultado um grande desequilíbrio territorial, em que uma polarização vista de forma negativa estaria ocorrendo e sendo reforçada: a faixa da costa leste da China, onde havia portos de comércio abertos para outros países e cidades que prosperavam e cresciam por conta dessas dinâmicas, apresentava um desenvolvimento econômico muito acelerado se comparado com o das províncias do interior, onde a população também era grande, mas o acesso e interesse eram reduzidos e consequentemente eram mais empobrecidas. De forma geral, até 1949 as indústrias modernas se localizavam apenas em algumas cidades costeiras, ou junto a grandes rios, de forma que o acesso de cargas ao mar fosse facilitado; o sistema ferroviário também tinha sua rede concentrada na costa e nesses percursos que levavam ao mar, e de norte a sul pelas rotas já consolidadas. Essa condição foi identificada como planejamento imperialista e entendida como subordinação das políticas territoriais do país aos interesses e pressões comerciais dos

COSTA VS. INTERIOR

A linha pontilhada é aquela que, em 1949, dividia as províncias costeiras das interiores, as predominantemente industrializadas e desenvolvidas das empobrecidas. Notar que Sichuan (que naquela época continha Chongqing) e Hubei fazem parte do “bloco desenvolvido” principalmente por conta do rio Yangtze passar por elas, sendo também portuárias apesar de não estarem na costa.

estados imperialistas estrangeiros. A partir de 1949, um processo revolucionário amplo se desenrolou buscando conter essa disparidade malvista.

Medidas dessas primeiras décadas de República Popular objetivavam então a descentralização das plantas e produção industrial, de forma tanto a diminuir a expressividade daqueles centros urbanos costeiros já consolidados quanto a criar novos centros, a partir da aposta na indústria primária, ou seja, dedicada aos metais, à energia etc. Isso incluía explorar as “novas terras” da China, ou seja, a região oeste recém tomada durante a dinastia Qing e instalando



ali indústrias voltadas ao petróleo, carvão, minério de ferro, algodão e lã etc. Para isso evidentemente foi necessário o estabelecimento de uma rede mais ampla de ferrovias que atendessem essas regiões, e muito baseada nela se deu uma consolidação nacional, também parte do projeto de governo comunista; ou seja, não bastava apenas ter um grande território, mas também um grande povo, unido e efetivamente conectado (é desse momento também o processo de difusão do mandarim como idioma nacional, a ser ensinado e falado em todas as regiões do país, apesar de e passando por cima dos muitos dialetos existentes e dos idiomas distintos das dezenas de minorias étnicas que existem na China).

Um exemplo simbólico dessas políticas de descentralização e de estabelecimento de novas ocupações em regiões ainda não “domesticadas” é o do processo pelo qual passou naquelas décadas a província de Xinjiang, do extremo noroeste da China. A área dessa província elevada e predominantemente desértica equivale a quase um sexto da área atual de todo o país, mas está entre as menos populosas; por séculos, a famosa Rota da Seda, uma das únicas entradas possíveis para a China Interior, passou por ali, fazendo com que a região tenha sido palco de uma história complexa de povos indo e vindo, incluindo árabes, mongóis, indianos e originários das regiões hoje divididas entre Cazaquistão, Quirguistão e outros. A maioria das pessoas que vivem em Xinjiang são então pertencentes às chamadas minorias étnicas do país, ou seja, aquelas que não são a maioria Han, esta correspondente aos chineses com feições e cultura com as quais estamos mais familiarizados. A maioria de Xinjiang pertence à etnia Uigur,

ETNIAS HAN E UIGUR

Há quase 60 etnias diferentes habitando a China atualmente, mas a etnia Han (abaixo, à esquerda) corresponde a mais de 90% de toda a população. Os Han tem feições com as quais estamos mais familiarizados. Os Uigures (abaixo, à direita; habitantes de Xinjiang) já têm traços que não esperamos que alguém nascido na China apresente.



de origem turcomena, cujo idioma tradicional é o uigur; também há comunidades uigures em alguns países que fazem fronteira com a China, junto a Xinjiang, como Paquistão, Quirguistão e Mongólia. Hoje, os Han compõem junto com os Uigures as maiores parcelas da população de Xinjiang, mas isto se deu apenas recentemente, muito por conta das políticas territoriais e da migração que se configurou para lá a partir de 1949, que aqui veremos.

CAMINHOS DA ROTA DA SEDA

Xinjiang foi porta de entrada para a China por muitos séculos, a única a oeste, já que o Tibet apresenta relevo intransponível; populações do oriente médio e do extremo oriente transitaram, montaram e desmontaram impérios por ali, apenas conquistados recentemente pelos Qing.

Shihezi é hoje a segunda maior cidade da província de Xinjiang, depois da capital Ürümqi, mas até os anos do governo de Mao ela nem sequer existia. Durante as décadas de 50 e 60 é possível (e dificilmente estimável de forma precisa) que no mínimo 500 mil pessoas tenham se dirigido para a (atual) Shihezi e região, que inclui Ürümqi, para compor unidades semelhantes à Fazenda e Prisão Shihezi, que por sua vez formavam o conjunto estabelecido como Fazenda Militar de Xinjiang. Essas unidades eram de fato a própria “colôni-



zação” da região pelo Partido Comunista, e constituíam verdadeiras brigadas de trabalho, predominantemente construtivo, agrário e industrial, voluntário ou forçado. Pouco menos da metade dessas pessoas eram prisioneiros nacionalistas, ou seja, ex-intergrantes do Partido Nacionalista Chinês (Guomindang) derrotado pelas forças comunistas; novas ocupações como essas em Xinjiang eram ideais para manter esses contrarrevolucionários distantes dos grandes centros, sem possibilidade de mobilização, e úteis ao trabalho de construção da nova nação comunista. Para guardá-los é claro que também foram dirigidos para lá milhares de soldados do Exército Popular, que de forma geral gerenciavam o trabalho dos prisioneiros e administravam as unidades. Esses militares contudo também tinham um papel estratégico e pensado desde o início dessas empreitadas ao oeste, que era a defesa dessas fronteiras mais novas e consequentemente mais frágeis, também já prevendo os conflitos com a União Soviética, da qual Xinjiang é bem próxima; os povos de Xinjiang não estavam totalmente pacificados, e era importante que uma força militar fizesse presença para evitar tendências a movimentos de independência da região. A outra grande parcela daqueles que migraram para a distante província eram jovens voluntários vindos das cidades adeptos do pensamento de Mao e que sonhavam em se tornar os revolucionários perfeitos, dispostos a se deslocarem para tão longe para ajudar a construir a China comunista através do trabalho duro — seguindo a política vigente da “Reforma pelo Trabalho”. Movidos pela ideologia, essas mais de 300 mil pessoas, junto com os prisioneiros nacionalistas, construíram literalmente tudo — prisões, casas, escolas, campos de cultivo —, dando origem ao que depois veio a se tornar grandes cidades de Xinjiang, como Shihezi (hoje com mais de 20 milhões de habitantes). Ainda, do ponto de vista do governo, a exploração dos abundantes recursos naturais da região contribuiria muito para um rápido abastecimento das outras regiões do interior da China, a serem desenvolvidas.

Atualmente, a população de Shihezi é em sua imensa maioria composta por pessoas da etnia Han, por conta dessa grande migração de décadas atrás, e do crescimento que ela suscitou; tantos que ajudaram a construir a cidade ainda vivem

**“AS PESSOAS DAS CLASSES
MAIS BAIXAS SÃO AS MAIS
INTELIGENTES”**

Pôster de 1974, que mostra pessoas do proletariado industrial resolvendo problemas e consertando máquinas; a ideia do período era de que eles, junto com os camponeses, lideravam a revolução e avançavam na construção da China socialista, mais do que qualquer outro grupo social.

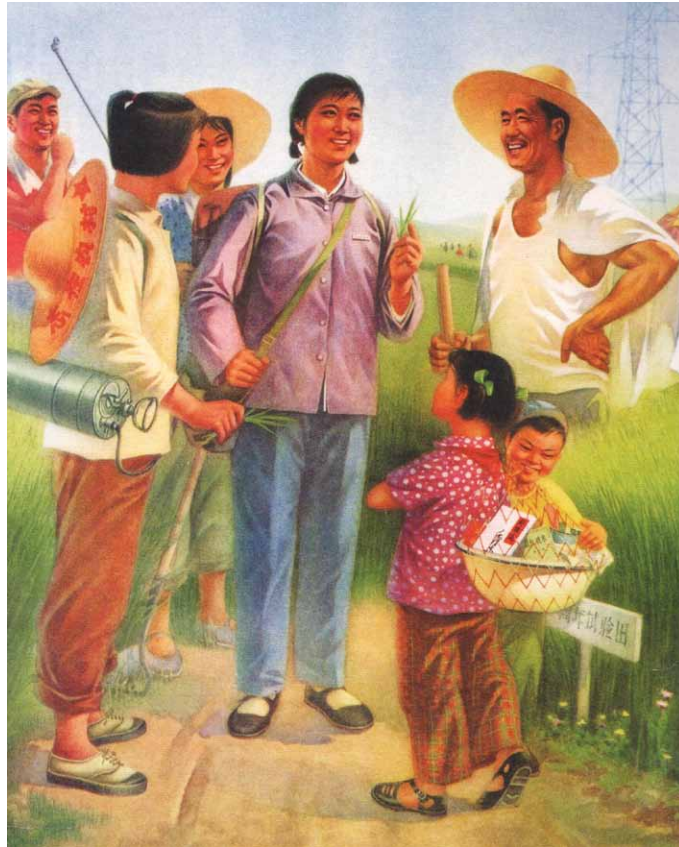
lá com suas famílias, mas eles mesmos em casas de terra, ou bem menos estruturadas do que as que viriam a seguir. Shihezi e a província de Xinjiang são apenas um exemplo desse tipo de política descentralizadora, que interviu principalmente nas províncias do interior mais distante da China e estabeleceu novos territórios e novas ondas migratórias, de caráter inédito, e que buscavam a saída dos centros consolidados a leste com destino ao oeste ou ao extremo norte, sob o lema da industrialização e desenvolvimento agrário. Há também movimentos cujo objetivo não é exatamente a colonização de áreas novas, mas sim uma requalificação de valores por meio de uma migração por vezes temporária e outras definitiva: a reeducação de jovens estudantes das cidades no campo, onde viveriam junto com famílias camponesas durante períodos que variavam de semanas ou meses a anos, ou para sempre. Esse movimento foi massivo, baseado no deslocamento contínuo desses jovens entre os centros urbanos e o campo, principalmente durante a década da Revolução Cultural de 1966; isso se deu muito porque as



REEDUCAÇÃO NO CAMPO

ao lado Pôster “Nossa estudante chegou em casa”, de 1974. No chapéu de palha, lê-se “Nossas aspirações estão no campo”; na placa junto à grama, “Campo experimental dos jovens”.

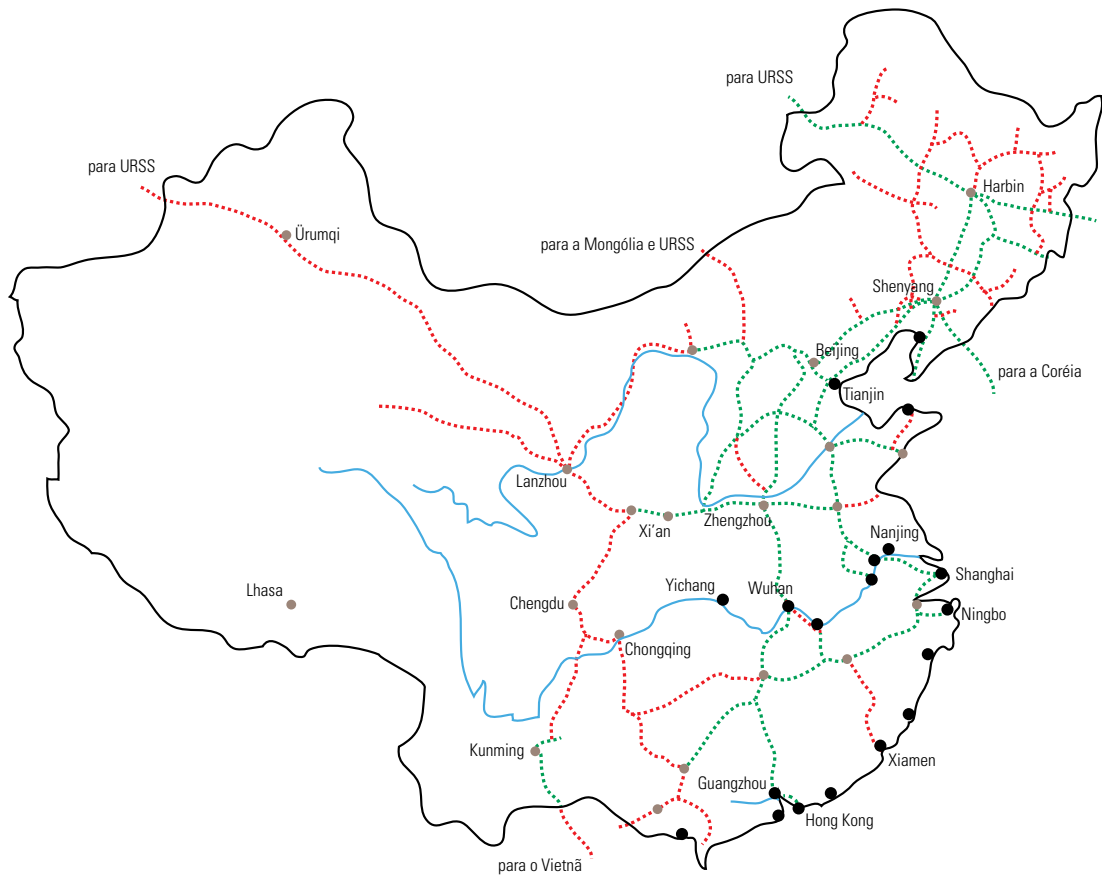
ao lado, abaixo Jovens trabalham na província de Jiangsu em 1962, antes da Revolução Cultural, na primeira leva de jovens das cidades que foram para o campo e regiões longínquas, comprometidos com a “construção do novo campo socialista”.



cidades grandes eram vistas como um resultado negativo da ação imperialista sobre a China, e a redução demográfica era desejável; não só o número de habitantes deveria ser reduzido ou ao menos contido, mas também sua “qualidade”, de forma que passassem de consumidores capitalistas a um revolucionário proletariado urbano (ou menos que aqueles fossem subordinados a estes), o que por sua vez demandava espaço, trabalho e cargos nem sempre numerosos o suficiente nas cidades. Então os jovens estudantes, que haviam se dedicado a aprender valores confucionistas antiquados, conteúdos por demais acadêmicos, deveriam ser enviados para regiões agrícolas e reeducados pelas famílias camponesas sobre os verdadeiros saberes do povo e a luta de classes, aliviando um pouco as cidades e as livrando de possíveis intelectuais indesejados e volume proletário em excesso. Campanhas exaltavam o quanto era positivo e desejável que um chinês comprometido com a revolução fizesse parte do proletariado industrial ou do campesinato rural, ou seja, das classes a princípio oprimidas, transformando e atribuindo valores inéditos às noções de campo e de cidade para a China, de centro e interior. Dazhai, a comuna popular agrícola que já vimos, se localizava num ponto desfavorável e relativamente isolado do vale do rio Amarelo, e Daqing, um novo polo de extração de petróleo, ficava na província do extremo norte da China, onde o clima é também extremo: fora dos centros estabelecidos, ambos tornaram-se exemplos a serem seguidos por toda a nação, em propagandas ideológicas que pretendiam reformular a imagem e tirar o destaque daquelas cidades costeiras como se encontravam em 1949. Entre 1956 e 1966, período em que as pessoas se dirigiram para locais como Xinjiang, aproximados 1 milhão de chineses foram viver voluntariamente no novo interior para contribuir com a “construção do campo socialista” — sem contar os prisioneiros; durante os dez anos seguintes, durante a Revolução Cultural, estimados 20 milhões de jovens e moradores das cidades (cerca de 10% da então população urbana) foram enviados para serem reeducados no campo, e em alguns casos para não voltarem mais (apesar da possibilidade de retorno existir após o término da Revolução).

Mas na prática essa valorização do campo e da classe operária e camponesa, em detrimento das grandes cidades e

de uma sociedade de consumo a elas relacionada, não bem efetivou uma melhoria de vida para essas pessoas, tampouco as políticas para conter o crescimento dos centros urbanos já consolidados tiveram resultados satisfatórios. Apesar da migração encorajada a partir da ideologia e da propaganda revolucionária pela saída das cidades, seja para terras novas muito distantes ou para áreas agrícolas mesmo dentro da própria província onde um jovem vivesse, aquele desequilíbrio inicial entre as regiões costeiras e do interior, entre áreas relativamente desenvolvidas e subdesenvolvidas ainda prosseguia, e até mais acentuado, e com novos incrementos. Parte disso se deu por conta de uma outra política relacionada à migração aplicada naquelas décadas: o registro de residência, ou seja, um sistema bastante antigo na China que liga uma pessoa ao seu local de nascimento e a onde vivem os membros de sua família, foi naquelas décadas estreitamente controlado e vigiado, de forma que um registro de residência rural ou urbano determinava também medidas, taxas, impostos e direitos distintos para cada um pelo governo. Mudar seu registro era algo impraticável, e a ida e vinda das pessoas pelas diferentes áreas da China eram controladas de perto a partir desse registro; os camponeses com registro de residência no campo deveriam permanecer no campo, o que durante os complicados anos do Grande Salto Adiante (1958-1961) se tornou um grande pesadelo: com praticamente todas as organizações rurais unidas em comunas populares, a ordem era para que ali produzissem e prosperassem, e as taxas do governo eram cobradas sobre a colheita e a produção era coletivizada; com os desastres naturais desses anos, números adulterados para cima para cumprir com metas e promessas, e com impossibilidade de comercializar ou ir temporariamente até a cidade conseguir mais comida, os camponeses presos à terra viram quase toda sua já pequena produção ir embora com taxas e uma grande fome se instalar. Já os habitantes da cidade que detinham um registro de moradia urbano recebiam uma cota fixa de alimento, que não dependia da produção como acontecia no campo, e mesmo que fosse reduzida ainda era suficiente para que não se passasse fome. Então apesar do camponês ser bem visto nos termos da revolução e dos moldes do chinês exemplar, complicações em medidas políticas e de



SISTEMA FERROVIÁRIO, PRÉ E PÓS 1949

Depois do estabelecimento da República Popular em 1949, esforços foram feitos para expandir a malha ferroviária como meio alternativo aos rios e como projeto de integração nacional. A ampliação a oeste e a norte é evidente e importante, muito por conta da relação estreita com a URSS.

- portos e concessões abertos entre 1842 e 1876
- rede ferroviária pré-1949
- linhas ferroviárias construídas nas décadas de 50 e 60

migração acabaram acentuando disparidades e a qualidade de vida nas diversas regiões.

De forma geral, então, durante as décadas de 1950, 60 e 70, as políticas de migração buscaram reverter a situação em que o país se encontrava territorialmente em 1949, quando se entendeu que o maior grau de desenvolvimento de alguns poucos centros urbanos de baseavam essencialmente no interesse econômico de potências estrangeiras, enquanto o restante do enorme país permanecia empobrecido. Essas políticas incentivavam voluntários a saírem das cidades e estabelecerem novos territórios, com frequência também para onde prisioneiros eram dirigidos; esse tipo de migração, que ocorreu para o extremo oeste e norte da China e baseado na expansão da rede ferroviária, resultou em ninhos do que são hoje grandes cidades, a exemplo de Shihezi. Outra migração bastante similar era aquela temporária ou definitiva de jovens estudantes das cidades para o campo, o que aliviaria a população urbana e formaria jovens com consciência da luta de classes e da importância do trabalho rural. Uma migração mais “livre”, que transitasse entre os centros urbanos e o campo sem que fizesse parte de um programa governamental era de forma geral proibido, e os movimentos eram controlados de perto pelo registro de residência de cada um; predominantemente, por conta desse controle, o camponês estava preso ao campo, enquanto a migração para o campo era encorajada. Ao final da década de 70, apesar dos inúmeros problemas e de resultados muitas vezes contrários ao que se desejava, principalmente na zona rural, regiões que poderiam ser consideradas relativamente subdesenvolvidas em 1949 já apresentavam algum desenvolvimento agrícola ou industrial, seja em áreas previamente inóspitas como Shihezi ou mesmo da China central, antes simplesmente pouco exploradas ou fechadas em si.

MAO ZEDONG, 1958

página seguinte Mao numa área de cultivo rural na província de Henan. O chapéu e o campo cheio e otimista marcaram a “cara” dos anos seguintes, de Grande Salto Adiante, que acabaram muito pior do que se imaginaria. De qualquer forma, Mao ele mesmo reforça a imagem do camponês como grande ator de todo o processo que tentava lançar.



MOVIMENTOS RECENTES

A ATRAÇÃO E REPULSÃO DAS CIDADES

Lá atrás a vida era dura. Nós nunca tínhamos comida o suficiente, e nossas roupas eram furadas. Naquele tempo, eu queria deixar o campo, mas o país precisava de trabalho rural. Crianças estudantes como eu eram ordenadas a permanecer no campo. Nós fomos chamadas para auxiliar a agricultura. Sendo de outra forma, eu não teria ficado.

Tingsui Tang é avó numa família que vive em um vilarejo rural em Sichuan, como já vimos uma província grande e populosa do centro-oeste da China, junto a Chongqing. Tingsui e sua família foram o tema do documentário chinês de 2009 dirigido por Lixin Fan chamado 归途列车, *Guitu lieche*, literalmente “Trem de volta pra casa”. Tingsui conta assim brevemente, enquanto lava roupas, que desde jovem está no campo, antes porque era obrigada, e depois (pós 1980) por resiliência; ela é prova de que apesar da boa imagem que ser camponês lhe trazia, a vida definitivamente não era fácil. No documentário, vemos que a família é composta ainda pelo filho de Tingsui e sua esposa, Changhua e Suqin, e também pelos netos, uma menina e um menino, Qin e Yang. No campo em Sichuan, na casa da família vivem apenas a avó e os netos, os três levando uma vida de trabalho rural diário; os pais trabalham em uma fábrica têxtil em Guangzhou, capital da província de Guangdong, na costa, 2100 quilômetros a sudeste de Sichuan e de casa. Desde o início dos anos 90, e com a famosa “abertura”, eles trabalham em Guangzhou, tendo os filhos sido criados pelos avós no campo, e para onde eles enviam praticamente todo o dinheiro ganho com o trabalho industrial, reservado para os estudos dos filhos; estudos esses que eles mesmos não puderam ter, pulando direto do campo para o trabalho e desejando melhores possibilidades para os filhos. Desde que a primeira filha tinha apenas 1 ano, os pais trabalham tão longe pelos seus estudos e voltam para casa apenas em um feriado ao ano, o do Ano Novo Chinês.

O Ano Novo Chinês é hoje o maior movimento migratório do mundo e acontece todos os anos. Segundo o calendário chinês, que é lunar, a virada de ano não é uma data fixa e cai geralmente em algum dia entre meados do mês de janeiro e de fevereiro, no pico do inverno. Tipicamente, o Ano Novo deve ser celebrado em família, em casa, e com comida que dê para todos e sobre. Atualmente, não menos

FAMÍLIA ZHANG

Cenas do documentário “Trem de volta pra casa”: a avó Tingsui, vivendo no campo com seus dois netos, Qin e Yang, recebem os pais Changhua e Suqin (cena do trem, o casal à esquerda) numa única ocasião ao ano, no Ano Novo (abaixo, cena da ceia em família).



Mas esse momento do Ano Novo pode não ser assim tão feliz, como o documentário revela. Depois de tanto tempo de viagem, Changhua e Suqin chegam à vila em Sichuan onde os filhos que eles não puderam ver crescer os aguardam. No jantar da véspera de ano, quando os membros da família trocam agradecimentos e desejos, Changhua fala algumas palavras:

O papai trabalha muito longe de casa, e só consegue falar com vocês por telefone. Papai não tem o grau de educação que vocês tem. Tem coisa que eu não sei como dizer pra vocês. Espero que vocês dois estudem bastante, para ter sucesso quando crescerem. Não há nada mais que eu possa fazer, exceto trabalhar e ganhar dinheiro para sustentar vocês. Vocês devem se manter longe de qualquer coisa que possa prejudicar seus estudos.

Esse pai é um entre aqueles milhões que vivem assim e trabalham por um projeto de vida similar. Desde os anos 80, com as reformas econômicas e tantas outras mudanças políticas e sociais, as grandes cidades detêm um novo papel e uma nova imagem; passaram de vilãs contrarrevolucionárias a protagonistas da nova China; todo aquele grande coletivo do povo chinês devoto ao rural (e preso à ele) foi sendo substituído pela tentadora e antes totalmente inviável possibilidade de enriquecer individualmente, de se distinguir, de competir, e o palco para isso é a cidade. Já concebendo os novos e grandiosos centros urbanos a serem construídos na província de Guangdong ainda nos últimos anos da década de 70, o então *premier* Deng Xiaoping ditou o que seria o novo modo de vida a partir de então:

Permitir que algumas regiões e empresas e que alguns trabalhadores e camponeses ganhem mais e se tornem melhores que outros, conforme seu trabalho duro e maiores contribuições para a sociedade, irá gerar sem dúvida um exemplo impressionante para seus “vizinhos”, e pessoas de outras regiões e unidades de trabalho desejarão aprender com eles. Isso contribuirá para que toda a economia nacional avance de onda em onda.²

A competitividade se tornou então a base do novo “sistema de responsabilidade”, criado nesse momento em contraposição aos benefícios do bem-estar social; a cada família, a cada trabalhador e camponês foi passada a responsabilidade pela sua produção e do que viria dela, incentivando novas ideias e inovações, e desmontando a coletivização. A faixa costeira que Mao tanto temia agora abria-se para o

2. VOGEL, E., STEVEN, I. Deng Xiaoping shakes the world: an eyewitness account of China's Party Work Conference and The Third Plenum. Norwalk: East-Bridge, 2004. In CAMPANELLA, T. *Op. cit.*, p 28

OS TRENS

ao lado Fila para comprar passagens de trem na estação de Guangzhou, 1995.

ao lado, centro Estação de trem de Guangzhou em 2009, numa cena do documentário de Lixin Fan. Guangzhou, que atrai a maior quantidade de migrantes da China, também vive o momento anual em que todos eles deixam a província para voltar para casa, numa situação saturada dos trem e estações.

ao lado, abaixo Mapa do sistema ferroviário atual da China.



comércio do mundo, e as cidades ali poderiam e deveriam crescer prósperas. Muito relevante, as políticas relacionadas ao registro de residência foram afrouxadas, e aqueles que estavam presos ao campo podiam finalmente deixá-lo e, depois de décadas de pobreza, tentar ganhar algum dinheiro nas agora orgulhosas cidades, de onde antes haviam sido expulsos. É o caso de Changhua e sua mulher, e de outros milhões, que foram atraídos para a cidade logo no início dos anos 90; desde então o campo têm sido predominantemente lugar dos velhos e das crianças, com aqueles em idade para trabalhar indo para outro lugar. Contudo, para essa geração de migrantes de Changhua e de Suqin não é o consumo que os atrai para a cidade nem o que mais desejam, mas sim a economia de todo o dinheiro que ganham para investir nos filhos e em sua educação que, diferente do trabalho deles na fábrica, poderá levar a algum lugar e lhes garantir uma velhice mais tranquila. Essa migração para a cidade não é muito mais do que a única alternativa, e ao longo do tempo vai se tornando um peso grande em suas vidas; deixar o campo é um desejo, mas o trabalho na cidade é apenas um primeiro passo de uma mudança que leva muito mais tempo e mais gerações para se completar. Não há luxos ou maiores pretensões envolvidas nessa “vida urbana” que se sentem obrigados a levar.

Já para a geração dos netos de Tingsui e filhos de Changhua a concepção da cidade já é outra. A jovem Qin, que naquele momento do documentário tinha acabado de entrar no ensino médio, não sente apego aos pais por mal conhecê-los, e quer deixar os estudos e ir para a cidade trabalhar também, ganhar seu próprio dinheiro e livrar-se — do campo, do trabalho rural, do dinheiro dos pais, da escola. Para o desespero dos pais, Qin arruma um emprego em uma fábrica onde sua amiga de infância trabalha, numa cidade também da província de Guangdong, deixando apenas a avó e o irmãozinho em Sichuan; depois de algum tempo no novo trabalho e na nova vida, ela revela:

Eu pensei que seria bom ir trabalhar numa fábrica, mas por enquanto ainda não consegui me acostumar com nada. Se a vida é boa aqui? Bom, no final das contas, liberdade é felicidade.

Essa geração de jovens migrantes já são atraídos pelas cidades também pelo que elas são (e em contraste com o que é o campo), não apenas pelo emprego e dinheiro que elas podem oferecer. Pierre Haski descreve essa migração jovem:

Na cidade, eles conseguem enviar um pouco de dinheiro para o campo, experimentam uma mistura social e sexual que nunca conheceram antes, são libertos do peso da tradição e descobrem uma cultural urbana que eles mesmos fazem e transformam.³

Fica difícil reprimir esses jovens que, depois da infância de trabalho rural, se redescobrem em uma vida na cidade, onde podem se sentir menos brancos do campo e mais cidadão do mundo — ou seja, com mais orgulho de si —; em uma cena do documentário, já na cidade Qin vai ao salão de beleza, onde o cabeleireiro faz caracóis em seu cabelo, dizendo que “as estrangeiras são todas assim”. E atualmente já há também os jovens que nasceram e sempre viveram nessas cidades como são hoje, e que não conseguem imaginar uma outra vida diferente. O camponês que antes ainda tinha algum prestígio e podia ao menos ter orgulho de si mesmo como um bom revolucionário, acabou empobrecido pela própria revolução; os furos das roupas que antes indicavam nenhuma preocupação individual e trabalho duro hoje podem delatar o camponês que, para muitos, são dignos de pena.

Todos esses milhões de migrantes do campo não têm então uma mesma visão ou uma mesma aspiração com relação à cidade, podendo variar até numa mesma família, como naquela do documentário de Lixin Fan; algumas perspectivas são mais dolorosas, outras mais otimistas; uns vêem a migração como única opção, outros como a melhor opção. Apesar de Changhua e Suqin considerarem sua ida e trabalho na cidade um assunto em que não há escolha (ou vão para a cidade ganhar dinheiro ou mantêm a família e as gerações seguintes empobrecidas no campo), a migração campo-cidade atual é considerada um movimento “voluntário”, e como tal não recebe maiores atenções governamentais: uma vez na cidade, o migrante não tem nenhum tipo de assistência de saúde, direito à educação ou à moradia, vivendo às margens da sociedade. Mas há o tipo chamado “forçado” de migração que também acontece na China, e que esse sim, pelo menos

3. HASKI, P. A Population on the move. In EDELMANN, F. (edit.) *In the chinese city: perspectives on the transmutations of an empire*. Barcelona: Actar, 2008. p 124



BARRAGENS DA REVOLUÇÃO

acima Danjiangkou, de 1958, é aquela barragem na China central que, atualmente, está sendo aumentada para a expansão de seu reservatório, importante para a Transferência de Águas Sul-Norte.

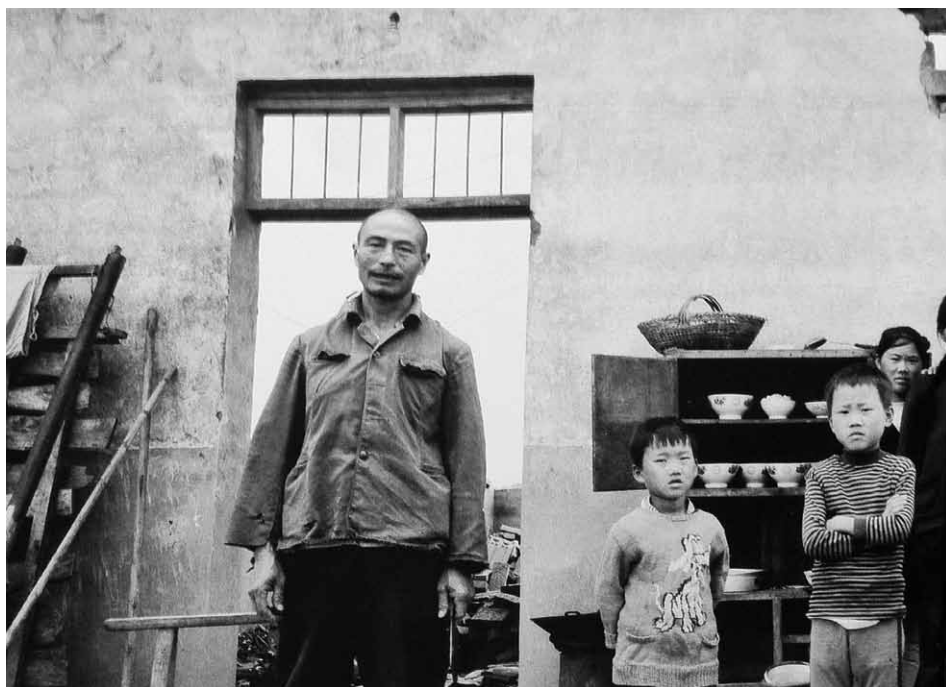
acima, à direita A barragem de Xin'anjiang é estampa da embalagem de uma marca de cigarros originária da província de Zhejiang, onde a barragem foi construída em nos anos 60; a barragem se tornou de certa maneira uma referência da província, e símbolo admirável.

a princípio, exige algum grau de envolvimento por parte do governo, já que é ele mesmo o responsável e com frequência o mais interessado que ela aconteça; fazem parte desse grupo de migrantes forçados os refugiados políticos, refugiados ambientais e aqueles removidos de suas casas por projetos de infraestrutura, sendo os migrantes “causados” pela construção de barragens e reservatórios pertencentes a este último, incluindo os do Projeto Três Gargantas.

Se hoje a economia, novas dinâmicas sociais e novos ideais e sonhos movem uns 200 milhões do campo para os centros urbanos, a construção de barragens acresce mais um dificilmente estimável número aos migrantes da China. Os dados oficiais chineses registram que, desde a década de 50, quando a China começou sua séria e ampla empreitada de barrar e represar seus rios, até 1990, cerca de 10 milhões de chineses tiveram que ser removidos de suas casas. Esse número é bem pouco realista; durante as décadas de 50, 60, praticamente nenhum controle formal daqueles que deixaram as áreas a serem inundadas pelos novos reservatórios foram a estimativas, e só nessas décadas é mais provável que no mínimo 8 milhões tenham sido ordenados a migrar. Essa primeira leva de barragens e consequentes migrantes incluem as grandiosas Sanmenxia, de 1957, com 410 mil removidos, Danjiangkou, de 1958, com 383 mil, e Xin'anjiang, dos mes-

mos anos, com 306 mil, dentre várias outras. Só o Projeto Três Gargantas conta de 1,3 a 1,5 milhões de migrantes, com expectativas de que esse número ainda dobre, com a desocupação de áreas consideradas ambientalmente perigosas por conta de efeitos negativos do reservatório. Dai Qing, a ativista que se aprofundou nos estudos de grandes barragens da China e no Projeto Três Gargantas em especial, calcula que até hoje, por baixo, cerca de 40 milhões foram forçados a deixar suas casas para construção de reservatórios. Um número realista, contando com esse de Dai Qing para a China, estima então que uns 60 milhões já tenham migrado por conta de barragens em todo o mundo, até hoje; a expressividade do número chinês com relação ao número mundial é enorme, junto também com a quantidade de migrantes de barragens da Índia.

Desde as décadas de 50 e 60 e da construção da primeira leva de grandes barragens e respectivos reservatórios, as políticas governamentais de reassentamento daqueles que foram removidos apresentaram significativa evolução, partindo da completa isenção de responsabilidade



e medidas de amparo por parte do governo revolucionário; naqueles primeiros momentos, as grandes barragens eram uma parte muito importante da revolução e das políticas territoriais do país, que deveria ser repleto de obras de infraestrutura e modernização. Aqueles que viviam em áreas a serem inundadas por reservatórios eram convencidos, sem qualquer possibilidade de contestação, de que um bom revolucionário cumpriria com suas obrigações nacionais e simplesmente deixaria sua casa; não há registros de políticas de reassentamento governamentais, e os arranjos migratórios eram todos feitos pelo próprio desabrigado. Por conta disso, no geral esses migrantes encaravam um severo empobrecimento após a desocupação, e com muitos preferindo se virar junto aos próprios rios inundados, próximos aos seus locais originais submersos, as áreas dos reservatórios de barragens foram sendo conhecidas como carentes e desafortunadas, já que as pessoas dificilmente conseguiam restaurar seus recursos e modos de vida anteriores. Apenas a partir da década de 80, com experiências negativas acumuladas, a migração dos desabrigados pelas barragens começou a ser considerada

PRAPARATIVOS PARA A SAÍDA

Família residente na região das Três Gargantas é fotografada em 1996, antes de sua partida de casa, a ser alagada pelo reservatório.



uma questão séria que exigia um posicionamento e medidas por parte do governo, incluindo um orçamento especial reservado a programas de reassentamento.

Já com experiência de alguns programas implantados, uns com maiores dificuldades do que outros, mas no geral todos relativamente insatisfatórios, para o Projeto Três Gargantas, que encarou o maior número de migrantes forçados de toda a história das grandes barragens, foi direcionado o programa de “reassentamento com desenvolvimento”: basicamente, é aquele que reserva os fundos da realocação para projetos de desenvolvimento como aperfeiçoamento das terras agriculturáveis e estabelecimento de empresas industriais, ao invés de distribuí-los diretamente aos migrantes. Essa política contudo não foi amplamente ministrada, e por conta da quantidade de pessoas e da amplitude da área, foi misturada a outras medidas, como o reassentamento de média e longa distância, a reconstrução de partes das cidades e vilarejos perdidos e a compensação em dinheiro pela propriedade inundada. Inclusive, muitos moradores de cidades

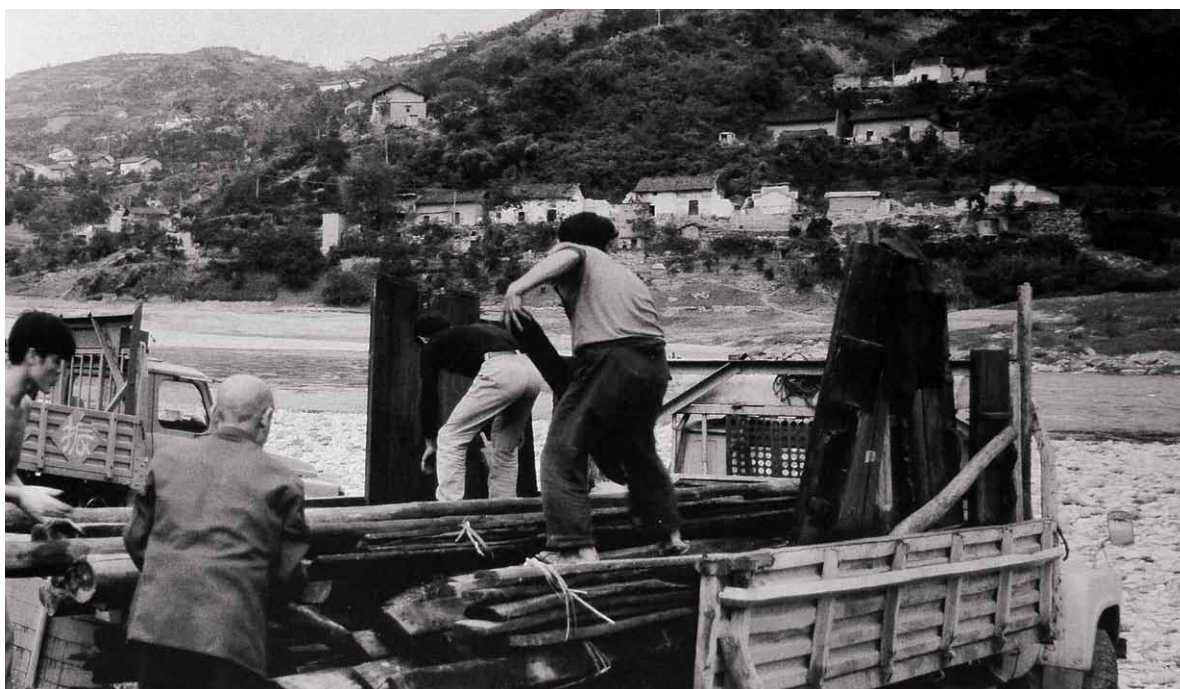


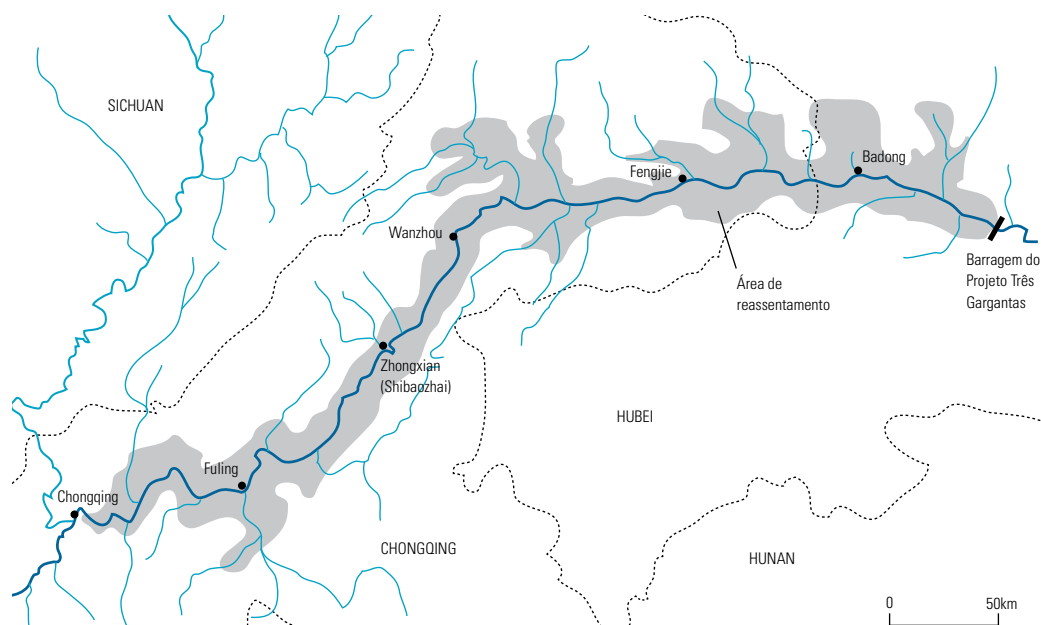
PRAPARATIVOS PARA A SAÍDA

Famílias carregam caminhões com seus pertences e materiais para reconstrução na região das Três Gargantas, a caminho da nova casa. Esse transporte foi feito predominantemente por conta dos próprios moradores, e muitos enfrentaram um grande prejuízo sem ao menos receberem a prometida compensação.

que teriam que deixar suas casas esperavam com ansiedade pela inundação e pelo dinheiro que imaginavam receber do governo de compensação, contando que aquele dinheiro lhes tornariam ricos de uma maneira simples e rápida, em ilusões que os jornais e a televisão oficiais que comunicavam e informavam sobre o Projeto Três Gargantas por vir ajudavam a construir.

Num cenário em que o controle do governo estava longe de ser total, na prática, o reassentamento dos mais de 1,3 milhões de pessoas aconteceu segundo diversas situações. Por exemplo, o caso da Tina, que me guiou pela visita ao pavilhão de Shibaozhai: ela, junto com outros mais de 500 mil, configuram aqueles que migraram de área urbana para área urbana; por mais que a sua casa antiga fosse feita de barro, ela e sua família não dependiam do cultivo da terra para sobreviver. Com a inundação do reservatório, a intensificação das viagens dos cruzeiros pelas Gargantas, a requalificação de Shibaozhai como ponto turístico, Tina ganhou novas possibilidades de emprego, e uma nova casa na sua própria cidade —





mesmo que esta tenha sido parcialmente reconstruída e com formas inéditas. Mas o caso de Tina é especialmente positivo, e o que tantos esperaram para si (e que o governo teria anunciado e propagandeado): uma casa nova, e a melhoria de vida por conta das novas oportunidades que a barragem geraria. Diante de uma perspectiva como essa, muitos estavam dispostos a se mudar para outras cidades próximas ou distantes ou para suas cidades reconstruídas pelo bem da nação, e otimistas quanto ao rumo de suas vidas.

Mas esses eram os habitantes já originalmente urbanos da área do reservatório. A outra enorme parcela de removidos é a dos habitantes rurais, que detêm o registro de residência rural e dependem da terra onde vivem e cultivam para ganhar dinheiro. As políticas e compensações são distintas para os moradores urbanos e rurais realocados pelo Projeto Três Gargantas: o financiamento reservado para construção de casas e obras de infraestrutura é maior para os migrantes urbanos do que para os rurais; nas áreas urbanas, todo o dinheiro dos fundos para reconstrução é utilizado por exemplo para a melhoria de vias, instalações de energia e água etc, enquanto que nas áreas rurais o fundo é repartido em uma gama

muito maior de variáveis, incluindo perdas pela remoção, transporte, e subsídio pela redução da produção e da renda durante o período de reassentamento. O financiamento de infraestruturas nas áreas rurais afetadas pelo reservatório é então menor do que aquelas nas áreas urbanas. Quanto ao sentimento e as expectativas dos moradores rurais sobre a vida após a inundação do reservatório, tendem também a ser mais variadas, e mais inseguras do que daqueles que viviam em áreas urbanas e se mudaram também para áreas urbanas. Em várias pesquisas realizadas entre os migrantes do Projeto Três Gargantas logo anteriormente ao seu despejo, a maioria dos moradores do campo afirmou que ficariam contentes em trocar o trabalho e vida rural por um emprego e casa numa cidade não muito grande, se houvesse a possibilidade e a contribuição do governo para isso. Contudo, o que se verificou é que geralmente a adaptação desse morador rural ao novo emprego urbano é complicada, e muitos acabaram por perder logo o cargo e tentaram regressar ao seu vilarejo original. Ou, em outros casos, começaram a viver como já vive há anos a família de “Trem de volta para casa”: quando a parte não inundada dos vilarejos e da terra cultivável não é suficiente para abrigar todos os moradores originais, jovens e adultos saíram para trabalhar fora em empregos urbanos, deixando crianças e velhos cuidando da casa e trabalho rural. Mas alguns dependem e são apegados demais à terra para desejarem deixá-la. É o caso dos famosos plantadores de laranja das margens do Yangtze. Durante as décadas de 50 e 60, segundo políticas governamentais de controle, camponeses dessa região eram proibidos de plantar qualquer coisa que não fosse grãos, e por consequência eram todos muito pobres; com o afrouxamento dessas políticas já na década de 70, esses camponeses começaram a cultivar laranjas para exportação, tendo em vista as condições favoráveis da terra para esse tipo de plantio. Logo as laranjeiras proliferaram e transformaram a vida das pessoas, que tiram das laranjas toda a renda da família, que é suficiente até para construir novas casas. No vilarejo de Yangjiapeng, cuja população teve que se mudar mais para cima da margem do rio ou para outros vilarejos depois que o reservatório tomou praticamente toda a terra cultivável, cada família possuía em média 100 pés de laranja. Para eles, a primeira preocupação quanto ao lugar onde seriam reassentados é se é possível cultivar laranjas ali. Infelizmente, eles já

se concentravam em praticamente todos os vales disponíveis, restando com o reservatório apenas regiões montanhosas e barrancos inúteis para o cultivo.

E há também entre muitos desses moradores rurais uma resistência a se mudarem para cidades maiores, já imaginando que o governo não teria maiores recursos para ajudá-los na inserção e adaptação. Aos moradores do vilarejo de Dongrangkou, na Garganta Xilin, que viviam entre o rio e as montanhas, foi oferecida a transferência integral dos habitantes para uma mesma região na cidade de Yichang. Os moradores de Dongrangkou viviam da navegação do rio, tendo prosperado construindo portos e se especializando no transporte fluvial, e da própria produção agrícola, que rendia o suficiente para eles e para venda em outras localidades. A nova região para onde se mudariam em Yichang também era portuária, e eles poderiam seguir com algumas atividades. Mas para a surpresa do governo eles recusaram a proposta. Yichang é uma cidade de 4 milhões de habitantes, e os habitantes daquele vilarejo que seria submerso de Dongrangkou previram dificuldades demais no novo local:

“Nossa vida atual não é tão ruim”, eles dizem. “Nós somos predominantemente autosuficientes em alimento e podemos até nos permitir alguns luxos como pato assado e cerveja quando tem visita”. “A vida na cidade é diferente”, eles afirmam. “É só colocar o pé para fora de casa que você tem que pagar por tudo — vegetais, carvão, água, grãos, transporte. Nas cidades, a menos que você tenha habilidades, você continua sendo um camponês”. No final, a conclusão a que muitos chegam é que levaria anos para que eles conseguissem estabelecer uma nova vida nas cidades, e se eles tivessem que se mudar eles “teriam que comer amargo por muitos anos”.⁴

De forma geral, no processo de reassentamento do Projeto Três Gargantas, os migrantes rurais têm menos alternativas e piores perspectivas do que os migrantes urbanos, e a perda de suas terras cultiváveis e chances reduzidas de adaptação nas cidades fazem com que esses camponeses, no geral, encarem um empobrecimento e limitação de qualidade de vida. O que se conclui é que houve predominantemente uma disparidade no tratamento do migrante urbano e do migrante rural. Lembrando as décadas de governo Mao: políticas de migração e uma série de restrições acabaram por

4. DING, Q. What are the resettlers thinking? In DAI, Q. The river dragon has come! The Three Gorges and the fate of China's Yangtze river and its people. London: M.E.Shape, 1998. p 89

prejudicar o tão valioso camponês, que apesar do status que detinha durante a revolução conseguiu apenas sobreviver com o mínimo em períodos difíceis. Apesar da expressiva melhoria da vida rural desde a chamada “abertura”, com a implantação de novas políticas, com o afrouxamento do controle da migração e com os benefícios à produção agrícola que fizeram que o camponês não fosse mais necessariamente pobre, conseguindo até construir grandes casas de concreto, quando ele se encontra na posição de migrante, seja “voluntariamente” como Changhua e Suqin ou forçadamente como nos reservatórios de barragens, ele acaba sendo desfavorecido e subjugado pelo governo, nas cidades isentos de direitos e em áreas de reservatórios sem sua terra e seu modo de vida elementar.

Se um dia já se esteve a favor, já se trabalhou e governou pelo campo, hoje a atenção tende a estar primordialmente nas cidades, para onde a população passou a se dirigir massivamente nas últimas décadas; de cerca de 30% no início dos anos 90, hoje a população urbana da China já é mais do que a metade do total. E o próprio Projeto Três Gargantas faz parte dessa campanha: a energia que gera é para ser direcionada aos centros urbanos e à costa leste da China, até Shanghai, e também para Chongqing, a oeste, contribuindo como “energia barata” para essas cidades que não devem parar de crescer; o reservatório facilita a navegação pelo Yangtze dos grandes barcos e possibilita que cheguem a partir do leste até Chongqing, enorme cidade e recente polo industrial, que é porta de entrada para a região oeste da China, onde há outros centros urbanos importantes e crescentes como Chengdu. A barragem do Projeto Três Gargantas pode estar na montanhosa e pitoresca região das Três Gargantas, mas é predominantemente um projeto pela China urbana. Acordos foram feitos entre autoridades locais para que aquelas cidades que se beneficiariam da energia gerada pela usina hidrelétrica concordassem em receber certos números de migrantes do reservatório e administrassem seus reassentamentos; terra fértil e o modo de vida de milhares de camponeses tiveram que ceder lugar, e a mais de 1,3 milhões de pessoas foi dito que sua saída e realocação era um compromisso nacional: segundo um livro oficial explicativo do Projeto Três Gargantas, “É por causa de todos esses chineses comuns do povo,



“A OBSTINADA CASA-PREGO”

Em Chongqing, uma mulher ficou famosa ao se recusar a ceder sua casa para demolição pela construção de um shopping center. O caso dela foi o primeiro da China em que, ao resistir por tanto tempo, resultou uma compensação bastante valiosa para a moradora, que afinal deixou a casa.

comprometidos com suas obrigações, que o reassentamento e a construção da barragem pode prosseguir com sucesso”.

Esse discurso oficial do compromisso e da obrigação é também muito utilizado em um outro caso de migração forçada resultante de obras de infraestrutura e construções: aquele de requalificação das áreas urbanas consolidadas, por meio da reconstrução. Vimos o caso de Beijing, onde estima-se que mais de 1 milhão tenham deixado suas casas em antigos *hutong* por ordens do governo, junto às empresas de desenvolvimento, e partido para onde o dinheiro que receberam de compensação os levava, ou seja, para as margens da cidade; um processo como aquele que acontece amplamente nas outras grandes cidades da China, que não apenas reforça e amplia a cidade, mas que constrói *uma certa* cidade, com avenidas largas e centros financeiros e comerciais como aqueles erguidos em Beijing, e onde não pode haver



“SAIA DAQUI E VIVA MELHOR”

O *hutong* Xianyu foi um dos muitos que deram lugar a uma versão “renovada” deles mesmos, em Beijing. À esquerda, o *hutong* já praticamente todo abandonado e pronto para demolição, e à direita, sua condição atual.

casas “dilapidadas” como as de *hutong*, migrantes rudes — pelo menos não no centro e não ao alcance do olhar imediato. Essas cidades não podem ser qualquer cidade, e muito se aproximam da imagem que se construiu de como seria o Ocidente entre os chineses — as novas grandes cidades são reconstruídos como reinserção da China no mundo, e no centro delas não deve haver migrante rurais, sendo criada ainda a onda de migrantes urbanos centro-periferia, que devem sair pelo “projeto nacional” e pelo “bem público”. Palavras de convencimento foram utilizadas durante o período em que os moradores de *hutong* tiveram para deixar suas casas depois do anúncio de demolição, via cartazes oficiais pendurados pelo bairro. No *hutong* Xianyu, quando a data da demolição ainda estava mais distante, alguns pôsteres com advertências apresentavam um discurso de convencimento mais focado num suposto bem do morador:

O inverno está aí, e para aquecer a sua casa você gera risco de incêndio. No verão você ouve o som dos pingos d’água, mas aí fica com medo de que as paredes colapsem na sua cabeça. Se alguém está doente na sua casa, na hora de chamar a ambulância ela não poderá entrar na sua rua estreita. Durante décadas, famílias vivem com três pessoas dividindo um quarto pequeno e decrepito. Então você vê uma comunidade nova, com aquecimento central e quartos para cada membro da família, mas aí está você na velha casa, queimando carvão pra se aquecer, dividindo um relógio d’água com várias famílias. A população migrante segue crescendo ao seu redor, junto com o crime. Os moradores só querem saber de sair daqui o mais rápido possível.⁵

Mas a estratégia de convencimento vai mudando conforme vai se aproximando da data de demolição e alguns moradores ainda resistem à saída “voluntária”; o “compromisso público” entra mais enfaticamente em cena:

5. MEYER, M. *Op. cit.*, p 57

A advertência pública de demolição por conta do projeto de avenida do distrito de Qianmen foi publicada dia 21/11. Desde então, contando com o amplo apoio das massas, muitos cidadãos agarraram a oportunidade de se mudar e conseguiram um bônus. No momento, 76,8% dos moradores já assinaram o acordo de mudança. No entanto, alguns cidadãos se refugiam na fantasia de que se adiarão a saída, conseguirão negociar um valor muito mais alto. Esse modo de pensar não só é errôneo como também impede o projeto do governo de reformar a avenida pelo benefício das massas. Para amparar o tranquilo andamento do projeto e defender o benefício público, nós temos todos que apoiar essa política. Você não pode ficar aí parado com a boca aberta, esperando para ser alimentado. Em outras palavras, “Mude-se logo e receba benefícios, mude-se tardiamente e você irá perder”⁶

Nas cidades a serem reformuladas ou nas margens dos rios a serem represados, a migração forçada ganha esse caráter de esforço individual pelo interesse nacional. Então vem a questão já formulada pelo intelectual Mao Yushi: mas o que é o interesse nacional, se não o interesse das autoridades? De qualquer forma, ainda é predominante a quantidade de chineses que legitima esse interesse; tantos preferem deixar suas casas velhas e ter uma nova, seja no Yangtze ou em Beijing, ou em muitos outros lugares, e outros muitos ainda querem ir para as cidades e se livrar do campo, apesar de laços ou traumas. Ainda levarão mais de décadas para que talvez haja um desencontro tamanho entre esse “interesse nacional” e o povo a ponto de uma ruptura; não há como estudar o que estudamos e ainda estranhar que não tenha havido um colapso do governo pelas pessoas, e tudo que vimos indica que não há como isso ocorrer tão cedo. Como cobrar algo diferente de uma sociedade que 1) não se organiza e pensa como uma ocidental; 2) tem o passado que tem, complicado; 3) há pouco tempo não tinha o direito de possuir nada e agora é extremamente competitiva; 4) possui, também por conta desse passado, concepções próprias do que é bom e ruim, bonito e feio; 5) possui uma relação própria e extremamente complexa entre governo e povo; etc.

Entender essa complexidade é também entender os movimentos migratórios atuais da China, forçados e voluntários; principalmente, porque eles têm a ver com a relação entre governo e povo, com os interesses de ambos envolvidos, com encontros e desencontros entre projetos de nação e projetos de vida — hoje, ainda, mais encontrados do que desencontrados.

6. MEYER, M. *Op. cit.*, p 58

A análise dos movimentos migratórios é também uma possibilidade de leitura da história e da organização territorial da China. Na realidade, se quiser entender com alguma profundidade esses massivos movimentos que acontecem atualmente sem se prender a uma visão vil do capitalismo chinês ou de dicotomia simples entre governo e povo, campo e cidade, é necessário que se recorra ao olhar histórico e ao exame da organização territorial do país. Com a utilização desses recursos, vimos como a ocupação da civilização chinesa é antiga na chamada China Interior e de que forma foi se expandindo para o interior e para oeste, e como se seguiram políticas e vontades tanto de cima quanto de baixo que, ao longo do século xx, moveram populações, indústrias, cidades, ferrovias entre lá e cá.

As migrações atuais que observamos acontecem principalmente pelas cidades, em nome das cidades. A mais evidente delas é aquela empreendida por moradores do campo que se deslocam para as cidades a trabalho, retornando apenas raramente para casa em suas províncias de origem. Essa migração depende profundamente do ritmo de crescimento dessas cidades, que se pauta no ritmo do crescimento econômico chinês; alterações nestes últimos atingem diretamente os migrantes rurais. De toda maneira os migrantes rurais têm um papel muito expressivo como intermédios entre campo e cidade nesse cenário de crescimentos: as cidades já dependeram muito de seus serviços para prosperar, como na construção civil e nas plantas industriais, mas também o campo recebeu benefícios via migrante rural, que acumulava quase todo seu rendimento para levar para casa; junto com o migrante rural e seu dinheiro (só no ano de 2005 estima-se que foram trazidos para o campo mais de 60 bilhões de dólares) voltam para casa também novas visões e perspectivas vindas da cidade que inserem o campo e seus moradores mais no mundo. Numa cena de “Trem de volta pra casa”, Changhua e Suqin voltam para o campo no Ano Novo e trazem para a filha um celular, que é também recebido com animação pelo filho, ansioso para saber se no celular há jogos.

Esses migrantes do campo para a cidade conformam um tipo considerado “voluntário” de migração, em contraposição à migração “forçada”, que também desloca milhões em nome das cidades. São migrantes forçados aqueles que devem se mudar por conta de obras de infraestrutura, como barragens, e de renovação urbana,

como aquelas de ampliação de vias, requalificação de áreas centrais etc. O Projeto Três Gargantas é a construção de barragem que mais deslocou pessoas no mundo, e apesar da tentativa de implantação de certas políticas de reassentamento, no geral prevaleceu a disparidade no tratamento dos migrantes urbanos e rurais. Nas grandes cidades do país, que vêm cedendo seus espaços para obras de renovação, milhões devem deixar suas casas pela adequação da cidade ao novo padrão de desenvolvimento da China e à nova imagem que se deseja que ela tenha. Ambas migrações também são uma forma de se deslocar em nome da cidade, e são colocadas pelo governo como compromisso do cidadão com o interesse e benefício nacional — e muitos se satisfazem com esse argumento.

De qualquer maneira, a migração atual da China é volumosa e extremamente variada, como é esperado de uma sociedade que se organiza também a partir da competição, ao compararmos com o coletivismo de décadas anteriores, e onde cada um tem oportunidade de aspirar e trabalhar por objetivos individuais e familiares. Foram explorados aqui aqueles movimentos mais diretamente relacionados à organização territorial que vínhamos estudando, mas tantos outros movimentos também existiram e existem na China hoje, incluindo aquele que acontece duas vezes ao ano para a Feira de Guangdong (Canton Fair): milhões de chineses se deslocam até Guangzhou pela feira de negócios mais pujante do mundo, para receber os outros milhões de estrangeiros participantes, entre eles chineses e filhos de chineses que vivem em tantos outros países do mundo. O governo tem algum controle mas não é nem de longe absoluto sobre os chineses e seus ímpetos e destinos para migrar:

Obviamente, não há e nem seria possível ter nenhum grande maestro orquestrando essa enorme mistura fervente. O Estado introduz grandes programas, como a decisão de transformar Beijing ou de investir no extremo oeste. Mas ele não pode mais decidir, como antes decidia, a vida e as escolhas de dezenas, centenas, milhares de pessoas comprometidas numa corrida pela sobrevivência, e depois pela riqueza. Para muitos dos 1,3 bilhões de pessoas da China, essa emancipação da pobreza ocasiona um desenraizamento, às vezes voluntário, às vezes bem sucedido.⁷

7. HASKI, P. *Op. cit.*, p 126

TRANSFORMAR

Transformação. É evidente para todos que a China têm passado por um fascinante processo de transformação. Imagens diárias em jornais, em vídeos, na internet e em tantos outros veículos tentam nos aproximar desse verdadeiro fenômeno, como é considerado, o transformar de um país inteiro, nos mais diversos níveis. Fotos de cidades de “antes e depois” revelam uma realidade extremamente recente em que edifícios e pessoas surgem “do nada” e colonizam uma área toda, em tantos cantos da China, num decurso que por seu volume e velocidade foi chamado de Revolução Urbana. No âmbito do território, das cidades, da construção, dos edifícios e do espaço, que é o que viemos desenvolvendo ao longo de todo o trabalho, a transformação da China é vista por nós (do Ocidente) como um verdadeiro horror: um processo em que alguns poucos estão com a mão no timão, em que partes de cultura e das pessoas vão se perdendo pelo caminho, e em que predomina a opressão e a destruição. É verdade que com décadas de fechamento em si, sendo apenas por um período a União Soviética uma interlocutora, não havia nem meios de nos aventurarmos a descobrir mais sobre esse país; quem mais conseguiu avançar mesmo em tempos como esses foram predominantemente os ingleses, que apesar de mal vistos durante aquele período ainda sim mantiveram uma relação mais estreita com a China, e curiosos nunca deixaram de estudá-la mais profundamente. Não é à toa que a bibliografia mais científica que encontrei, mais cuidadosa e dedicada à história específica da China, com suas devidas particularidades, vem de lá. Tudo isso porque: mesmo que o volume seja enorme, nossa bibliografia brasileira sobre esse país é predominantemente superficial, e não diferente de outras muitas referências internacionais, se prende a uma ideia de transformação igualmente rasa — fenomenal e incrível, mas rasa —, inteiramente baseada em imagens e em números. Imagino eu, porque imagens impactam, e a partir delas conseguimos ler e criar nossas interpretações, e os números conseguimos comparar com nossos próprios. De forma geral, é isso: nosso “entendimento” da tal transformação chinesa tem um apoio tão frágil, manipulável e confortável. Na realidade, as imagens e números espetaculares são apenas o rosto da transformação, a sua constatação, mas qual é o corpo, de onde ela vem?

Houve sem dúvida incontáveis momentos de importantes mudanças, umas mais estruturais e outras mais conjunturais, durante todos os milênios de consolidação da civilização chinesa; também é inegável que o século xx tenha sido especialmente movimentado e acelerado nesse sentido, começando com um império dinástico e fechando com a China que temos hoje. Contudo, neste trabalho olhamos para uma ruptura estrutural, que parece óbvia e que é do conhecimento mesmo do mais leigo no tema, mas que ao meu ver deve ser estudada com bastante cuidado por revelar o impulso e o conteúdo dessa transformação territorial e urbana recente, que moldou a China como está: a ruptura do final dos anos 70 e da década de 80, quando se passou de um país de revolução comunista, de uma economia planificada com amplo sistema de coletivização e baseada no campo, para uma economia de mercado com um competitivo sistema de responsabilidade individual, baseado na urbanização do país. Essa ruptura não se restringiu ao âmbito econômico, que é geralmente o mais divulgado e explorado; também durante esse período, e culminando nos eventos de 1989, foi empreendido um amplo processo de despolitização da população, cujo cotidiano anterior se apoiava tão devotamente na ideologia e na política, e que agora seria lavada dela; as aspirações do chinês comum não girariam mais ao redor de se tornar um herói revolucionário que morre pelas ideias maoístas, mas sim de enriquecer, e se tornar um magnata. Essa ruptura ampla e profunda inaugurou novos valores, novos significados a dinâmicas precedentes, e novas maneiras e objetivos para a intervenção no território e construção do país. *Para este trabalho, entender os novos valores e ações sob a perspectiva histórica dos anteriores foi então aprofundar, dar corpo àquela famigerada e imagética transformação.*

Para isso, considereei imprescindível a ida à China e o contato sem intermediação com esses novos valores, bem como a vivência direta dos lugares transformados, buscando a perspectiva chinesa frequentemente omitida de tudo aquilo. E um desses lugares que elegi e visitei em 2010 foram as Três Gargantas do rio Yangtze e o Projeto Três Gargantas. A maior barragem e usina hidrelétrica do mundo já vinha aparecendo em meio às minhas pesquisas mais livres e despretenccio-

sas sobre o país, juntamente com outras “imagens da nova China”, pintadas como delírios exagerados de um capitalismo tardio e desastres arquitetônicos; essa fama internacional, somada a algumas constatações que encontrei sobre o Projeto Três Gargantas ter “transformado para sempre o rio Yangtze”, impulsionaram minha curiosidade por investigar melhor, *in loco*. Minha visita ao reservatório e à barragem foi determinante para a estruturação deste trabalho, e para o entendimento mais amplo, territorial e historicamente embasado, da recente transformação do país.

Um momento chave dessa visita foi aquele já anteriormente descrito em que passei pela cidade de Zhongxian e seu pavilhão de Shibaozhai. Do alto do pavilhão, vislumbrei a cena a partir da qual identifiquei uma série de processos, que ocorreram também em outros “lugares transformados” da China e que vieram então a compor as ações de Controlar, Liderar, Reconstruir e Migrar. Gravei a cena com uma foto. Primeiro, olhei pro calmo reservatório como um grande empreendimento de pacificação, de conquista do rio, um



processo que eu sabia ser recorrente na história da relação entre a civilização chinesa e seu meio, e que vim a chamar de Controlar (as águas); tamanho reservatório, que junto com a neblina da região deixava tão distante a outra margem do rio, era resultado de uma equivalente gigante barragem, uma parede única de concreto construída em detrimento de várias menores muito por conta do impacto visual que se desejava, o que chamei de Liderar (por meio da construção de imagens); os novos edifícios e vias da nova cidade de Zhongxian, comparados com os da antiga Zhongxian que estava ali mesmo totalmente submersa, bem como a grande enseadeira de proteção de Shibaozhai ornada em “estilo chinês”, me lembraram tantos mais exemplos de destruição e construção amplas em curso em outros lugares do país, naquilo que vi como a ação de Reconstruir (destruindo o velho e construindo o novo); a embarcação onde eu viajava levava também dezenas de chineses novatos na atividade turística, no deslocamento voluntário a lazer pelo seu próprio país, em contraste com a Tina e os outros mais de 1,3 milhões que tiveram que deixar suas casas e se deslocar para outro lugar por conta do reservatório, seja para mais acima na margem do rio como em Zhongxian, seja para cidades e províncias distantes, na ação variada, múltipla e volumosa de Migrar. Reforçando, esses processos enxergados no Projeto Três Gargantas foram também identificados na transformação de muitos outros lugares do país, e dessa forma neste trabalho ele foi utilizado como porta de entrada da investigação da China como um todo, como guia pelos variados temas, como exemplo simbólico e esclarecedor.

Ao aprofundarmos historicamente cada uma das ações, vimos como significaram e implicaram processos novos com essa ruptura recente. Apesar de ter empreendido com afincos a construção de grandes barragens por todos os rios do país como projeto nacional de aproveitamento de recursos e modernização, a Era Mao também incitou e valorizou o que podemos chamar de controle das águas local, como aquele construído em Dazhai: obras de drenagem e irrigação que viessem da necessidade de uma comunidade poderiam e deveriam ser construídas, bem representando a apreciada resistência do povo chinês “contra grandes ventos e ondas”,



o trabalho manual duro que luta contra as adversidades naturais e obtém sucesso. Um exemplo famoso é o do Canal Bandeira Vermelha (foto), realizado durante a década de 60 numa região montanhosa da província de Henan, medindo mais de 70 quilômetros de extensão; ele foi construído pelas mãos dos camponeses e planejado localmente, sem contar com recursos estatais ou ajuda de profissionais, seguindo as recomendações de Mao para se construir a China a partir do vilarejo, e não do poder central, de cima. Mesmo que tenham feito parte dessa campanha revolucionária de descentralização, essas obras de controle das águas que partem do local estão presentes na história da China desde seu início, com o Grande Yu tendo mobilizado os comuns para abrir canais e Li Bing tendo criado Dujiangyan, um sistema de drenagem e irrigação que funciona há milênios. O que prevalece atual-

mente, contudo, é um controle das águas diferente, mais próximo daquele do Grande Canal: obras grandiosas ganham a cena, e o “interesse nacional” é exaltado, em detrimento do local, somadas à urbanização do país, que distancia uma enorme parte da população da terra e da necessidade de lidar com a natureza em suas formas mais elementares. Além disso, hoje, aquele que deve se dedicar dia após dia ao trabalho manual duro com a terra e a água não é mais o bom e devoto revolucionário, mas sim o pobre camponês rude; novas tecnologias e o uso de máquinas avançadas, como aquela que perfura o solo sob o rio Amarelo na construção da Transfêrência de Águas Sul-Norte, agora fazem muito do trabalho que antes era orgulhosamente realizado a mão. O controle das águas é, predominantemente, “coisa do governo”.

A ação de Liderar tem uma história muito mais curta do que a do Controlar, iniciada com o estabelecimento da República Popular e com a necessidade de construir imagens pela afirmação da China perante ao mundo e ao seu próprio povo. Mas essa imagem, ou pelo menos o que se desejava transmitir com ela, mudou radicalmente com aquela ruptura recente, e ela agora combate justamente as referências que teriam restado do período de Mao, como pobreza e grosseira; cidades e seus skylines estão aí, cumprindo inclusive esse papel. O Projeto Três Gargantas permeou os dois períodos emblemáticos pela vocação que as grandes barragens têm de transmitir uma imagem, e no caso banhada de nacionalismo, mas que vinha exaltar o que interessava em cada momento: o avanço e modernização da China socialista ou a tecnologia, riqueza e economia pujante da China contemporânea. A ação de Reconstruir como destruição do velho e construção do novo também foi apropriada com diferentes fins nos diferentes momentos, significando erguer edifícios e cidades com características socialistas e livres de marcas imperialistas ou feudais, ou erguer e expandir cidades de uma China inserida no mundo, onde é a própria robustez e sobriedade das formas comunistas que são destruídas em nome de “estilos internacionais” e ao estilo (simbólico) tradicional chinês. E a ação de Migrar ganha motivos e destinos novos, além de um volume muitas vezes maior; a migração cidade-campo ideológica e politicamente embasada foi substituída pela

massiva migração campo-cidade economicamente embasada, além dos movimentos resultantes da desocupação de grandes e densas áreas por conta de obras de renovação e novas construções.

Mas apesar de termos conseguido olhar para trás e aprofundar nossa noção da ação de Transformar ao estudarmos as dinâmicas que a compõem (de controlar, liderar, reconstruir e migrar), não é possível prever o que moverá transformações futuras, e que caminho os chineses ainda traçarão. A resistência do povo a medidas consideradas repressivas ou totalitárias por parte do governo não é tão grande e expressiva quanto relatos midiáticos fazem parecer ser; os “interesses nacionais” ainda são amplamente legitimados, e basta estudar o que estudamos para perceber que a ruptura do final da década de 70 e da década de 80 é profunda demais no estabelecimento de novos valores e de uma nova sociedade, para que esta sofra novamente abalos estruturais, ou uma transformação tão múltipla e excepcional dentro de um período muito breve.

BIBLIOGRAFIA

Inúmeras referências contribuíram e compõem este trabalho. Esta lista é daquela bibliografia que esteve mais presente de forma direta no texto final, mas tantas outras ficaram de fora de maneira mais explícita, sendo contudo também de grande importância.

As referências deste trabalho, contudo, extrapolam a dimensão do livro, das publicações, dos filmes. Foram de relevância estrutural minhas visitas ao país, minhas conversas com as pessoas, descobertas que nunca li escritas. Muito veio também das minhas aulas de chinês, a partir das quais me aproximei de tantos aspectos próprios da sociedade e da história.

Das referências desta reduzida lista bibliográfica, contudo, gostaria de destacar, por sua relevância: O livro de Slyke, “Yangtze: Nature, History, and the River”, que é extremamente preciso e cuidadoso, e onde encontrei quase exclusivamente essa visão histórica e do território a partir do estudo do rio Yangtze. Outro texto precioso é o de Yu Hua, “China in Ten Words”, que introduz a experiência própria do passado como chave de entendimento da China contemporânea.

BLUNDEN, C.; ELVIN, M. *Cultural Atlas of China*. New York: Checkmark Books, 1998.

BORGES, J. L. *A muralha e os livros*. In *Antologia Pessoal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CAMPANELLA, T. *The Concrete Dragon: China's urban revolution, and what it means for the world*. New York: Princeton Architectural Press, 2008.

DAI, Q. (org.) *The River Dragon Has Come!: the Three Gorges Dam and the fate of China's Yangtze river and its people*. New York: M. E. Sharpe, 1998.

DAI, Q. (org.) *Yangtze! Yangtze!*. UK: Earthscan Ltd, 1994.

EDELMANN, F. (org.) *In the Chinese City: perspectives on the transmutations of an empire*. Barcelona: Actar, 2008.

FAN, L. *Last Train Home*. [Filme] Produção de Daniel Cross, Mila Aung-Thwin, direção de Lixin Fan. EyeSteelFilm, Zeitgeist Films, 2009.

GAVINELLI, C., GIBELLI, M. C. *Ciudad y Territorio en China*. Madrid: H. Blume, 1979.

HEMING, L; WALEY, P; REES, P. *Reservoir Resettlement in China: past experience and the Three Gorges Dam*. The Geographical Journal, v. 167, n. 3, set. 2001.

HESSLER, P. *River Town: two years on the Yangtze*. New York: Harper Perennial, 2006.

HUA, Y. *China In Ten Words*. New York: Pantheon Books, 2011.

JIA, Z. K. *Em Busca da Vida*. [Filme] Produção de Chow Keung, Dan Bo, Ren Zhonglun, direção de Jia Zhangke, Zhao Tao, Han Sanming. XStream Productions, 2006.

JOHNSON, I. *Wild Grass: three portraits of change in modern China*. New York: Vintage Books, 2004.

LOVELL, J. *The Great Wall: China against the world 1000 bC - aD 2000*. New York: Grove Press, 2006.

McCULLY, P. *Silenced Rivers: the ecology and politics of large dams*. London: Zed Books, 2007.

MEYER, M. *The last days of old Beijing: life in the vanishing backstreets of a city transformed*. New York: Walker, 2009.

MIN, A., DUO DUO, LANDSBERGER, S. *Chinese Propaganda Posters: from the collection of Michael Wolf*. Koln: Taschen, 2008.

SHING, L. H. (org.) *China: Portrait of a country*. Koln: Taschen, 2008.

SLYKE, L. P. *Yangtze: nature, history, and the river*. Stanford: Stanford Alumni Association, 1988.

XINRAN. *China Witness: voices from a silent generation*. London: Pantheon, 2009.

XINRAN. *O que os chineses não comem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

página sem número

Livro LIU, J. *Changjiang: the longest river in China*. Beijing: Foreign Languages Press, 1980. Autor desconhecido.

ii

Livro JIN, L. *Three Gorges Project in China*. Beijing: China Fangzheng Press, 2009. Autor desconhecido.

002, 004

Livro JIN, L. *Three Gorges Project in China*. Beijing: China Fangzheng Press, 2009. Autor desconhecido.

017

<http://no-1chineselearning.com/ynews.asp?aid=299>
Autor desconhecido.

019 - 021 - 022 - 027

Artigo JONES, F. *Tukiangyien: China's Ancient Irrigation System*. *Geographical Review*, Vol. 44, No. 4 (Oct., 1954), pp. 543-559. Não há especificações de o autor do artigo é o mesmo das fotografias.

025

Foto disponibilizada livre de direitos autorais no Wikimedia Commons, referenciada como “Du Jiang Yan Irrigation System” no endereço:
http://es.wikipedia.org/wiki/Archivo:Duijiang_Weir.jpg

059

Hou Bo, 1956

065

Yi Dao

069 - 078 - 080

Livro JIN, L. *Three Gorges Project in China*. Beijing: China Fangzheng Press, 2009. Autor desconhecido.

082

Foto oficial do evento. Autor desconhecido.

088

Livro LOVELL, J. *The Great Wall: China against the world 1000 bC - aD 2000*. New York: Grove Press, 2006. Autores não informados.

091 (Muralha)

Livro LOVELL, J. *The Great Wall: China against the world 1000 bC - aD 2000*. New York: Grove Press, 2006. Autor não informado.

093

Ansel Adams, 1941

095

Autor desconhecido. Disponíveis pela Wikimedia Commons.

097

Autor desconhecido. Disponível em <http://chinese posters.net>

099

Qian Daxin, 1965

103

Pang Ka, 1964

104

Autor Desconhecido. Disponível em <http://chinalawandpolicy.com/2012/06/03/tiananmen-23-years-later-an-unknown-history/>

114 - 116

Screenshot do filme JIA, Z. K. *Em Busca da Vida*. Produção de Chow Keung, Dan Bo, Ren Zhonglun, direção de Jia Zhangke, Zhao Tao, Han Sanming. XStream Productions, 2006.

122

Livro MEYER, M. *The last days of old Beijing: life in the vanishing backstreets of a city transformed*. New York: Walker, 2009. Referências e autores desconhecidos.

130

Autor desconhecido. Disponível em <http://www.thehistory-blog.com/>

131

Wang Shilong, 1972

135

Chen Gupin e Chen Huiguan, 1961

136

Li Zhensheng, 1968

138

Zhu Dunjian, 1982

142 (*siheyuan*)

Thomas Campanella, 2006

174 - 176

Bob Sacha, 1996

178

Comitê Municipal de compilação de registros de Suzhou.
Autor desconhecido.

189

Wen Gegui e Sun Weipin, 1974

190

Zhu Yan, 1974 (pôster); Xiao Zhuang, 1962 (foto)

195

Hou Bo, 1958

200

Zhang Xinmin, 1995

203

Jonathan Watts

204 - 206

Zeng Nian, 1996

212

Ren Wen, 2007

